J. M. LATINO COELHO

ELOGIOS

ACADEMICOS

Alexandre de Humboldt

LISBOA
LIVRARIA DE A. M. PEREIRA — EDITOR
50, Rua Augusta, 52
1876

ESCRIPTOS LITTERARIOS

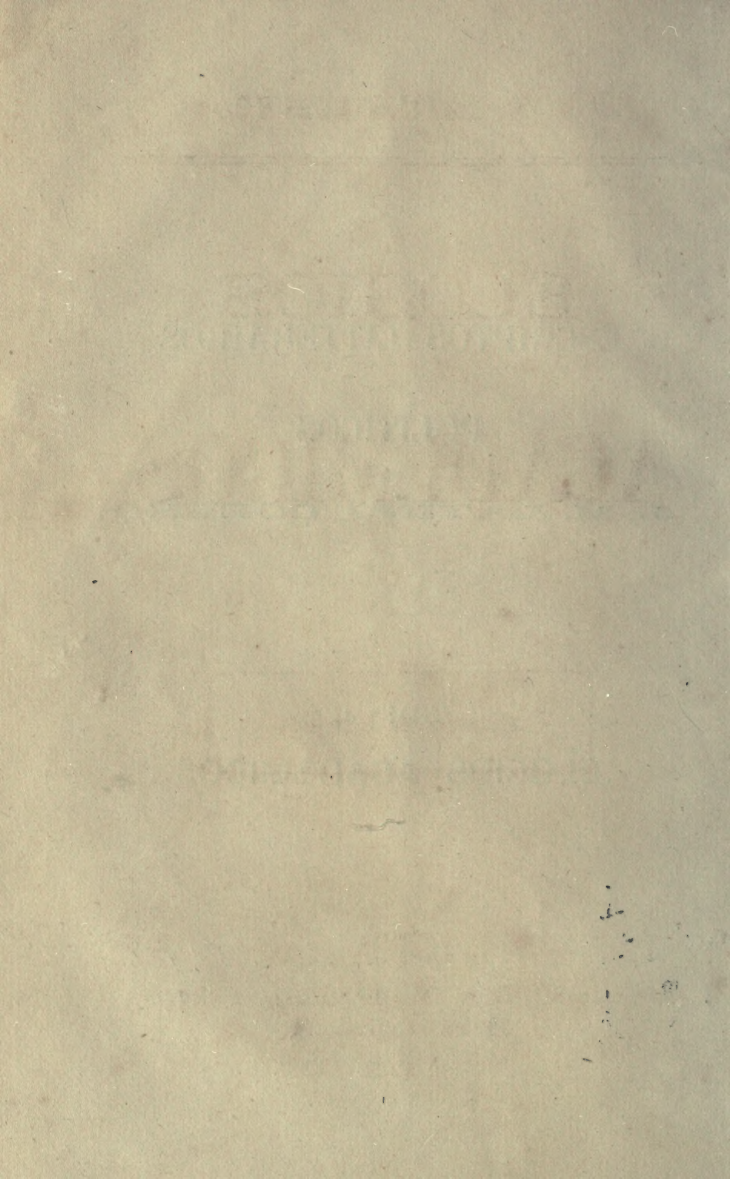
E

POLITICOS

DE

J. M. LATINO COELHO

TOMO II

ELOGIOS ACADEMICOS

J. M. LATINO COELHO

ELOGIOS ACADEMICOS

Alexandre de Humboldt

LISBOA
LIVRARIA DE A. M. PEREIRA — EDITOR
50, Rua Augusta, 52
1876

ADVERTENCIA

Dá-se hoje de novo á estampa o elogio de Humboldt. Era a principio intenção do auctor o illustrar com algumas notas os pontos, em que, para melhor comprehensão da vida e escriptos do grande sabio, fosse necessario supprir a forçosa concisão de um panegyrico destinado a commemorar o pensador universal n'uma solemne sessão da academia.

*

Pareceu depois que a alteza de tão glorioso nome, e o influxo poderoso, que exerceu no pensamento e na sciencia d'este seculo, mereciam mais larga e ordenada escripta. D'ahi nasceu a idéa de compôr, como ampliação e commentario ao que no elogio em breves traços se esboçára, uma completa biographia de Humboldt, na qual estivessem compendiados os seus vastissimos trabalhos scientificos e litterarios, as suas longas e fructuosas excursões e a parte que lhe coube no movimento intellectual da nossa edade.

Ao redigir o estudo ácerca da vida e escriptos de Humboldt, consultámos todas as obras, que de tão fecundo auctor se poderam alcançar. Para os factos, as datas, os episodios, as anecdotas concernentes ao egregio naturalista, serviram de complemento as numero-

sas biographias publicadas na Allemanha, em França, na Italia. Os escriptos allemães foram a fonte principal na parte historica, e entre elles o mais prestadio pela riqueza, e quasi exuberancia dos materiaes, é a obra que com o titulo de *Alexander von Humboldt, eine wissenschaftliche Biographie,* publicou em Leipzig, em 1872, em 3 volumes, o sr. Karl Bruhns, director do observatorio d'aquella cidade, e em que foram collaboradores muitos dos mais distinctos sabios allemães. A biographia de Humboldt, pelo dr. Klencke serviu tambem de subsidio. As noticias biographicas escriptas por de la Roquette, e o professor Volpicelli, de Roma, em pouco poderam aproveitar, por conterem apenas mui summarios apontamentos a respeito do physico allemão. A correspondencia de Humboldt dada

á luz por de la Roquette ministrou em mais de um ponto preciosos documentos.

Se o livro, que hoje se publica, vale pouco pelo auctor e pelo estylo, a luz esplendida, que dimana do maior nome scientifico do seculo presente, deixará menos visiveis as imperfeições da modesta composição. A grandeza do assumpto indultará os senões do escriptor.

Lisboa 31 de maio de 1876.

INDICE

Elogio do Barão de Humboldt lido na sessão publica da Academia real das sciencias........................ 1

I — Familia Humboldt — Castello de Tegel — Infancia de Alexandre — Primeira educação........................ 39

II — Educação universitaria — Viagens scientificas — Encargos officiaes — Primeiros escriptos — Humboldt e Moreau — Jena e Weimar — Dresde, Viena, Salzburgo, Paris — Projectos malogrados — Partida para a America........................ 71

III — Excursão ás regiões intertropicaes — Tenerife — Cumana........................ 147

IV — Caracas — Ascenção do Monte Silla..... 175
V — Viagem a Cuba — Alteração do plano da viagem — Carthagena — O Chimborazo — O Amazonas — O Mexico — Regresso á Europa........................ 203
VI — Regresso á patria — Ascenção do Vesuvio Obra monumental sobre a viagem da America — Novos planos de viagem — Berlin e Paris..................... 243
VII — Viagem á Italia — Ascenção do Vesuvio — Domicilio em Berlin — Lições sobre a descripção physica do Mundo — A familia Humboldt — Nomeação de conselheiro intimo effectivo................ 279
VIII — Viagem á Asia central — Kazan — Ekaterinenburg — Os *steppes* — No centro da Asia — O Ural — Jornada a Astrachan — O mar Caspio — Regresso á patria — Resultados scientificos da excursão. 333
IX — A Revolução de Julho — Missão diplomatica de Humboldt a Paris — A patria e a humanidade — Novos serviços diplomaticos — Trabalhos litterarios em Paris — Guilherme de Humboldt — Os dois *Dioscuros* da Allemanha — O *exame critico* — Ultimos tempos de Frederico Guilherme III......................... 371

X — Frederico Guilherme IV — O rei absoluto e o camarista liberal — Posição politica de Humboldt na côrte prussiana — Intimidade entre o sabio e o monarcha — Esforços infructiferos de Humboldt no animo do rei — O talento e as mercês dos reis — A ordem *pour le mérite* — Humboldt chanceller — Juizo de Humboldt sobre as distincções nobiliarias — Humboldt e os grandes talentos europeus 425

XI — Humboldt e a humanidade — A escravidão na America — A fé nos destinos e nas leis da civilisação — A Revolução de 1848 — Humboldt e a democracia..... 457

XII — O *Kosmos* — Humboldt e a philosophia — Caracter do *Kosmos* — Ultimos tempos de Humboldt..................... 483

Appendice............................. 546

ELOGIO HISTORICO

DO

BARÃO DE HUMBOLDT

Lido na sessão publica

DA

Academia real das sciencias de Lisboa

Em 10 de março de 1863

ELOGIO HISTORICO

DO

BARÃO DE HUMBOLDT

SENHÓRES:—Ha na terra duas religiões egualmente espirituaes, egualmente necessarias. A religião da fé e a religião do entendimento. No meio das tribulações, a que as pompas da vida servem apenas de decoração e de theatro, só ha duas grandes e providentes consolações: crêr e saber. Por isso os dois maiores thesouros da humanidade têem sido e serão sempre a religião e a sciencia. Não penseis que são adversarias e incompativeis, porque o fanatismo ou a impiedade rompam ás vezes por algum tempo os laços, com que intima-

mente se encadêam a fé e a razão, o dogma e a sciencia, Deus e o universo, o divino Auctor e o livro immenso, em que elle exemplifica nas formosas harmonias da natureza os signaes indeleveis da sua creadora omnipotencia.

E poderia por ventura haver contradicção nas faculdades do mesmo espirito? Poderia a fé, que espera e confia, ter por inimiga a razão, que estuda e verifica? Daria a Providencia ao homem a luz do livre entendimento para que ao sopro da fé intolerante se apagasse sobre o altar a lampada, que Deus a todos nos accendeu na intelligencia? Não patentêa Deus o universo, senão para que das magnificencias da creação afastemos os olhos com o insensato receio de offendêl-o? Não é o universo o seu throno, o seu hymno, o seu incenso?

Uma á outra se completam a fé e a sciencia. Diz a fé ao homem:—Crê. Porém não acrescenta, voltando-se para a razão:—Emmudece. Diz a fé ao homem folheando o livro santo: «Eis ali o Deus da revelação» e

apontando para o universo: «Eis ali o Deus da natureza.» E Deus apparece para a crença, infinito como legislador nas paginas escriptas; para a razão egualmente infinito como potencia nas paginas creadas; infinito na imagem ideal estampada no espirito pela fé; infinito na imagem natural esculpida no universo e relevada pela sciencia.

Não basta a fé para entender os enigmas do mundo phenomenal. Não basta a razão para decifrar os mysterios do mundo intelligivel.

Tem a religião da fé as suas paschoas, as suas festividades, as suas commemorações, os seus anniversarios. Por que não terá tambem a religião da sciencia as suas gratulações, os seus jubileus, as suas antiphonas e as suas solemnidades?

Tem a religião da fé os seus confessores, os seus martyres, os seus apostolos, os seus evangelistas, os seus doutores. E por que não terá tambem a religião da sciencia os seus benemeritos, os seus heroes e os seus bemaventurados?

Celebra a egreja nos seus officios a me-

moria dos que a illustraram pela fé. Dêmos igualmente logar na liturgia d'esta religião prophana ao panegyrico dos homens, que foram ao mesmo tempo os confessores, os apostolos, os evangelistas, os doutores, e ás vezes os martyres d'esta communhão, onde o espirito tambem se desprende da carne, onde os extases arrebatam e enlevam tambem as almas para Deus através do universo e das suas contemplações, onde os ermos tambem são delicias para o sabio, para elle voluntarios os jejuns, risonhos os perigos, suaves as mais aprumadas cordilheiras, e festivos e dourados os mais inhospitos sertões.

É d'um d'estes homens eminentes, que marcam nos fastos da sciencia o principio de um capitulo novo e original, é de uma d'estas intelligencias primorosas, que a Providencia distancêa no tempo como as balisas do progresso intellectual, é de um d'estes cultores apaixonados da sciencia, que eu tentei n'este dia consagrar o elogio á nossa festividade litteraria.

É de Alexandre de Humboldt.

É este nome um seculo. É este nome a propria historia da sciencia, durante todo o tempo, em que o sabio prussiano serviu com a infatigavel actividade do seu espirito privilegiado a quasi toda a sciencia humana. Busca-se em vão nos modernos annaes do entendimento um homem, que deixasse padrões mais eloquentes da sua gloria em tantas e tão distantes provincias do saber.

O seculo XVIII, o seculo tantas vezes calumniado pelos que d'elle receberam o facho, com que ainda dissipar as trevas derradeiras, o seculo XVIII, de que todos nós mais ou menos descendemos pela nossa genealogia politica e intellectual, não só foi um grande seculo pelos talentos que illuminou, e pelos nomes gloriosos de que enriqueceu a historia da humanidade. Foi tambem fecundo nos genios, que gerou ainda no seu seio, para que na puericia vissem os ultimos lampejos d'aquella quadra memoravel, e ao espirito de livre exame e investigação, que a inspirou e distinguio, ajuntassem a madura reflexão, que caracterisa a nossa edade.

O seculo XVIII viu morrer os grandes pensadores, a que a posteridade pleitêa de varios modos a virtude, a generosidade, a independencia, a sinceridade, a fé e a moral; mas a quem entre a apothéose dos parciaes e a excommunhão dos adversarios, é hoje unanime em conceder a gloria. Parece que o seculo se não queria despedir sem haver assegurado a sua prole intellectual. Quando muitos dos grandes nomes d'aquelle tempo recebiam no tumulo a consagração da historia, os loiros dos que acabavam de expirar enramavam e enfloravam já o berço, onde o carinho maternal embalava as novas glorias da humanidade.

Quasi ao mesmo tempo surgem Napoleão, Byron, Châteaubriand, Humboldt, Laplace, Cuvier; a victoria, a duvida, a fé e a sciencia. Os novos rebentos da arvore da civilisação vencem em vigor e em formosura aquelles, que nas mesmas vergonteas se mirraram. Napoleão dá ao genio de Frederico a fortuna da sua estrella e os brios cavalleirosos da França antiga retemperados pela força juve-

nil da revolução; Byron dá á ironia de Voltaire a melancholia e o encanto da musa do norte; Châteaubriand resuscita e poetisa a piedade eloquente de Bossuet; Laplace continua Newton; Cuvier escurece a memoria de Buffon; e Humboldt transpõe o seculo XVIII, fulge, brilha, irradia, deslumbra durante mais de meio seculo ainda, porque era chamado a resumir e epilogar a sciencia de todos, porque era destinado a cerrar o cortejo d'estes nomes illustres, a colligir os thesouros do saber humano, e a entregar as chaves á época novissima, que se abre em nossos dias para a sciencia e para a humanidade.

Não foi acaso que por tantos annos se dilatasse esta vida, ennobrecida por tamanhas peregrinações, por tão indefessos estudos, por tão numerosos escriptos, por tão ininterruptas observações, por tantos respeitos, tantos triumphos, tantas glorias.

Desde a infancia o incitou o desejo immoderado de lustrar as mais apartadas regiões.

Vêde-o no berço. Foi sabio. Cuidaes que haveis de inferir que foi pobre e humilde sob

o tecto da familia ? Foi grande perante as vaidades humanas. Pensaes que o deveu unicamente á munificencia dos que lhe galardoaram o talento ? Tão acostumados estamos a ver que a pobreza entristece o natal dos grandes genios, e que não é de ordinario a gloria senão o resplendor que irradia de uma cruz. Humboldt teve tambem por cumplice a fortuna. Como que andou a Providencia apparelhando todos os meios para que tão singular e primoroso entendimento não tivesse uma sombra para o enturvar, uma dôr para o ennoitecer, uma só ingratidão para o ferir.

Nasceu nobre e opulento. Nobre, para que sem subir estivesse á altura das protecções. Opulento para que a humilhação de estender a mão aos protectores lhe não entibiasse desde a infancia este orgulho natural e moderado, com que o genio mantem intemeratos os fóros da sua realeza.

A quantos visitaria no castello patrimonial, entre as soberbas da sua condição, o desejo de comprar a gloria pelo talento e pe-

lo estudo? Pois a Humboldt não o encantaram na puericia os esplendores da côrte, as delicias da riquesa, os sonhos do poder, as phantasias da ambição, os deslumbrantes nadas, com que a fortuna enfeita os personagens da sua tragi-comedia.

Quereis saber qual era a sua cobiça predilecta no quieto remanso do seu castello de Tegel? Sabeis por que anceava tanto deixar os affagos maternos, as affeições domesticas, as perspectivas risonhas da côrte, o patrocinio dos Mecenas, e as promessas, com que a ventura lhe encarecia as grandezas mundanas e vulgares?

Era para discorrer viajante pela terra e pelo oceano. Julgaes que por vagar na ociosidade elegante das grandes capitaes? Por entrar na frequencia do mundo? Por luzir na sociedade os dotes do seu engenho? Não. Surriam-lhe as terras mais remotas, mais virgens, mais inhospitas, com tanto que a natureza ahi fosse opulenta, original, admiravel.

Quatro homens buscaram as terras do No-

vo-mundo por instrumento da sua gloria. Colombo, Châteaubriand, Tocqueville e Humboldt. Colombo para ter a gloria de aportar, aonde ninguem jámais lançára ferro; Châteaubriand para amaldiçoar a guilhotina desde o fundo das florestas, onde a natureza é ciosa da sua virgindade; Tocqueville para assistir ao regrado crescimento da nascente democracia; Humboldt para completar o navegante, e ir alem do publicista e do escriptor. Colombo descubriu a America, Humboldt estudou-a; cantou-a Châteaubriand, e Humboldt conheceu-a; louvou-a Tocqueville, e Humboldt fez mais que todos elles, quasi de novo para a sciencia a descobriu.

E quanto maior não foi a fortuna de Humboldt! Colombo viu apenas as praias patentes e abertas ao primeiro mareante afortunado. As selvas primitivas de Châteaubriand, aradas pelo carril de ferro, pullulam hoje de industrias e de cidades! A democracia de Tocqueville macúla com a servidão e com a lucta das raças antagonistas o idyllio democratico do profundo pensador! Só a America

de Humboldt é sempre a mesma; sempre indisputadas as conquistas do sabio nas regiões, que elle primeiro que todos esclareceu com a luz do seu talento indagador.

Poucos homens cursaram mais terras, sulcaram mais oceano do que Humboldt. Raros alongam mais do que elle a vida n'este mundo. Não vos parece que a Providencia lhe alargou o espaço ás observações, o tempo aos pensamentos com algum intento singular?

Newton refulgio por annos dilatados. A Fontenelle e a Voltaire, a derradeira pulsação da vida se lhes confundiu com a extrema centelha do espirito, ainda fecundo e creador, como nos dias da sua primavera intellectual. Mas Newton adivinhou no mesmo ponto do firmamento a lei suprema do universo. Voltaire e Fontenelle conheceram sempre o mesmo azul dos céos, a mesma côr das ondas, o mesmo recorte da folhagem, o perfume das mesmas flores, a copa dos mesmos arvoredos, a crista das mesmas serranias.

Humboldt viveu muito, porque era grande a provincia, que lhe cabia na sciencia. Via-

jou muito, porque tinha por missão comprehender a natureza na sua infinita variedade, como que restaurar o molde perdido do universo, e estampar a unidade do grande Todo universal, no seu *Kosmos* a mais celebrada e a mais bella das suas numerosas composições.

É do tempo e do espaço que o mundo se compõe. E como querieis vós que o pintor se desempenhasse do painel admiravel da fidelissima copia do universo, se lhe não acudira a Providencia com mão larga, em lhe conceder liberalmente aquellas duas tintas fundamentaes? Eis ahi o segredo, com que Humboldt abusou quasi do espaço e do tempo a seu talante. Eis ahi porque elle foi por excellencia o sabio cosmopolita, aquelle que se tinha a velha e boa Allemanha por patria do seu berço, havia o globo inteiro por patria de adopção. Eis ahi porque o havieis dever já nonagenario quasi, na quadra, em que o corpo se inclina para a terra, proseguir com a energia de um adolescente os estudos ainda havia pouco delineados.

Quem pronuncia o nome de Humboldt profere logo involuntariamente *Kosmos*. É o *Kosmos*, por assim dizer, a Biblia do universo, é a mais completa descripção das suas harmonias, das suas leis, da sua mystica unidade. O grande movimento intellectual dos seculos modernos se, repartindo as sciencias e attribuindo a cada investigador uma provincia distincta do saber, facilitou os descobrimentos, como que esteve mutilando as feições da natureza e deslustrando na sua physionomia a expressão, com que a assignalou o Creador. Nasceu a sciencia uma e harmonica, se bem errada e imperfeita, na cabeça dos grandes pensadores da antiguidade. No eclipse, em que as sciencias se escureceram depois que a sua herança cahiu na dominação dos barbaros, a philosophia natural perpetuou-se apenas como uma tradição de auctoridade. Com o seculo XVI, com a nova alvorada da razão, invocou-se novamente o universo como o primeiro e essencial fundamento do estudo da natureza. Descartes e Bacon venceram Aristoteles, vene-

rado até ali como o oraculo supremo. Mas a analyse exaggerou com a sua influencia a divisão indefinida do saber. A natureza, á similhança de uma formosissima estatua, foi como que partilhada entre os seus cultores, que, lhe truncaram aqui e ali as proporções e lhe deixaram perder, perante Deus e a sciencia, a unidade. O saber cahiu então na multiplicidade e anarchia. Parece que os sabios eram as novas hordas septentrionaes, chamadas a desmembrar um novo imperio. Que lastima não era, para o que podemos chamar a esthetica d'esta bella architectura, o espectaculo do universo espedaçado! Imaginae que a um templo da mais elegante e artificiosa constructura vieram os barbaros, e que sem comprehender o debuxo e a unidade do monumento, começaram a deliciar-se no primoroso das imagens, no delicado dos ornatos, na opulencia das architraves, na sumptuosidade dos mosaicos, na elegancia dos florões. Principiaram a demolir o edificio, para gosar de perto as suas bellezas parciaes. Aqui um pedestal já sem estatua,

ali uma columna já sem plintho; acolá um capitel com as folhas d'acantho já fendidas; além um fragmento de metópe, com os relevos já quebrados. Mas o edificio, mas a traça primitiva, mas a idéa que n'elle o artista symbolisou, mas a tradição que n'elle intentou perpetuar o fundador?

Assim apparecia o universo, depois do renascimento das sciencias. Aqui um astro, como que despegado do firmamento, ali uma flor, desamparada do resto da creação, acolá uma ave multicor, roubada ás solidões da natureza, além uma pedra, um fossil isolado. As pedras, as estatuas, os ornatos, as medalhas d'esta grande basilica universal.

Mas o Templo, mas a Idéa, mas a Lei, mas a Harmonia, mas a eterna e sublime Inspiração do Artifice Divino?

Newton, este espirito que reverenciava a natureza como a manifestação sensivel do Creador, poude na apparente anarchia do universo, descobrir os pergaminhos da sua lei fundamental. Não haveria um laço entre os phenomenos, que na sua infinita variedade com-

põem as formosuras da terra e as magnificencias do céo? Não haveria uma harmonia universal entre elementos que pareciam ao primeiro aspecto discordantes? O geometra meditou, e esta revelação mysteriosa, a que chamamos genio, illuminando-lhe a fronte n'um momento de feliz inspiração, apontou-lhe na gravitação universal a primeira e a mais fecunda lei do mundo physico.

A revolução foi profunda na sciencia. Desde esta data memoravel se póde dizer affoutamente inaugurada a época mais brilhante do pensamento, e iniciadas as conquistas mais audazes, com que o genio do homem houvesse nunca demonstrado a energia e o vigor da sua razão.

Não poderia eu n'este momento apontar sequer summariamente os capitulos da historia intellectual no seculo, que já passou e na primeira metade d'aquelle, em que vivemos. Em tres seculos a humanidade tem offuscado na sciencia todas as glorias, que herdou da antiguidade. Perde-se a memoria na multidão dos factos. Como que o espirito se to-

ma de terror, quando enumera os triumphos do talento. A humanidade, como que adormecida na sombra da edade-media, acordou robustecida por aquelle profundo somno reparador. Adormeceu contando os astros, temendo os elementos, estremecendo ao aspecto dos cometas, empallidecendo á apparição dos eclipses, desmaiando ao sopro das tempestades, ao fulgor dos raios, aos bramidos do oceano, á oscillação dos terremotos, ao fragor das erupções. Acordou, e em vez de contar os astros e admirar o sol, vê milhões de sóes nas estrellas do firmamento, prescreve o itinerario aos astros, domestica os cometas, prophetisa os eclipses, decifra os vulcões, annuncia quasi as tempestades, encadêa o raio, e acha na solidão temerosa do oceano as estradas naturaes nas grandes correntes atlanticas. Adormeceu sonhando, com Flamel e Raymundo Lullo a arte de transmudar em oiro fabuloso as substancias mais ignobeis. Acordou aprendendo com Watt e Lavoisier a transformar em oiro verdadeiro a natureza, pela poderosa alchimia dos nossos tempos,—

a industria, illuminada pela sciencia. Adormeceu ignorando e temendo. Acordou conhecendo e esperando. Adormeceu escrava da materia, Prometheu agrilhoado ao seu rochedo; acordou glorioso dominador, jungindo as forças da natureza ao seu carro de triumphador.

O mytho dos Titães era, ao parecer, a allegoria dos nossos tempos. Mas os Titães modernos não sobem ao céo para reptar, como os antigos, a divindade, senão para a adorarem de mais alto e lhe poderem com a sciencia das suas maravilhas entoar o cantico de seus louvores. Os Titães dos nossos dias apercebem-se para luctar com a natureza, e para a fazerem servir á emancipação espiritual.

E que época, porventura, houve nunca mais espiritualista do que esta que vamos presenceando? E que mais poderosos auxiliares achou o espirito no seu combate incessante com a materia do que a sciencia, do que os seus devotados e tantas vezes calumniadissimos cultores?

Quem abriu á industria os thesouros da natureza? Quem ensinou os repositorios, onde ella esconde as suas forças mais prestadias á humanidade? Quem aligeirou as cadeias do proletario, condemnado antigamente a converter em producto o seu proprio sangue, no supplicio do trabalho manual? Quem inventou as machinas, estes escravos modernos e submissos, que não provocam leis de repressão, nem tumultuam nas officinas contra os seus dominadores? Quem ensina a desentranhar da terra o combustivel, que as antigas evoluções do globo estiveram para nós enthesourando, para nós que em comparação da antiguidade somos os filhos mimosos da Providencia?

Quem fez esta nossa civilisação, como ella é hoje, com todos os seus innumeros defeitos e as suas incontestaveis excellencias? As sciencias da natureza, cultivadas com desvelo, proseguidas com fervor, punidas muitas vezes com a prefação de impias ou descrentes no proprio instante, em que mais se esforçam por enxugar as lagrimas da hu-

manidade, e por encobrir, ao menos na apparencia, com flores, ainda que sejam desfolhadas, o agro e escabroso caminho da existencia.

Esta admiravel sciencia moderna, digamos antes esta sciencia, que no nosso seculo em muita parte germinou, cresceu, floriu, fructificou, e ensombrou com a sua ramada, alastrando rapidamente, o terreno, em que nasceu, devia achar um talento privilegiado, que a soubesse compreender, resumir, encadear, e da palheta riquissima de todos os matizes, opulenta de todas as tintas naturaes, tirasse as côres para debuxar n'um quadro verdadeiro o aspecto multiforme do universo, illuminado pelo radiante esplendor da unidade e da harmonia.

O pintor foi Humboldt. O painel é o *Kosmos*. A antiguidade não sonhou sequer uma obra semelhante. A edade moderna não a podera antes de Humboldt empreender nem acabar.

Póde dizer-se que foi o *Kosmos* o termo assignado aos trabalhos, ás peregrinações, aos

estudos, ás viagens, ás conferencias, aos escriptos do sabio prussiano. Pelo mundo andou elle colligindo as lettras soltas e dispersas d'este sublime alphabeto da natureza. Vêde-o logo nos primeiros annos dirigir a sua educação n'este sentido. Desde o tempo, em que ainda infantil e moroso na comprehensão e na palavra, ouvia á mesa as lições de botanica do doutor Heim até aos dias, em que admirava a profunda erudição de Blumenbach na universidade de Goettingen, o espirito lhe volvia inquieto em procura d'aquellas suspiradas regiões, onde a natureza é opulenta e colossal. Entrando no serviço das minas, a sua nova posição encaminha-o aos estudos da geologia, os quaes procura logo fortalecer com excursões variadas pela Europa. Mas o serviço do seu paiz é um pêso, com que não póde, não a sua devoção pela patria, mas o seu enthusiasmo pela sciencia. Tres vezes tenta a viagem tão desejada da sua America. Tres vezes a fortuna lhe desconcerta os planos mais ousados. Humboldt é um d'estes espiritos que, não cabem

no estreito horizonte da sua patria. As montanhas do seu paiz são como as collinas, que mal encobrem uma aldêa. A Europa é para elle a miniatura da natureza. As arvores, que lhe ensombram o tecto natalicio, são plantas humildes e rasteiras ao pé d'esta grandiosa e gigante vegetação das regiões intertropicaes. As flores não embalsamam o ar como nas paragens americanas com torrentes de perfumes. O Vesuvio é uma fornalha ao pé dos alterosos picos do Cotopaxi ou do Pichincha. Os rios não tem na Europa tempo de esquecer o nome do seu berço, como o Orenoco, o Mississipi, o Amazonas. A paisagem europêa é apenas um painel descolorido de Watteau ou de Ruysdael. Só nas terras do Novo-Mundo a paisagem se eleva ás magestosas e ás vezes terriveis proporções de uma verdadeira scena da natureza.

A peregrinação começa para Humboldt com a viagem á America. Que alegrias não doiram o coração do viajante naturalista! O oceano é a sua liberdade; a terra a prisão do seu espirito. Com que sentimento de es-

perança e de saudade não vê levantar-se do horizonte o *Cruzeiro*, esta bella constellação, que tem como escripto no firmamento o rotulo do Novo-Mundo! Com que commoção não vê desapparecer o céo, que luzia ás noites sobre a terra da sua patria, este céo povoado pela graciosa mythologia da antiguidade, este céo, em que a astronomia poetica dos povos classicos estampou a segunda edição das suas risonhas fabulas, dos seus poemas heroicos, dos seus amores pagãos, das suas lendas sensuaes!

Eil-o agora na America. Eil-o n'aquella terra, onde o ar ás vezes esconde o seu veneno nos aromas, que tumultuam, e nos insectos dourados, que reflectem ao sol dos tropicos a sua armadura resplandecente. Eil-o percorrendo o Orenoco. Eil-o nos Andes, quasi no cimo do Chimborazo, subido á maior altura, a que haja trepado antes d'elle um viajante. Eil-o quasi martyr da sciencia, tomada a respiração, borbulhando-lhe o sangue pelo rosto, exhaustas quasi as forças, prostrado quasi ao cabo d'aquella ascensão

aventurosa. Eil-o inquerindo as revoluções antigas do globo, estudando a distribuição das plantas, e traçando os lineamentos d'esta sciencia, que elle fundou, — a geographia botanica; eil-o interrogando os mysterios singularissimos do magnetismo terrestre; eil-o em fim ora tomando o bordão de peregrino para escalar as empinadas serranias, ora embrenhando-se na espessura das florestas; pondo o peito ás emprezas mais audazes, brincando com a morte, que lhe anda esvoaçando em derredor, sem nunca ser ousada a salteal-o; acudindo, correndo, voando, aonde ha um phenomeno curioso a conhecer uma planta interessante a colligir, um accidente geologico a investigar.

Tal é o noviciado d'este incansavel Colombo da sciencia. E não é sómente á natureza que elle vota as horas inteiras do seu dia. Quem não sabe os thesouros litterarios, que encerrava a sua vasta e profunda erudição? Quem não sabe as riquezas linguisticas, que aprendeu a apreciar na douta e amoravel convivencia de seu irmão, Gui-

lherme de Humboldt? Na America, prendem-lhe a attenção as antiguidades mexicanas e o estado economico das colonias hespanholas. É a obra, ainda hoje preciosa, sobre a Nova Hespanha um documento valioso de que a intelligencia do naturalista de Berlim nas horas do seu repouso, n'aquellas em que do assumpto predilecto divertia as attenções, produzia, como episodios litterarios, obras, que dariam nome a quem só as tivesse por brazão.

A viagem da America dá origem a este escripto monumental, que a sciencia ainda hoje venera e consulta como um thesouro.

Depois das primeiras romagens scientificas não descontinuou no empenho o sabio investigador. Percorre ainda a Europa muitas vezes, explora-a, indaga-a; ora nos grandes centros da civilisação e da sciencia, em Paris, em Roma, em Londres, em Vienna, e em Berlim, para conferir com as maiores illustrações d'este seculo os pontos duvidosos, para se aproveitar dos meios de estudo, para não deixar esquecido um unico elemen-

to, dos que podessem enriquecer a obra, que trazia já traçada, esta que podera chamar-se a epopéa da sciencia, e a que elle deu o nome antigo de *Kosmos* para indicar desde a primeira linha do seu livro, que elle era dedicado á sublime unidade universal.

Quando os sabios vulgares se accurvam sob o peso dos seus loiros, quando para adormecer tranquillos se encostam á beira do seu tumulo, para gosarem alguns momentos ainda em vida esta aureola, com que a posteridade lhes doira já a urna funeraria, quando os entendimentos communs comtemplam o seu passado, e se deliciam vaidosos admirando os fructos do proprio engenho, o velho Humboldt dispõe-se a escrever o *Kosmos*. E o *Kosmos* não podia ser senão o epilogo brilante de uma vida litteraria consagrada por dilatados annos á cultura da sciencia e á admiração intelligente do universo.

É este livro o resumo eloquente do que sobre o universo se sabia até o meado do seculo actual. É ao mesmo tempo uma copia da natureza, e um thesouro de erudição

Quando os vindouros d'aqui a muitos seculos quizerem ter a medida do que foi para a sciencia a edade, em que vivemos, hão de abrir o livro de Humboldt e como nós agora com as obras de Aristoteles recompomos idealmente o genio scientifico mais completo da antiguidade hellenica, assim elles poderão reconstruir a sciencia do seculo presente, interrogando as paginas, tantas vezes eloquentes, animadas, inspiradas quasi de estro, em que o illustre prussiano traçou as harmonias da creação, e registou os extases, em que o enlevava a pictoresca religião da natureza.

É pelo *Kosmos* que Alexandre de Humboldt se póde dizer a personificação do seculo, se o havemos de considerar pelo seu aspecto scientifico. E o livro e o auctor são dignos, um de summariar, de comprehender o outro as magnificencias da presente civilisação.

Julga por ventura alguem que a humanidade retroceda, que o espirito se enturve, que novos eclipses deslustrem o sol vivificador da intelligencia? Teme alguem que a

civilisação volva de suas emprezas, deixe perder as suas conquistas, abata os vôos, com que segue até hoje triumphante? Teme-se que novos barbaros a offusquem, e os thesouros intellectuaes se escondam novamente?

Não o temaes. O homem nunca chegára a decifrar como agora o universo. Lastimámos a perda da sciencia antiga. Mas ahi a tivemos depois restaurada e podémos ver que distancia immensa separava as suas theorias e os seus factos da opulencia dos factos e do vigor das theorias, com que se enriquece a sciencia dos nossos tempos.

Folheai o *Kosmos*. E' o indice eloquente da sciencia. E' o thermometro por onde aferir a quanto se tem levantado o engenho humano e em que emprezas espirituaes não tem desanimado. Lêde aquelle livro. E depois dizei, se o homem que chegou até aquelle ponto do seu itinerario intellectual, póde cahir de novo na barbarie, ou enervar o entendimento para deixar que a antiguidade afrouxe as modernas glorias, ou a

meia edade encubra no crepusculo da sua sciencia mystica os traços, que chegámos a descubrir e avivar no livro, perpetuamente novo e original da natureza.

Oh! e ha alguem que ouse cerrar os olhos á luz vivissima, que o seculo está despedindo de si! Que alguem haja de louvar e engrandecer o que foi, desagradecido ao favor, com que a Providencia nos concedeu descobrir e comprehender na ordem physica, como no mundo social, o que nossos avós nem poderam na sua rudeza suspeitar!

E ha alguem que na presença d'este seculo engrandeça os que passaram, amaldiçoe as conquistas do espirito moderno, suspire pela resurreição de tempos, que é impossivel revocar!

Ha alguem que taxe a sciencia de descrente, de impia até; que lhe impute o gelar nas consciencias a inspiração sobrenatural; que a torne cumplice dos desvarios com que a ignorancia e não o saber, desacatam a Deus, a razão, a consciencia e o dever! Accusamna de altear as soberbas humanas, de egua-

lar quasi o homem ao Creador, de bafejar as vaidades com que nos podemos suppor a nós mesmos a propria divindade, de fomentar a duvida e a indifferença, de minar os alicerces da fé antiga, de fazer da terra inteira um sepulchro doirado de falsos esplendores, em que a mão da impiedade escreva o epitaphio da crença e celébre com o sacrificio das tradições mais venerandas, dos sentimentos mais augustos, dos respeitos menos humanos a brutal hecatombe da razão. Perguntai a Newton, ao cardeal Wisemann, ao jesuita Secchi, se a sciencia é anti-christã, e elles vos hão de responder, que a sciencia, que explica o universo, não póde ser a blasphemia de Deus, mas antes é o commentario da divina Intelligencia.

A Humboldt não lhe faltaram as imputações malevolentes. Quem foi já grande na terra, que não desafiasse os tiros da inveja, e os assaltos da calumnia? Quem subiu, que não estivesse algum espirito mesquinho a espial-o nas alturas, fazendo votos porque se despenhasse? A Humboldt accusaram-o de

pantheista na sciencia. No dia, em que Berlim inteiro saudava com as primeiras acclamações da posteridade, o féretro, que levava as mortaes reliquias do illustre naturalista; no dia, em que o maior cortejo, que teve jámais nenhum conquistador e nenhum monarcha, honrava ao mesmo tempo o sabio, que ia repousar no tumulo, e a nação, que punha acima de todas as realezas a magestade do talento; no dia, em que desde o rei até o ultimo cidadão, tomavam todos logar e lucto no prestito do venerando patriarcha da sciencia, n'esse mesmo dia o fanatismo protestante aguçava as settas para as tirar contra as cinzas do ancião. Quando a Prussia inteira, a Allemanha, esta sollicita honradora de todos os meritos, este sólo privilegiado, que dá patria a todos os talentos, cobriam de laureis a fronte inanimada do seu illustre filho, ia a intolerancia religiosa punindo com o nome de pantheismo esta grandiosa admiração, este culto intellectual da natureza, com que os espiritos, que a tem frequentado e discorrido,

se deixam como que involuntariamente para ella attrahir e arrebatar.

Na terra, onde se hasteou a bandeira do ivre exame, na terra, onde é licita e opportuna a mais desassombrada discussão, na terra da reforma, na patria de Luthero, lutheranos intolerantes buscaram infamar com a nota de atheismo o sabio venerando e o exemplarissimo cidadão.

Quizera poder traçar-vos todas as phases brilhantissimas d'esta vida de noventa annos, empregada nas mais activas diligencias, nas mais varias locubrações. Quizera demorar-me a contemplar o sabio diante das scenas da natureza. Quizera entrar comvosco no gabinete, que era nos ultimos annos da vida de Humboldt, como que o recesso privilegiado, aonde acorriam homens de todos os pontos do globo a visitar a personificação, e a ouvir os oraculos de uma sciencia quasi universal. Quizera levar-vos á côrte de Berlim para que visseis como era modesto aquelle grande homem, no auge das suas honras e esplendores. Quizera que o visseis amigo, camarista, familiar, conviva

frequentissimo do rei Frederico Guilherme IV, dedicado ao soberano, que o amava e distinguia, sem deixar de merecer pela egualdade do seu trato a popularidade, com que o acclamaram um dos mais ardentes defensores dos fóros liberaes. Quizera mostrar-vol-o ao mesmo tempo aulico e cidadão, conservando diante do throno a austera independencia dos grandes espiritos, e perante o povo a hombridade honesta do homem, que sem ser o adulador do povo saúda os progressos do tempo, espera nos fructos da liberdade, sonha a harmonia da natureza trasladada para a vida politica das nações, e o *Kosmos* physico debuxado e traduzido no *Kosmos* social; que não anathematisa a democracia, quando se insurge nas barricadas de Berlim, e não lança fanaticamente á conta dos thronos todas as calamidades publicas, todas as miserias populares, e todas as incorrigiveis imperfeições da sociedade; que é ao mesmo tempo,— coisa difficil e perigosa,— o cortezão e o amigo do rei; ao mesmo tempo o amigo e o censor das multi-

dões. Quizera mostrar-vol-o ameno, espiri tuoso, discreto, ironico muitas vezes, quando nos saráos da mais selecta sociedade alliava as graças do seu espirito litterario ás doutas e engenhosas observações de eminente pensador. Quizera assistir comvosco ás leituras intimas, em que elle na convivencia affectuosa do soberano, como que ensinava ao seu real amigo nas paginas do *Kosmos* a suprema e immutavel legislação do mundo physico, nos proprios momentos, em que a onda popular, chegando ás portas do paço, annunciava com os seus rugidos a caducidade das humanas legislações e punha em edificante parallelo a fragilidade dos thronos e a eterna magestade da Creação.

Mas como encerrar em poucos minutos os noventa annos da vida de Humboldt? Como clausurar n'este recinto o immenso theatro das suas emprezas intellectuaes?

Paremos n'este ponto. Tivemos a gloria de ser contemporaneos d'este genio singular. Sejâmos tambem dos primeiros a regis-

tar solemnemente os seus triumphos. N'aquella terra fecundissima, onde o talento não tem inveja aos mais dilectos filhos da fortuna intellectual, decretou o imperador Napoleão III que se erigisse estatua publica a Alexandre de Humboldt, como para testemunhar que a nação que fôra por tantos annos a sua patria litteraria, o adoptava tambem a elle por seu filho, e disputava para a gloria nacional uma grande parte dos seus livros escriptos no idioma de Laplace e de Buffon. O sabio, que sempre timbrou de cosmopolita, é tambem nosso pela fraternidade da sciencia. Na religião da fé e na da razão as fronteiras desapparecem, e a patria é para os santos e para os grandes pensadores o globo inteiro. Nós, que mal podemos levantar estatuas aos nossos mais populares engenhos, consignemos ao menos nos fastos academicos uma honrosa commemoração ao venerando cultor da natureza, áquelle grande espirito, que deixou o seu nome vinculado ao novo continente, onde nós lançámos as primeiras sementes da moderna civilisação.

I

Familia Humboldt — Castello de Tegel — Infancia de Alexandre — Primeira educação.

Entre os brilhantes nomes, que illustraram a primeira metade do seculo XIX, figura entre os mais afamados e populares o de Alexandre de Humboldt. Poucas vezes a gloria tem sido mais liberal para ninguem, e os seus loiros concedidos ainda em vida com maior prodigalidade do que o foram para o insigne prussiano. Foi elle um d'estes raros homens, que ainda no vigor do seu fecundo entendimento, viram a posteridade

antecipar-se ao tumulo, e a inveja emudecer ante a geral veneração. Alexandre de Humboldt, como Aristoteles, como Bacon, como Leibnitz, foi um d'estes genios privilegiados, a quem a Providencia de seculos a seculos investe em todas as faculdades da intelligencia creadora, e em quem resume tudo o que só dá repartido e quinhoado aos entendimentos inferiores. Humboldt conglobou a sciencia do seculo XIX, como o philosopho de Stagira, chegado o mundo aos tempos de Alexandre, reuniu na sua profunda synthese os raios dispersos da sciencia humana, como Leibnitz e Bacon appareceram — (dir-se-ia) delegados pela Providencia —, para enfeixarem n'um só corpo as idéas scientificas da antiguidade e da edade média, para as depurarem de todos os erros, que as maculavam, para registrarem o que havia de conquistas verdadeiras para a boa philosophia, e para traçarem o programma dos novos descobrimentos.

A sciencia moderna tinha como que despedaçado o mundo pela divisão e pela ana-

lyse, tornada necessaria nas sciencias pela multiplicidade dos assumptos e pela profundidade das modernas investigações. Mas este bello *Kosmos*, que os orientaes e os gregos haviam adivinhado na antiguidade; esta harmonia suprema, esta regrada constructura, este *numero* realisado dos pythagoricos, esta sublime *unidade* que resulta da variedade infinita da creação, esta manifestação physica da Intelligencia creadora, era mister que um entendimento superior a viesse como que recompor com os fragmentos dispersos, em que as sciencias physicas e naturaes a haviam repartido em largos annos de elaboração. Á edade média da sciencia, á divisão feudal nos dominios do estudo da natureza, devia succeder a unidade, a monarchia. O *mundus* antigo, a belleza e a ordem, exemplificadas na força e na materia, devia apparecer de novo como que reconstruido por uma inspirada creação intellectual. Foi Humboldt que o tentou e conseguiu no seu livro, o *Kosmos*, em que o sabio allemão vinculou o seu nome á na-

tureza, e o inscreveu a par dos nomes de mais benemerita memoria.

Alexandre de Humboldt, para que nenhum genero de illustração lhe podesse minguar, teve o seu berço n'uma familia notavel, o que não foi por ventura indifferente ao progresso dos seus estudos, á facilidade das suas excursões, e ao favor, com que o acolheram os poderosos.

No tempo de Frederico Guilherme I da Prussia servia nos exercitos d'aquelle principe o capitão Hans Paulo de Humboldt, o qual procedia de uma ascendencia esclarecida, da Pomerania inferior, onde segundo o testemunho de alguns genealogicos possuira valiosos bens feudaes. Entre os seus avoengos é numerado como o primeiro, em que possa authenticamente entroncar-se esta familia, Johann Humboldt, que viveu durante os mais difficeis tempos da guerra de trinta annos e morreu em 1638, sendo burgomestre de Koenigsberg. [1] Ao capitão Hans Paulo

[1] *Alexandre von Humboldt: Eine wissenschaftliche Biographie...* Von Karl Bruhns (Alexandre de Hum-

de Humboldt sobrevieram quatro filhos, que todos seguiram a profissão das armas. Um d'elles Alexandre George de Humboldt foi o pae do naturalista prussiano.

Alexandre George de Humboldt nasceu em 1720 em Zamenz, na Pomerania, e serviu por muitos annos no regimento de dragões do tenente general von Platten, e durante a celebre guerra de sete annos foi ajudante de campo do duque Fernando de Brunswick. Algum tempo depois aforou á administração das florestas da corôa o castello de Tegel, situado a tres leguas de Berlin, antes de chegar a Spandau.

O grande Frederico, ao terminar a guerra de sete annos, nomeou o major Humboldt seu camarista, e destinou-o n'esta qua-

boldt. Biographia scientifica). Leipzig 1872 T. I. pag. 6. N'esta obra se discutem os titulos nobiliarios da familia, e parece inferir-se d'este exame que a sua antiguidade como inscripta nos livros da nobreza não pode remontar além de 1738, em que Hans Paul n'uma petição dirigida ao rei supplicava que a sua familia fosse ennobrecida e se lhe concedesse o brasão de armas e em que elle firma sem que a particula nobiliaria, *von*, preceda o seu nome gentilicio. Obr. cit. pag. 10 e 11.

lidade para servir junto do principe da Prussia. A sua nova situação augmentou-lhe o favor, em que o tinham os principes da casa de Brandenburgo, e mais altos officios e distincções houvera alcançado por ventura, se ainda fôra vivo, quando subio ao throno o rei Frederico Guilherme II, que sempre o distinguira com sua graciosa predilecção. [1]

O major Humboldt havia casado com Maria Elisabeth von Colomb, viuva do barão de Holwede, prima da princeza de Blücher e neta do presidente von Colomb, descendente de uma familia nobre de Borgonha, que na Prussia fôra buscar asylo contra a piedosa ferocidade de Luiz XIV, ao revogar o edicto de Nantes. D'esta alliança se derivaram para a familia dos Humboldt os seus principaes bens territoriaes. A proposito de ter Humboldt por apellido materno o nome de Colomb exclama o seu ultimo biographo: «Notavel coincidencia do acaso é que a mãe do *descobridor scientifico da America*,

[1] *Alexandre von Humboldt. Eine wissenschaft. Biographie*, pag. 14.

de Colombo do XIX seculo tivesse um cognome egual ao do seu geographico descobridor do seculo» XV. [1]

Do consorcio do major de Humboldt com a baroneza viuva de Holwede nasceram dois filhos, ambos varões. O mais velho, Frederico *Guilherme* Christiano Carlos Fernando, nasceu a 22 de junho de 1767, em Potsdam, onde residia a princeza real, em cujo serviço se achava então o major na qualidade de camarista. O mais novo dos filhos Frederico Guilherme Henrique *Alexandre*, de quem vamos tecer a biographia, teve o seu berço em Berlim na casa n.º 22 da Jagerstrass a 14 de setembro de 1769, anno memoravel por ter sido tambem illustrado pelo nascimento de Napoleão, Chateaubriand, Cuvier, Canning, Wellington, Walter Scott. Recebeu as aguas do baptismo na egreja capitular de Berlim. Administrou-lhe o sacramento o predicante Sack e no assento de baptismo inscreveram-se como padrinhos e testemunhas o principe, que foi depois

[1] *Alex. von Humboldt* etc. por Bruhns I. 16.

Frederico Guilherme II, o principe Henrique da Prussia, o duque de Brunswick e muitos outros personagens dos mais eminentes da côrte na ordem civil e militar.

No castello de Tegel se passaram os primeiros annos da infancia e adolescencia dos dois irmãos, que deviam depois ser contados entre as grandes illustrações da sua epocha: Alexandre pelas aventurosas excursões e pelas obras monumentaes sobre as sciencias da natureza; Guilherme pelo esplendor, com que desempenhou numerosos cargos politicos, e principalmente pela sua profunda erudição litteraria e pelos notaveis progressos, com que enriqueceu os estudos da alta philologia.

É a posição do castello accommodada a ser a mansão de dois homens, que se destinam para a cultura das sciencias e das letras, e que tem de inspirar-se um para a belleza esthetica, realisada na arte e na poesia, o outro para a belleza cosmica, representada na face da natureza. Em sitio apartado e quieto a duas leguas de Berlim

e separado da cidade por um bosque, jaz o castello de Tegel, n'um logar, onde as aguas do rio Havel se alargam e espraiam formando o que se chama o lago Tegel. Para o lado do meio dia divisa-se ao longe a cidade e fortaleza de Spandau. As collinas, que limitam o horizonte e parece bordarem as margens da lagôa, são opulentas de copada vegetação, em que as florestas se mesclam aprasivelmente com os campos e jardins, imprimindo na paizagem uma feição deliciosa. Pertenceu o castello antigamente ao eleitor de Brandenburgo. Depois que, passando sob o dominio de varios emphyteutas, o tivera adquirido o major Humboldt, o gosto elegante do novo proprietario havia-se empenhado em tornar mais formosa aquella mansão senhorial, cercando-a de vergeis e de arvoredos, onde o futuro naturalista podia desde a infancia contemplar os exemplares da flora americana, que mais tarde havia de observar na inexhausta magnificencia da sua luxuriante vegetação.

N'aquelle bemaventurado recesso vivia tranquillamente a familia Humboldt. A elevada categoria de seu actual proprietario, os cargos eminentes, que occupava na côrte, os laços de amisade e convivencia, que o prendiam aos mais altos personagens, tornavam frequentes no castello de Tegel os hospedes illustres, e faziam do que foi depois o Tusculum, o retiro philosophico de Guilherme de Humboldt, o logar de reunião da mais selecta sociedade prussiana. A familia real honrava muitas vezes a residencia do seu fidelissimo servidor. Officiaes das mais elevadas graduações, estadistas e funccionarios da primeira hierarchia, sabios e litteratos da mais popular reputação, vinham a Tegel comprazer-se na cortez hospitalidade, em que era proverbial a familia do major. Ali se hospedou a primeira vez o celebrado Goethe em maio de 1778. Acompanhara o duque de Saxe-Weimar a Berlin para assistir a umas grandes manobras do exercito prussiano. Mal sabia o cantor de Faust que n'aquellas duas creanças, que ali via, uma de

nove, outra de onze annos, cresciam dois talentos privilegiados, com quem, principalmente com o mais velho, haveria mais tarde de enlaçar intimas relações sociaes e litterarias.

A sua breve estancia no castello de Tegel teria o poeta porventura na memoria, quando na segunda parte do Faust poz estes versos na bocca do *Proktophantasmist*.

Werschwindet doch; wir haben ja aufgeklärt!
Das Teufelspack, es fragt nach keiner Regel;
Wir sind so klug, und dennoch spukt's in Tegel.

Tiveram os Humboldts por seu preceptor no primeiro ensino da puericia a Campe, que, segundo as idéas pedagogicas dominantes n'aquelle tempo, e principalmente nos estados de um rei philosopho e encyclopedista, como Frederico, professava os principios explanados no *Emilio*, e procurava exemplificar nos filhos de uma casa illustre os preceitos de Rousseau. O major Humboldt tomou a Campe por educador de seus filhos, admittindo-o como seu familiar no castello de Tegel.

Devia ser grande o influxo que o erudito Campe exerceu sobre os entendimentos infantis, que haviam sido encommendados á sua direcção e pedagogia.[1] Campe era depois de Klopstock, o mais afamado cultor da lingua allemã, o mais erudito investigador de linguistica. Guilherme de Humboldt é hoje citado principalmente pelos seus conscienciosos e profundos estudos n'esta provincia da philologia, e são numerosos os seus livros e

[1] O dr. Klenck, na sua biographia de Alexandre de Humboldt, publicada em Berlin em 1860 sob o titulo de «*Alexander von Humboldt, eine biographisches Denkmal*», attribue um largo influxo á pedagogia de Campe sobre o espirito do grande naturalista. Karl Bruhns, o sabio director do observatorio de Leipzig na sua obra já citada «*Alexander von Humboldt: eine wissenschaftliche Biographie*», redigida segundo os documentos mais authorisados e collaborada por tão notaveis homens de sciencia como Carus, A. Dove, H. W. Dove, Ewald, Grisebach, Lowenberg, Peschel, Wiedemann e Wundt, põe em duvida que as feições especiaes do espirito de Campe determinassem, desde a edade pueril, as predilecções intellectuaes dos dois Humboldts. Todavia confessa que o illustre pedagogo servio como educador no castello de Tegel, não contesta os eminentes predicados do seu engenho e cita uma carta de Guilherme de Humboldt, na qual o profundo philologo prussiano diz expressamente que o seu primeiro preceptor tinha um dom natural e uma

memorias sobre os mais difficeis problemas da filiação e confronto dos differentes idiomas. Campe, segundo as inspirações do systema pedagogico, de que se fizera continuador, em vez de adoptar os methodos de educação, com que segundo as normas classicas se influe mechanicamente sobre a memoria das creanças, comprazia-se em lhes excitar a sensibilidade e a admiração pelo espectaculo do universo, pelo aspecto de uma

feliz disposição para excitar vivamente os entendimentos infantis. «*Er hate schon damals eine sehr gluckliche, naturliche Gabe, den Kinderverstand lebendig anzuregen.*» Bruhns combate a asserção de Klenck de que o enthusiasmo das viagens fosse despertado no espirito de Alexandre pelo influxo de Campe, com as suas lições ou com as scenas romanescas do *Robinson Crusoe*, que o erudito pedagogista vulgarisara na Allemanha. E para comprovar a sua opinião cita uma carta, em que Alexandre em 1791 satyrisa o seu antigo mestre. Quem sabe, porém, qual foi sempre nas cartas familiares o estylo epigrammatico do insigne naturalista, não póde, com plausivel fundamento, dos chistes e donaires da sua musa jovial inferir a conclusão de que Alexandre não devesse a Campe senão o haver-lhe influido nos primeiros annos o enthusiasmo da natureza, o fervor das largas aventuras e das romanescas peregrinações, ao menos o ter-lhe excitado n'esta direcção as faculdades originaes do seu espirito.

natureza multiforme, pela comparação dos costumes e dos povos diversissimos, em que se reparte a grande familia humana. Campe era o traductor allemão de ***Robinson Crusoe***. Aprazia-lhe a descripção das expedições aventurosas, das remotas navegações, da natureza sempre juvenil e sempre varia nas differentes regiões do nosso globo. Quem não poderá ver no influxo do mestre a paixão de Alexandre de Humboldt pelos climas tropicaes, pelos mares longinquos, pela natureza virgem das Americas, pelas scenas sublimes da creação?

Em 1776 tinha crescido por tal fórma a reputação de Campe como o mais distincto pedagogista, que vindo a vagar o officio, que Basedow occupara, de director do ***Philantropeu*** de Dessau, especie de escola normal d'aquella cidade, foi o preceptor dos Humboldts chamado a desempenhar aquelle cargo, com titulo e honras de conselheiro da educação publica *(Educationsrath)* no ducado de Anhalt-Dessau. Pouco tempo depois foi fundar em Hamburgo um notavel esta-

belecimento destinado ao ensino particular.

Era mister prover ao ensino dos dois Humboldts, que ia ficar desamparado. O logar de Campe como pedagogo no castello de Tegel foi preenchido por Koblanck. Saira em 1773 da universidade de Halle. Dirigio a educação dos dois Humboldts desde 1773 até 1775, em que foi nomeado capellão ou predicante *(Feldprediger)* do regimento de infanteria de Arnim. Parece, segundo as conjecturas de Bruhns, que foi este preceptor quem ensinou a leitura e a escripta a Alexandre de Humboldt, o qual teria seis annos, quando Koblanck deixou o officio de mentor pela sua capellania [1] Johann Clüsener, que lhe succedeu no encargo pedagogico, exerceu as suas funcções até 1777. Caiu n'aquelle anno a eleição do major Humboldt n'um mancebo, que na edade de vinte annos, que então contava, era já conhecido como um perfeito educa-

[1] *Alex. von Humboldt, eine wissenschaft. Biographie, I*, 23.

dor. Chamava-se Christiano Kunth. O pobre moço, desherdado por esta ruim madrasta, que tem o nome de fortuna, tivera de interromper os seus estudos academicos para ir ganhar em tão verdes annos os honorarios de mentor no seio de uma familia illustre. Era já copioso o seu cabedal de erudição nas linguas e litteraturas antigas e modernas, na philosophia e na historia. Sobrava-lhe o que mais vale que tudo isto n'um verdadeiro pedagogo, a amoravel condição e o trato ameno, com que via nos seus novos discipulos antes os amigos, que dirigir por devoção, do que as creanças opulentas, a quem educar pela necessidade do salario. Feliz e duradouro influxo devia exercer o juvenil educador no espirito e no animo dos seus pupillos. [1] Tudo quanto havia nas cercanias do castello, principalmente em Berlim, que podesse contribuir

[1] Kunth não poude todavia eximir-se ás humoristicas apreciações dos seus alumnos tão dilectos. Guilherme não era menos jovial do que Alexandre. Um dia em que se encarecia na presença do philologo eminente a larga erudição historica de Kunth,

para aperfeiçoar e desenvolver a educação dos seus alumnos, serviu sob a discreta e affectuosa direcção do preceptor, para enriquecer o entendimento e a memoria de Guilherme e de Alexandre. Foi tal a intimidade, em que educador e educandos se enlaçaram mutuamente, que entrados os dois Humboldts nos annos da adolescencia, e havendo de partir de Berlim para suas differentes peregrinações, a Kunth deixaram sempre encommendado, como a seu mais zeloso amigo, os cuidados da fazenda e os encargos da administração.

Kunth completou e aprimorou as infantis intelligencias, que depois haviam de assombrar o mundo. Kunth, engenho universal e encyclopedico, fortificou as tendencias antigas, incutindo-lhes o espirito da harmonia, e fazendo-lhes adivinhar os laços mysticos entre todas as provincias do saber.

e a sua extrema prolixidade, acudiu Guilherme dizendo: «É verdade; mas, quando o ouvimos explicar historia, teriamos desejo de ser Adão, porque a historia então ainda era breve.[1]

[1] *Alex. von Humboldt, eine wissenschaft. Biographie, I.* 25.

De exordios communs, de eguaes influencias, da mesma inspiração e do mesmo ensino, foram ao depois divergindo os dois irmãos, um seguindo nos seus estudos o homem *interior* e intellectual, revelado na sua mais admiravel manifestação — a linguagem; o outro buscando a natureza *exterior* nas infinitas modalidades, porque ella se abre e patenteia ao estudo do observador e do philosopho. Mas como dois viajantes, partindo do mesmo ponto, depois de haverem lustrado diversas regiões, vem uma e muitas vezes a cruzar as suas derrotas, e a abraçarem-se nas escalas communs ás duas navegações, assim tambem Alexandre, que interrogava a natureza objectiva nos Alpes e no Chimborazo, no ceu e no Oceano, ia muitas vezes tocar pelas fronteiras das sciencias naturaes com os dominios de seu irmão, o qual estudava a natureza subjectiva na antiguidade classica, nas artes, na philosophia, na litteratura e na linguistica. Os dois irmãos, que tão fraternalmente se quizeram um ao outro, muitas vezes,

como dois soberanos alliados e visinhos, celebravam como que os seus congressos internacionaes, em que as sciencias, as artes e a litteratura se mesclavam n'aquelles dois espiritos gigantes, como as parcellas dispersas do grande todo intellectual.

Tinha Alexandre apenas dez annos quando ficou orphão de seu pae, em 1779. Kunth chegara em tal extremo a conquistar as boas graças da familia Humboldt, e em tal conta era havido pela baroneza viuva, que logo depois da morte do major ficou o preceptor não só reconduzido no encargo, que tão exemplarmente desempenhara, senão tambem quasi investido em toda a patria potestade sobre os dois pupillos, a quem o estreitavam já os vinculos da mais sincera dedicação.

Por estes tempos (acostando-nos á narrativa do dr. Klenck), [1] um novo personagem interveiu na educação dos dois Humboldt. Vivia desde o anno de 1776 em

[1] *Alex. von Humboldt. Eine biographisches Denkmal.* Berlin 1860.

Spandau um medico, que exercia um partido nas cercanías, e era celebrado pela sua fama e pelo numero dos seus clientes. Era o doutor Ernst Ludwig Heim, que depois em Berlim chegou a uma elevada reputação, e foi professor da universidade. Não se sabe se a doença do major foi a occasião que o trouxe a Tegel, e lhe deu motivo a apertar os laços de intimidade, em que entrou na familia Humboldt. Acontecia isto em 1780. Vinha todos os dias de Spandau a Tegel no seu rocim, e jantava habitualmente no castello. A' mesa se passavam os colloquios, em que o doutor explanava aos dois meninos os principios da botanica, e lhes explicava as vinte e quatro classes do systema de Linnêo. [1] E é cousa digna de notar-se, que o mais velho dos irmãos, o qual depois seguiu por incli-

[1] No *Diario* do dr. Heim, no dia 30 de julho de 1781, lê-se: «Expliquei aos jovens Humboldts as 24 classes do systema phytographico de Linneo, que o *mais velho comprehendeu muito façilmente*, conservando bem os nomes de memoria.» Bruhns *Alex. von Humboldt*, *I*, 31.

nação a litteratura, comprehendia facilmente as explicações do doutor Heim, em quanto Alexandre, o qual depois tão alto se levantou, que ao irmão quasi escondeu na sua penumbra, era lento e remisso no aprender, com o que a mãe se amargurava e se desconsolava o preceptor, repetindo ambos muitas vezes «que Alexandre não era fadado para estudar.» [1]

Aos colloquios botanicos, que entre o doutor Heim e os irmãos Humboldts se passavam á hospitaleira mesa do castello, seguiam-se muitas vezes festivas excursões pelos arredores, umas para herborisar e exemplificar a doutrina phytographica, outras para honesta recreação e exercicio. Quando em 19 de maio de 1783 o grande Frederico passou a revista annual ás tropas em Spandau, entre os numerosos espectadores

[1] Alexandre de si mesmo dizia a Freiesleben, seu condiscipulo na escola das minas de Freîberg: «que nos primeiros annos da sua puericia, os seus educadores inteiramente desesperavam de que n'elle se podessem desenvolver as faculdades intellectuaes n'um grau de vulgar intensidade.» Bruhns *Alex. von Humboldt*, etc., I, 37.

d'aquella festividade militar, contavam-se Guilherme e Alexandre de Humboldt acompanhados de Heim e Kunth. Mais tarde gloriava-se Alexandre de Humboldt de haver ainda pertencido áquella velha geração, a quem fôra dado contemplar visualmente o vulto do grande rei. [1] N'esse mesmo anno o doutor Heim veiu habitar em Berlim, e acabou a frequente intimidade, em que vivera no castello de Tegel. Não descontinuou porém a convivencia com os seus dois discipulos, porque pelo mesmo tempo vieram elles para Berlim com o seu educador Kunth, para aperfeiçoarem a sua instrucção com os meios, de que abundava aquella cidade, sempre benemerita das sciencias e das letras.

Em Berlim elegeu Kunth os mestres, que deviam afinar nas differentes disciplinas a educação litteraria e scientifica dos dois adolescentes, confiados á sua direcção. As

[1] *Zu dem Alten Geschlecht, welchem noch aus eigener, jugendlicher Anschauung das Bild des grossen Monarchen vor die Seele tritt.* Bruhns *Alex. von Humboldt, I*, 40.

attenções do pedagogo e dos professores que havia eleito, volveram-se principalmente para Guilherme, de quem se esperava então a gloria litteraria da familia. Alexandre por ser mais novo dois annos, mais debil de compleição, e mais rebelde ao ensino, julgavam impossivel que podesse acompanhar o primogenito nos rapidos progressos que fazia. Alexandre era, de feito, de uma delicada organisação, sempre valetudinario, como depois o foi ainda durante os seus estudos universitarios. Acontecia-lhe o que succedia a Cicero, em quem nos seus primeiros annos lutava o espirito vigoroso, em desegual peleja com um corpo mal accommodado aos trabalhos do entendimento. Era tardo no compreender, como Alberto Magno, o grande naturalista da meia edade, como Newton e Linneo, ou como Byron, que por aquelles annos, no collegio onde estudava, via passar adiante de si na ephemera gloriola das escolas, os que elle devia bem cedo eclipsar com todo o esplendor do seu talento. Durava ainda no illudido preceptor a mesma er-

rada apprehensão de que o mais juvenil dos seus educandos não era nascido para alongar demasiado os seus vôos nas difficeis conquistas da intelligencia.

Loffter, que fôra n'outro tempo capellão do regimento de gendarmes de Berlim, e que então era conselheiro consistorial do ducado de Gotha, já conhecido vantajosamente por um livro seu sobre o neo-platonismo dos padres da egreja, foi o mestre que instruiu os dois pupillos nas linguas e litteraturas classicas. Depois de Loffter presidiu aos estudos hellenicos de Guilherme o sabio Gottfried Fischer, o qual, posto que mais geralmente conhecido como geometra, não era hospede na erudição da antiguidade. Dos estudos litterarios colhia o primogenito os melhores fructos. Alexandre só mais tarde, em 1788, seguindo já os cursos universitarios, aprendeu o grego com Bartholdi. Começaram então a manifestar-se mais abertamente as vocações differentes dos dois irmãos. Guilherme revelou a paixão da linguistica. Alexandre cada vez mais

inclinado ao estudo da natureza, instou o joven Wildenow para que lhe completasse com suas lições os tenues rudimentos, que rastreára da botanica. Chegados já á edade, em que se aproximava o tempo de cursarem as universidades, tiveram os dois Humboldts, pela sollicita diligencia e boa eleição de seu mentor, os melhores mestres, que em cursos particulares os prepararam para apparecerem dignamente nos estudos superiores. Homens de tão subida illustração, como eram Engel, Klein, Dohm, exercitaram os dois irmãos na philosophia, no direito, e nas sciencias sociaes. Havendo o ministro von Schulenburg pedido ao professor Dohm que n'uma serie de licções particulares ensinasse a economia politica e a estatistica a um moço conde de Arnim, sollicitou á baroneza de Humboldt que seus filhos fossem admittidos a este curso, que durou desde o outono de 1785 até junho do anno seguinte.

Se David Friedlander não foi mestre de Alexandre de Humboldt, no restricto signi-

ficado da palavra, influio certamente com as suas doutas conversações no espirito do eminente naturalista: Em uma carta escripta a 27 de dezembro de 1836, Alexandre tecendo o elogio do seu velho amigo, accrescenta: «Friedlander pertence ao numero d'aquelles, que exerceram efficaz influição na direcção das minhas idéas e sentimentos!» [1]

Os outros preceptores dos Humboldts foram Meyer, que lhes deu as primeiras noções das sciencias mathematicas; Le Bauld de Nans, que os instruio nas linguas modernas. A cultura das boas artes foi aprasivel a Alexandre desde os annos da sua adolescencia. Na primeira exposição artistica de Berlin em 1786, figurava um desenho seu a lapis. Anda hoje estampado um retrato do profundo naturalista, desenhado por elle proprio ao espelho em 1814. É singular que em meio de um tão vario e primoroso cultivo intellectual, a musica não viesse accrescentar os seus encantos á educação

Bruhns *Alex. von Humboldt* etc. I, 29.

dos dois Humboldts: «Sómente á musica de qualquer genero, estava cerrado, segundo a phrase do biographo, o sentimento dos dois irmãos. Para Guilherme era intoleravel; Alexandre havia-a por uma *calamidade social.*» [1]

Era por estes tempos que a escola litteraria que póde chamar-se *sentimental* trazia em grande agitação não só os espiritos selectos, mas os leitores do vulgo, tão propensos na Allemanha ás exaggerações da vida intellectual. O *Werther* de Goethe, que mesmo fóra da sua patria, embaciou com lagrimas sinceras a muitos olhos de brilho meridional, tivera esta admiravel popularidade, de que ficou um rasto immenso e glorioso até aos nossos dias. Aos enthusiasmos de *Werther* haviam succedido, sem de todo lhe usurparem a admiração, os enthusiasmos universaes pelo *D. Carlos* de Schiller. Era principalmente na mais elevada e mais alta sociedade, nas camadas superiores, onde os raios do genio, como os do sol, douram

[1] Bruhns *Alex. von Humboldt* etc. I, 32.

primeiro as cumiadas, era nas classes aristocraticas, e principalmente, como succede sempre com as innovações litterarias, na ardente juventude que o sentimentalismo recrutava os seus cultores, os seus evangelistas e os seus martyres.

Guilherme de Humboldt cedeu ao sentimentalismo, que era então a moda na mais elegante sociedade. Cultivou as artes com que se aprimora a educação aristocratica. A graça e perfeição, com que dansava, servia-lhe de recommendação nos mais explendidos saraus perante aquellas pessoas, para quem não fosse bastante a illustração intellectual e os dotes pessoaes do juvenil fidalgo prussiano. D'este tempo datam as suas relações com algumas das mulheres mais espirituosas e mais bellas da culta sociedade de Berlim, com a senhora de Briest (que depois foi casada com von Rockow, e em segundas nupcias com Fouqué), com a senhora Rahel, com Henriqueta Herz, tão notavel pela sua formosura como pelo seu talento, e com a qual os dois Humboldts

mantiveram por muitos annos affectuosa e fraternal intimidade. A vida de Berlim era então monotona geralmente. O grande rei, ao mesmo tempo philosopho e general, vivia principalmente com os sabios francezes, que lhe formavam a côrte litteraria. «Aqui (na phrase de um biographo) gostavam-se as iguarias da cosinha franceza, a frivola philosophia de Voltaire, os paradoxos de La Metherie, e se permanecia estranho ao movimento do espirito allemão.» [1] Os prazeres da vida intellectual eram ainda pouco apreciados. Ao militarismo philosophico de Frederico II succedera o pietismo intolerante de Frederico Guilherme. A sociedade litteraria concentrava-se em poucos eleitos do livre pensamento e da elegante cultura espiritual. Quasi todos os homens e mulheres d'esta sociedade pertenciam a familias hebraicas. Henriqueta Herz attestava na formosura proverbial e na vivacidade graciosa do seu espirito a sua filiação na velha raça proscripta. Alexandre revelava já

[1] Bruhns *Alex. von Humboldt*, I, 41.

nos annos juvenis a predilecção, com que sempre se deliciou na convivencia das mulheres espirituosas e no tracto dos talentos de eleição. Alexandre (refere o seu biographo) dançava com primor. Henriqueta Herz teve-o por mestre no *menuete à la reine*, e o futuro investigador da natureza recebia em retorno da amavel judia de Berlim as primeiras noções da escripta hebraica. Alexandre, se dermos credito ao seu biographo, era tido muitas vezes por oraculo nos negocios do coração. [1] Ao sentimentalismo da paixão substituiu Alexandre todavia o sentimento da natureza. A litteratura e a philosophia natural ficaram repartidas, em amigavel partilha, entre os dois irmãos. Em quanto Guilherme estudava as obras de Goethe e de Schiller para desentranhar exemplos e provas para a esthetica do romantismo, Alexandre explorava os trabalhos scientificos do poeta de Weimar, e admirava antes em Goethe o subtil indagador das metamorphoses organicas do que o apaixo-

[1] Bruhns *Alex. von Humboldt*, I, 48.

nado narrador das *Leiden des jungen Werthers*.

Até 1786 passaram assim os dois irmãos, ora aproveitando em Berlim os meios de instrucção, que já por aquelles tempos offerecia, posto que ainda em rudimentos, a que é hoje metropole das letras e sciencias allemãs, ora renovando no castello de Tegel sob a amoravel tutella de uma extremosa mãe os dias, em que a infancia lhes discorrera entre carinhos de familia e estudos nunca violentados nem brutaes. Tudo conspirava para atapetar e enflorar o accesso dos Humboldts á sciencia e á reputação. Nascidos de uma familia illustre e aulica, não lhes faltavam na côrte e nos poderosos os mais sollicitos patronos, que lhes ajudassem a fortuna. Mimosos filhos d'ella, educados com a sumptuosidade dos ricos, nunca haviam aprendido quanto custa a gloria, quando a penna, que a ha de conquistar, é ao mesmo tempo a enxada pesadissima, com que em vigilias inquietas se ganha o pão de cada dia. Podiam assim, mais feli-

zes que mil outros engenhos de eleição, comprar a posteridade, e ceifar os louros sem pensar no salario, que rebaixa e amesquinha os productos intellectuaes.

II

Educação universitaria — Viagens scientificas — Encargos officiaes — Primeiros escriptos — Humboldt e Moreau — Jéna e Weimar — Dresde, Viena, Salzburgo, Paris — Projectos mallogrados — Partida para a America.

Em 1786 deixava de existir o heroe da Prussia. O vencedor de Rossbach ia repousar em Potsdam, deixando por legado á sua patria um logar preeminente na historia das nações. N'esse mesmo anno os dois Humboldts principiavam a sua vida academica. A universidade de Francfort-sobre-o-Oder era então frequentada com predilecção pelos mancebos nobres de Brandenburgo e Pomerania, os quaes estudando ali as chamadas *sciencias cameraes (Kameralwissenschaften)* se habilitavam para a administração. Ali se

foram matricular os dois irmãos. Agora pela primeira vez se apartavam na carreira. Guilherme seguiu a jurisprudencia. O direito não ia conforme á vocação naturalista do secundogenito. Na faculdade de sciencias administrativas se inscreveu, pelas achar mais chegadas e affins ás sciencias da natureza, a que o estava sempre convidando a sua genial predilecção.

Da universidade de Frankfort, aonde a baroneza de Humboldt mandára os filhos por conselho do celebre Kant, para os ter menos distantes de si, em quanto se habilitavam para entrar no serviço do estado, passou Guilherme á universidade de Goettingen. Alexandre veiu passar em Berlim o inverno de 1788. Não esteve ocioso na capital. D'esta epocha data a sua mais estreita ligação com Wildenow, que, sendo ainda de poucos annos, acabava de publicar a sua *Flora de Berlim*. «*Je devins passioné pour la botanique, surtout pour les cryptogames*, escreve Humboldt n'uma das suas cartas a Pictet. *La vue des plantes exotiques*,

même sèches dans les herbiers, remplissait mon imagination des jouissances, que doit offrir la vegétation des pays plus tempérés.» [1] Eram frequentes as suas excursões em volta de Berlim, já herborisando, já fruindo o prazer de contemplar a natureza nas suas multiformes revelações. N'uma carta escripta a 25 de fevereiro de 1789, narrando os seus estudos botanicos, apparece já plenamente desabrochada a paixão do naturalista, esta admiração eloquente, que em face da natureza vegetal, apparece mais tarde formulada nos *Aspectos da natureza* (Ansichten der Natur). Á sua breve demora na capital da Prussia se referem alguns dos trabalhos de Humboldt na gravura a agua forte, em que teve por mestre a Chodowiecki. N'esta mesma occasião ouviu Humboldt as licções, que Moritz professava sobre a esthetica em Berlim. Estava por aquelles tempos a universidade *Georgia Augusta* no auge da sua brilhante reputação. Era concorrida por todos

[1] Brockhaus *Conversations — Lexikon*, art. *Alex. von Humboldt.*

os que desejavam aperfeiçoar-se na litteratura e nas sciencias e ouvir os mais insignes e profundos pensadores da Allemanha. Em Goettingen se estabeleceram os Humboldts, Guilherme nos principios do anno de 1788, Alexandre na primavera do seguinte anno. Era a universidade uma das mais populosas da Allemanha. Ali teve Humboldt por companheiros nos estudos a dois principes inglezes, Ernesto Augusto, que depois foi rei de Hannover, e Adolpho Frederico. O celebrado conde, mais tarde principe de Metternich, alojava-se na mesma casa de hospedes, onde Humboldt vivia. Oltmanns, que depois collaborou na redacção da parte astronomica da viagem ás regiões equinoxiaes do Novo Mundo, cursava n'aquelle tempo os estudos em Goettingen. Ali encontrou Alexandre todas as condições, que podia desejar para seguir sob os auspicios mais felizes a vocação, que o estava cada dia votando com mais ardor ás observações e aos estudos das sciencias naturaes. A universidade de Goettingen chegava en-

tão ao ponto culminante da sua fama e esplendor. Os altos estudos philologicos andavam ali desveladamente cultivados. Era porém pelo ensino profundo das sciencias mathematicas, medicas e naturaes que a *Alma Mater* da Saxonia eleitoral se distinguia das outras universidades allemãs. Ali professava o illustre Blumenbach, o fundador da anthropologia, o precursor de Cuvier na creação da anatomia comparada, como corpo de sciencia philosophica, o naturalista infatigavel, que em todos os reinos da natureza soubera dominar e a todos esclarecer com a luz vivissima do seu talento perscrutador e sagacissimo. Ali ensinava tambem Heyne, que pelas suas investigações philologicas e pelo seu engenho parecia haver resuscitado e rejuvenecido a antiguidade; ali professava este homem eruditissimo as litteraturas classicas e a archeologia, explicava os tragicos, lia e commentava Aristophanes, Homero, Virgilio, Horacio, Plauto, Cicero e desvendava aos seus numerosos discipulos as antiguidades gregas e romanas. D'elle ouviu

Humboldt as licções de archeologia e com elle se enlevou nos commentos da *Iliada*. Fructo da sua applicação aos estudos severos da archeologia classica foi uma memoria escripta por Humboldt sob os auspicios de Heyne, durante a sua estancia em Goettingen. Tinha por assumpto a tecelagem na antiguidade greco-romana.

A archeologia e a philologia foram terreno commum onde se encontraram de novo os dois irmãos. Ambos cultivaram os estudos philologicos e a historia das artes antigas e modernas. A historia, porém, com os seus systemas philosophicos prendeu com maior predilecção o espirito de Guilherme, em quanto Alexandre a queria interrogar principalmente como um subsidio para as suas investigações geographicas e ethnologicas. Guilherme applicou-se com fervor ás litteraturas classicas, e versou com mão frequentissima os escriptos philosophicos de Kant, que dominava então como soberano a todos os cultores da sciencia especulativa. Alexandre seguia assiduamente os cursos do

professor Blumenbach, o de Beckmann ácerca da economia, o de Spittler sobre a historia, o de Lichtemberg sobre a luz, o calor e a electricidade e preparava-se ouvindo aquelles oraculos da sciencia, para as doutas lucubrações da sua vida scientifica.

Em quanto frequentava a universidade de Goettingen fez Humboldt varias excursões. Em umas d'ellas demorou-se oito dias nas aguas de Pyrmont, onde se encontrou com alguns dos sabios eminentes d'aquelle tempo, «e tambem infelizmente com sete ou oito principes», accrescenta maliciosamente e com o seu sarcasmo fino e habitual o filho do cortezão e o futuro camarista do rei Frederico Guilherme IV.

Da viagem scientifica realisada por Humboldt em 1790 e cujos pontos principaes foram Kassel, Giessen, Frankfort sobre o Meno, Darmstadt, Heidelberg, Spira, Mannheim, Moguncia, Bonn, Colonia, Düsseldorf, Munster, Paderborn, foram fructo principal as «*Mineralogische Beobachtungen ueber einige Basalte am Rhein* (observações mineralogicas

sobre alguns basaltos junto do Rheno). N'este escripto percebe-se já a feição proeminente no espirito do grande naturalista, a feliz e fecunda associação dos estudos da natureza com as investigações philologicas, de que deu mais tarde admiravel testemunho a immensa erudição encyclopedica do *Kosmos*. Esta memoria sobre os basaltos tinha sob o aspecto philologico tanto mais valor de occasião, quanto por aquelle mesmo tempo o professor Witte, de Rostock, defendera com a maxima gravidade a excentrica doutrina de que as pyramides do Egypto não eram mais do que as reliquias de uma antiga erupção vulcanica.

De todos os professores, que Alexandre de Humboldt ouvio em Goettingen, foram Heyne e Blumenbach os que mais efficazmente influiram sobre o destino intellectual do mancebo, cuja elevada intelligencia souberam apreciar pelos quilates que valia. Tinha o professor Heyne por genro a George Forster, com quem os dois irmãos entraram logo em frequente intimidade. Ha-

via Forster acompanhado o capitão Cook na sua segunda circumnavegação, e pertencera a esta aventurosa e celebrada expedição na qualidade de explorador naturalista. Lembremo-nos do encanto, que produziriam no espirito de Alexandre as narrações de Campe, quando lhe exaltava a infantil imaginação com as viagens fabulosas de Robinson, e julguemos com quanta maior intensidade lhe seriam deliciosas as narrativas de Forster, que circumdara o globo, que visitara realmente as regiões mais diversas pelos aspectos da natureza, pelas raças dos habitantes, e pelos costumes das povoações. Imagine-se agora quanto se estreitariam os vinculos da amisade entre Forster e Humboldt, e que feliz influencia havia de exercer o companheiro do famigerado navegador na alma de Alexandre, sedenta de contemplar, em longinquas peregrinações e em viagens exornadas de inesperados episodios, a magestade infinita do universo.

Forster, como homem que alargara o espirito com os olhos pelas solidões do Ocea-

no, que soltara todas as prisões da patria nas terras quasi virgens do Novo Mundo, fortificara com as suas excursões o amor da liberdade, tão grato aos que deixaram por muitos annos estes carceres, que se chamam cidades, onde a civilisação tem presos os homens pelas cadeias da tradição. É por ventura a Forster que Alexandre deveu a sua feição cosmopolita, que sempre o caracterisou e que elle soube conciliar com o patriotismo de um allemão; a liberdade, com que sempre cortezão e familiar de reis, e melhor que adulador, amigo dedicado de soberanos, saudou a emancipação dos povos, e alliou muitas vezes por um paradoxo, só possivel nos genios, a lealdade cavalleirosa á realeza com as mais notaveis predilecções da democracia.

Forster tinha profunda e larga erudição em varias provincias do saber. As sciencias physicas e naturaes na sua vasta compreensão eram assumpto de seus estudos. A philosophia, a litteratura, as boas artes, a geographia, a historia, as sciencias so-

ciaes eram por elle cultivadas com amor. Das linguas classicas e das modernas, sem excluir a portugueza, (segundo affirma o seu biographo) umas lhe eram familiares, outras não ignotas. A sua narração da segunda viagem de Cook era havida por modelo no enlevo e na exacção das discripções. Humboldt em varios tempos da sua vida e em diversos logares de suas obras, pagou a Forster em phrases extremosas e encarecidas o preito da sua admiração e agradecimento.

Forster, que tinha sido senão o primeiro, um dos primeiros e porventura o mais illustre em aproveitar as longas navegações em beneficio das grandes conquistas intellectuaes, era, na phrase de um biographo, a antecipação, o precursor do insigne naturalista. [1]

Poucos tempos depois Forster foi nomeado conselheiro *(Hofrath)* e bibliothecario da universidade eleitoral de Moguncia, e deixou Goettingen para ir desempenhar a sua

[1] Bruhns' *Alex. von Humboldt* I, 95.

nova commissão. Com Forster continuaram sempre os dois Humboldts as suas cordiaes e affectuosas relações, e da mulher d'elle, que depois casou com o conhecido escriptor Huber, dizia Guilherme, o qual tanto se comprazia na convivencia das mulheres espirituosas, que era a primeira do seu tempo.

Dois annos decorreram para Humboldt nos estudos de Goettingen. Havia Alexandre cursado com o maximo proveito as disciplinas historico-naturaes, archeologicas e philologicas. Quasi cincoenta annos mais tarde em 1837, no anniversario secular da universidade *Georgia Augusta*, confessava Humboldt que n'esta escola superior havia recebido a mais nobre e valiosa parte da sua educação intellectual. Guilherme tivera emprehendido n'este curto periodo algumas pequenas e apraziveis excursões, entre ellas a que o levou ao Hannover, onde se avistou com Jacobi, o celebre philosopho, que refutou a Kant e a Fichte, com Rehberg, com a senhora de Wangenheim, com Bran-

des, e Zimmermann, o melancolico auctor da *Solidão*. Era chegado para os Humboldts o tempo de darem por conclusos os estudos universitarios e de entrarem na vida positiva, onde o nascimento e as protecções de sua familia lhes asseguravam boa estreia e rapidos augmentos no serviço official.

Passava-se isto na segunda metade do anno de 1789. Os dois irmãos deixando a universidade de Goettingen, não volviam immediatamente á patria, antes iam em differentes direcções seguir cada um d'elles a vocação, com que os tinha dotado a Providencia.

Guilherme, que mais particularmente havia de ser estadista e diplomata, aproveitava o ensejo, que lhe offerecia a sociedade franceza, para estudar de perto a sciencia politica n'um dos mais memoraveis laboratorios, onde se hajam passado as temerosas reacções d'esta chimica social, que se chama a revolução. Em companhia de Campe, seu antigo mestre, que então era conego e conselheiro em Brunswick, se foi a Paris

para assistir, como dizia o prussiano enthusiasta, *ás exequias solemnes do despotismo francez.*

Singular e estranha coincidencia! Em quanto Guilherme, o futuro politico, ministro, embaixador, ia presenciar, com uma especie de deleitação artistica, a revolução social, que ia troando nas praças de Paris, Alexandre erguia mais alto os vôos da intelligencia, ia interrogar, pela primeira vez a natureza e decifrar com a sua propria observação, as revoluções do globo. Preludiava então os seus estudos geologicos com a sua memoria, que tem o titulo de «Observações mineralogicas sobre alguns basaltos do Rheno» *(mineralogische Beobachtungen ueber einige Basalte am Rhein)*». A geologia era já n'aquelle tempo um dos seus estudos predilectos.

A alta reputação de Werner, que por estes annos professava na academia das minas de Freyberg, e fundava a mineralogia systematica, o commercio epistolar de Alexandre de Humboldt com George Forster,

sobre os assumptos geologicos, e as viagens de exploração, tinham-lhe incendido a tal ponto o desejo de estudar a natureza mineral, que, em 1790, em companhia d'aquelle seu amigo, e de outro naturalista chamado von Geuns, emprehendeu uma viagem ao Rheno, e, atravessando a Hollanda, estendeu a excursão á Inglaterra. Na Grã-Bretanha floreciam os maiores engenhos da tribuna. Era a quadra brilhante de Pitt, de Burke e Sheridan. Era o tempo, em que o famoso processo de Warren Hastings, o oppressor da India ingleza, excitava os grandes rasgos da eloquencia parlamentar. Sendo já de annos provectos, lembrára-se Alexandre de que na mesma noite ouvira na camara dos communs aquelles tres eloquentes oradores. A França, e a sua tormentosa capital, eram então o theatro dos grandes acontecimentos, que estavam assombrando o mundo inteiro, e eram para os desapaixonados pensadores a esperança da humanidade, para os potentados o terror da abdicação. Havia para Alexandre um

attractivo irresistivel em encaminhar a Paris a sua jornada. A revolução estava no periodo feliz do enthusiasmo e da fraternidade universal. Humboldt vio a grande capital, onde estanceou por alguns dias. D'estas primeiras viagens foi resultado a obra, que acabámos de citar. Seguindo as theorias geologicas então professadas por Werner, o mais celebre oraculo d'aquelles tempos, attribuia Humboldt aos basaltos uma origem neptunina, errando com aquelle grande mestre sobre um ponto que a sciencia moderna esclareceu e corrigiu.

A viagem emprehendida com Forster durou desde o inverno de 1789 até á primavera do seguinte anno de 90. Por este tempo entrou Guilherme na vida publica, sendo promovido a conselheiro de legação e assessor do tribunal de justiça de Berlin. Alexandre, que havia escolhido as sciencias *cameraes* ou administrativas, para fazer d'ellas o assumpto da sua vida pratica, desejava preparar-se com mais serios estudos de applicação. A predilecção, em que sem-

pre tivera as sciencias mineralogicas, a vocação de naturalista, que mais se lhe avivára com a viagem montanistica do Rheno, despertaram-lhe o desejo de eleger por sua profissão a de engenheiro de minas, porque servindo o estado acharia ao mesmo tempo afortunadas occasiões, com que dilatar o horisonte das suas investigações e dos seus trabalhos nas sciencias da natureza. Com o intento de aperfeiçoar-se na contabilidade e nas sciencias economicas passou em 1790 a Hamburgo a cursar a academia do commercio, que ali era dirigida por Busch e Ebeling.

Esta notavel escola, onde se aprendia o que as velhas universidades com o seu imperturbavel classicismo não podiam ensinar, era então cursada pelos mancebos que se destinavam aos officios da superior administração, e que de varias nações sem exceptuar a Portugal, accorriam a completar a sua educação no tocante á vida practica.

Em Hamburgo não deslembrou Humboldt os seus dilectos estudos da mineralogia e

da botanica. Ali começou a aprender o dinamarquez e o sueco, persuadido como estava de que uma educação polyglotta é um instrumento poderosissimo para quem desejar conseguir uma como sciencia universal. Não se esqueceu de cultivar a philologia classica, a que desveladamente se havia em Goettingen applicado. Até então a sua organisação fôra sempre debil e pouco apta para longos trabalhos e excursões penosas. Desde a sua permanencia em Hamburgo, robusteceu-se-lhe a saude, com o que se julgou mais bem disposto para poder seguir as suas inspirações de viajante e levar a cabo as largas navegações, com que desde menino sempre o estivera deliciando a imaginação estimulada pelas pittorescas narrações de Forster e de Campe.

De poucos mezes foi a sua permanencia na cidade commercial. A geognosia era a sciencia, porque desde mui novo se apaixonára. A fama de Werner, o celebre director da academia mineira de Freyberg de longe o estava convidando a ir ouvir as

prelecções, com que aquelle professor ia fundando a mineralogia scientifica, sem lhe tirar o caracter de sciencia pratica e experimental. A escola de Freyberg era o centro de toda a sciencia mineralogica. Ali acudiam a ouvir o grande mestre os estudiosos da oryctognosia. Ali se congregavam alumnos que vinham presurosos de todas as regiões, da Scandinavia, da Russia, da Italia, de Inglaterra, de França, de Hespanha e Portugal.[1] Alexandre de Humboldt resolveu matricular-se na academia de Freyberg. Na primavera de 1791 para ali foi residir. Ali achou, frequentando já os estudos d'aquelle celebre instituto, o que depois foi um dos mais illustres geologos allemães, o prussiano Leopoldo von Buch, a quem a sciencia deve, pelas suas observa-

[1] Na festa do anniversario secular de Werner, a 25 de setembro de 1850, honrando Humboldt o grande mineralogista, e expressando quanto devera ao seu magisterio e direcção, dizia da escola de Freyberg que ella tinha exercido beneficos influxos em toda a Europa e nas regiões do Novo Mundo, sujeitas a Hespanha e Portugal. Bruhns' *Alex. von Humboldt*, I, 131.

ções e pelos seus escriptos, uma boa parte dos thesouros accumulados n'este seculo para seu engrandecimento e perfeição. Um dos mais notaveis companheiros de Humboldt na academia mineira de Freyberg, foi um sabio, que pouco depois illustrou com o seu nome e a sua gloria, a Portugal, de quem era ainda então filho, e ao Brazil, de cuja liberdade e independencia foi um dos benemeritos fundadores. Foi José Bonifacio de Andrada e Silva, cuja reputação como distincto mineralogista ficou não sómente assignalada na sua patria, senão auctorisada entre os estranhos com geral applauso. Ao passo que Alexandre entrava na escola de Freyberg, seu irmão Guilherme enlaçava os seus destinos com os de Carolina von Dacheroden, filha do presidente cameral do mesmo appellido, a quem conhecera e tratára em Erfurt, no tempo em que de volta de Paris ali estanceára por alguns mezes.

Em Freyberg se demorou Alexandre desde junho de 1791 até quasi á primavera do

anno seguinte de 1792, cursando com exemplar aproveitamento os estudos de metallurgia e mineração, que ali se professavam com applauso de toda a Allemanha scientifica.

Saindo da academia, com habilitações de engenheiro, foi logo promovido, sendo de vinte e dois annos de edade, a assessor na inspecção geral das minas e officinas metallurgicas em Berlim *(Bergwerks-und Hutten-administratior)*. Ainda no mesmo anno o despacharam engenheiro em chefe de minas *(Oberbergmeister)*, com a missão de superintender os trabalhos da lavra, executados no principado de Franconia, que havia pouco entrára nos dominios da casa de Brandenburgo. Alexandre passou, no exercicio de suas funcções, a estabelecer-se em Baireuth.

O seu novo cargo impoz-lhe a obrigação de uma jornada, que com o intento de visitar as mais notaveis salinas da Allemanha e da Gallizia, e alguns outros estabelecimentos de mineração, levou a cabo desde junho de 1792 até fins de janeiro do se-

guinte anno. Percorreu Humboldt n'esta excursão o principado de Franconia, a Baviera, a Selesia, a Austria, e examinou as celebradas salinas de Wieliczka. Passando n'esta romagem scientifica pela cidade de Breslau, ali o recebeu por socio a academia leopoldina-carolina de curiosos da natureza, inscrevendo-o nos seus registos, segundo o uso ainda hoje seguido por aquella douta corporação, com o cognome classico de Timêo Locrense.

Em Baireuth principiaram as ligações familiares e estreitas entre Alexandre de Humboldt e o barão de Hardenberg, que então era, sendo ainda de verdes annos, ministro provincial do principado, e depois, como estadista, se elevou a grande altura na sua patria e foi amigo e socio de Guilherme nos successos politicos da Prussia.

Em 1794 foi Humboldt promovido a conselheiro de minas *(Bergrath)*.

Até o anno de 1795 continúou Humboldt as suas funcções de engenheiro das minas e de director das do principado de Bay-

reuth. Aqui se lhe renovaram mais vivos e ardentes os desejos de emprehender e acabar a sua tão suspirada viagem scientifica ás mais apartadas regiões. Esperando a sazão, em que o sonho doirado da sua infancia podesse converter-se em realidade, o seu espirito vigoroso e observador cultivava com applauso as sciencias physicas e naturaes. O seu mestre de Freyberg achava n'elle um apostolo infatigavel da hypothese neptunina. Humboldt, seguindo os erros auctorisados por tão veneravel geologo, adoptára a theoria de que todas as revoluções do globo haviam tido a agua por agente exclusivo e universal. As memorias de Alexandre de Humboldt sobre varios pontos da physica, da chimica, da mineralogia, e da geologia se publicaram por aquelles tempos no *Botanische Magazin*, no *Jornal das Minas* de von Moll, nos jornaes de Koehler e de Hoffmann, nos *Annaes de chimica* de Crell, nos *Annaes de Poggendorf*, ainda hoje tão celebrados nas sciencias physicas, nas folhas scientificas, que então eram redigidas

e publicadas por Gren, Scherer, Geler e Gilbert, nos jornaes scientificos francezes, *Annales de chimie* e *Journal de physique.*

Nos escriptos d'estes annos, em que Humboldt era muito novo, se encontram já em germen as altas concepções, que deveriam mais tarde, na idade varonil, e depois de maturado o talento pela experiencia, conquistar para o seu auctor os louros da mais indisputavel gloria.

E é digna de reparo a larga e fecunda comprehensão em que o sabio prussiano desde os primeiros dias da sua actividade scientifica, havia tomado a noção do *Kosmos* e da harmonica e maravilhosa connexão, com que todos os phenomenos particulares se deviam enlaçar para crearem no espirito a sublime idéa do Todo universal.

Entre todas as obras d'esta primeira epocha, d'esta adolescencia intellectual, alcançou a preeminencia a que tem por titulo *Florae Fribergensis Specimen* ou *Flora das plantas cryptogamicas principalmente subterraneas do territorio de Freyberg (Flora der kryp-*

togamischen Gewaechse der Freiberger Gegend). N'esta obra se consignam os resultados das observações botanicas de Humboldt na região mineira de Freyberg. A esta obra servem de continuação os *Aphorismos sobre a physiologia chimica das plantas*, os quaes contém engenhosas reflexões sobre os processos da nutrição vegetal, a coloração das plantas, e varios outros assumptos phytographicos, que ainda hoje, que são decorridos tantos annos e tão admiraveis tem sido os progressos da sciencia, estão denunciando quanto era já por aquelles tempos vigoroso e original o talento de Humboldt e conscienciosa e perspicaz a sua observação.

No anno de 1794 fez com o ministro de estado, barão von Hardenberg, uma viagem politica ao Rheno, a qual principalmente serviu para mais lhe excitar, se era possivel, o ardentissimo desejo, a quasi monomania de uma larga peregrinação.

O ministro prussiano ia n'esta occasião ao quartel general do rei da Prussia, que

acompanhava os seus exercitos na guerra contra a republica franceza.

«Desde os meus primeiros annos, diz Humboldt, senti sempre um anhelo vehementissimo de lustrar as regiões mais remotas, e menos visitadas de europeus. Este desejo é o caracter de um periodo da nossa vida, em que ella se nos affigura como um horisonte sem limites, no qual nada ha mais delicioso para nós, do que as grandes commoções do nosso espirito e a perspectiva das aventuras e dos perigos. Apesar de nascido n'uma terra, d'onde não ha immediata communicação com as duas Indias, e de ter depois habitado nas montanhas, que demoram longe do Oceano e são apenas celebradas pelo aspecto e actividade da sua mineração, foi sempre em mim crescendo mais e mais a sympathia pelo mar e pelas dilatadas navegações».

A paisagem das montanhas do Hartz, o estreito horisonte da Allemanha não podia já conter o espirito de Humboldt, que esvoaçava para desconhecidas regiões. Em

1795 Alexandre leva á execução o plano que já antes havia traçado de fazer uma viagem scientifica á Suissa e á Italia. N'esta occasião o ministro von Heinitz, a quem era já notoria a capacidade e competencia de Humboldt, apertou com elle para que acceitasse o encargo de superintender os trabalhos mineiros, as salinas e as fabricas na provincia da Silesia. N'este ponto porfiavam as instancias, insistindo o governo em nomeal-o, e perseverando Humboldt em deixar o serviço official para mais desasombrado seguir a ingenita vocação de viajante e explorador em affastadas regiões. [1]

Em companhia do geologo Freiesleben atravessa Humboldt as montanhas do Jura, perlustra os Alpes da Suissa e da Saboia, e entra em convivencia intellectual com os De Luc, Pictet, Saussure, que então floreciam na Helvecia como oraculos das sciencias naturaes. A geognosia, a botanica e a physica do globo, são os assum-

[1] Bruhns' *Alex. von Humboldt*, I, 161-165.

ptos principaes da sua laboriosa investigação.

Quizera chegar á Italia meridional e visitar os districtos vulcanicos de Napoles e da Sicilia. A guerra ardia porém na formosa terra italiana, tão agitada quasi sempre pelas commoções da sociedade como o seu solo pelos vulcões. Humboldt houve de limitar á Alta-Italia ò seu passeio e addiar para mais tranquillos dias a ascensão tão desejada do Vesuvio.

De volta á patria passou Humboldt pela cidade de Rastadt, onde estava congregado o celebre congresso. D'ali tornou a exercer as suas funcções technicas nos districtos confiados á sua superintendencia. Os encargos officiaes não o divertiam de seus propositos scientificos. D'aquelle tempo datam as suas preciosas investigações sobre a acção physiologica do galvanismo, que era então o descubrimento dominante na sciencia. Consignou Humboldt o fructo dos seus trabalhos na obra que tem por titulo *Versuche ueeber die gereizte Muskel-und Nerven-*

faser, nebst Vermuthungen ueeber den chemischen Process des Lebens in der Thier-und Pflanzenwelt e logo depois foi traduzida em francez por Jadelot com o titulo de *Expériences sur le galvanisme et en général sur l'irritation des fibres musculaires et nerveuses.* Este escripto levantava Humboldt á primeira plana dos physicos d'aquelle tempo e dava-lhe um eminente logar entre os physiologos, que buscavam penetrar com o subsidio das experiencias galvanicas e voltaicas os mysterios da vida animal. E é notavel que o illustre naturalista não limitava a sua experimentação á ran proverbial, antes em si mesmo e com detrimento de seus nervos e tecidos, iniciava dolorosas e arriscadas experiencias para melhor confirmação de sua doutrina. [1] Com a fortaleza e abnegação de um verdadeiro martyr da sciencia, o illustre sabio atormentava o proprio corpo com violentos vesicatorios, e nas regiões correspondentes ao musculo trapesoidal e ao deltoide, appli-

[1] Bruhns' *Alex. von Humboldt,* I, 172.

cava correntes voltaicas para observar, em meio de dôres excruciantes, os effeitos da electricidade no organismo.

Com aquelle precioso livro, segundo a expressão do sr. de la Roquette, foi Humboldt o fundador da physiologia nervosa. [1]

D'aquelles tempos datam os estudos e trabalhos de Humboldt para colligir e ordenar os materiaes de uma grande obra que traçára. Do que n'ella se propunha descrever e illucidar deu noticia n'uma carta escripta ao professor Werner de Freyberg. Tinha por assumpto a constituição geognostica da Europa, e as leis da sobreposição e inclinação dos terrenos stratificados. Os apontamentos colligidos para este livro, que não chegou a publicar-se, foram depois aproveitados para compôr mais tarde a obra que tem por titulo: *Essai géognostique sur le gisement des roches dans les deux hémisphères*, e foi traduzida em allemão pelo sabio geologo Leonhard.

[1] *Notice sur la vie et les travaux de M. le baron de Humboldt*, par M. de la Roquette. Paris, 1860, 8.

A esta epocha pertencem os trabalhos, que tinham por objecto a que um biographo allemão chama cabalmente a *meteorologia subterranea.* N'aquella sasão preparou Humboldt os materiaes para as suas duas memorias: *Recherches sur la décomposition chimique de l'air athmosphérique et sur les gaz souterrains*, as quaes ambas foram dadas á estampa em Brunswick em 1799. Dos estudos empreendidos n'aquelle tempo com o fim de melhorar a sorte dos mineiros, se originou o inventar Humboldt um novo apparelho para facilitar a respiração na viciada athmosphera subterranea e varias lampadas para evitar as perigosas explosões.

Um accidente inopinado veio desviar por algum tempo de seus estudos scientificos a Alexandre de Humboldt. O general Moreau occupára em 1796 o territorio do Wurtemberg, que o duque desamparára espavorido. As armas francezas, então no fastigio de suas glorias, punham o terror aos potentados. A Prussia estremecida pelo

impensado incurso do general republicano, acudio a negociar com o futuro vencedor de Hohenlinden, na esperança de que elle respeitasse a neutralidade aos principados de Hohenlohe e de Franconia. Tractou de deputar plenipotenciario. Caío a eleição em Humboldt. Foi-se ao quartel general francez e concluio felizmente a negociação. Moreau, o émulo de Bonaparte e o general Desaix, que servia sob as suas ordens, cultivavam com predilecção as sciencias physicas. Nasceu a intimidade entre o illustre plenipotenciario e os audazes invasores. Humboldt, que ao partir para a sua delicada commissão, maliciosamente commentava a sua plenipotencia, [1] manifestava depois a viva admiração por este juvenil e

[1] «Je suis devenu une personne très importante... Mais il nous fallait absolument négocier. Eh bien! le père eternel fait arriver les français. Voilá nos gens. Notre bonheur est fait... On veut donc envoyer une personne *très habile* au général Moreau. Cette personne *très habile* pourra avoir de l'esprit comme quatre, je crois qu'il vaudroit mieux qu'elle avait les bras comme vingt-cinq mille.» Carta de Humboldt ao barão de Schuckmann, 17 de julho de 1796 em Bruhns' *Alex. von Humboldt*, I, 177.

talentoso homem de guerra, que foi em Marengo comprar com a sua morte gloriosa a fortuna da batalhá[1]; elogiava enthusiasta a grandeza epica dos exercitos francezes e o sentimento republicano, que n'elles transluzia com o fanatismo heroico de uma nova religião.[2]

Uma perda irreparavel e uma dôr profunda vieram enlutar pouco depois os louros já colhidos por Humboldt na brilhante carreira, que encetára. A baroneza de Humboldt, esta mulher mil vezes mais illustre por ser mãe de Alexandre e de Guilherme do que pelo esplendor nobiliario do seu berço, morrera no castello de Tegel, que lhe havia sido residencia habitual. Durante as suas ultimas excursões recebera Alexan-

[1] «O general Desaix pertence ao numero dos homens mais amaveis e dignos de admiração, que tenho visto. A sua cabeça é como a de Cromwell, mas com maior generosidade.» Carta de Humboldt a Freiesleben, 2 de agosto de 1796 em Bruhns' *Alex. von Humboldt*, I, 178.

[2] «Estes homens (os francezes) tem effectivamente a feição dos republicanos da antiguidade... Nunca exprimem a idéa geral da republica sem accentuarem a palavra com emphatica magestade.» Ibid.

dre a triste nova, que de Jéna o irmão lhe transmittira, de que sua mãe padecia grave enfermidade, a qual se annunciava derradeira. Em fins de dezembro de 1796 uma carta de Guilherme participava a Alexandre que a baroneza deixára de existir a 19 de novembro antecedente.

Guilherme vivia desde 1794 em Jéna, que poucos annos depois á illustração puramente intellectual e pacifica dos seus pensadores e dos seus philosophos, ajuntou a sanguinosa memoria de uma batalha, funesta á independencia, lastimosa ás armas prussianas. Era Jéna então uma das cidades de eleição para os espiritos selectos, um como pequenino emporio intellectual, onde vinham cruzar-se dos extremos da Allemanha os fios numerosos do pensamento nacional.

Era Weimar o segundo fóco da vida intellectual na Germania rejuvenescida e emancipada dos ultimos vestigios de barbarie e incultura. Nas duas cidades, que poderiam dizer-se a Athenas e a Mileto

do mundo germanico, conviviam em espiritual fraternidade philosophos e principes, estadistas e poetas. Weimar e Jéna constituiam, na phrase de um biographo, uma unica familia intellectual. [1] Em Weimar predominava a poesia, a sciencia tinha em Jéna os seus mais ardentes cultivadores.

Ali, n'aquelle ameno encanto de uma sociedade votada quasi inteiramente ás mais sublimes ou ás mais amenas concepções do entendimento, viviam em sincera communidade litteraria Guilherme de Humboldt e sua mulher com Schiller e Goethe,— os maiores engenhos poeticos d'aquelle tempo,— com o philosopho Fichte,— que herdára de Kant o sceptro d'esta monarchia mystica, onde a intelligencia pelo *transcendentalismo* se depura de todas as impurezas do mundo material,— com o historiador Woltmann, com o philologo Schultz, com o antiquario Ilger, tão conhecido nas memorias da academia de Berlin, com o medico Stark, e

[1] Bruhns' *Alex. von Humboldt* I, 186.

com este illustre Hufeland, que reuniu á austeridade racional da mais discreta medicina o trato e a amenidade espiritual do homem de letras.

Em Jéna, mal foram concertados os negocios domesticos com a facilidade, que promettia a ininterrupta concordia e affectuoso extremo dos dois irmãos, tornou a dar novos rebates ao espirito de Alexandre e a incital-o, como já invencivel tentação, o desejo da viagem de longos dias planeada. Era seu intento agora passar-se ás Indias occidentaes, onde a natureza lhe parecia estar de longe sorrindo com toda a magestade grandiosa das suas admiraveis creações.

Em Jéna foi o tempo escasso a Alexandre para se preparar como bom aventureiro a provar fortuna na cruzada, a que pozera o peito resoluto. Ali viu de novo ao geologo Freiesleben; ali com o amavel Goethe estreitou os vinculos da amizade, já d'antes enlaçada. Tal era a persuasiva e efficaz obstinação, com que o preoccu-

pavam os seus estudos scientificos, que no erudito e litterario Guilherme conseguiu despertar o mais vivo interesse pelos seus trabalhos de sabia investigação. Goethe era menos difficil de conciliar e attrair de novo ao culto das sciencias naturaes, que haviam sido nos primeiros annos da sua vida intellectual o thema predilecto de suas locubrações. Goethe era já notavel pelos seus trabalhos ácerca da morphologia organica e da anatomia philosophica, de que apenas então se bosquejavam as primeiras linhas, brilhantemente continuadas n'este seculo pelos escriptos de Lamarck, Cuvier, Etienne Geoffroy Saint-Hilaire, Oken, Meckel, Spix, Carus, e mais modernamente e sob a fórma de mais definidas conclusões pelos estudos de Treviranus, Duvernoy, Serres, Isidoro Geoffroy Saint-Hilaire, Flourens, Milne-Edwards, Owen, Cruveillier, Darwin, Paul Gervais, Charles Martins, Foltz, Haeckel e Lavocat. A anatomia comparada, que é o fundamento das concepções syntheticas e philosophicas sobre as leis geraes

do organismo, já principiára a cultivar-se antes de Goethe. Mas a doutrina das homologias e analogias organicas, esta que seria em relação ás sciencias biologicas o que para a physica do Kosmos é a mechanica celeste, póde affirmar-se affoutamente que teve a Goethe por um dos seus primeiros iniciadores. A feliz inspiração de considerar a vertebra como o elemento primordial de todo o esqueleto, e a folha como o typo unico e primitivo de toda a morphologia vegetal, era digna de nascer no mesmo cerebro privilegiado e valentissimo, onde *Faust* e *Mephistopheles* haviam travado os seus dialogos e urdido o phantastico scenario do seu drama descommunal. Goethe havia publicado em 1786 o seu escripto sobre a organisação do craneo, em 1790 as *Metamorphoses das plantas, (Versuche die Metamorphose der Pflanzen zu erklaren)*, e em 1792 a sua primeira memoria sobre a optica.

A idéa inicial d'esta doutrina da evolução organica havia sido professada por

Linnêo [1] e por Wolff, aquelle philosopho eminente, que estabeleceu a transição desde a escola de Leibniz até o transcendentalismo revolucionario dos quatro philosophos germanicos. [2]

O poeta de Weimar, se não podia reivindicar a absoluta originalidade, tinha jus a ser honrosamente numerado entre os grandes innovadores da philosophia da natureza.

Nos seus primeiros annos cursára na universidade de Strasburgo as sciencias naturaes e frequentára alguns dos cursos medicos. Gloriava-se o poeta da sua diuturna applicação ao estudo do mundo material. «Votei, dizia o auctor do *Faust*, uma grande parte da minha vida ás sciencias naturaes, a que me attraía desde mui novo um amor apaixonado.» [3] Se o poeta de Weimar, pela sua aversão declarada ás sciencias mathematicas, — o mais poderoso

[1] *Prolepsis plantarum (Amenitates academicae* vol. VI, p. 324.)

[2] Schleiden *Grundzuege der wissenschaft. Botanik*, 428.

[3] Bruhns' *Alex. von Humboldt*, I, 188.

instrumento intellectual na racional exploração das sciencias physicas,—foi infeliz nos seus escriptos sobre as côres, a sua inferioridade e os seus erros n'este assumpto, não invalidam os titulos justissimos, com que Wolfgang Goethe se inscreveu entre os grandes philosophos da natureza.

O descubrimento dos ossos intermaxillares no homem é uma das conquistas scientificas do eminente pensador. A falta d'estes ossos rudimentares no esqueleto da nossa especie era considerada por todos os anthropologos, segundo o dizer de Haeckel, como o *mais humano de todos os caracteres humanos* [1], como a mais importante qualidade differencial entre o homem e os simios anthropoides.

«A Goethe, diz o illustre professor de zoologia na universidade de Jéna, pertence a assignalada gloria de haver pela primeira vez estabelecido aquelle facto de tão notavel significado sob aspectos diversissimos, e

[1] Haeckel, *Naturliche Schopfungsgeschiehte* (Historia natural da creação), Berlin 1870, pag. 76.

contra a adversa affirmação de tão grandes auctoridades, qual era, por exemplo, a do celebrado anatomico Peter Camper.»[1] Goethe era pois um dos instituidores da moderna doutrina da evolução e descendencia das especies, um dos mais illustres precursores de Charles Darwin. O fervor e o enthusiasmo, com que elle cultivára os philosophicos e transcendentes problemas das sciencias biologicas, nunca o desampararam, ainda quando os raptos da poesia, mais brilhantes e populares que os da sciencia, o elevavam mais e mais nas regiões da phantasia, para longe das terrenas locubrações da inducção scientifica e da philosophia experimental. Ainda nos dias derradeiros, quando já, transcorridos oitenta annos, começavam a doirar-lhe a fronte severa e magestosa os arrebóes da posteridade, o

[1] «Es ist der Zwischenkiefer also beim Menschen in der That vorhanden, und es gebuhrt Goethe der grosse Ruhm, diese in vielfacher Beziehung wichtige Thatsache zuerst festgestellt zu haben, und zwar gegen den Widerspruch der wichtigsten Fachautoritaeten, Z. B. des beruhmten Anatomen Peter Camper.» Haeckel, *Naturl. Schopfungsgesch.* 76.

velho pantheista de Weimar, seguia com enthusiasmo juvenil a lucta intellectual, que no seio do instituto de França, pendia então entre Cuvier, o illustre conservador, o doctrinario da sciencia, e Geoffroy Saint-Hilaire, o revolucionario da natureza. Debatia-se a questão da permanencia ou da variação das especies organicas. Terçava Cuvier pela doutrina consagrada. Insistia Geoffroy em defender a nova philosophia biologica. Sobre esta pendencia scientifica dictou o poeta o seu parecer n'um escripto, que foi a extrema illuminação d'aquelle genio quasi sobrehumano.[1] Goethe perseverava fidelissimo ás idéas da evolução.[2]

[1] A memoria com o titulo de *Principes de Philosophie zoologique de M. Geoffroy de Saint-Hilaire* foi acabada por Goethe em 1832, poucos dias antes que elle se escondesse na ultima jasida.

[2] Para testemunhar o ardor e a curiosidade, com que Goethe, sendo já de mais de oitenta annos, seguia as contendas scientificas ácerca do mais alto problema da philosophia natural, entra aqui de molde uma anedocta referida por Haeckel, que a tomára de Soret. Chegára a Weimar a nova da revolução de julho e sobresaltára os animos com geral excitação. Soret avistou-se com o poeta, o qual sem mais preambulo exclamou : Que pensaes

Goethe e os Humboldts assistiram a um curso particular de syndesmologia, ou de anatomia dos ligamentos, em que tiveram por mestre ao professor Loder. [1] Goethe ajudou muitas vezes a Alexandre nas preparações anatomicas, com que praticamente illustrava o que aprendia.

A proposito d'esta actividade scientifica, provocada no poeta pela convivencia dos dois Humboldts, a quem elle chamava os seus *Dioskuros*, illuminando-lhe o caminho da existencia, escrevia Goethe a Schiller: «Os

d'este grande acontecimento? Chegou afinal a explosão vulcanica. Tudo arde em chammas. — E' certamente uma historia temerosa, redarguio o interlocutor. Que havia porém a esperar de uma tal situação e de um semelhante ministerio, senão que tudo viesse a parar na expulsão da familia real. — Parece que não nos entendemos um ao outro, respondeu Goethe. Não fallo d'essa gente: a outro facto mui diverso me referi. Fallo d'essa contenda, de tão graves resultados para a sciencia, d'essa lucta que finalmente rompeu na academia, entre Geoffroy Saint-Hilaire e Cuvier.» Haeckel, *Naturl. Schopfungsgesch.* Pag. 79.

[1] D'esta assiduidade com que o poeta seguia o curso do *Hofrath* Loder deixou elle recordação no seu diario *(Tages-und Jahresheften)* Bruhns' *Alex. von Humboldt*, I, 190.

8

meus trabalhos historico-naturaes despertaram da sua hibernação com a presença de Alexandre». [1]

Era já honrosissimo o conceito, em que o auctor do *Faust* havia o futuro escriptor do *Kosmos*. E mais e mais se foi accrescentando com os annos e com os triumphos scientificos de Humboldt a admiração, que lhe sagrava o sabio de Weimar. «Conheço, dizia Goethe, de longos annos a Humboldt, e todavia sempre de novo mais o admiro. Póde affirmar-se que em conhecimentos e em sciencia viva não conhece emulo, nem rival. Humboldt é como um abençoado manancial, que está por muitas bicas sempre borbulhando, e onde por mais amphoras que ali vamos encher, não cessa de jorrar a lympha inexhaurivel». [2]

Sómente n'uma questão, aliás fundamental para a sciencia, se mostrou sempre intra-

[1] Carta de Goethe a Schiller, 26 de abril de 1797 em Bruhns' *Alex. von Humboldt*, I, 191.

[2] *Gesprache mit Goethe in den letzten Jahren seines Lebens* cit. em Bruhns' *Alex. von Humboldt*, I, 198.

ctavel, quasi fanatico, por não dizer feroz, o cultissimo entendimento do auctor das *Metamorphoses vegetaes*. N'esse ponto viveram sempre desavindos os dois grandes espiritos da Allemanha. Humboldt fôra neptunista, ou sectario do dogma werneriano da formação da crusta terrestre pelas aguas. Subjugára-lhe a rasão a auctoridade suprema do mestre de Freyberg. Mas depois que lustrára as classicas regiões, onde é visivel na sua temerosa magestade a acção do calor nos phenomenos geologicos, depois que estudára os vulcões humildes de Napoles e da Sicilia, e os collossos vulcanicos do Novo-Mundo, o cultor antigo de Poseidon desapossára o velho nume de uma parte da sua jurisdicção para conceder ao fogo, o que a sciencia lhe não podia contestar na constructura do nosso globo.

Goethe permanecia fiel ás maximas geologicas de Freyberg. E quando a doutrina vulcanista, pelo orgão de Leopoldo von Buch e de Humboldt, firmava solidamente a sua bandeira, o poeta neptunista, punha

na satanica bocca de Mephistopheles a novissima theoria geogenica e nos labios do doutor o mais impenitente scepticismo.[1] Escrevendo a Zelter em 1831 depois de haver lido os «*Fragments de géologie et de climatologie asiatiques*» de Humboldt, Goethe admirando cada vez mais o engenho fecundissimo do seu antagonista e a sua prodigiosa erudição, dizia: «Que o Himalaya se tenha erguido a vinte e cinco mil pés a cima do sólo e se eleve tão estavel e alteroso ao firmamento, está fóra dos limites da minha intelligencia e o meu systema

[1] Nos versos que no principio do acto IV da parte II do *Faust*, começam *Als die Natur sich in sich selbst gegrundet*, n'aquelles, em que Mephisto diz: «*Als Gott der Herr — ich weiss anch wohl warum* — etc. No acto II na discussão entre Thales e Anaxagoras o philosopho Milesio mantém a sua crença de que a humidade é o principio gérador do universo:

«Im Feuchten ist Lebendiges erstanden»

Homunculus applaude a doutrina do mestre e Anaxagoras oppõe-lhe o vulcanismo:

Plutonisch grimmig Feuer,
Aeolischer Dunste Knallkraft, ungeheurer,
Durchbrach des flachen Bodens alte Kruste
Dass neu ein Berg sogleich entstehen musste.

cerebral estaria de todo o ponto desorganisado — o que seria lastimavel — se n'elle houvesse espaço para semelhantes maravilhas». [1]

Não andou Humboldt a principio tão avantajado no conceito de Schiller, como apesar das dissidencias geologicas, na auctorisada opinião do poeta de Weimar. Schiller, que já então, deixada a profissão medica, fulgurava esplendidamente no Olympo litterario e regia a cadeira de historia na universidade de Jéna, convivera com Humboldt em quanto o sabio n'aquella cidade residira.

Para o jornal, que tinha a Schiller por director e se intitulava *Horen* (as Horas), escreveu Humboldt a elegante e imaginosa composição, a que deu nome de *Der rhodische Genius* (o genio de Rhodes), e muitos annos depois, traduzida do allemão, como appendice se imprimiu na edição franceza das *Ansichten der Natur* (Tableaux de la

[1] Carta de Goethe a Zelter, 5 de outubro de 1831 em Bruhns' *Alex. von Humboldt*, I, 196.

Nature). N'este escripto, que parece haver querido trasladar para as sciencias da natureza a fórma allegorica realisada ácerca de um assumpto de moral na *Tabua de Cebes*, o grande naturalista, ainda então addicto por convicção ao vitalismo dominante, pertendia estabelecer, exornando-a de colorido imaginoso, a differença, que suppunha demonstrado, entre a força vital, que mantem os organismos e as forças, que dominam a materia não organisada.

Apesar da hospitalidade litteraria, com que Schiller convidára a Humboldt, pedindo e recebendo o artigo d'elle, o poeta de *D. Carlos* e dos *Rauber* apreciava com agra severidade o engenho e os escriptos do sabio já então quasi universal. Escrevendo ao poeta Korner depois de encarecer as eminentes qualidades de Guilherme de Humboldt dizia Schiller: «Receio que elle (Alexandre de Humboldt) apesar dos seus talentos e da sua infatigavel actividade, nada possa fazer de grande na sciencia. Uma vaidade mesquinha e irriquieta

anima e influe as suas obras... não tem imaginação, e faltam-lhe, em meu parecer, as faculdades mais indispensaveis para a sciencia, que cultiva, porque a natureza deve ser contemplada e *sentida* nas suas mais particularisadas apparencias, e nas mais altas leis, porque se rege». [1]

Korner, apesar dos brilhantes predicados do seu espirito, pouco affecto ás positivas e austeras locubrações das sciencias naturaes, temperava a dureza do juizo, com que Schiller buscára deslustrar o seu illustre contemporaneo. Affrontava-se Schiller de que Humboldt tudo quizesse anatomisar, medir, sujeitar severamente aos processos da quantidade, entendendo melhor como paciente investigador os phenomenos e as leis, do que *sentindo* como poeta as vagas formosuras da natureza. Korner vindica nobremente o naturalista contra as accusações de seu inflexivel julgador. «Presuppondo que lhe falte a imaginação (dizia

[1] Carta de Schiller a Korner, 6 de agosto de 1797, em Bruhns' *Alex. von Humboldt*, I, 211, e segg.

Korner) para sentir a natureza, não se infere d'ahi, a meu aviso, que não possa fazer muito em beneficio da sciencia. O seu fervor de tudo medir e anatomisar, é um penhor da exacta e efficaz observação, e sem esta não ha colligir materiaes aproveitaveis ao inquiridor da natureza». [1]

Áquelles, que o increpavam de não sentir a natureza, de não a contemplar como que intuitivamente, sem a espedaçar pela experiencia, e a despoetisar pela regrada applicação da analyse e da geometria, respondeu mais tarde o eminente encyclopedista, deixando á posteridade no seu *Kosmos* e nas *Ansichten der Natur* eloquentissimos paineis, onde o que ha de mais ideal e esthetico se congraçou com quanto ha de mais exacto e verdadeiro nas descripções do universo. Schiller foi solemnemente desmentido pelo applauso universal que celebrou o genio de Humboldt. E todavia o autor de *Wallenstein*, no tempo,

[1] Carta de Korner a Schiller, 25 de agosto de 1797, em Bruhns' *Alex. von Humboldt*, I, 213.

em que pronunciava a sua asperrima sentença, podia justificar o seu parecer com a feição peculiar do seu espirito e com a noção menos scientifica do que sentimental, que da natureza havia concebido. Schiller, obedecendo á duplicada corrente da sua genial inspiração, e das doutrinas philosophicas professadas pelas escolas idealistas, comprazia-se n'estes intimos colloquios, em que a alma do poeta se infiltra na natureza, sem rastrear sequer as suas leis.

O vate, na expressão imaginosa de Schiller, é, perante a natureza, que elle mesmo está creando e animando com o seu bafejo, um como Pygmalião, fazendo brotar do marmore a imagem da sua querida. Assim o amoravel sonhador da poesia estreita com os braços do seu amor, entre delicias juvenis, a natureza, até que ella começa de aquecer-se e respirar no peito do poeta.[1] É claro que este namorar e re-

[1] Wie einst mit flehenden Verlangen
Pygmalion den Stein umschloss,
Bis in des Marmors kalte Wangen
Empfindung gluhend sich ergoss:

questar a natureza póde ser grato á phantasia, mas não contenta o genio investigador. O poeta *sente*, o sabio *examina;* o poeta delicia-se na contemplação mystica do universo; o sabio sómente se satisfaz quando o comprehende nas suas leis. O poeta desdobra sobre a natureza o veu ethereo da sua concepção sentimental, e compõe-n'a e atavia-a a seu sabor como á noiva dos seus cantares; o sabio desnuda a natureza, e não hesita em estender-lhe e dissecar-lhe o corpo nú sobre a mesa do amphitheatro. O psalmo 103 de David, cantando a magestade e a formosura dos ceus e da terra como linguas da gloria de Deus, é certo uma admiravel e divina composição; não dispensa porém as leis de Kepler, os descubrimentos de Isaac Newton, os calculos sublimes, mas despoeticos de Laplace

So Schlang ich mich mit Liebesarmen
Um die Natur, mit Jugendlust
Bís sie zu athmen, zu ermarmen
Begaun an meiner Díchterbrust.

SCHILLER.

ou Leverrier. A lyra e o alaúde podem magnificar o culto da natureza; mas para a sciencia do universo valem mais do que o estro do vidente, — o scalpello, o microscopio, o reagente, o calculo, a geometria, o telescopio, a analyse spectral. Tem a natureza, ainda mesmo para o sabio, uma sublime e ineffavel poesia; mas a poesia da verdade, a poesia do infinito, a poesia, que se revela em metros admiraveis e cadentes, que são os numeros, em que se exprime a sua eterna legislação.

Ao desabrimento, com que alguns taxavam o empirismo de Humboldt, não era estranha a influencia do systema chamado *Idealismo transcendente*, com que Schelling emprehendia uma nova e profunda revolução no mundo philosophico.

As *Idéen zu einer Philosophie der Natur* (Idéas de uma philosophia da natureza) haviam-se dado á estampa em 1797. Schelling formulára com audacia o principio de que «a natureza é originariamente identica ao que em nós tem o nome de intelligen-

cia e conhecimento».[1] A nova philosophia identificava pois as leis do espirito e as leis do universo, a dialectica da rasão e a dialectica da natureza. O empirismo era justamente condemnado como processo exclusivo da philosophia natural. Mas na intenção de Schelling, — o eminente successor de Fichte na cadeira de Jéna, — o methodo experimental e inductivo, fonte inexhaurivel da sciencia dos nossos dias, não era votado a ignominiosa proscripção. Schelling pois, na sua cordial communicação com Alexandre de Humboldt, sempre abertamente reconheceu os talentos relevantes do insigne naturalista, e Humboldt, da sua parte, rendeu honrada homenagem ás altas concepções, com que a philosophia da natureza, tal qual a iniciára o fundador do idealismo transcendente, corrigio a estreiteza do empirismo, e illuminou com a luz da rasão pura os caminhos materiaes da

[1] «Die Natur ursprunglich identisch ist mit dem, was in uns als Intelligenz und Bewusstes erkannt werd». Schelling. *System des transcendentalen Idealismus.*

sciencia contemporanea. Mais tarde, tractando da philosophia de Humboldt, volveremos mais de passo ás relações intellectuaes entre os dois illustres pensadores.

Depois de uma breve instancia em Berlin, e de curta detença em Baireuth, por causa dos negocios do seu cargo, eis que Humboldt volve a Jéna, a encontrar-se com o irmão.

Guilherme chegára quasi pelo contagio de Alexandre, a apaixonar-se pela romagem scientifica, em que fervorosamente cogitava. A 14 de abril de 1797 escrevia Schiller a Goethe «Apesar de que toda a familia Humboldt, incluindo as proprias creanças, padece muito de febres intermitentes, não se falla de outra cousa senão de largas viagens para mui breve.» [1] Referia-se ao plano de viagem commum dos dois irmãos até á Italia, d'onde Alexandre partiria para Hespanha para d'ali demandar as Indias occidentaes.

Goethe viera a Jéna em principios da

[1] Bruhns' *Alex. von Humboldt*, I, 239.

primavera e na aprasivel sociedade dos Humboldts escrevera em seis semanas o seu poema de *Hermann e Dorothea.*

No fim de abril saiu de Jéna a familia inteira. Demoraram-se alguns dias em Halle, onde Guilherme tinha de consultar por causa da versão do *Agamemnon* de Eschylo o afamado hellenista Wolf, o chefe d'aquella escola, que negou a Homero a auctoria das duas grandes epopéas. Foram depois a Dresden onde concluiram os negocios da herança paterna. Ao mais velho coube em partilha a propriedade de Tegel; a Alexandre pertenceram as terras de Ringenwalde no Neumark. Alexandre, a quem por cosmopolita e chamado a largas peregrinações era importuna a propriedade territorial, vendeu a sua herança á familia von Kleist, para com o producto occorrer ás despezas da viagem, que se apparelhava a emprehender. Kunth, o amigo e educador, foi o proposto e gestor da fazenda de um e outro dos seus pupillos, durante as largas ausencias, que haviam de fazer da sua patria.

Estavam em Dresde dispostos a partir para a Italia. Carolina, a esposa de Guilherme, uma das mais bellas e espirituosas mulheres, que a Allemanha possuiu, recaira com a febre, que já a havia em Jéna perseguido. Era mister que se resignassem a residir em Dresde. Valeu-lhes aqui o trato de alguns homens illustres para tornar menos fastidiosa a permanencia. Entre elles se distinguiam principalmente o conselheiro Korner, o enviado prussiano conde von Gessler, e o grande linguistico Adelung, um dos redactores do *Mithridates*, a obra monumental consagrada no principio d'este seculo ao estudo e confronto de todos os idiomas conhecidos.

Em Dresde não foi desaproveitada a estação em ocios importunos. Como apercibemento ás viagens scientificas, industriou-se ali Humboldt nas operações astronomicas, geodeticas, e hypsometricas.

Algum tempo depois a familia Humboldt dirigia-se a Vienna para passar depois á Italia. Na imperial cidade continuou a appli-

car-se aos seus trabalhos de galvanismo e aos estudos botanicos, para os quaes a grande capital lhe offerecia opportunidade. Os successos da guerra entre a Austria e a republica franceza, tornavam porém impossivel a projectada excursão. Foi-lhes pois imposto pelas circumstancias residirem em Vienna. Só em principios de outubro de 1797 poderam sair d'ali para Salzburgo. Aqui se separaram os dois irmãos. Guilherme passou a Paris, seguindo por Munich, Schaffhausen, Zürich e Basiléa. Alexandre, que havia encontrado o seu antigo companheiro dos estudos mineiros, Leopoldo von Buch, percorreu com elle n'uma excursão geologica a Styria e os Alpes de Salzburgo, e veiu habitar n'esta cidade durante o inverno de 1798.

Não foi baldada para a sciencia a demora de Humboldt em Salzburgo. Ali se occupou de trabalhos astronomicos, determinações de latitudes, e medições trigonometricas da cadeia dos Alpes. Ali executou ensaios eudiometricos e proseguio as suas

valiosas locubrações ácerca do ar athmospherico. Magoava-se Humboldt de que lhe não permittisse a guerra passar-se á Italia, onde havia para elle tanto que aprender.

Escrevendo desde Salzburgo a um amigo, são notaveis as palavras, com que Humboldt avalia os successos d'aquelle tempo, e aquilata os resultados da grande revolução. «Tal veio a ser o giro dos acontecimentos que por agora não ha pensar em transpôr os Alpes... Quem me dera ter nascido quarenta annos antes ou depois de que nasci... Sómente um beneficio gozamos no presente, o esphacelamento do systema feudal e de todos os preconceitos aristocraticos, sob os quaes as classes mais dignas e mais pobres da humanidade tão longo tempo depereceram. Este beneficio ha de permanecer, ainda quando as constituições monarchicas de novo se tornem tão communs, como o parece agora serem as constituições republicanas». [1] Odiando egual-

[1] Carta de Humboldt a Eichstaedt, 19 de abril de 1798. Em Bruhns, *Alex. von Humboldt*, I, 254.

mente, como todo o honesto pensador e amigo da humanidade, as *dragonadas republicanas* e as *dragonadas religiosas* [1], o eminente naturalista saúda o advento da egualdade como o fructo mais precioso da revolução e celebra a seu pesar as victorias da democracia.

Na primavera d'este anno, deixando Salzburgo, correu Alexandre a visitar o irmão, que estabelecido já em Paris reunia em sua casa a mais elegante e selecta sociedade de allemães residentes na cidade. O conde de Schlabrendorf, Brinckmann, o celebre poeta Luiz Tieck eram ali convivas habituaes. Muitos sabios e litteratos francezes concorriam egualmente áquella primorosa conversação. Era na capital da França que Alexandre contava principalmente lhe azasse a fortuna occasião de começar a sua viagem, por tanto tempo demorada, ao Novo Mundo.

Habitando ainda em Salzburgo, viera-lhe ao pensamento o projecto de emprehender

[1] Carta de Humboldt a Eichstaedt, 19 de abril de 1798. Em Bruhns' *Alex. von Humboldt*, I, 254.

uma expedição scientifica ao alto Egypto. As circumstancias politicas de então o haviam dissuadido do proposito. Em Salzburgo havia recebido para aquelle fim o convite de um homem enthusiasta, se os tem havido, pelas excursões romanescas e arriscadas. Era lord Bristol, bispo de Derby, que apesar da sua eminente posição na egreja de Inglaterra, alliava um espirito livre e aventureiro aos predicados, que distinguem o *gentleman*, o *fashionable*. Lograva elle grossas rendas de casa e do bispado e podia subsidiar a suas expensas os gastos de uma larga viagem, tão commoda, elegante e dispendiosa qual a havia planeado como principe e opulento. O mundano prelado teria por companheiros na romagem a Hirt, o archeologo, a Savary, que por oito annos jornadeára pelo Egypto, e para que nada faltasse aos encantos d'aquella peregrinação, havia o excentrico bispo convidado para associarem-se á empreza a condessa Dennis e a condessa Lichtenau. Amava as artes com paixão e enthusiasmo. Sur-

ria-lhe a idéa de ir buscar na velha terra da africana civilisação os monumentos, que deixára na sua longa passagem aquelle povo gigante, ainda hoje escassamente comprehendido, mesmo depois dos trabalhos dos mais illustres egyptologos. Humboldt punha só por condição que á volta de Alexandria proseguissem ambos na derrota até á Syria e Palestina. Interessava o artista episcopal em ter a Alexandre por companheiro, por ser este mui versado nas antiguidades dos povos classicos do velho continente, e poder-lhe servir de vivo e intelligente commentario em todas as memorias, que o prelado pretendia interrogar. Não consentiu porém a situação politica do mundo, agitado n'aquelles annos por dilatadas e sangrentas alterações, que o plano se levasse á execução.

A viagem a Paris não foi apenas dictada pela saudade do irmão e pelo fraternal affecto, que Alexandre votava ao primogenito. Na sua resolução foi parte o egoismo, mas egoismo, que é abnegação pela sciencia e pela humanidade. Em Paris, que era

então o centro politico do mundo, e a metropole gloriosa das sciencias, poderia deparar-se-lhe favoravel conjuncção para alguma longa viagem scientifica. Já lhe não era dado encorporar-se na expedição, que sob o commando de Bonaparte e acompanhada de sabios numerosos, ia antes conquistar o Egypto para a sciencia do que submettel-o ao dominio da republica. A frota franceza partira de Toulon a 30 de floréal (19 de maio de 1798) antes que Humboldt chegasse á capital. Errando a occasião de aggregar-se áquella campanha scientifica, não baldára comtudo o empenho de cultivar cada vez com mais fervor as sciencias physicas e naturaes. Paris, sob o governo frouxo, mas culto e elegante do directorio, havia recomeçado a sua antiga faina intellectual. A republica humanava-se e de ascetica, e spartana volvia a ser mundana, atheniense, cultivadora de tudo quanto póde aprimorar o espirito e congraçal-o com as artes e a policia social. Eram já passados aquelles tempos duros e desabridos, em

que a republica só conhecia uma sciencia, —o odio do passado; uma arte,—a conquista e a victoria. Já não decepava a guilhotina as cabeças illustres de Lavoisier, de Bailly, de Condorcet. Já os rudes e implacaveis montanhezes não diziam: «*Nous n'avons pas besoin de savants*»: sentença brutal, mas em certa maneira justificada pela antiga indole aristocratica dos homens eminentes no saber. Já Paris retomava o seu antigo posto de metropole do espirito e de capital das sciencias exactas e naturaes. Nunca maiores sabios se congregaram na grande povoação, d'onde, como de uma pilha descommunal, partia a electricidade revolucionaria a galvanisar o Velho Mundo. Parecia que ali se estava operando ao mesmo passo a reconstrucção politica e a renovação intellectual da humanidade. Ali viviam e trabalhavam indefessos nas mathematicas Laplace,—o interprete das leis do céo, e o cortezão das potencias da terra,—Lagrange, que fôra então o primeiro dos geometras, senão existira o auctor da *Mechanica celeste*, Monge,

Borda, Fourier, Delambre, Lalande, Prony e Bougainville: na botanica Jussieu e Desfontaines; na zoologia Cuvier, Geoffroy Saint-Hilaire; na mineralogia Brongniard e o abbade Haüy; na chimica Vauquelin, Chaptal, Berthollet, Guyton, Fourcroy. Com todos estes sabios distinctos convivia Humboldt em Paris. A França, nunca deslembrada da sciencia e da cultura intellectual, até quando a anarchia a dilacera, e as suas armas cruzam as fronteiras para colherem a victoria, a França apparelhava uma expedição, que sob o commando do capitão Baudin, depois tão celebrado na sciencia, emprehendesse uma viagem de circumnavegação e descobrimento no hemispherio austral. Era excellente o ensejo para realisar o voto mais ardente do naturalista prussiano. Estavam designados para irem de naturalistas na viagem o sabio Michaux e o celebrado Aimé Bonpland, que depois foi o infatigavel companheiro de Alexandre nas sũas peregrinações americanas. Com Bonpland e Michaux buscou entrar em conver-

sação. Conheceu-os. Apertaram-se os laços da amizade, entre homens, faceis de communicar, jovens, como eram todos, todos naturalistas, cosmopolitas quasi da sciencia, ardentes phantasiadores de uma natureza ignota, desejosos todos, como outr'ora os jesuitas, de discorrerem mundo, onde houvesse que aprender ou arriscar. Para melhor se aperceber para as largas viagens, que julgava a ponto de começar, deu-se a estudar o arabe, que é como o francez do Oriente, a lingua universal e letrada dos povos cultos, que professam o islamismo.

A guerra, que ardia sempre com violencia, e que não dava esperanças de abrandar, fez que para melhores dias addiasse o directorio a expedição do capitão Baudin. O thesouro da republica, o mais pobre e devastado dos erarios europeus, não consentia d'esta vez as sumptuosidades da sciencia. Restava ainda uma esperança ao fervoroso Humboldt. Não lhe seria difficil, com permissão do governo republicano, passar ao Egypto e aggregar-se á commissão

dos sabios francezes, que seguiam o exercito invasor.

Corria o outono de 1798. Humboldt conhecia em Paris um consul da Suecia, Skjoldbrand, que chegára com o intento de passar-se a Marselha, aonde o havia de vir buscar uma fragata da sua nação, a *Jaramas*, para o levar a Argel em missão do seu governo. Vinha o encontro como talhado de molde para Humboldt. Iria a Argel na fragata sueca, levando o seu Bonpland por companheiro. Seguiriam para Mekka na caravana dos peregrinos, e far-se-iam na volta do Egypto, onde iriam juntar-se a Bonaparte. Para Marselha se pozeram a caminho Humboldt e o amigo a 20 de outubro de 1798. Dois mezes ali estiveram anciosos porque chegasse a fragata suspirada; mas o malafortunado vaso não acabava nunca de chegar. Por fim veiu a nova de que o navio luctára com mares contrarios e ventos ponteiros nas costas de Portugal, e fôra a pique com toda a equipagem.

Eis outra vez derrocados os imaginarios castellos, que Humboldt architectára em sua ardente phantasia. Parecia que a Providencia o estava dissuadindo da viagem, ou antes experimentando com tamanhas contradicções e desenganos, que a vencel-os o sabio com animo e perseverança, já não seria apenas antojo de mancebo a sua empreza, senão irresistivel e provada vocação.

Retroceder no intento, declarar-se vencido sem peleja, não era para quem depois havia de jogar a vida em excursões arriscadissimas pela braveza das cordilheiras. Decidiram pois os dois amigos, que já então o eram por entranhavel affeição, irem a Hespanha, demorarem-se por lá até á seguinte primavera, esperando achar monção e vaso que os levassem a alguma larga romagem da sciencia.

Em fins do anno de 1798 partiram ambos para Madrid e como peregrinos, quasi sempre a pé, fizeram suas jornadas. Ao atravessarem a Hespanha, traziam intenção de utilisar o caminho em proveito da sciencia.

Levavam comsigo os instrumentos, com que Humboldt se apercebera para uma longa viagem de exploração. Muitos estudos de geographia, de botanica e geologia assignalaram a passagem dos dois sabios pelo territorio da Peninsula. A altitude, e as coordenadas astronomicas de muitos pontos, a altura da chapada central das Castellas, as observações meteorologicas e magneticas, as herborisações e os problemas da geographia botanica occuparam a inquebrantavel actividade dos dois exploradores, não sem que tivessem muitas vezes de interromper ou encobrir os seus trabalhos para não provocar os apodos do vulgacho valenciano e catalão, o qual, sendo então mui rude e cioso de estrangeiros, não raro aguarentava com desconfiadas murmurações a curiosa investigação dos ignotos caminheiros.

Chegados que foram a Madrid, os acolheu com singular benevolencia o enviado de Saxonia, barão de Forell, o qual comprazendo-se em extremo com o plano da excursão, recommendou os viajantes ao mi-

nistro D. Mariano Luiz de Urquijo. Obteve que por sua intervenção fosse Humboldt apresentado na côrte, a qual então, por ser já entrada a primavera, andava rusticando em Aranjuez.

Mui graciosamente o recebeu a magestade de Carlos IV, e explicado por Humboldt o intento da viagem, que delineára, a approvou el-rei, e concedeu licença ao sabio prussiano para que podesse visitar as Indias hespanholas, e seguir ali sem impedimento todas as observações, que lhe aprouvesse executar. «Cousa é muito para notar, exclama a este proposito um biographo allemão, o doutor Klenke, que o descobridor geographico da America, Christovão Colombo, e o descobridor scientifico do Novo Mundo, Alexandre de Humboldt, ambos em Hespanha vissem patrocinadas as suas expedições». [1]

Não foi infructuoso para os estudos botanicos de Humboldt o tempo, que em Ma-

[1] *Alex. von Humboldt. Ein biographisches Denkmal* von dr. Hermann Klencke. Leipzig 1860, pag. 38.

drid se demorou. O illustre Cavanillas, que seguira ao desafortunado Malaspina na sua longa navegação, colligira na viagem um dos mais opulentos herbarios das floras tropicaes. Ruiz e Pavon, os dois celebrados publicadores da *Flora del Perú*, dispunham egualmente de valiosos thesouros phytographicos. Outros sabios nacionaes e forasteiros domiciliados em Madrid possuiam aproveitaveis materiaes para o estudo das plantas das regiões equinoxiaes. Todos abriram á porfia as suas collecções á curiosidade insaciavel do sabio prussiano.

Obtido o consenso e o auxilio do soberano, partiram de Madrid Humboldt e Bonpland, e á Corunha se dirigiram, atravessando a Castella Velha, os reinos de Leão e de Galliza, aonde pelo caminho foram utilisando o tempo em scientificas explorações.

Parecia que todos os contras haviam a final desapparecido e que chegado Humboldt á Corunha, pouco tardaria em deixar pelo Oceano as praias europeas. Um novo obstaculo, porém, nascia para turbar

a incançavel paciencia do nosso viajante. Os inglezes haviam bloqueado os portos hespanhoes para cortarem a communicação entre a metropole e as possessões ultramarinas. Estava ancorada no porto a corveta *Pizarro*, que se havia de fazer de véla para a Havana e para o Mexico, mal lh'o consentisse o pertinaz bloqueio da frota britannica. O commandante do porto da Corunha, D. Rafael Clavijo, a quem o primeiro secretario d'estado e do despacho havia recommendado os viajantes, deu-lhes de conselho que embarcassem na corveta, e esperassem bom ensejo, em que affrouxando o cerco, conseguissem com vento de servir fazer-se ao largo, enganando a vigilancia do cruzeiro. Manifestára Humboldt o desejo de tocar na derrota em Tenerife, por lhe convir a seu proposito o fazer na ilha alguns estudos. D. Rafael Clavijo ordenou ao commandante da *Pizarro* que fizesse escala pelas Canarias e surgindo em Orotava, ali se demorasse quanto fosse necessario para que o illustre sabio visitas-

se as curiosidades naturaes, e principalmente o pico vulcanico de Teyde.

Para que se veja quanto Humboldt poupava o tempo e dava largas á sua actividade scientifica, basta saber que os dias que o navio ainda se demorou no ancoradouro, os empregou em arranjar as collecções de plantas, que em Hespanha havia juntado, em estudar na Corunha e no Ferrol a temperatura dos mares e o decrescimento do calor nas successivas camadas de agua salgada. De suas experimentações concluiu uma lei de mui util applicação á segurança dos mareantes, a saber: que a proximidade de um banco de areia, muito antes de o accusar a sonda, se revela na rapida diminuição da temperatura das aguas á superficie, e que o navegador póde adivinhar a visinhança do perigo pelo emprego do thermometro, muito antes de ser possivel conhecel-o por outro meio.

Com um furioso temporal, que açoitou a costa occidental de Hespanha, se viram as duas fragatas e a nau de linha, que

bloqueavam a Corunha, forçadas a engolfar-se no Oceano. Era este o momento propicio para que a *Pizarro* levantasse ferro finalmente. Embarcaram os dois viajantes a toda a pressa. Sarpou a corveta, mas a violencia dos ventos só passados muitos dias lhe consentiu singrar longe da terra, sem que os importunos cruzadores dessem vista da presa, que das mãos se lhes ia escapando a bom vogar. Era a 5 de junho de 1799, que a corveta hespanhola levando a seu bordo o Colombo da sciencia, dava principio ás explorações transatlanticas do intrepido e fervoroso naturalista.

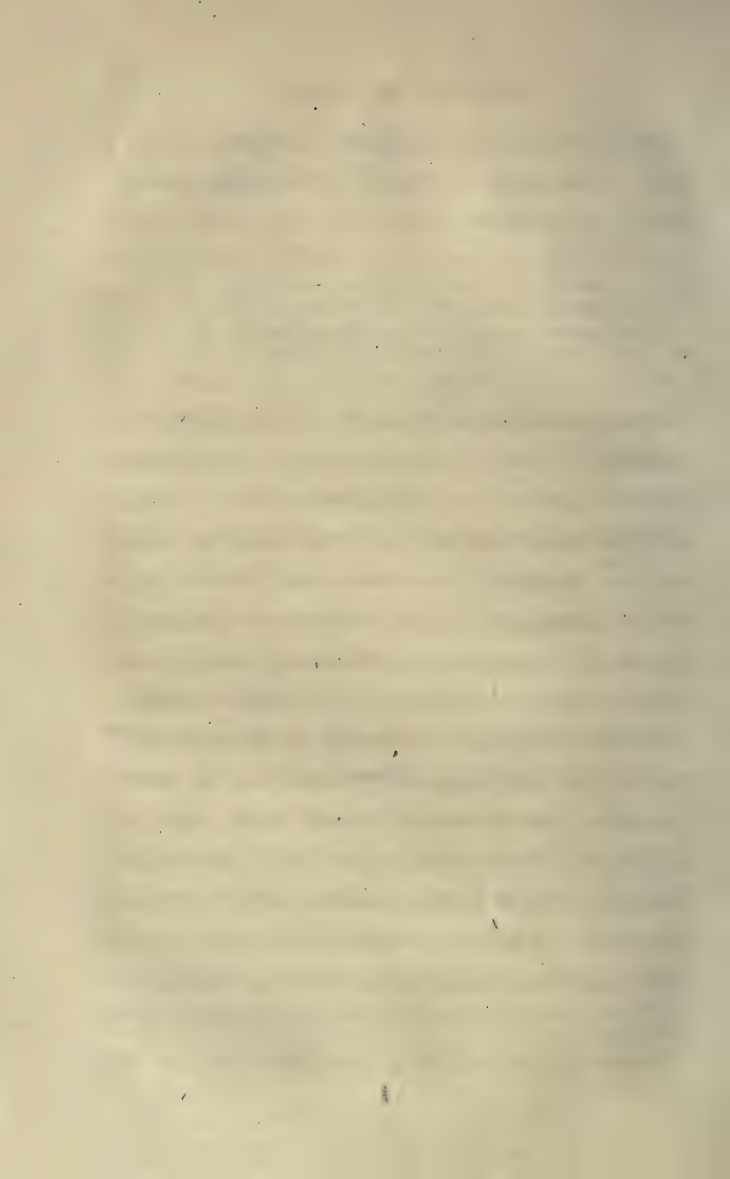
Em pé, na tolda do navio, ainda sacudido nas aguas pelos ultimos escarcéus da tempestade, Humboldt, olhando a terra que de um lado lhe fugia, o Oceano que do outro se arredondava no horizonte, aspirava jubiloso o ar, que em lufadas vinha encurvar a gavea, e julgava-se como que libertado d'este carcere da Europa, onde o seu coração pulsára mil vezes ancioso, anhelandoa por tão largo tempo suspirada na-

vegação, agora quasi milagrosamente começada.[1] Como o corsario de Byron, Humboldt podia dizer:

> Oh, who can tell, save he whose heart hath tried
> And danced in triumph o' er the waters wide,
> The exulting sense — the pulse's maddening play
> That trills the wanderer of that trackless way?

Que sensação ao mesmo tempo grave e saudosa a da terra que foge, escondendo pouco a pouco os campanarios mais erguidos! Ás nove horas da noite uma luz apenas se divisava na terra das Hespanhas. Era o candil de uma cabana de pescadores em Sisarga. Era a ultima apparição da costa mais occidental da Europa. Alguns momentos depois era cerrado o circulo negro do Oceano. A natureza era toda o mar, o rumor das vagas, o clarão baço das estrellas, o vento assobiando pelo massame da *Pizarro*, que levava no seu seio o Cesar da sciencia e a sua fortuna.

[1] A alegria intensa, quasi infantil, que Humboldt sentia ao dirigir-se ao Novo Mundo expressa-a elle nas cartas escriptas desde a Corunha a Freiesleben e a Wildenow. Bruhns' *Alex. von Humboldt*, I, 274.

III

Excursão ás regiões intertropicaes — Tenerife — Cumaná

Para um espirito, que tanto se deliciava na contemplação da natureza e na incessante investigação das suas maravilhas, a primeira viagem no Atlantico não podia deixar de ser a origem de estudos serios e de fecundos descobrimentos nas sciencias da natureza. As riquezas naturaes do Oceano, os phenomenos meteorologicos, as apparencias de um céu desconhecido, eram os assumptos, em que, durante os monotonos dias de uma viagem dilatada, gastava os ocios o eximio naturalista.

Tocou a *Pizarro* na ilha Graciosa, para tomar lingua sobre se navios inglezes an-

dariam cruzando em Tenerife. Na ilha portugueza desembarcou o illustre viajante e se demorou algumas horas.

Foi ao avisinhar-se do formoso grupo das Canarias,—as ilhas que por sua deliciosa condição chamaram *Afortunadas* os antigos —que a natureza de menos longe lhe sorriu os primeiros e desconhecidos encantos das regiões equatoriaes, prelibados na opulenta e formosa vegetação d'este archipelago. Por noites limpidas e serenas, allumiadas de luar, se distinguiam os picos vulcanicos da ilha Lanzerote, sobre cujas cumiadas scintillavam brilhantes as estrellas do *Scorpião.*

Chegados que foram a Santa Cruz de Tenerife Humboldt e seu companheiro Aimé Bonpland, acolheu-os com generosa hospitalidade o general Armiage, que ali exercia um commando militar. O bloqueio dos inglezes não consentia que por mais de quatro ou cinco dias a *Pizarro* se demorasse nas Canarias. Urgia pois que tão breve estação se aproveitasse para a exploração das

ilhas, no que offereciam de mais facil á investigação.

Era muito para vêr esta como voluptuosidade intellectual — que a ha nos espiritos selectos em seus mysticos amores com a sempre virgem natureza — era para vêr o enlevo e arróbo, com que o grande naturalista seguia com os olhos o balouçar das bananeiras, encurvando graciosamente as folhas, a alegria com que admirava a *papaya*, a *poinciana pulcherrima* e tantos outros vegetaes, que vira encarcerados, tristes, nostalgicos, exules de seus torrões nataes na estreita clausura das estufas, n'estes palacios de crystal, cuja elegancia e magnificencia não póde supprir á flôr exotica o perfumado ósculo das brisas tropicaes.

Apressou-se Humboldt a tomar o caminho de Orotava, para d'ali subir ao pico, que sobre todas as curiosidades naturaes desejava contemplar. Um caminho aprazivel por entre deliciosa paizagem o levou de Laguna, cidade situada a 1:620 pés acima do nivel do mar, até ao porto de

Orotava. Na povoação hospedou-se na mesma casa, onde haviam pousado o capitão Cook, sir Joseph Banks, e lord Macartney, quando visitaram Tenerife durante as suas afamadas navegações. O esplendor da vegetação, o perfume da atmosphera, embalsamada por mil diversas plantas, a constante primavera, que florêa nas veigas e nos valles, repartidos em pomares e em vergeis, ao longe o pico vulcanico, adornado com a sua corôa de neve, embeveciam a Humboldt, ancioso de gosar pela primeira vez as scenas e as commoções de uma natureza mais robusta e mais brilhante que a da Europa. Era o logar accommodado a repousar das fadigas da viagem, e retemperar o animo para que podesse proseguir na encetada expedição.

«Não ha, diz Humboldt, nenhuma região mais feita para desterrar a melancholia e restaurar a paz em espiritos dolorosamente conturbados, do que Tenerife e a Madeira». [1]

[1] Humboldt. *Voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent*, I, 229.

A formosura do valle, a que baixava, valia bem as encarecidas expressões do viajante. É o paiz ao descer o valle de Taraconto, aprazivel e copioso de riquezas naturaes. As tamareiras e os coqueiros ensombram com sua ramada as orlas do Oceano. Nos logares mais distantes do littoral, tufos de plantas do genero *Musa* alternam com os vigorosos dragoeiros. Verdejam as collinas de pampanos viçosos, e os sarmentos, variamente entrelaçados, estão tecendo suas mimosas capellas e sorrindo abundancia e paz ao feliz agricultor. Ao longe entre bosques de larangeiras, prateadas de suas flôres elegantes e aromaticas, alvejam aqui e acolá as ermidinhas, que a piedade dos fieis erigio no viso dos outeiros, para serem como as atalaias do ceu n'este ameno paraiso terreal. Os cyprestes, sentinellas melancholicas da solidão, levantam a folhagem pyramidal acima dos myrtaes. As *agaves* e os *cactus* delimitam com suas sébes espinhosas as herdades dos colonos. Innumeraveis plantasinhas cryptogamicas ar-

relvam, como uma alfombra de matiz delicioso, o chão refrigerado por mil fontes de agua pura e crystallina. Nas quebradas e no recosto das collinas, estão resplandecendo ao sol já meio-tropical as casinhas brancas, esparzidas entre a densa ramada dos hortos e vergeis. Ao fundo, a contrastar com a serena quietação do ar diaphano, com a mansidão e formosura da natureza, com o hymno de paz, de amor, de fuberdade e harmonia, que ali está n'uma sempiterna primavera entoando a creação, o pico sombrio do vulcão de Teyde, com a sua magestosa perspectiva, contraposta á gentileza da paizagem, como o epilogo sinistro de uma tragedia de Sophocles ou Shakspeare á candida innocencia de um idyllio de Theocrito ou de Gessner. Dir-se-ia que para aquellas ilhas, que muitos appellidaram bemaventuradas, se comprazeu a natureza em trasladar o valle de Tempe, sem os graciosos meandros do Peneu.

Subiu Humboldt ao pico de Tenerife, acompanhado por Bonpland. Na difficil as-

censão, e antes de chegar ao pico houveram os dois viajantes de passar a noite na chamada *Estancia dos inglezes.* Levantam-se n'aquelle ermo dois rochedos, que por seu declivio natural estão como que formando uma alpendrada, onde póde abrigar-se o viandante. Ainda que a noite era de junho e de terras africanas o logar, a grande eminencia da montanha não fazia apetecivel a temperatura. Baixava o thermometro a 5°. Leitos para repouso não havia outros senão as rochas requeimadas pelas antigas erupções. Alguns ramos seccos dos que por ali juncavam os fraguedos, alimentavam a fogueira. [1] Não era a noite promettedora de sonhos eburneos e delicias orientaes. Dormir a alguns milhares de metros acima do nivel do Oceano, em sitio deserto, arido, fragoso, frigidissimo, como que recostando a cabeça ao hombro de um volcão, era para Humboldt um episodio tanto mais apreciavel quanto lhe era nova e desusada esta

[1] *Voyage aux régiones équinox. du Nouv. Cont.* I, 263.

singular situação. Sentia-se elle porventura mais á larga, mais contente de si, mais feliz no seu thalamo de basalto temperando a cruesa do ar alpestre com o fogo das giestas, do que se estivera no castello de Tegel, entre colchas fidalgas, em conchegado camarim, zombando da ventania boreal a assoviar lá fóra medonha pela rama das carvalheiras. Para os conquistadores da natureza é doce a aspereza das serranias e ameno o ar esbrazeado ou glacial dos desertos de Sahara ou de Gobi. Selvatica e deshabitada, ou ridente e carinhosa, a natureza é para elles sempre a eterna virgem de seus castissimos amores, ora vestida de suas louçainhas mais esplendidas, sob o docel azul celeste, entre aromas e esplendores, amime no regaço o seu amante, ora nua, agitada, convulsiva, como a bacchante antiga, repulse com desdem o seu obstinado galanteador.

No pico de Teyde fizeram Humboldt e Bonpland curiosas observações sobre a sua formação, a sua historia geologica e as zo-

nas de vegetação, que nas abas da montanha se vão succedendo e variando. Aqui viu Humboldt exemplificada e demonstrada uma notavel proposição da philosophia natural, a de que em geral as formações inorganicas do nosso globo nas paragens mais diversas e apartadas permanecem similhantes, ao passo que as fórmas do organismo de umas para outras regiões se vão profundamente distinguindo.

Em quanto o relevo e estructura dos terrenos lhe traziam á memoria os que havia observado nas margens do seu Rheno, as plantas e animaes lhe appareciam diversissimos dos que notára na Europa, e com a latitude e a posição acima do Oceano iam patenteando novos caracteres e differentes organisações. Esta variação da flora e da fauna com o clima e com a altitude lhe inspirou mais tarde as conscienciosas observações, que serviram de fundamento á *geographia botanica*, de que póde dizer-se, com verdade, que foi elle o primeiro instituidor.

A excursão de Tenerife accendeu, se era possivel, com mais intensa vivacidade o ardentissimo desejo de perscrutar a natureza, de colligir os materiaes para a sua historia, de achar o laço, que devia prender, pela unidade e pela harmonia, os phenomenos na apparencia soltos e dispersos, productos de uma só força e de uma só incansavel energia universal.

Foi em Tenerife que Humboldt firmou o grande principio philosophico, que serviu depois a encadear todos os seus estudos e observações da natureza. Então se lhe antolhou incontestavel a doutrina de que os phenomenos, que nos parecem isolados, não são mais do que fuzis intimamente ligados de uma cadeia immensa de causas e de effeitos, que todos se filiam n'uma acção primordial. Ali aprendeu a não desdenhar as mais pequenas manifestações da natureza e a contemplar o *grande* no *minimo*, o todo universal, o *tò pán* da antiga philosophia, nos elementos, ás vezes quasi imperceptiveis, que o compõem.

Em Orotava admirou Humboldt aquelle celebrado dragoeiro *(dracoena draco)* cujo stipe media quarenta e cinco pés de circumferencia, e que uma violentissima borrasca prostrou rendido não ao gastar dos seculos, mas ao impeto dos ventos em 1868. Nas *Ansichten der Natur* (Aspectos da natureza) tractando da physionomia da vegetação nas varias regiões do globo, deixou Humboldt a descripção d'aquella formosa liliacea, mais de dez vezes centenaria. [1] Seria aquelle dragoeiro, segundo o parecer de Humboldt, a mais velha de todas as arvores, exceptuado sómente o *Baobab*, ou *Adansonia digitata*, observada por Adanson no Senegal.

Das Canarias seguiu Humboldt a sua derrota a bordo da *Pizarro*. Um magnifico espectaculo lhe deparou a bella constellação do *cruzeiro*, a qual annuncia aos viajantes um hemispherio novo e um novo céu. Co-

[1] *Tableaux de la Nature*, traduct. française de Galusky, II, pag. 17 e 108, not. 12, pag. 98 e seguintes.

meçavam a ser cumpridos os votos, que formára desde a infancia. Avisinhava-se para elle esta encantada região americana, pela qual havia sempre suspirado, como o thesouro das mais raras curiosidades naturaes. Que sentimentos o affectaram, que enthusiasmos o renderam n'aquella solemne occasião, podemos nós avaliar, considerando nas proprias palavras, com que registou as suas inesperadas commoções. «Quando pela primeira vez se contemplam, diz Humboldt, as cartas geographicas e se lêem as descripções dos viajantes, experimenta-se por certas regiões e certos climas uma especie de predilecção, que nas tenras edades não podemos ainda explicar. Estas impressões, que na puericia recebemos, influem poderosamente sobre as nossas futuras resoluções, e inclinam-nos como por instincto a buscar as terras desconhecidas e remotas, que desde longos annos tem para nós um encanto mysterioso e ineffavel. Quando pela vez primeira estudei os astros, experimentei um desejo, a que ficam sempre

alheios os que levam uma vida sedentaria na propria terra, em que nasceram. Era-me doloroso perder a esperança de vêr um dia com os meus olhos as bellas constellações, que estanceiam junto do pólo austral. Vogando em demanda das regiões equatoriaes, mal podia eu, por noites serenas do estio, pregar os olhos na abobada estrellada, sem pensar involuntariamente na *Cruz do Sul*, e sem que á memoria me occorresse o celebre trecho do poeta florentino». [1] O *Cruzeiro* havia sido já tres seculos antes aos navegadores, que viam desapparecer ao norte as constellações do hemispherio boreal, o prenuncio feliz de que novas e suspiradas regiões iam surgir do horizonte, e mos-

[1] Os versos a que allude Humboldt são aquelles em que o Dante parece descrever o *Cruzeiro do Sul*:

I'mi volse à man destra e posi mente
All'altro polo e vidi quattro stelle
Non viste mai fuor ch'alla prima gente
. . . .
O Settentrional vedovo sitio
Poi che privato se'di mirar quelle.

Purgat. I, 22–27.

trar aos olhos insaciaveis os primeiros promontorios da terra de Colombo.

«A satisfação que sentiamos, diz Humboldt, ao descobrir o *Cruzeiro*, sentiam-n'a egualmente os homens da equipagem, que já tinham habitado nas colonias. Na solidão dos mares sauda-se uma estrella, que se torna a vêr, como se fôra um amigo, de que nos trouxera separados uma ausencia de longo tempo. Em portuguezes e hespanhoes desperta ainda o *Cruzeiro do Sul* outro mais elevado sentimento. Veneram elles na fórma d'aquella constellação o signal da fé implantado pelos seus antepassados nas vastas regiões do Novo Mundo.» [1]

Uma febre, que principiára a grassar a bordo do navio, ia victimando guarnição e passageiros. Diffundia-se o terror. Crescia em todos o anceio de saltar na primeira terra, que se lhes deparasse na derrota. Apertavam com o capitão para que aproasse a Cumana, porto mercantil situado na

[1] Humboldt. *Voy. aux. régions équin. du Nouv. Cont.*, II, 28.

costa septentrional de Venezuela. A epidemia assim foi causa de que alterasse Humboldt o plano inicial, e se resolvesse a aportar em Cumana, deixando para depois a excursão, que trazia projectada á Nova Hespanha e ás Antilhas. Em Cumana não perderia o ensejo de estudar as costas ainda pouco exploradas de Venezuela e de Paria. A calamidade, que viera aguarentar as doçuras da viagem, foi assim a origem de uma vasta e aventurosa expedição, que Humboldt na traça primitiva não havia delineado, e que elle poz em effeito desde o Orenoco até ao limite dos estabelecimentos portuguezes no Rio Negro.

Quarenta e um dias havia durado a navegação desde a Corunha até Cumana, e n'este tempo havia Humboldt enriquecido a sciencia com utilissimos estudos e preciosas collecções. Devemos citar n'esta occasião as suas observações de thermometría, segundo as quaes verificou que a temperatura do Oceano, abstraindo das estações e das differenças de posição, é em média

mais elevada que a temperatura da atmosphera.

O aspecto dos céus, unico espectaculo, onde o navegante póde encontrar compensação á monotonia do Oceano, fôra a Humboldt occasião para outros estudos não menos proveitosos á sciencia. Foi durante a sua navegação que elle observou particularmente, sob o aspecto scientifico, a côr azul do firmamento. Não sómente o encantavam os furta-côres e os matizes, de que se tinge e enfeita a abobada celeste, nem apenas contemplava na coloração dos ares os effeitos pittorescos, que tanto deliciam o paisagista ou o poeta. Interrogava as causas d'aquelles phenomenos, não menos curiosos, ainda que mui vulgares. Foi Humboldt o primeiro, que nas regiões equinocciaes emprehendeu e proseguiu as observações scientificas sobre as variações da côr do céu. Já em 1765 o celebre Deluc havia dispertado a attenção dos physicos sobre as côres celestes, e indagado as suas causas e as suas condições. Em 1791 Saussure adiantava as

investigações do seu antecessor, e inventava um instrumento, a que deu nome *cyanometro* (litteralmente *medida do azul)*, com cujo auxilio, e por meio de uma escala de côres ceruleas desde a mais escura até á mais desmaiada, buscára determinar os graus do azul athmospherico. Do cyanometro de Saussure muito se aproveitou Humboldt na sua larga navegação, e descobriu notaveis relações entre os graus do azul dos céus e certos phenomenos meteorologicos e a possibilidade de os prever. Das côres do firmamento parece natural que o infatigavel observador passasse ás côres, de que se tingem na apparencia as aguas do Oceano. O cyanometro de Saussure lhe foi igualmente proveitoso n'estas novas observações. Humboldt reconheceu que os matizes do mar não dependem forçosamente das côres celestes, e concluiu que apenas se podia considerar como uma expressão poetica aquella, em que se affirma, que o Oceano espelha sempre as tintas, de que se veste e arreia a atmosphera.

As correntes do Oceano, a densidade e phosphorecencia das suas aguas, completaram os estudos de physica do globo, emprehendidos por Humboldt durante a sua primeira navegação. Não estíveram ociosos n'aquelles dias os magnificos instrumentos astronomicos, de que o sabio se provêra para tão dilatada campanha scientifica.

Após uma travéssa, que durou dezenove dias, deu vista do sobranceiro littoral de Tabago e Trinidad e a 16 de julho de 1799 surgia Humboldt no porto de Cumana. Tocava n'este formoso continente, que fôra desde muitos annos como a sua terra de promissão, o thesouro quasi escondido e mal apreciado, de que esperava desèntranhar para a sciencia as maximas riquezas.

A Hespanha era ainda ao declinar o XVIII seculo uma nação, que attestava largamente as suas glorias e conquistas no Velho e Novo Mundo. Nenhum imperio, nos antigos ou nos modernos tempos, alcançára estender as suas fronteiras em tão affastadas regiões. A espada brilhante de Carlos V, e a

politica sombria de Philippe II estavam ainda vivamente debuxadas n'aquelle povo batalhador e aventureiro, que em grande parte da Europa dominára pela victoria ou pelo ardil, e na terra de Colombo, consolidára o seu imperio nas mais dilatadas e fecundas regiões. Oitenta graus de latitude (trinta e oito ao norte, ao sul quarenta e dois) desde a ponta mais septentrional da California até além da extrema meridional do Chili, se contavam sem nenhuma interrupção no dominio colonial dos hespanhoes. Na America do Norte a Florida, a Luisiana, Texas, o Mexico e a California; da America Central, nem uma parcella, onde não tremulasse a bandeira dos leões; da região meridional sómente alheios da sua obediencia o Brazil, a Patagonia, a Terra do Fogo. As chamadas Indias Occidentaes na maxima parte vinculadas á corôa dos reis catholicos.

Este immenso mundo ultramarino, já n'aquelles tempos mal submettido á dura e egoista dominação da sua metropole, era ainda quasi ignoto para a sciencia. Dos na-

cionaes rarissimos estudavam e descreviam as coisas americanas. A forasteiros cerrava-se com ciosa intolerancia o ingresso n'aquellas vastas possessões. No decurso de tres seculos apenas se numeravam seis viagens auctorisadas pelo governo e empreendidas por hespanhoes ou estrangeiros ás regiões do Novo Mundo com o fim de alargar os dominios da observação. As excursões de Francisco Dominguez em 1577, de Feuillée em 1705 e de Frezier em 1712 pouco haviam produzido em beneficio da sciencia.

Citavam-se modernamente entre os exploradores d'aquellas paragens alguns sabios illustrissimos, os academicos e navegadores francezes Godin, Bouguer, La Condamine, os geometras e maritimos hespanhoes D. Jorge Juan e D. Antonio Ulloa, todos os quaes principalmente se haviam consagrado a trabalhos astronomicos e geodeticos.

As excursões de Solano em 1754, de Requena, as herborisações de Loffling em 1751; os escriptos de Gili, de Gaulin e Dobritzhofer, haviam medianamente contribui-

do para patentear ao mundo scientifico as riquezas naturaes da America hespanhola.

E a taes extremos havia chegado a suspicacia do governo ácerca dos estrangeiros, que no anno de 1769, egualmente assignalado pelo nascimento de Humboldt e pela passagem de Venus pelo disco do sul, a primeira regularmente observada pelos mais celebres astronomos, não fôra permittido aos sabios inglezes desembarcar nas costas da California para estudar o phenomeno celeste.

Em Cumana, offerecia-lhe o paiz quantos objectos de estudo podiam interessar a sua incansavel actividade intellectual. Havia pouco tempo que a cidade fôra sacudida, quasi derrocada por um violento terremoto. É ali vulcanico o sólo, frequentes os abalos do terreno. Podia Humboldt estudar ali as relações, que prendem as revoluções da crusta do globo com os phenomenos de instantanea deslocação, que tão frequentes e tão perigosos se manifestam n'estas regiões americanas. Para estudar os

assumptos geologicos, determinou arriscar uma excursão á peninsula de Araya, para onde, com o seu inseparavel companheiro, se encaminhou a 9 de agosto de 1799. Ali divagou alguns dias pelas florestas, e recebeu generosa hospitalidade na cabana de uma familia de indios, dos que a civilisação não podera ainda inteiramente exterminar. Adiantou depois os passos a visitar a região dos indios Chaymas, paiz opulentissimo de riquezas vegetaes e zoologicas, onde habitavam ainda então algumas tribus quasi no estado de rudeza natural. Aqui se patentearam a Humboldt as magnificencias, com que a natureza é ao mesmo tempo selvagem e formosa, esplendida e agreste nas virgens regiões do Novo Mundo.

A 12 de agosto de 1799 chegou Humboldt e o seu amigo Aimé Bonpland, depois de uma ascensão difficil e prolongada, ao sitio principal da missão dos indios Chaymas, onde está edificado o convento de Caripe. Ali repousaram por alguns dias os dois fatigados caminhantes. «Nada, exclama

o viajante enlevado nas formosuras da natureza, nada se póde comparar á sensação de ineffavel tranquillidade, que produz o aspecto da abobada estrellada n'esta deliciosa solidão». Do mosteiro de Caripe se dirigiu Humboldt com Bonpland a visitar as outras povoações principaes d'esta missão, taes como San Antonio, Guanaguana. Examinou a caverna de Guacharo, situada no proprio valle de Caripe e povoada de milhares de aves nocturnas de uma especie então desconhecida, pertencente ao genero *caprimulgus*, Linn. [1] Foi Humboldt o primeiro, que trouxe á Europa a noticia d'aquella gruta celebrada e temerosa para os indigenas, que a julgam povoada dos espectros de seus antepassados. [2]

«Nada se póde assemelhar, escreve Hum-

[1] Carta de Humboldt ao barão de Forell, na *Correspondance scientifique et littéraire*, publiée par de La Roquette, Paris 1865, pag. 89.

[2] «C'est l'Achéron des Indiens Chaymas, car selon la mythologie de ces peuples et des Indiens de l'Orénoque l'âme des défunts entre dans cette caverne» Ibid.

boldt, á magestosa entrada d'esta caverna, ensombrada de palmeiras, *pothos*, *ypoméas.*»[1]

Depois de uma larga excursão, que durou por mais de um mez, chegaram á cidade de Cariaco. Mas porque a malignidade do clima estava então causando febres perigosissimas, embarcaram para se fazer na volta de Cumana, onde Humboldt proseguiu os seus estudos ethnographicos e linguisticos ácerca das tribus indianas, que n'esta expedição tivera occasião de conhecer.

Durante a segunda residencia em Cumana estiveram Humboldt, mais o seu inseparavel companheiro, a ponto de ser victimas de um *zambo* (assim chamam n'aquellas partes aos mestiços de negro e de indiano), o qual os salteou e perseguiu com brutal ferocidade, emquanto, como haviam por costume, se desenfadavam passeando, ao cair da tarde, ao longo do golpho de

[1] Carta de Humboldt a von Zach, datada de Cumana 1.° de sept. 1799 em Bruhns' *Alex. von Humboldt*, I, 324.

Cumana. Ainda a braveza do indio alcançou maltratar a Aimé Bonpland, a quem e a Humboldt, inoffensivos e inermes, salvaram da furia do selvagem alguns mercadores biscainhos, que por fortuna ali passavam n'aquella occasião.

Este pouco lisongeiro desaguisado não inhibiu o viajante prussiano de aproveitar o ensejo, que se lhe deparava, de observar o eclipse do sol a 28 de outubro de 1799. A 18 de novembro um novo assumpto de curiosissimos estudos se lhe deparou no chuveiro copioso de ėstrellas cadentes, que ainda então não tinham, como no presente, sido observadas e descriptas como um phenomeno periodico submettido ás leis, que regem o mundo planetario.

N'esta região, onde os tremores de terra são tão frequentes, não era rasão que Humboldt houvesse por algum tempo estanceado, sem assistir a um d'estes grandiosos e temerosissimos phenomenos, em que se manifesta a acção plutonica. A natureza como que não quiz deixar partir de Cumana

o viajante sem lhe preparar um d'estes seus espectaculos sublimes, que ao vulgo põe terror, e ao sabio dão pretexto a meditar nas forças da natureza e na historia da creação.

Observados em Cumana os effeitos de um tremor de terra tão violento, que por tres vezes se repetiu, e poz em lastimosa agitação os habitantes da cidade, partiu-se Humboldt e o seu infatigavel consocio para levar a cabo a nova digressão, que havia delineado. Planeou seguir, costeando o littoral, até La Guayra, e depois demorar-se em Caracas até o fim da estação das chuvas, discorrer pelos *Llanos*, planicies extensissimas do Orenoco, logo por suas aguas chegar até ao Rio Negro, na fronteira do Brazil, e depois volver por Angostura ao ponto de partida. Havia assim de correr umas quinhentas milhas, das quaes mais de dois terços se haviam de navegar em canoas, em paiz até ali quasi desconhecido, e onde as missões mui pouco tinham ainda conquistado. Requeria a viagem ani-

mo esforçado, enthusiasmo fervoroso, d'este que só póde inspirar o ardor da fé ao missionario, o culto da sciencia ao naturalista. Multiplicavam-se os argumentos para o demover do seu proposito. Afeiavam-lhe os perigos da empreza temeraria. Encareciam-lhe os terrores da expedição, onde a gloria seria incerta, quasi inevitavel a ruina. A tudo respondia o intrepido peregrino com esta voz intima e invencivel, que o estava aconselhando a proseguir, deixando aos espiritos vulgares anteporem as delicias do ocio aos riscos da conquista.

Não sem padecer saudades da terra, onde já deixava gratas affeições e lembranças apraziveis, se despediu Humboldt de Cumana a 18 de novembro. Foi Nova Barcelona o primeiro porto, onde surgiu, na embocadura do rio Neveri, celebrado pela multidão de crocodilos, que o habitam. Ao dia seguinte os passageiros da pequena embarcação, temendo os perigos da viagem no inseguro lenho, resolveram seguir por terra até Caracas. Bonpland tomou tam-

bem este partido, porque lhe vinha mais azado para ir herborisando a seu sabor. Humboldt, acompanhado de um piloto, proseguiu a derrota no barquinho. Chegando a La Guayra, demorou-se breve espaço, porque a febre amarella tornava então pouco habitavel a paragem. D'ali partiu para Caracas, onde aportou em fins de novembro, quatro dias antes dos seus campanheiros, que por terra e entre infinitas contradicções haviam seguido suas jornadas.

IV

Caracas — Ascensão do Monte Silla

A primeira imagem, que Humboldt recebeu ao avistar a cidade de Caracas, não era de certo a mais feliz para lhe apagar as saudades, que trazia ainda frescas de Cumana. Cerca de tres mil habitantes contava n'esse tempo a povoação. Havia porém o que quer que fosse de sombrio e melancholico no aspecto do logar. Como que se estava soletrando na physionomia triste da cidade hispano-americana a terrivel condemnação, que alguns annos depois, em 1812, sepultou sob as ruinas dos seus edi-

ficios, a impulsos de um terremoto, grande parte dos seus desventurados moradores. Pareceu ao primeiro aspecto ao viajante prussiano, que não era a juvenil terra de Colombo, mas o velho paiz do Hartz, que lhe apparecia nas cercanias de Caracas. Penetrou depois nos valles sempre viçosos e amenissimos, que demoram em volta da cidade, sentiu a doce impressão de uma temperatura, que até de noite, não desce áquem de dezoito graus, admirou a opulenta vegetação, em que a flora dos paizes europeus se entrelaça com a das regiões equinocciaes, e reconheceu que eram os suburbios de Caracas, como elle dizia, um delicioso paraizo, onde a natureza estava sorrindo uma eterna primavera.

Depois de apreciar as formosuras do clima, e as riquezas da vegetação, foi o primeiro empenho de Humboldt subir ao alto do monte Silla, a que ninguem ousára até aquelle dia devassar as cumiadas. Era quasi impossivel encontrar um guia do paiz para tão difficil ascensão. Começava então o ul-

timo anno do seculo XVIII. Era a 22 de janeiro de 1800 que Humboldt e Bonpland, e mais quinze ou dezeseis pessoas, a quem attrahira a novidade da excursão e a curiosidade da empreza, se dispunham, por um dia sereno e formosissimo, a tentar a subida da montanha. Pela estima de alguns negros, que serviam de conductores, era o caminho para durar seis horas quando menos. Corria aspero, fragoso, mas como que tinha disfarçadas as agruras com as infinitas bellezas naturaes, que a cada passo iam detendo e maravilhando a attenção dos viandantes. De estação em estação ia a caravana rareando. A meia ladeira haviam já perdido o animo a mór parte dos companheiros. Ao pico apenas chegaram Humboldt e Bonpland.

As fadigas d'esta ascensão tão ardua, para a qual foi necessario envidar todos os brios, que inspira o amor da natureza e o culto do saber, fóram largamente galardoadas em Humboldt pelo esplendido painel, que d'aquella região elevadissima se lhe

offerecia desenrollado n'uma paizagem sem limites. D'ali, pela vez primeira, gosou o ardente naturalista o espectaculo sublime da agreste natureza, e a scena grandiosa da creação, sem o minimo vislumbre de povoação e vida culta. Era um paiz tão extenso como a França, que se ia desdobrando até se confundir com o firmamento em horizontes, cuja linha era esbatida e imperceptivel. Era um circulo immenso, que d'aquella altura de oito mil pés, a que subira o viajante, se estendia em volta d'elle, sem que o mais leve bulicio de uma cidade, a menor modulação da voz humana, interrompesse a magestade d'aquella solidão, e trouxesse á memoria do observador extasiado a existencia sequer da humanidade.

Passemos em silencio as fadigas, que Humboldt padeceu no proseguimento de seu aventuroso caminhar por aquelles infindos *Llanos*, aonde antes d'elle poucos homens se haviam arriscado. Calemos as numerosas observações, com que aproveitou

as suas jornadas, os nivelamentos barometricos, que emprehendeu, e os estudos geologicos, que lhe occuparam o espirito n'aquelle paiz, ainda inteiramente virgem de toda a contemplação intellectual e scientifica. Deixemol-o agora internar-se durante o mez de fevereiro de 1800 pelos valles de Aragua e de Tui. Visitemos com elle as plantações de assucar em Manterola. Contemplemos em sua companhia as cearas immensas, onde o solo por uberrimo, o clima por benigno permittem aos colonos duas messes annuaes. Deixemol-o repousar de suas fadigas na *Hacienda del Cura*, observar ali a cultura do algodão e estudar a economia rural. Sigamol-o ás margens do romantico lago de Valencia, e assistâmos ás curiosas observações, que elle institue sobre a diminuição das aguas n'aquelle vasto repositorio, e as suas relações com os phenomenos da vegetação e do solo circumvisinho. Vejamol-o contemplar nas cercanias de Mariara a arvore chamada *volador* pelos colonos hespanhoes, e de que elle colligiu

os fructos e os enviou depois á Europa, onde se reproduziram nos hortos de Berlin, de Paris e Malmaison.

O calor intenso, que então reinava n'aquellas regiões, obrigou Humboldt a seguir só de noite suas jornadas para Nova Valencia. Depois de seis dias de marcha, em um caminho, onde os *jaguares* ou tigres americanos não poupavam a sua presença, chegaram os viajantes a Nova Valencia, visitaram a cidade e as fontes thermaes de Trinchera, situadas a tres milhas da primeira povoação, dirigiram-se depois a Puerto Cabello, d'onde, tocando em Calabozo, seguiram pelas solidões dos *Llanos* até S. Fernando de Apure.

No trajecto de Puerto Cabello para os deliciosos valles de Araguay verificou Humboldt pelos seus proprios olhos a existencia e as propriedades da celebrada *arvore da vacca*, (*Bosimum galactodendron*, familia das *Artocarpaceas*, *palo de vaca* dos hispano-americanos) de que até então houvera duvidado, apesar do que das suas maravilhas tinha

ouvido referir. Esta arvore, quando no seu caule se pratica uma incisão, mana de si copiosamente um leite de grato sabor e de suavissimo perfume, e offerece aos negros um saudavel alimento mui facil de alcançar. De todos os prodigiosos descobrimentos, que a natureza deparou a Humboldt nas suas largas e variadas peregrinações, confessa elle que poucas lhe originaram uma impressão igual á causada pela vista d'aquella arvore providencial.

A 6 de março deixou Humboldt com o seu companheiro os valles de Araguay para continuar a sua trabalhosissima romagem nos desertos immensos do Novo Mundo. Levava-o o caminho pelos *Llanos* entapisados de uma relva copiosa e sempre viridente, onde os jaguares a cada instante ameaçam de accommetter os desprevenidos caminhantes; onde o sol ardente não acha uma folhagem, que lhe tempere o dardejar, porque as escassas palmeiras, que brotam aqui e acolá, são pobrissimas de rama, e mirradas pela quentura do paiz.

N'estes *Llanos* observou Humboldt as grandes manadas de cavallos e de bois, que á solta se retouçam e pascem por aquelles campos sem limite e sem cultura. Nas proximidades de Calabozo teve ensejo de observar os curiosos peixes electricos, os *gymnotos*, os quaes em numerosissimos cardumes povoam as aguas, que d'aquella região se vão lançar no Orenoco.

A 27 de março entrou Humboldt em S. Fernando de Apure, depois de haver errado por dois dias nas vastas planicies dos *Llanos* de Caracas, onde a vista não descobre objectos, que se altêem mais de uma pollegada acima do terreno, e depois de ter visitado um pequeno mosteiro de capuchinhos, fugido a todas as tentações do mundo n'aquella pavorosa e sublime solidão.

Tres dias se demorou Humboldt em S. Fernando de Apure, os quaes aproveitou para estudar as curiosidades do logar e as d'esta região, onde o Orenoco mistura as suas aguas com o Amazonas, por um systema hydrographico, semelhante ao do baixo

Egypto. De S. Fernando seguiu pelo rio Apure, embarcando, com Bonpland, n'uma *piroga*, das que os indios sabem fabricar, e esquipam e dirigem n'aquella fluvial navegação. Foram andando pelo rio, levando provisões para um mez, e mercancías de resgate para tratar com os indios do Orenoco e ganhar-lhes a affeição com presentes e liberalidades. É o rio copioso em peixes de varias especies, em cavallos marinhos e tartarugas, e pelos arvoredos de suas margens habitam e volteam aves numerosas, na plumagem vistosissimas, alegres em suas modulações. Tudo o que no decurso da derrota, se lhe ia deparando a Humboldt de curioso ou digno de nota, o ia apontando em seu roteiro, para que a relação, escripta ainda com o assumpto presente á propria vista, viesse logo respirando a verdade das descripções, em que se copia, em vez de rememorar-se a natureza. Grande esforço e bizarria era mister que animasse os viajantes para que pelo simples interesse da sciencia, se aventurassem aos perigos

de tão agra e demorada navegação. Na corrente, que seguiam cosendo-se com a terra, vinham animaes de catadura ferocissima, tigres, pantheras, crocodilos de mais de vinte pés de comprimento, saudar de muito perto a fragil canoa, que levava pelos desertos rios americanos a Alexandre de Humboldt e o seu infatigavel companheiro. Todos estes incidentes e episodios quebravam a monotonia do caminho. Passava muitas vezes a piroga sob a ramada dos arvoredos, que se abobadavam sobre as aguas. Os gritos dos papagaios perturbavam o silencio d'aquellas solidões, e os travessos quadrumanos, com seus momos e esgares, similhavam ao longe por entre as arvores uma tribu sylvestre, espantada do aspecto e serenidade dos seus visitadores.

Chegára Humboldt a final ás aguas do Orenoco. Era selvagem e magestoso o espectaculo d'aquelle rio caudal, com as suas ondas crespas e revoltas, como as de um mar tempestuoso. Experimentava Humboldt uma nova sensação na terra americana,

contemplando um d'estes rios gigantes, de que a Europa sómente nos offerece apoucadas miniaturas.

Deliciavam-no as lendas e tradições mythologicas, que a imaginação e a palavra pictoresca dos indios tripulantes iam poetisando ácerca do rio, que tinham por sagrado. Aqui por descuido do piloto, estiveram as aguas impetuosas a ponto de subverter a ligeira embarcação, e com uma onda que a alagou, se molharam os papeis, as collecções e os instrumentos, que formavam a bagagem dos dois naturalistas. Ao cair da noite tomaram terra n'um ilheo esteril, que demorava a meio da corrente. Ali abivacaram, resfolegando dos perigos já passados. Sentados alegremente em *carapaças* ou conchas de tartaruga, aprestaram e comeram sua modesta refeição, em quanto a lua brilhando com todo o esplendor do plenilunio, servia de lampada ao festim de ascetica frugalidade. Eram apenas decorridos tres dias de viagem. Faltavam ainda tres mezes para que a navegação se concluisse.

Era medonha a perspectiva dos lances que affrontar, a certeza das fadigas que padecer. Quem obrigava o sabio a confiar-se aos caprichos da fortuna? Que dever de honra o impulsava a despresar a vida, que ia arriscar em tantas aventuras, e perder talvez em sitio, onde tivesse por funebre cortejo os crocodilos e jaguares? Incitava-o a mesma voz invencivel e poderosa, que estimulára a energica vontade de Colombo, entre os perigos e enfermidades recrescentes, contra a insurreição e cobardia de seus desanimados companheiros.

No ilheo dormiu Humboldt aquella noite, pensando nos riscos do futuro, emquanto os rugidos temerosos do jaguar resoavam pelo reconcavo das margens, como uma sinistra comminação á audacia do forasteiro.

Tem o Orenoco n'estas paragens, não obstante distar ainda cerca de duzentas milhas da sua foz, quatro milhas maritimas de largo. Não era a navegação mui segura na *piroga*. Chegados á povoação de Paranima negou-se o barqueiro a governar

por mais tempo o lenho, que temia lhe servisse de sepulchro. Humboldt comprou então a peso de oiro a um missionario do logar outro barco de mais resistente construcção, e n'elle se aventurou de novo ás aguas do Orenoco a 10 de abril do mesmo anno de 1800.

Para se apreciar quanto o naturalista prussiano havia de padecer de incommodos e fadigas para levar a cabo a sua tão difficil excursão, vejamos como era o baixel em que ia navegando em rio tão caudal. Era o barco fabricado pelos indios, com aquella rudeza habitual, que denuncia em todas as suas obras uma sciencia primitiva e uma arte sem reflexão e sem progresso. Á popa haviam disposto uma especie de beliche, em que mal se podiam accommodar quatro pessoas, e era tão baixo aquelle tal ou qual abrigo, que para ali caberem os viajantes eram forçados a tomar as mais contrafeitas posições. Á proa iam sentados dois a dois os possantes indios remadores, os quaes acompanhavam as pancadas uniso-

nas do remo com uma triste e monotona cantilena, que lhes adoçava o esforço do trabalho. O pequeno espaço, que os homens deixavam desoccupado, ia empachado litteralmente por uma innumeravel multidão de objectos colligidos durante as excursões zoologicas e botanicas, monos de especies desvairadas, aves multicores, plantas diversissimas. Este cahos em miniatura era ainda accrescentado pelos numerosos instrumentos, que serviam de material ao pequenino exercito de conquistadores da natureza. Ajuntem-se a estas desagradaveis condições de viajar a mingua de provisões, o intensissimo calor da zona torrida e a alluvião de mosquitos importunos, que vinham saltear a cada instante os viajantes soffredores. [1] Eis ahi as commodidades d'este ho-

[1] «Le manque de nourriture, les mosquites, les fourmis, les aradères, un petit acarus, qui se met dans la peau et la sillone comme un champ, le désir de se rafraîchir par le bain, et l'impossibilité de se baigner à cause de la férocité des caimans, la piqûre des rayas et les dents des petits poissons caribes. Il faut de la jeunesse et beaucoup de résignation pour souffrir tout cela.» Carta de Humboldt

mem singular, que deixára as delicias da patria para arriscar a vida na cruzada da sciencia, martyr animoso da religião da natureza.

Continuando a sua expedição admirou Humboldt as grandes cataractas de Atures e Maypures, aonde se demorou por cinco dias para fazer observações, as quaes sendo concluidas, seguiu ávante para S. Fernando de Atabapo. Eil-o de novo lançado em vastas solidões, onde os homens apenas deixam raros vestigios da sua passagem. Tribus indianas habitavam n'aquellas paragens, e incommodavam as missões que nas proximidades se haviam estabelecido. N'estes ermos selvaticos do Novo Mundo julgava-se o sabio transportado áquelles tempos, em que a terra era apenas povoada, e parecia-lhe que era elle uma das testemunhas da primeira fundação das sociedades. Os indios, que ali poude conhecer,

a Delambre, Nova Barcelona, 24 de novembro de 1800 em La Roquette, *Correspondance scientifique et littérarie*, 115.

viviam em tanta asperesa de costumes e tão fóra de toda a policia e humanidade, que nenhum outro culto professavam senão a primitiva religião dos povos, os quaes ainda não passaram das sensações para as idéas, — a religião que deifica pelo terror as forças da natureza.

A 7 de maio chegou o sabio prussiano ao Rio Negro, depois de trinta e seis dias de perigosa e difficil navegação em tão frageis canoas, como as que lhe haviam servido de baixel. Chegado ao territorio, que separa do Orenoco o rio das Amazonas, rememorou com intima satisfação os lances a que se havia aventurado, e deu-se por bem galardoado de todos os contratempos da viagem com haver preenchido felizmente o intento, que levára. Era este o determinar astronomicamente o curso d'aquelle braço do Orenoco, que se vae confundir com o Rio Negro, e verificar assim irrecusavelmente a sua existencia, que durante meio seculo fôra alternativamente defendida e contestada. Haviam sido tão perfun-

ctorias ás explorações n'aquella região, e tão defeituosas eram as cartas, que d'ella se havia levantado, que a viagem de Humboldt servia antes de tudo á geographia, com determinar precisamente a posição astronomica dos logares, e corrigir os erros numerosos, que até então nos mappas pollulavam.

Repousemo-nos agora um breve espaço para ouvir da propria bocca do viajante as estranhas impressões, que lhe causavam estes paizes, tão visinhos do equador, e antes de Humboldt tão escassamente lustrados por observadores intelligentes. «N'estas paragens interiores da America, diz o naturalista, facilmente nos habituamos a considerar o homem como se fôra um elemento extraordinario e nada essencial á ordem e harmonia da natureza. A terra cobre-se ali de basta vegetação, a cuja plena e vivaz desenvolução não ha contratempos, que se opponham. Immensos nateiros favorecem perpetuamente a actividade e a energia creadora das forças do organismo. Os croco-

dilos e as serpentes *boas* dominam sem rival nos rios torrentosos, em quanto os jaguares, os pekaris, os tapirs e os quadrumanos vagueam livremente pela solidão agreste das florestas, onde, como se fôra em herdade patrimonial, têem assente sua vivenda. O aspecto d'esta natureza virgem e opulenta, onde o homem desapparece, tem o que quer que seja de singular e melancolico. No proprio Oceano e nos desertos arenosos da Africa, onde a vida é uma lucta desigual com a natureza, onde nada nos apparece, que possa trazer-nos á memoria os nossos campos, os nossos bosques e os nossos rios, as solidões estereis, que se atravessam viajando, tem menos de temeroso e de intractavel que as ferteis regiões americanas. Aqui, onde a terra é feracissima, onde um tapete de verdura a está sempre enfeitando com as louçainhas de uma eterna e dourada primavera, em vão buscareis vestigios da actividade humana. Aqui haveis de crer-vos transportado a um mundo inteiramente novo e diversissimo d'aquelle d'onde vindes».

Visitou Humboldt as missões catholicas, que demoram junto do Rio Negro, e chegou até o forte de S. Carlos, o derradeiro posto militar das antigas fronteiras hispano-americanas, situado a dois graus do equador. D'ali seguiu Humboldt pelo rio Cassiquiare. Começou logo a viagem a ser importunada pelas crescentes invasões dos mosquitos, que iam tanto mais enxameando quanto o barco se alongava do Rio Negro. Na margem do levante estanceavam alguns raros e pobrissimos estabelecimentos christãos; a do ponente quasi podia dizer-se inculta e inhabitada. Aqui achou Humboldt exemplificada a anthropophagia nos indigenas, a quem ainda não chegára a esclarecer a luz do evangelho [1]. Poucos annos antes da vinda de Humboldt áquellas terras,

[1] «Nationen die ihren Acker wohl bestellen, Gastfreundschaft ausuben, sanft und menschlich scheinen, wie die Otaheiter, aber auch wie diese — Anthropophagen sind. Ueberall, uberall in freien Sudamerika... fanden wir in den Hutten die entetzlichen Spuren des Menschenfressens!!» Carta de Humboldt a Willdenow, Havana 21 de fevereiro de 1801 em Bruhns' *Alex. von Humboldt*, I, 341.

(se dermos credito a um biographo) um natural, que exercia o officio de alcaide, de sua propria mulher se fizera anthropophago, depois de a haver condimentado e preparado segundo as prescripções mais rigorosas de tão abominavel culinaria [1].

Por aquelle tracto de territorio caminhou Humboldt por entre varias tribus indianas, que se guerream e exterminam mutuamente com feroz encarniçamento, como se não tivessem a minima noção da unidade e sympathia do genero humano, como se os contrarios se lhes affigurassem melhor e mais legitimo alvo a suas azagaias do que os tapires e jaguares das florestas. O que nos não deve espantar que succeda nas silvestres regiões da America central, a nós, que na culta Europa, cujos doceis e brandissimos costumes estamos sempre encarecendo, vemos a guerra accender perennemente os odios, entumecer as ambições, dividir os povos, talar as cearas e assolar as povoações. Nas margens do rio Cassi-

[1] Dr. Klencke *Alex. von Humboldt*, pag. 66.

quiare duas tribus, desallumiadas de todo o clarão do entendimento e da fé christã, por alguns fructos se matam ás frechadas; aqui na que chamamos Europa humanissima, por um nome, por um preconceito, por um mal guardado ceremonial, nos pomos em batalha, e por cada cem indios, que succumbem nas florestas, caem cem mil europeus nas refregas civilisadas, com que a elles os estamos envergonhando pela sua simpleza e rusticidade na arte do exterminio. São os recontros dos indios semelhantes ás cruentas pelejas dos féros animaes, com quem as aprendem; são as nossas tambem refertas de jaguares, com a differença de que as nossas carnicerias as absolve a gloria e as enfeita esta vaidade das nações, a que chamamos nós historia e epopéa.

Foram taes os incommodos e contrariedades, que perseguiram o nosso pacientissimo naturalista na sua viagem do Cassiquiare, que entre todas as suas excursões americanas a nomeia elle pela mais ardua e trabalhosa.

Em cento e trinta leguas de caminho nem uma só humana creatura podera divisar [1].

A 21 de maio de 1800 chegou Alexandre de Humboldt com o seu amigo Aimé Bonpland á missão de Esmeralda. Ali se deu por largamente galardoado de todas as fadigas e trabalhos, que passára, pelo que se lhe offerecia de grandioso e verdadeiramente admiravel aos olhos de um viajante, o qual procurava ao mesmo tempo nas obras da creação enriquecer as sciencias physicas e aprender esta que póde chamarse a esthetica do universo. O aspecto da soberba penedia de granito, que surgindo, como o obelisco monumental da natureza, até perto de oito mil pés de altura, divide os dois braços do Orenoco, foi para elle uma origem de mais gratas sensações e de mais inesperada maravilha, do que aos que viajam no deserto de Africa a estructura, comparativamente pygmea das pyramides do Cairo. N'este ponto da sua expedição col-

[1] De la Roquette, *Corresp. scient. et litt.*, 104.

ligiu Humboldt preciosos materiaes para a hydrographia comparada, e os estudos e apontamentos de toda esta viagem serviram de valiosa correcção e acrescentamento á geographia das regiões, que tomára por theatro da sua aventurosa exploração [1].

Na missão de Esmeralda conheceu Humboldt o energico veneno vegetal, que ali é preparado pelos indios Catarapeni e Maquiritares, com o nome de *curare*, e por elles empregado ora em hervar as suas frechas e outras armas para a guerra e para a caça, ora como agente medicinal em suas enfermidades. É o *curare (Strychnos toxifera*,

[1] «Pendant ce voyage, que a duré un an, j'ai déterminé cinquante quatre points de l'Amérique Méridionale, dans lesquels j'ai observé les latitudes et les longitudes, les premières déduites pour la plupart de la hauteur méridienne de deux astres au moins; les dernières ou par les distances de la lune au soleil et aux astres, ou par le gardetemps et des angles horaires; je m'occupe de tracer la carte des pays que j'ai parcourus; et comme mes observations remplissent le vide, qui se trouve dans les cartes entre Quito et Cayenne au nord de la rivière des Amazones, je me flatte qu'elles intéresseront les géographes.» Carta de Humboldt a Delambre, Nova Barcelona, 24 de novembro de 1800 em De la Roquette *Corresp. scient. et littér.* 117.

Schomburgk) um dos tres mais lethiferos venenos vegetaes. São os outros dois o *ticuna*, de que usam no Amazonas, e o *upas*, que de uma arvore de Java *(Antiaris toxicaria*, familia das *Autocarpaceas)* extrahem os indigenas. Prepara-se o *curare* n'uma especie de festividade campesina. Humboldt e Bonpland assistiram em Esmeralda a uma d'estas supersticiosas e terriveis solemnidades, e depois de hervarem com a peçonha algumas settas para a caça das aves, que intentavam colligir no restante da viagem, se foram seguindo seu caminho.

A 23 de maio deixavam Esmeralda. Principiavam então a padecer as consequencias das grandissimas fadigas, que até ali haviam temerariamente supportado. Os esforços quasi sobrehumanos, com que haviam proseguido a expedição, os calores do clima, a praga dos insectos, a ruindade das vitualhas, tudo agora sentiam na fraqueza e cansaço que os rendia. O animo começava de ceder um pouco á natural fragilidade. Como que os entristecia a solidão

das terras, que então iam atravessando. A um lado e outro planicies, onde a vista se espraiava sem limites, aqui e acolá rochedos e penedias. N'aquelles desertos selvagens o sentimento, que lhe infundia a ausencia dos homens, [1] tornava-se para Humboldt tanto mais profundo e melancolico, quanto elle ia divisando nas rudes esculpturas e nas inscripções monumentaes, gravadas por uma glyptica imperfeita nas massas de granito, o testemunho eloquente de que por aquellas regiões haviam n'outro tempo demorado tribus adiantadas em cultura intellectual, as quaes tinham inteiramente desapparecido, deixando nos seus

[1] «Quatro mezes a fio dormimos nas florestas, cercados de crocodilos, de *boas* e de tigres (que n'estas paragens assaltam as canôas), tendo por unicos mantimentos arroz, mandioca, *pisang*, a agua do Orenoco, e ás vezes tambem macacos. De Mondavaca até o vulcão Duida, dos arredores de Quito a Surinam n'uma area immensa de 8:000 milhas quadradas, na qual nem um só indio, mas sómente monos e serpentes nos sairam ao caminho, etc.» Carta de Humboldt a Willdenow (em allemão) Havana, 21 de fevereiro de 1801 em Bruhns' *Alex. von Humboldt*, I, 340.

monumentos as memorias, agora indecifraveis, dos seus gestos nacionaes.

Proseguindo na derrota, que levava, passou Humboldt pela grande catadupa de Maypura, e a 31 de maio saltou na margem oriental do Orenoco, no sitio chamado *Puerto de la Expedicion*, para ali visitar a caverna de Ataruipe. Havia sido provavelmente a immensa crypta natural, escolhida pelos antigos habitadores d'aquelle territorio para logar de suas sepulturas. Ali encontrou Humboldt uma innumeravel multidão de despojos mortaes das tribus americanas. Examinou attentamente a vasta catacumba e as ossadas que n'ella repousavam. Colligiu esqueletos, que podessem servir para illustrar as suas doutas investigações sobre a anthropologia do Novo Mundo. Por uma noite serena, allumiada por um esplendido luar, deixaram os viajantes a necropole indiana, que guardava os restos agora solitarios de uma nação extincta, e os ultimos representantes de uma antiga e perdida civilisação.

Depois de passarem segunda vez pelas perigosas cataratas do Atures na mal segura canôa, que lhe servia de baixel, chegaram á região onde habitam os indios *ottomaks*, que se distinguem das demais tribus americanas pela singular e viciosa predilecção, com que procuram a terra por alimento. Ali se offereceu ao eminente pensador um novo ensejo para meditar n'este admiravel enigma, que se chama a humanidade, a qual em tantos e tão contrarios costumes e usanças se reparte no globo, que lhe serve de habitação. Ali se admirou o viajante sem acabar comsigo de convencer-se de que em tão fertil e privilegiado territorio, em meio de tantas riquezas vegetaes, possa haver homens, que busquem por acepipe uma pouca de argilla, e a tenham por grata e deliciosa ao paladar.

Depois de uma excursão, que durára setenta e cinco dias, em que haviam percorrido trezentas e setenta e cinco milhas maritimas nos cinco rios caudalosos, o Apure, o Orenoco, o Atabapo, o Rio Negro e o

Cassiquiare, n'uma canoa de imperfeita e fragil constructura, sob os mais ardentes sóes e contra perigos capazes de pôr espanto e terror aos mais audazes, veiu Humboldt a entrar por meado de junho de 1800 na cidade de Angustura, capital da provincia da Guyana. Apesar do repouso e commodidade, que lhe offerecia na povoação a hospitalidade das pessoas principaes, Humboldt adoeceu gravemente de uma febre nervosa, e Bonpland, a despeito da sua vigorosa organisação, expiou igualmente com sua enfermidade o pouco em que tivera a vida e a saude durante as suas quasi heroicas expedições. Um e outro em breves dias se restabeleceram e começaram a planear novas, e porventura mais arriscadas excursões.

V

Viagem a Cuba — Alteração do plano de viagem — Carthagena — O Chimborazo — O Amazonas — O Mexico — Regresso á Europa.

De Angostura sairam para Nueva-Barcelona, seguindo o caminho pelo territorio dos Karaibas, que Humboldt pelo interesse, que lhe mereciam os estudos ethnographicos, desejava poder observar. Entraram em Nueva-Barcelona a 23 de julho de 1800. A febre veiu de novo n'esta povoação accommetter a Humboldt, que aos cuidados affectuosos e á sciencia medica do seu inseparavel companheiro, já então restituido ao pleno vigor da sua robusta constituição, deveu o recobrar-se ao cabo de um mez de sua enfermidade.

Apenas liberto de seus padecimentos, o seu primeiro cuidado foi o de expedir para a Europa as copiosas collecções, fructo de suas viagens até áquelle instante proseguidas, para assim livrar-se de uma importuna e pesadissima bagagem nas novas peregrinações, que tinha projectadas. A um joven missionario hespanhol, que de Angostura volvia para a Europa, commetteu o encargo de trazer alguns dos seus manuscriptos e as riquezas naturaes, que havia enthesourado. Alguns tempos depois teve Humboldt a noticia dolorosa de que o seu valioso peculio scientifico ficára sepultado no Oceano em um naufragio, onde perecera o pobre missionario e um moço de Angostura, que a Hespanha levava comsigo para ali buscar-lhe educação.

De Angostura passou Humboldt com o seu amigo á cidade de Cumana em um navio, que ia carregado de cacau, e que por seguir o trafico entre a America hespanhola e a ilha de Trinidad, se podia julgar a bom recado dos navios inglezes, que por

aquellas paragens andavam então cruzando. De um corsario, que vinha de Halifax, foram salteados no caminho, e valeu-lhes a improvisa apparição de uma chalupa de guerra ingleza, que os veiu libertar. Chegados a Cumana vieram saudal-os os amigos, que haviam deixado na cidade, quando da outra vez ali se haviam demorado. Foram tantas e taes as alegrias e festejos, quantos se deviam esperar de quem agasalhava aos dois ousados viajantes como se foram redivivos, por ter durante a sua ausencia corrido voz de que haviam perecido no Orenoco. O estreitissimo bloqueio, em que os inglezes haviam posto as possessões hespanholas do ultramar, obrigou os dois naturalistas a demorarem-se cerca de tres mezes em Cumana, os quaes não foram perdidos para a sciencia, porque durante elles se empregaram Humboldt e Bonpland em diligentes herborisações, em observações astronomicas e meteorologicas e no estudo geologico da peninsula de Araya.

Só a 17 de novembro de 1800 poude

Humboldt seguir de Cumana para Nueva-Barcelona para d'ali singrar a Cuba n'um vaso americano.

A 19 de dezembro chegava Humboldt felizmente á Havana, depois de uma viagem tormentosa de vinte e cinco dias, que haviam sido aproveitados em continuar as já começadas observações sobre o mar e a athmosphera. Mais de dois mezes residiu Humboldt na ilha de Cuba, colligindo ápontamentos ácerca da geologia, do clima, da cultura e da povoação livre e servil n'aquella formosa e fecundissima «rainha das Antilhas».

Nos trabalhos astronomicos e hydrographicos, empreendidos por Humboldt muito o favoreceram e ajudaram os astronomos hespanhoes Robredo, brigadeiro Montes e Galiano, benemeritos companheiros do desventurado navegador Malaspina em suas viagens de exploração .

Era intenção de Humboldt partir da Havana em direitura a Vera Cruz e seguir

[1] Bruhns' *Alex. von Humboldt*, I, 346.

d'ali pelo Mexico e Acapulco, chegar ás Philippinas, d'ali fazer-se na volta de Bombaim, e tocar depois em Bassorá, Alepo e Constantinopla, regressando á patria pelas escalas do Levante. Estava prestes a começar aquella immensa peregrinação, quando pelas gazetas lhe chegou a nova de que o capitão Baudin, o mesmo que Humboldt desejára seguir na sua circumnavegação, partira com effeito de França, singraria para Buenos-Ayres, dobraria o cabo Horn, e indireitaria para as costas do Perú e do Chili. Pensou Humboldt que os resultados scientificos da exploração, que planeava continuar no Novo Mundo, seriam certamente mais seguros e copiosos, se reunisse os seus esforços aos dos naturalistas, que elle sabia haviam de acompanhar o capitão Baudin na sua dilatada navegação. Decidiu pois Humboldt alterar a traça primitiva, que para o resto da viagem delineára, e eil-o á vela em um pequenissimo navio para Carthagena, onde chegou com ventos ponteiros e mares verdes, que lhe tresdo-

braram o tempo da derrota [1]. Um dos mais perigosos accidentes da viagem foi que, antes de chegar Humboldt ao porto de Carthagena, e sendo já proximo da costa, quiz observar um eclipse da lua, e para maior facilidade com alguns homens foi a terra n'uma lancha. Apenas desembarcados, viram-se improvisamente accommettidos de muitos negros, que haviam fugido das prisões de Carthagena, e que armados de punhaes se dispunham a saltear os viajantes com o proposito de se apossarem da canôa. Embarcando com presteza, livrou-se Humboldt com os seus companheiros de cair nas mãos de quem não seria com elles hospitaleiro [2].

Nas cercanias de Carthagena mereceram a attenção de Humboldt os pequenos vulcões, a que os naturaes dão o nome de *vulcanitos*, os quaes em numero de quinze a

[1] Carta de Humboldt a seu irmão, Carthagena, 1 de abril de 1801, em Bruhns', *Alex. von Humboldt*, I, 349.

[2] Carta de Humboldt a seu irmão, Carthagena 1 de abril de 1801.

vinte se elevam a uma altura média de 19 a 25 pés, e estão situados em um espaço de cerca de 1:000 pés quadrados no meio de uma floresta de palmeiras.

Impedia o adiantado e aspero da estação que Humboldt se embarcasse desde logo para continuar a viagem, a que vinha determinado. O tempo, que era forçado a permanecer em Carthagena, não o havia Humboldt de esperdiçar, antes, segundo tinha por costume, como laborioso e incançavel investigador da natureza, tomou logo faina, com que fugir aos ocios da cidade. N'este proposito deliberou-se a repetir no rio da Magdalena, observações similhantes ás que tinham assignalado a sua passagem no Orenoco. Em uma pequena canoa se foi rio acima com Bonpland até ao logarejo de Honda, e repartidos entre si os officios n'esta nova expedição, caiu a Bonpland, como habitualmente succedia, o cuidado de herborisar nas margens do Magdalena, em quanto Humboldt, tomando para si a hydrographia, levantava a carta d'aquelle rio

e do terreno, que elle fertilisa no seu curso. Os quaes trabalhos executaram não sem verem repetidas, pelo ardor dos sóes e pela praga dos insectos, as mesmas importunidades, que os haviam accommettido na exploração do Orenoco. [1]

Chegados que foram á aldeia de Honda, tomáram terra, e em mulos, que são n'aquellas regiões os sós meios de transporte, se encaminharam a Santa-Fé de Bogota, onde as auctoridades e as pessoas mais qualificadas fizeram a Humboldt honroso recebimento. Aqui visitou o naturalista prussiano ao botanico hespanhol Mutis. O conhecer pessoalmente aquelle sabio, e conferir com elle ácerca da phytographia sul-americana, havia sido um dos intentos principaes, que levavam Humboldt a Santa Fé.

Quasi dois mezes andou Humboldt divagando pelos valles d'aquelle territorio, e na cidade se demorou até setembro do anno

[1] Carta de Humboldt a seu irmão, Contreras 21 de setembro de 1801, em Bruhns' *Alex. von Humboldt*, I, 353.

de 1801, atarefado em investigações geographicas e botanicas, em admirar a magestosa projecção das rochas, em estudar a sua contextura e formação, em visitar a soberba catarata de Tequendama, o *Campo de gigantes*, copioso de ossadas de mastodontes, em percorrer as minas do paiz e em observar os effeitos pictorescos dos terremotos, que com tão notavel frequencia sacodem e ás vezes devastam aquellas, na apparencia, deliciosas e tranquillas paisagens. [1]

Somos agora chegados com Humboldt ao theatro de uma das suas mais audazes e fecundas campanhas scientificas. Sigamos o animoso viajante, que vae caminho de uma das mais asperas e levantadas serranias, contemplar nos Andes a energia prodigiosa das forças, que presidem á sublevação das montanhas, e que tantas vezes, no longo decorrer dos periodos geologicos, têem descomposto e espedaçado esta fragil armadu-

[1] Carta de Humboldt a seu irmão, Contreras 21 de setembro de 1801, em Bruhns' *Alex. von Humboldt*, I, 353.

ra, chamada pelos geologos a *crusta* do nosso globo.

É n'esta nova romaria que os perigos e trabalhos parece andarem á porfia tentando a perseverança e o valor do naturalista prussiano. Eil-o transpondo o passo de Quindiu, onde a vereda corre sobranceira de 11:000 pés ao nivel do Oceano. «E' esta, escreve Humboldt, a mais penosa estrada em toda a cordilheira dos Andes. E' uma densissima floresta, despovoada inteiramente. Na mais amena estação do anno ninguem a póde percorrer em menos de dez ou doze dias. E' mister que o viajante em qualquer quadra se aperceba de mantimentos para um mez, porque não raro a fusão das neves e a improvisa cheia das torrentes podem empecer-lhe que se mova em nenhuma direcção... Não ha senda para muares. Os bois, que são n'aquellas regiões os animaes de carga (levavamos doze para conduzir-nos a bagagem) só com durissimos exforços proseguem o caminho... Jornadeavamos por um sólo apaulado, co-

berto de bambús. Os aculeos das raizes d'estas gramineas giganteas, a tal ponto nos dilaceravam o calçado, que fomos forçados a marchar até Cartago, deixando nossos pés um rasto de sangue na vereda.» [1] Eil-o agora chegado a Popayan. São copiosas as chuvas, as quaes tornam ainda mais impervias as sendas, já de si quasi intransitaveis. Sobre o sólo amollecido e empapado pelas aguas vae marchando descalço o viajante. Não ha pelo caminho povoações, nem se quer uma cabana, onde pedir por uma noite gasalhado; ao ar livre abivaca na campanha, fabricando seus abrigos com folhas de *Heliconia*. Eil-o mais adiante visitando os vulcões de Purace e de Sotara, cujas crateras resplandecem coroadas pela neve. Mais ávante entram os viajantes na povoação de Pasto, que demora nas abas de um vulcão em plena actividade. Atravessam depois o equador, e ao cabo de quatro mezes, depois que haviam saido de

[1] Humboldt, *Pittoreske Ansichten der Cordilleren*, pag. 16 e seguintes.

Santa Fé, dão entrada a 6 de janeiro de 1802 na cidade de Quito, a velha capital do imperio dos Incas, a Roma da civilisação americana.

Com a amenidade e doçura do clima se restaurou Humboldt das fadigas e molestias, que passára no caminho. O marquez de Selva Alegre tivera o cuidado de hospedar os viandantes n'uma casa, «que, no dizer de Humboldt, offerecia tantas commodidades, como em Londres ou Paris se poderam desejar.» Em Quito habitou durante cerca de oito mezes, e d'ali saía, como do quartel general da sua actual campanha, a estudar a natureza, tão rica e variada nos seus aspectos e nas suas producções. A geologia, a botanica, a meteorologia, as observações hypsometricas e astronomicas repartiam entre si a attenção de Humboldt e do seu indefesso collaborador. D'aquella temporada, que passou em Quito o prussiano, nasceu um dos mais bellos trabalhos, com que se haja n'este seculo enriquecido a geognosia, queremos fallar do estudo da ca-

deia dos Andes, que até então mais assombrára pela sua magestosa elevação os viajantes, do que revelára os segredos naturaes á perspicacia de sabios exploradores.

O amor da geologia era quem principalmente o incitára a empreender a sua larga viagem americana. Eram os estudos ácerca da constituição do globo o *centro de gravidade*, segundo a expressão de Julius Ewald, de todas as suas fecundissimas locubrações. [1]

É a este periodo de ferteis excursões e de fadigas scientificas, que pertence a ascensão trabalhosissima ao vulcão famoso de Pichincha. Foi por este tempo que elle subiu tambem aos cumes nivosos do Antisana, do Catopaxi, do Ilinica, picos vulcanicos da cadeia dos Andes, o ultimo dos quaes se ergue acima de toda a cordilheira, e chega a tal eminencia que se ouve o seu fortissimo estridor a duzentas milhas de distancia. Parece á primeira vista, que n'aquellas

[1] «In der Erfolgen seiner amerikanischen Reise liegt ubrigens der Schwerpunkt von Humboldt's Leistungen auf geologischem Felde uberhaupt.» Bruhns', *Alex. von Humb.* III, 116.

alpestres regiões, se a imaginação se póde deliciar, a sciencia pouco tem que descobrir. O barometro ministra com presteza a medida das altitudes, mas as continuas variações da temperatura, e as incessantes correntes athmosphericas ascensionaes e descendentes, inspiram diminuta confiança na correcção dos resultados hypsometricos, se as observações se não renovam com frequencia. As neves perpetuas estão escondendo e mascarando as rochas e difficultando a empreza do geologo. Os proprios organismos, que se aprazem nas mais altas regiões, declaram-se vencidos na lucta desegual com a inhospita e selvagem solidão d'aquelles pincaros, abalados a cada instante pela secussão dos terremotos.

Duas vezes Humboldt tentára infructuosamente a subida do Pichincha. Da primeira vez, a 14 de abril, os desfallecimentos e vertigens na asperrima subida, lhe tolheram o elevar-se ás mais altaneiras cumiadas. Eram sobejas as contradicções da natureza para desalentar um animo varonil

e destemido. Mas Humboldt era o Hercules da sciencia. O que se antolhava por impossivel, folgava de o tentar. «Parecia-me vergonhoso o desamparar as chapadas altissimas de Quito, sem ter examinado com meus proprios olhos, o estado da cratera do Pichincha.»[1] A segunda ascensão effeituou-se a 26 de maio. Na terceira, a 28 d'aquelle mez, o viajante estanceava finalmente junto á cratera do vulcão, sentindo a rocha, em que pousava, estremecer ás continuas ondulações do sólo atormentado.

Bem perto esteve de custar a vida a Humboldt a ousadissima ascenção. Já n'uma grande altura caminhava o sabio sobre a neve e ia atravessar um despenhado precipicio, sem attentar em que a ponte, que a propria natureza atravessára de uma a outra escarpa, não era mais que um massiço de neve, que então estava quasi a ponto de fundir-se. Aos primeiros passos sobre a perfida passagem, sente-se quasi subvertido o inexperto viajante. Está prestes a sepul-

[1] Bruhn's *Alex. von Humboldt*, I, 363.

tar-se, victima da sciencia, no abysmo, a que os olhos mal podem medir a profundeza, quando o soccorro dos companheiros lhe acudiu a tempo de o salvarem.

Os desaguisados, que lhe aconteceram d'esta vez, não o demoveram de proseguir na ascenção e visita dos vulcões, que se estendem pelo dorso da cordilheira. O Cotopaxi interessava em summo grau o intrepido naturalista por ser de entre os vulcões activos da moderna edade o mais sobranceiro ao Oceano. Levanta-se o Cotopaxi a pouco menos de 18:000 pés acima do nivel do mar. Nas circumvisinhanças de Quito o temem como um poderosissimo inimigo, lembrados dos damnos e devastações, com que tem por costume solemnisar os dias da sua maior actividade.

Em companhia de Bonpland e de um joven hespanhol, Montufar, a quem igualmente estimulava o ardor pela sciencia, emprehendeu Humboldt a ascenção do Tunguragua. A 23 de junho de 1802 chegava ao cimo do Chimborazo, e tinha o privilegio

singular de subir a 18:096 pés acima do nivel do Oceano, altura a que nenhum homem antes de Humboldt se havia sequer aventurado. A ascenção do Chimborazo tinha sido desde muito para o naturalista allemão o sonho aureo das suas viagens e a empreza predilecta de quem não só buscava, como sabio, devassar os arcanos da natureza, senão tambem como artista e poeta da sciencia, disfructar o encanto das suas paisagens e o aspecto das suas magnificencias. Não menos procurava Humboldt, obedecendo á sua imaginação aventureira e á sua irrequieta organisação, este orgulhoso contentamento, esta vaidade custosissima de haver affrontado perigos imminentes e commettido emprezas temerarias, que a historia das viagens não tinha ainda podido registar.

Passava o Chimborazo, segundo a vulgar opinião d'aquelle tempo, pelo mais erguido pico, que se houvesse nunca descoberto nas mais alterosas serranias. Só depois se conheceu que nas montanhas do Himalaya se

levantava o mais alto cerro de toda a terra, o celebrado pico de Everest. Subir pois á mais eminente cumiada dos Andes e do globo, era audacia para tentar um sabio, que desdenhava por sabidos e vulgares os caminhos trilhados na sciencia, e se deliciava em embrenhar-se por novas e desconhecidas regiões, para aspirar com titulos seguros ás glorias de verdadeiro descobridor.

Foi na ascenção do Chimborazo que Humboldt experimentou as maiores fadigas e sujeitou a uma dura provação a sua exemplar paciencia e intrepidez. Áquella altura immensa é o ar, pela sua rarefacção, já pouco respiravel. Parece que a natureza, ciosa, quasi avarenta de seus thesouros e segredos, quiz furtar á observação humana alguns dos seus logares, para onde nos attrahe com maior vehemencia a curiosidade. Nas altas montanhas, como nas grandes profundidades, a respiração é igualmente difficultosa. Quasi no cume do Chimborazo, determinou a natureza como que punir a audacia do seu primeiro explorador, fazendo

com que o sangue a Humboldt lhe brotasse pelos olhos e pela bocca. Dir-se-ia qne pelos olhos lhe saia o sangue, porque com a vista quasi tentára Humboldt contra a virgindade da natureza n'aquellas regiões altissimas, vedadas até ali á vista dos mortaes. Pela bocca o sangue lhe espadanava, porque com a bocca iria o sabio apregoar em nome da sciencia os arcanos, que ousára descortinar.

Partiu Humboldt de Quito, para subir o Chimborazo, com numerosos companheiros, os mais d'elles indios do paiz. A 15:600 pés, de toda a caravana só restavam Humboldt e Bonpland, D. Carlos Montufar, filho do marquez de Selva Alegre, e um mestiço da aldêa de S. João. Os indios, pouco devotados á sciencia, preferiam a sua quieta obscuridade aos perigos e trabalhos da arriscada expedição. [1]

A empreza de Humboldt só foi excedida mais de trinta annos depois pelo sabio Boussingault e por Hall, que, em 1831, chegáram, sem nunca attingir a mais alta

[1] Bruhns' *Alex. von Humb.* I, 368.

cumeada do Chimborazo, a mais de 400 pés de elevação acima do ponto, a que subira Humboldt; por Jules Remy e Brenckley, que em 1856 attingiram a enorme altura de 6:543 metros.

Entrando novamente em Quito, veiu-lhe a noticia de que o capitão Baudin, com cuja expedição tanto se empenhava em se encontrar, navegando de oeste a leste, se dirigira a dobrar o cabo da Boa Esperança. Perdida a esperança de continuar com o navegador francez as suas explorações, resolveu-se a visitar o rio das Amazonas, passando por Lima a tempo de poder observar a passagem de Mercurio pelo disco do sol.

Depois de innumeraveis contrariedades chegou Humboldt, sempre acompanhado de Bonpland, á povoação de Loja, onde se demoraram a herborisar nas proximas florestas. Sairam d'ali depois a atravessarem a cadeia dos Andes, observaram as ruinas da antiga e monumental estrada peruviana dos Incas, que ia desde Cuzco até Assuay, e continuaram depois, em busca do Amazo-

nas. Corrigiu e rectificou Humboldt a carta d'este rio, como a levantára o astronomo francez de La Condamine. Ao mesmo passo proseguia Bonpland infatigavel nas suas herborisações.

Cruzando pela quinta vez a cordilheira, retrocedeu Humboldt ao Perú, determinou a posição do equador magnetico, visitou as celebradas minas de prata de Hualguayok, situadas a 2:000 pés acima do nivel do mar. Veiu depois pelas fontes thermaes de Caxamarca, e examinou as ruinas da velha cidade de Mansiche, com as suas pyramides monumentaes. Atravessando depois a cadeia dos Andes, em direcção a Trujillo, pela primeira vez se lhe offereceu á vista o mar Pacifico. Contemplar o magnifico espectaculo d'este Oceano fôra desde largos annos um dos mais vehementes desejos do seu espirito aventureiro. «O mar do Sul, escreve Humboldt, tinha o que quer que era de solemne para quem devera uma parte da sua educação e a direcção especial das suas investigações, á conversação e frequen-

cia com um companheiro do capitão Cook. As graciosas descripções de Otaheiti por Forster excitáram em o norte da Europa um interesse universal, podera dizer uma avida curiosidade pelas ilhas do mar Pacifico.» [1]

O desejo de visitar de perto o grande Oceano meridional, e a impressão experimentada ao seu primeiro aspecto, deviam ser tanto mais vehementes, quanto segundo as proprias palavras do illustre viajante, «havia elle gastado dezoito mezes a percorrer sem interrupção as quebradas e reconcavos das montanhas, e a impaciencia de espaciar os olhos no livre painel d'aquelles mares se acrescera ainda com a esperança tantas vezes enganada de o vêr em estreita proximidade... Na impaciencia, que sentia de contemplar o mar Pacifico desde os picos da Cordilheira dos Andes, tinha parte o interesse, com que sendo ainda menino escutára a narrativa da expedição dirigida por Vasco Nuñez de Balboa, o feliz aventu-

[1] Humboldt, *Tableaux de la Nature*, trad. de Ch. Galusky, Paris, 1851, II, 351.

reiro, que antecipando-se a Francisco Pizarro, fôra o primeiro, que d'entre os europeos podera contemplar das alturas de Quarequa, no isthmo de Panamá, a parte oriental do mar do sul.» [1]

Seguindo de Trujillo pelo arido littoral do mar Pacifico, entrou Humboldt na cidade de Lima, capital do Perú, onde por muitos mezes assistiu, e ali, e na proxima povoação de Calláo, instituiu importantes observações climatologicas e astronomicas. Não foi a menos notavel d'estas ultimas a do transito de Mercurio, na qual parece que o ceu quiz favorecer a Humboldt, porque passando-se ás vezes em Lima muitos dias sem que se veja o sol, pelos densos nevoeiros que ali reinam, estava áquella sasão a atmosphera limpida e favoravel aos astronomos. Da sua residencia em Lima se aproveitou Humboldt para estudar as correntes tépidas da costa peruviana, ás quaes a sciencia mais tarde, em honra do seu investigador, consagrou o nome de *Corrente de Humboldt*.

[1] Ibid. pag. 347, 349.

Ainda que assim apellidada, não deve esta corrente ao grande naturalista prussiano o seu descobrimento. Muitos lh'o tem attribuido erradamente. O proprio Humboldt [1] assevera «que desde o Chili até Payta era já notoria no XVI seculo a qualquer moço de navio.» O merito do physico allemão quanto a este ponto de hydrographia cifra-se exclusivamente em haver feito exactas observações, principalmente thermometricas.

Eram principios do anno de 1803 (9 de janeiro) quando o viajante prussiano, embarcando com Bonpland n'uma corveta, singrava para Guayaquil. N'esta povoação, onde se demorou por mez e meio, as cinzas esparzidas na atmosphera pelo Cotopaxi, lhe trouxeram a noticia de que este vulcão, que Humboldt no verão antecedente deixára bonançoso, entrava agora na sua temerosa convulsão. Imagine-se o desejo impaciente,

[1] *Briefswechsel mit* Berghaus (Correspondencia epistolar com Berghaus) II, 284, cit. em Bruhns' *Alex. von Humboldt*, I, 383.

que havia de sentir Humboldt de contemplar agora em plena actividade o terrivel Cotopaxi, desperto de sua fingida somnolencia. Eil-o a caminho com Bonpland para não perder aquelle magnifico espectaculo. Cedo, porém, o forçou a necessidade a volver sobre seus passos, porque lhe chegou a nova de que a fragata *Athlante,* em que haviam de sair, se fazia de vela para Acapulco.

A esta cidade, situada na costa occidental da Nova Hespanha, chegou Humboldt depois de um mez de feliz navegação. Planeára demorar-se poucos mezes no Mexico; que ia já larga a ausencia de sua patria, e urgia voltar á Europa brevemente. E porque a febre amarella, que reinava endemica no Mexico, estava então na quadra, em que mais é funesta aos que baixam das montanhas, teve Humboldt de resignar-se em Acapulco a esperar que fosse chegado o fim da invernía.

Não foi, porém, infructuosa a detença de Humboldt n'aquelle porto. A sua longitude

geographica andára até então computada com erros, que attingiam a quatro graus, e que o sabio prussiano corrigiu pelas suas novas observações.

Por um intensissimo calor, que nos valles de Mescala e Papagayo chegava á sombra a 32 graus de Réaumur, se foi Humboldt caminho da cidade do Mexico, aonde o estavam convidando novas e interessantes observações.

Dois assumptos prenderam desde logo n'aquelle ponto a attenção do illustre viajante. Foi o primeiro determinar correctamente a longitude do logar, cuja posição geographica era então assignalada erradamente nas cartas do paiz. Foi o segundo o estudar a curiosa archeologia e a singular civilisação do antigo imperio mexicano, e as relações estatisticas da sua actual população.

As celebradas minas de Moran e de Real del Monte mereceram a Humboldt particularissima attenção. Observou o *tunnel* executado a tamanhas expensas como as da

enorme quantia de 6 milhões de piastras, na montanha de Sinoq, com o fim de dar vasão ás aguas do valle do Mexico no rio Montezuma. Visitou Queretaro, que ficará sempre celebrado porque ali perdeu a vida e o throno um ephemero imperador, imposto a um povo livre pelas armas napoleonicas. Passou depois a nova Salamanca, e no afamado districto mineiro de Guanaxuato se demorou por espaço de dois mezes, enriquecendo a geognosia de interessantes observações. Depois de examinar os banhos thermaes de Comagillas seguio pelo valle de Santiago até Valladolid, capital do antigo reino de Michoacan. D'ali foi ás planicies de Jorullo, onde improvisamente no anno de 1759, em campos de fertilissima cultura, havia irrompido em uma noite o famoso vulcão do mesmo nome, por cujas duas mil crateras ou antes respiradouros se manifestava ainda n'aquelle tempo energica a acção vulcanica. Ali observou de mui perto e não sem grave risco, em companhia de Bonpland, a cratera do vulcão central,

descendo n'ella a duzentos e cincoenta pés de profundidade. Com estas perigosas, mas fecundas observações, se opulentou de novos thesouros a geologia, no que respeita ás revoluções da crusta do globo e á historia dos phenomenos vulcanicos.

Pela chapada de Toluca, depois de subirem ao vulcão do mesmo nome, retrocederam os viajantes para o Mexico, na qual cidade estanceáram muitos mezes, a fim de ordenar e dispor as suas collecções phytographicas e geologicas, tirar em limpo as medições barometricas e trigonometricas, e esboçar os desenhos do grande atlas, que ácerca da Nova Hespanha intentavam publicar.

Em meio de tão aspero e continuado lavor de investigação e de sciencia, qual era o que diariamente repartia as horas do viajante infatigavel, não andava elle inteiramente divorciado do trato da gente mais notavel da cidade pelo engenho e cultivo litterario. Ia adiante d'elle em seu caminho a fama do seu nome. Desejavam os erudi-

tos conversal-o. Anceavam os sabios por ouvir de sua bocca a summa de seus descobrimentos, as pessoas mais gradas escutar as suas romanescas aventuras n'aquellas ferteis regiões americanas. Acolhia-o com grandes mostras de benevolencia e distincção o vice-rei Iturrigaray. Fôra sempre a sociedade culta, polida, intellectual, uma das mais gratas predilecções de Humboldt. Já na Allemanha e em Paris, o vemos frequentar as salas de mais primor pelo gracioso e hospedeiro gasalhado, com que n'ellas se acolhiam os estrangeiros illustres pela fama de seus talentos e aprazivel conversação. Na capital do Mexico — se bem já populosa — não eram tão frequentes os saraus, nem tão numerosa a que se chama elegante sociedade. Havia porém homens que cultivavam a sciencia, e havia tambem — o que não era menos precioso para Humboldt — mulheres formosas e adoraveis, que traziam accrescentados os encantos amoraveis da andaluza com as geniaes influições do ceu americano.

Não era o sabio insensivel ás graças feminis exornadas e crescidas pela gentileza do talento e pelos donaires da palavra. A mulher era para elle uma das mais portentosas revelações, em que o bello apparecia realisado nas creações da natureza. E se Humboldt se extasiava perante as grandiosas paisagens da America tropical, ante as formosuras vegetaes do Novo Mundo, ao sublime conspecto do mar Pacifico, improvisamente descortinado desde um pincaro dos Andes, ao contemplar o diaphano e sereno firmamento americano, ao saudar a terrivel magestade dos vulcões febricitantes, como haveria de refugir á feiticeira sociedade da mulher, que é em si uma graciosa miniatura do universo, da mulher, que é muitas vezes nas paixões mais ardente que um vulcão, nos olhos mais esplendida que o firmamento, nos caprichos mais voluvel do que os mares, nos gestos e no vulto mais esvelta que as palmeiras, no scismar affectuoso mais suave e melancholica do que a deliciosa paizagem, quando

ao cair da tarde a franja das montanhas e o recorte dos arvoredos desenham nos matizes do horizonte os seus rendilhados arabescos.

Não diremos que foi propriamente uma aventura romanesca, que a espaços interrompeu suavemente as excursões e os trabalhos do sabio juvenil. Porventura o seu coração, avesado longamente á liberdade nos paramos solitarios e nas alpestres serranias do Novo Mundo, se não deixaria facilmente encadear, como o de um Werther peregrino, nas prisões de uma paixão sentimental. O Hercules da sciencia não deu treguas á sua energia scientifica, prostrado aos pés de uma graciosa Omphale americana. Mas é certo que Humboldt se demorou na capital do Mexico um anno quasi inteiro (de 23 de março de 1803 até 7 de março de 1804). E não seria acaso d'esta vez o puro enthusiasmo da sciencia, quem teria a culpa inteira n'esta excepção aos habitos de erradia instabilidade, inveterados no mancebo prussiano.

Vivia na cidade, n'uma familia das mais distinctas, uma dama tão celebrada pelas prendas do seu espirito, como pelos enlevos da sua formosura singular. Haviam-na pela mulher mais bella e attractiva. Estava no florir da juventude. Casára em verdes annos e era mãe. Vio-a Humboldt. Ficou de suas graças mais suspenso e enleado do que de quantas maravilhas lhe havia deparado a natureza. Celebrou-a como a mais bella mulher, que em suas viagens encontrára. «E desde aquelle instante (diz a amavel narradora, que refere esta aventura) foi Humboldt inseparavel de quem ainda mais o prendia e enfeitiçava pelas graças do talento do que pelo condão da gentileza. Chamava-lhe elle a sua Stael americana.» Depois de recontar singelamente a affectuosa convivencia do grande pensador e da graciosa mexicana, a chronista d'este episodio accrescenta, em tom de epiphonema, e não sem destillar das suas palavras uns longes de malicia feminil: «Tudo isto nos persuade que o sabio se deixou vencer do encanto,

e que nem minas, nem montanhas, nem geographia, nem geologia, nem conchas petrificadas, nem calcareos alpinos o poderam defender.» [1]

E era bem que o não fizessem de todo o ponto invulneravel. O talento sem affectos é como as mattas umbrosas e virginaes do Novo Mundo, onde quanto ha de grande e magestoso no universo se perde e se desbota no meio da perpetua solidão. A mythologia hellenica no seu Apollo varonil significou a energia do pensamento, deu-lhe porém nas musas delicadas um cortejo de mulheres.

Atemos agora o fio da nossa narração.

Entrado já o anno de 1804 emprehendeu Humboldt uma nova expedição para explorar as faldas orientaes da cordilheira do Mexico. Foi n'esta campanha que trigono-

[1] Bruhns' *Alex. von Humboldt*, I, 391. N'este ponto refere-se o biographo a uma dama hespanhola, a sr.ª Calderon de la Barca, esposa do ministro de Hespanha na republica do Mexico, e á obra que ella escreveu a proposito das suas excursões n'aquelle paiz durante os annos de 1839 e 1840.

metricamente determinou a altura dos vulcões de Puebla, de Popocatepetl, de Iztaccihuatl, e a da pyramide de Cholula, um dos mais notaveis monumentos mexicanos, que Humboldt descreveu e figurou nas suas *Vues des Cordillères et monuments des peuples indigènes de l'Amérique.* Levados a cabo estes trabalhos, marchou Humboldt para Jalapa, descobrindo no caminho, por entre as florestas que ia atravessando, os vestigios de uma antiquissima estrada mexicana. Depois de uma viagem ennobrecida por tantas conquistas para a sciencia, depois de calculadas as altitudes de muitos picos e serranias, as do vulcão de Orizava e as do monte Cofre, seguiram os dois incansaveis naturalistas caminho de Vera-Cruz, no golpho do Mexico. Resistiram á febre amarella, que assolava aquella povoação, e embarcados n'uma fragata hespanhola se fizeram de vela para a Havana, d'onde em 1800 haviam saido para as suas largas e trabalhosas peregrinações nas regiões equinoxiaes do continente americano. Na Havana se

detiveram obra de dois mezes para ordenar as copiosas collecções, que ali haviam deixado, e completar os apontamentos já colhidos para a obra intitulada: *Essai politique sur l'ile de Cuba*. Da Havana navegaram para os Estados Unidos da America.

Após uma borrasca temerosa, que por sete dias os trouxe desnorteados e quasi a Deus misericordia no canal de Bahama, chegaram a Philadelphia depois de vinte dias de viagem. Era então primeiro magistrado n'aquella nascente, mas já prospera democracia, o presidente Jefferson. Soube que entrava Humboldt a visitar o territorio de União. Desejou tratar de perto o illustre viajante. Escreveu-lhe uma carta em que lhe enviava as suas congratulações porque, após tantas aventuras e azares houvesse aportado felizmente ás terras da republica. Encarecia o anceio e curiosidade, com que todos ouviriam as informações, que Humboldt podia ministrar ácerca das regiões que percorrera, e de quasi ignotas ia tornar patentes ao conhecimento universal. «Nin-

guem (continuava o presidente) ha de sentir com maior vehemencia este desejo do que eu proprio, porque ninguem talvez considera este Novo Mundo com mais favoravel expectação de que n'elle se realise uma phase mais perfeita da humana condição.» [1]

Era então a republica americana em todo o vigor e robustez da sua adolescencia democratica. Duravam ainda as salutares inspirações, com que o virtuoso general republicano, no berço a estivera bafejando, como a filha predilecta do seu honrado patriotismo e da sua espada libertadora. A tão eminente pensador, a sabio de tão profunda comprehensão e de engenho tão encyclopedico, tal como Humboldt, offerecia a republica nascente, e tão auspiciosamente inaugurada, um campo fertil a originaes observações. A democracia pura, que se afigu-

[1] «No one will feel it more strongly than myself, because no one perhaps views this new world with more partial hopes of its exhibiting an ameliorated state of the human condition » Carta do presidente Jefferson a Humboldt, 28 de maio de 1804, em Bruhns' *Alex. von Humboldt*, I, 393.

rava tão extranha e porventura tão avessa ás tradições e aos costumes da velha Europa, apparecia então a Humboldt formosa e juvenil, esperançosa e enthusiasta, singella e virgem de todas as corrupções da demagogia. Humboldt, esquecida momentaneamente a missão de Colombo da sciencia, de novo descobridor da terra de Vespuccio, era agora o precursor de Tocqueville, e as politicas instituições e as scenas da vida republicana, achavam no profundo naturalista um observador tão devotado, como por infatigavel explorador o haviam tido as sublimes paizagens e os phenomenos grandiosos da fertil natureza americana.

Comparava Humboldt o robusto e maravilhoso organismo da grande republica do Norte com a apoucada situação das vastas e fecundas colonias hespanholas. Punha em parallelo os beneficos influxos da liberdade e a atrophia moral com que em toda a parte se annuncia o despotismo. Conversava os homens eminentes da republica e estudava com os proprios olhos o mechanismo

dos negocios. Por tres semanas o hospedou o presidente Jefferson na sua casa de Monticello. Ali discreteava com o sabio prussiano ácerca do futuro do continente americano e lhe explicava o seu projecto segundo o qual o Novo Mundo, tão novo para a geographia, como para a fórma social, deveria repartir-se em tres grandes republicas, incluindo no seu ambito os estados possuidos na America pelas monarchias europeas. [1]

Conservou Humboldt em toda a sua vida as mais gratas recordações da União ameri cana. Apenas o lastimava que n'aquella terra classica da liberdade persistisse infamada com a mancha da escravidão a generosa democracia. Escrevendo desde Roma ao sabio Vaughan, da sociedade philosophica de Philadelphia, dizia: «Qu'a-t-il fallu? Vous voir, vous, vos amis et ce superbe pays que vous habitez et qui présente un si beau ta-

[1] Bruhns' *Alex. von Humboldt*, I, 394, citando a Silliman, *Ein Besuch bei Alex. von Humboldt* (uma visita a Alexandre de Humboldt).

bleau moral, pour en être séparé. Vous verrez que pourtant, dans mes écrits, je reviens sur les États Unis. C'est une passion en moi que de les louer.» [1]

Deixando os Estados Unidos a 9 de julho de 1804, fez-se Humboldt na volta de Europa e a 3 de agosto seguinte, depois de uma ausencia de cinco annos, volvia ás saudosas praias do velho continente, e saltava em terra na cidade de Bordeaux.

[1] Carta de Humboldt a Vaughan, Roma 10 de junho de 1805, em *Humboldt — Correspond. scientif. et littér. Recueillie* par de la Roquette, pag. 182.

VI

Regresso á patria — Ascensão do Vesuvio — Obra monumental sobre a viagem da America — Novos planos de viagem — Berlin e Paris.

Imagine-se a indisivel commoção de subita alegria, que sentiram os amigos e os parentes de Humboldt, quando, depois de o haverem chorado victima da febre amarella, segundo se havia na Europa divulgado em uma noticia do *Hamburger Correspondent*, [1] o viram voltar, como que triumphante de tantas enfermidades e tantos pe-

[1] Escrevendo a Vogel para o consolar da perda de seu filho, o explorador das regiões africanas, Eduardo Vogel, e acariciando-lhe as esperanças de que não fosse a noticia verdadeira, refere Humboldt uma anecdota, que a seu respeito se passára. Entrando uma vez em Paris, a poucos dias da sua volta, em casa do duque de Crillon, e sendo o seu

rigos, em tão remotas e tão insalubres regiões.

A chegada de Humboldt a Bordeaux alvorotou os espiritos, que de longe o haviam seguido nas suas quasi temerarias excursões. Antes que o irmão Guilherme, que em Roma estava de ministro residente, houvesse noticia do regresso, o soube sua mulher a qual viera então passar uma nova temporada em Paris, buscando allivios á doença que desde alguns annos padecia.

Estabelecido na grande capital, onde todos o festejavam por conquistador heroico da sciencia, o primeiro cuidado de Alexandre foi o buscar os antigos companheiros dos seus trabalhos scientificos, para com elles se ajudar na grande obra, em que devia registar e pôr em ordem os fructos das suas trabalhosas investigações. Era então

nome annunciado, uma dama das que estavam na companhia soltou um grito doloroso e caiu desmaiada de terror. Era a sr.ª de Lapeyrouse, que ainda saudosa de seu marido, o infeliz navegador, tomara Humboldt por uma alma do outro mundo. Bruhns' *Alex. von Humboldt*, I, 395.

Paris a residencia e a officina de muitos d'estes homens illustres, que a historia intellectual inscreve nos seus fastos mais esplendidos. Viviam ali Cuvier, o creador da anatomia comparada, Gay-Lussac, o physico afamado, Arago, Vauquelin, Laplace, cujos nomes recordam os mais bellos descobrimentos d'este seculo nas sciencias mathematicas, physicas e naturaes.

O novo dominador da França, se era infesto ás liberdades, desejava monopolisar todas as glorias no grande imperio, que fundára: a gloria das batalhas e a gloria da intelligencia. A sua corte andava repartida entre as espadas e os talentos. A nenhum esforço perdoava para que a sciencia tivesse culto e se dilatasse em novos horizontes. O interesse pelas grandes emprezas scientificas não impedia muitas vezes o torvo imperador de revelar a sua desaffeição a alguns sabios eminentes. Um d'estes era Humboldt. Um dia o prussiano assistia nos paços imperiaes a um d'aquelles cortejos apparatosos, em que o arbitro da Europa se

amostrava com todos os esplendores da sua gloria verdadeira e todas as sombras da sua vaidade pueril. «Occupaes-vos de botanica, perguntou Napoleão ao illustre naturalista? Tambem minha mulher tem essa predilecção.» Foram estas as palavras, com que o Alexandre d'este seculo, saudou ou antes altivamente escureceu os meritos do Aristoteles moderno.

Com os seus illustres auxiliares poz Humboldt o peito á obra, que devia servir de remate á viagem que então acabava de completar.

Dispostos os primeiros trabalhos, em que Bonpland, como soldado da mesma expedição, não teve pequena parte, quiz Humboldt pagar ás affeições da familia o que lhe devia em tão larga ausencia, como era aquella que o trouxera distante de seu irmão. Satisfeitos os deveres da sciencia restava cumprir as obrigações do sangue, do amor, da fraternidade litteraria, que tantos eram os laços, que o prendiam a Guilherme.

Vivia o primogenito na sua tranquilla re-

sidencia de Albano, nas visinhanças de Roma, onde estava acreditado junto do santo padre, como agente diplomatico da Prussia. Ali votava os ocios da vida official ás lucubrações ora graves ora amenas da sua actividade litteraria, de que deixou honrosos e multiplicados testemunhos nos seus escriptos sobre a linguistica e sobre a antiguidade classica. Ali dava a ultima lima á sua esmerada versão do *Agamemnon* de Eschylo, e na sociedade de Wolff, o celebrado traductor de Homero, proseguia com fervor o culto das musas hellenicas. Em Albano se renovava aquella selecta e ao mesmo tempo erudita e amena sociedade, que fizera já da casa de Alexandre em Jéna uma como que domestica, mas insigne academia.

Festejado quasi como um ente sobrenatural havia de ser o nosso Humboldt, trazendo á velha capital de um mundo velhissimo as tradições, as maravilhas, as grandezas de um mundo novo e virginal. Interrogavam-no todos, todos o cercavam e ouviam entre absortos e reverentes.

Entrava depois este dialogar tão attractivo de pessoas todas germanadas pelo talento e erudição. Era affectuosa a communicação entre os dois irmãos, ambos já distinctos, nas lettras um, o outro nas sciencias. Ouvia Guilherme da bocca de Alexandre os prodigios d'esta ignota natureza, que o aventuroso peregrino havia salteado em seus arcanos. Inquiria o naturalista o progresso dos estudos predilectos, com que o outro ia alargando pela Europa a sua reputação.

Nos despojos opimos, colligidos por Humboldt nas suas expedições, havia abundoso peculio de apontamentos litterarios, e principalmente historicos e linguisticos, concernentes a ramos da familia humana, ainda mal conhecidos a philologos e ethnographos. Não se esquecera Alexandre, nas suas excursões, de que o irmão se votára com singular empenho á investigação das relações, que prendem entre si os differentes idiomas, e pelas paragens e tribus diversissimas, que havia conhecido em o Novo Mundo,

ajuntara vocabularios e noticias grammaticaes de muitos dialectos americanos, cuja estructura especial devia esclarecer alguns dos pontos mais difficeis da glossologia comparada. Muitas das linguagens do Novo Continente haviam-lhe merecido singular predilecção. «O estudo dos idiomas americanos, diz Humboldt [1], occupou largamente a minha consideração, e d'elle inferi quanto era falso o juizo de La Condamine, que as averbára de pobres e mesquinhas. A lingua Karaiba, por exemplo, reune a opulencia e a gravidade, a graça e a delicadeza... De preferencia me applico ao idioma dos Incas. É aqui (em Quito, em Lima, e n'outras partes) a falla habitual da sociedade e é tão rica em elegantes e variados modismos e locuções, que os mancebos ao dizerem finezas ás senhoras, principiam a expressar-se em lingua indigena, quando tem exhaurido o immenso thesouro da falla castelhana. Aquellas duas nativas linguagens e

[1] Carta a Guilherme de Humboldt em Bruhns' *Alex. von Humboldt*, I, 377.

algumas outras egualmente copiosas bastariam a persuadir, que a America possuia mais alta civilisação do que os hespanhoes em 1492 n'ella encontráram.»

Todas as suas opulencias philologicas liberalisou Humboldt ao professor Vater, de Kœnigsberg, um dos eruditos collaboradores do celebrado *Mithridates*, e a Frederico Schlegel, cuja merecida reputação era já então proverbial em toda a Allemanha.

Algum tempo se demorou Humboldt em Roma, onde encontrou reunidos na companhia elegante de Guilherme muitos homens eminentes, por lettras ou hierarchia, e entre elles alguns dos mais illustres nomes allemães. Em Roma vivia então Guilherme Schlegel na sociedade da sr.ª de Stael. Ali viviam tambem Schinkel, Tieck, Rauche, Carsten, Thorwaldsen, notaveis escriptores ou artistas celeberrimos, que faziam da cidade eterna o quartel general do pensamento artistico e litterario.

Saiu Humboldt de Albano, porque o chamava na Italia meridional um espectaculo,

que nem sempre offerece ali a natureza. O Vesuvio manifestava indicios precursores dos seus temerosos paroxysmos. Estavam em Roma o distincto geologo Leopoldo de Buch, e o sabio Gay-Lussac, companheiro de Humboldt na jornada de Paris á metropole da christandade. Com elles se reuniu e partindo para o Vesuvio, eram já ali chegados, quando a 12 de agosto de 1805, o vulcão lhes patenteou em toda a sua sublimidade pavorosa o espectaculo de uma erupção violentissima. No Vesuvio instituiu Humboldt em companhia de Gay-Lussac uma série de observações ácerca do magnetismo terrestre, as quaes ligou ás que já em 1798 em Paris havia feito. Ali intentou novas investigações sobre as propriedades magneticas de algumas rochas, principalmente da serpentina.

Retrocedendo a Roma, onde fez breve estação, tomou Humboldt o caminho da sua patria, visitando Florença, Bolonha, Milão, onde se avistou com o illustre Volta. A 15 de outubro atravessava o Saint-Go-

thard, por um tempo asperrimo de neves e tempestades. Com a sua ironia habitual dizia Humboldt, fallando das regiões alpestres: «A isto se chama — provavelmente por gracejo — a zona temperada.»

Em 1806 achamos Humboldt em Berlin, onde passa aquelle anno e o de 1807. Ali assiste á anniquilação da sua patria e ás victorias do ousado general, que ia pela Europa espedaçando sceptros e apagando a tradição das velhas dynastias, para que da catastrophe dos povos surgisse sem rival a gloria do seu nome e a omnipotencia da sua espada. As angustias da terra natal não lhe entibiaram, porém, a Humboldt os brios scientificos. Em Berlin continuou os seus estudos, segundo lh'o permittiam as circumstancias. As observações magneticas eram agora o seu assumpto predilecto, e foram ellas as que depois ministraram a Biot melhores e mais valiosos elementos para determinar o equador magnetico.

Era Humboldt já desde 1800 membro extraordinario da academia real das sciencias

de Berlin. Chegado novamente á capital da Prussia, foi nomeado socio ordinario d'aquella companhia. Concedeu-lhe o rei uma pensão de dois mil e quinhentos escudos e julgando fazer-lhe a maior mercê, com que poderia galardoar os seus meritos e emprezas scientificas, o nomeou camarista de sua pessoa. Escrevendo ao sabio Pictet, de Genebra, e soltando as azas á sua musa humoristica e jovial dizia Humboldt: «Le roi commence à me distinguer beaucoup, presque trop, car cela m'òte souvent du temps... Mais ne dites pas que, retourné dans ma patrie, on m'a fait... chambellan.»

Por este mesmo tempo leu Humboldt na academia das sciencias de Berlin muitas memorias referentes aos assumptos, que estudára nas suas longas digressões americanas. Taes foram os seus escriptos *sobre as leis da diminuição do calor nas altas regiões da athmosphera* e *sobre os limites das neves perpetuas; Idéas de uma physiognomonia das plantas; sobre as cataractas do Orenoco* e outras mais. Em gazetas litterarias e scienti-

ficas publicou outras noticias: *sobre os póvos primitivos da America; observação sobre a influencia das auroras boreaes na agulha magnetica.*

Durante a sua residencia em Berlin, escreveu, ou pelo menos corregiu uma das poucas obras, que deixou escriptas na sua linguagem patria. Tem este livro por titulo *Ansichten der Natur*, que podemos traduzir por *Aspectos da natureza.* N'elle compendiou o viajante as suas mais vivas impressões das scenas tropicaes. Ali descreve Humboldt os immensos plainos, a paizagem das montanhas, a physionomia das plantas americanas, a estructura e a energia dos vulcões do Novo Mundo. Eram os *Aspectos da natureza*, no juizo de Humboldt, a sua mais elegante e primorosa composição, a sua *Lieblingswerk*, segundo a sua propria designação. Era como que a esthetica da natureza, delineada n'um estylo imaginoso, sem perder os quilates de natural.

Foi esta obra, como de mais grato sabor e estylo litterario, dedicada a Guilherme de

Humboldt, como um testemunho publico de fraternal cordialidade. Appareceu estampada em 1808, já quando Humboldt havia saido de Berlin para Paris. N'aquella epocha resolvera o governo prussiano, por vêr se conseguia melhorar as pesadas e affrontosas condições, em que o deixára a paz de Tilsitt, enviar a Paris o principe Guilherme, que pelos seus apreciaveis dotes pessoaes se esperava houvesse de influir favoravelmente no animo do sombrio imperador. Foi Humboldt designado pelo rei para acompanhar o principe na sua missão politica, da qual se não colheram os fructos desejados. Volvendo a Berlin o irmão do rei em 1809, e vendo Humboldt que não lhe seria possivel dar á estampa na Allemanha as obras resultantes da sua viagem americana, alcançou do seu governo a permissão de continuar em Paris a residencia, para ali vagar mais livremente aos cuidados da edição.

Eram tão copiosos os materiaes colligidos, tão variadas as observações, tão encyclopedicas as riquezas scientificas, que da

America havia conduzido, que para as ordenar e dar á luz, não era demasiado o concurso dos sabios mais distinctos, com quem travára em Paris estreitas ligações. Os maiores naturalistas e geometras, que n'aquelle tempo illustravam o primeiro imperio francez, haviam por honra insigne o ser cooperadores na empreza monumental. Artistas eminentes associaram-se á empreza para desenharem e esculpirem os atlas e as paizagens, e para revestirem de todo o esplendor da typographia, então mais perfeita em Paris do que n'outra parte, o relatorio da viagem memoravel ás regiões equinoxiaes do Novo-Continente.

Diremos agora summariamente quanto baste para que se conheça o conteúdo da obra de Humboldt, que para trazer em si todos os caracteres do cosmopolitismo scientifico, foi, como a grande maioria dos seus escriptos, redigida originalmente em francez. Comprehende a obra differentes divisões, que se referem a distinctas provincias do saber. Na parte astronomica e nas medi-

ções trigonometricas e barometricas, teve Humboldt por collaborador a Oltmanns. Na chimica e na meteorologia soccorreu-se o sabio prussiano aos seus dois amigos Gay-Lussac e Arago, que já n'aquelle tempo eram justamente avaliados como duas capacidades scientificas. Na parte zoologica trabalharam activamente Cuvier, Latreille e Valenciennes. A secção mineralogica foi confiada á indisputavel competencia de Vauquelin e de Klaproth. A botanica achou em Aimé Bonpland, no professor Kunth, de Berlin, e em Willdenow valiosos trabalhadores.

Saiu a obra com o titulo de: *Voyage aux régions équinoxiales du nouveau continent, fait en* 1799, 1800, 1801, 1802, 1803, *et* 1804 *par* Alexandre de Humboldt et Aimé Bonpland, *rédigé par* A. de Humboldt. Publicaram-se duas edições: a primeira em tres tomos de folio e doze em quarto com um *atlas geographico e physico* e uma collecção de vistas pittorescas; a segunda em vinte e tres volumes. Tres tomos em quarto com-

prehendem a narrativa da viagem, com o titulo de *Relation historique*. Foi tal a difficuldade d'esta grande publicação, que, apesar de haver sido começada ha mais de sessenta annos, de alguns dos tomos só em 1834 se acabou a impressão.

Com o titulo de *Vues des Cordillères et monuments des peuples indigènes de l'Amérique* apresenta-nos a grande obra de Humboldt, em dois tomos de folio, copiadas muitas das scenas mais esplendidas da natureza tropical, e bem assim a fiel representação da vida, antiguidades, migrações, linguagens, costumes e industria dos antigos povos do Mexico e do Perú.

A obra, que com o título de *Essai politique sur le royaume de la Nouvelle Espagne*, fórma os tomos XXV e XXVI da grande collecção e a que saiu com o nome de *Essai politique sur l'ile de Cuba* são ferteis em curiosas e utilissimas noticias sobre o Mexico e a mais bella das grandes Antilhas, contemplada sob o aspecto politico, mercantil e estatistico.

Os assumptos zoologicos estudados na viagem contém-se nos tomos XXIII e XXIV da volumosa collecção, e tem o titulo particular de *Recueil d'observations de zoologie et d'anatomie comparée, faites dans un voyage dans l'Océan Athlantique, dans l'intérieur du Nouveau Continent et dans la mer du Sud.*

A secção botanica é por ventura a mais copiosa de todas as que são dedicadas á historia natural. A parte descriptiva foi redigida por Bonpland, que nas suas trabalhosas excursões havia colligido e trazido á Europa mais de seis mil especies vegetaes. A Humboldt pertenceu a parte philosophica. A grande obra, que tem por titulo *Essai sur la géographie des plantes* e fórma o tomo XVII da collecção, é devida inteiramente a Humboldt, demonstra como a geographia das plantas se liga por vinculos estreitos com a phytographia e a climatologia, e como a distribuição geographica dos vegetaes está subordinada a leis harmonicas. É este um dos livros, em que se revela com maior originalidade o talento generalisador

do sabio naturalista. Póde dizer-se que foi elle o fundador d'esta bella sciencia, que patentêa as relações do mundo vegetal com a latitude, com a altura acima do nivel do Oceano, e com as circumstancias que determinam o clima de cada logar. D'este notavel escripto é apenas um extracto o opusculo de Humboldt, que tem por titulo *Ideen zur einer Geographie der Pflanzen.* (Idéas para uma geographia das plantas.) Bonpland completou os trabalhos botanicos relativos á viagem americana, publicando de sua exclusiva composição a obra, que se intitula *Plantes équinoxiales recueillies au Mexique, dans l'ile de Cuba, dans les provinces de Caracas, Cumana, etc.*, e constitue os dois primeiros tomos da *Voyage aux régions équinoxiales.* N'este livro se contém uma descripção methodica das plantas, em latim e em francez, com observações ácerca dos seus usos medicinaes e das suas utilidades na industria. Em outro escripto intitulado *Monographie des Mélastomacées* descreveu Bonpland mais de cento e cincoenta exempla-

res de novas especies d'aquellas plantas e das *Rhexias*.

A parte physica, geologica e astronomica da grande viagem foi consignada n'uma série de obras, umas escriptas por Humboldt, outras ordenadas por seus collaboradores segundo os apontamentos, que lhes elle ministrou. Os dois tomos de *Observações astronomicas (Recueil d'observations astronomiques, trigonométriques et de mesures barométriques,* etc.) foram redigidos por Oltmanns, e contém as observações feitas por Humboldt entre 12 graus de latitude sul e 41 graus de latitude boreal,—passagens do sol e das estrellas pelo meridiano, eclipses, occultações, refracção na zona torrida, medições barometricas dos Andes, determinação das latitudes e longitudes de mais de setecentos logares na America meridional.

Pelos fins do anno de 1809 deixou Guilherme de Humboldt a legação de Roma, para ir exercitar em Berlim os novos cargos, com que na côrte fôra despachado. Tinha sido promovido a conselheiro d'es-

tado (staatsrath) no ministerio do interior, e passara a dirigir a instrucção publica e os cultos.

Um dos seus primeiros pensamentos, apenas investido na direcção dos negocios intellectuaes da Prussia, foi o de persuadir e incitar o rei e os ministros a que fundassem em Berlim uma universidade, a exemplo das que existiam nas principaes côrtes da Allemanha, e ainda em numerosas cidades de pequena povoação. A idéa foi acceita e commettida a empreza, sendo alma e principal fautor d'esta util fundação Guilherme de Humboldt, auxiliado pelo poder e auctoridade do chanceller Beyme, do ministro da fazenda von Altenstein e dos distinctos sabios Wolf, Schleiermacher, e muitos outros homens benemeritos, que fôra prolixidade enumerar. Para dar desde o berço á nova universidade o esplendor e a robustez dos mais antigos e afamados estabelecimentos litterarios, convidou o governo prussiano os sabios e professores de maior reputação para que em Berlim viessem exer-

cer o magisterio. De Wallenstaedt veiu Graeffe, o illustre cirurgião. De Halle acudiu Reil, celebrado como physiologo; Rudolphi, de Greifswalde, como um dos mais distinctos cultores da anatomia comparada; Illiger, de Brunswick, como entomólogo; Savigny, de Landshut, eminente jurisconsulto, tão conhecido na Europa pelos seus engenhosos trabalhos sobre o direito romano e o mais insigne jurisperito entre os que professaram a escola historica; Fichte, de Erlanger, o emulo de Kant; Niebuhr, de Halle, o profundo e paradoxal contradictor da mais alta antiguidade romana; Böckh, o auctor da *Economia politica dos athenienses*, Wette e Marheineck, todos tres da universidade de Heidelberg; e Oltmanns, o astronomo que prestára a Humboldt o auxilio poderoso da sua sciencia na coordenação da viagem americana. Eram alguns dos primeiros sabios da Allemanha em todos os ramos do saber. Podesse o governo juntar a estes illuminados professores Alexandre de Humboldt, e a universidade de Berlim seria desde logo a

primeira corporação docente de todo o mundo. Imaginam-se bem as diligencias que Guilherme teria feito para attrair a seu irmão ao novo instituto, que por seus esforços se fundára, se outras funcções de serviço publico não houvessem inhibido o distincto diplomata de assistir á inauguração da universidade.

O rei, que apreciava devidamente os grandes meritos de Guilherme e a sua vocação para os negocios internacionaes, confiou-lhe em 1810 o cargo de seu enviado extraordinario e ministro plenipotenciario na côrte de Vienna. Succedeu-lhe na direcção da instrucção publica o conselheiro Nicolovius, que sob os auspicios do ministro, conde Dohna, proseguiu nos trabalhos da nova universidade, que n'aquelle mesmo anno se abriu solemnemente e é hoje porventura em todo o mundo o primeiro entre os estabelecimentos consagrados ao ensino superior.

Estando em Paris recebeu Alexandre de Humboldt um convite do chanceller von

Hardenberg, para que na direcção da instrucção publica, com o titulo de ministro de estado ou sem esta qualificação, fosse exercer o officio, que ficára vacante pela ausencia de Guilherme.

O grande naturalista declinou o honroso offerecimento, porque desejava consagrar-se inteiramente ao cultivo das sciencias e aos cuidados da sua obra sobre a viagem americana, e não menos porque sentia em si escassa disposição para as monotonas obrigações do alto funccionario. [1]

Guilherme partiu para Vienna, aonde se apressou a encontral-o sua esposa, que ficára assistindo em Roma, todo o tempo que elle em Berlim se demorára. A Vienna o veiu visitar Alexandre, e ali, como na antiga mansão de Albano, como em Dresde, como

[1] N'uma carta de 20 de dezembro de 1825 escrevia Humboldt: «Plus mes opinions sont franchement énoncées dans mes ouvrages, plus je suis éloigné de m'immiscer dans aucune négotiation politique... Mon éloignement pour les affaires m'a fait constamment refuser les offres honorables, qui m'ont été faites par mon souverain.» Bruhns' *Alex. von Humboldt*, II, 54.

em Paris, achou na casa de Guilherme o ponto de predilecta reunião das mais notaveis personagens da politica, das sciencias e das letras. Ali se congregavam nas intimidades da vida espiritual o principe de Metternich, Gentz, os condes de Bernstorff e Stadion, Frederico von Schlegel, que estava então ao serviço da Austria, Arnstein, Kœrner, Varnhagen, a espirituosa Carolina Pickler e muitos outros filhos mimosos do talento.[1]

A incansavel actividade de Alexandre mal cabia no circulo estreito, que a Europa lhe traçava. A Europa era para elle apenas como que a sua bibliotheca e o seu gabinete de estudo especulativo.

Terminados os trabalhos de bufete, a sua intelligencia precisava de aspirar de novo nas mais afastadas regiões da terra o perfume virginal da natureza. Estava concluida, publicada, acolhida e saudada por todos a primeira parte da grande viagem americana. Era mister buscar longe da Europa os

[1] Klenck *Alex. von Humboldt*, 94.

materiaes para um novo monumento scientifico. Planeára Humboldt desde longo tempo uma excursão á India, á Persia, á Asia central, ao Thibet, ao Himalaya. O chanceller do imperio moscovita, conde Romanzov, o havia desde Petersburgo convidado a dirigir a missão, que projectava ao Thibet por Kaschghar. Surria o plano a Alexandre, ancioso de observar as celebradas serranias da alta Asia, e de estudar o Himalaya e o Kuen-Lun sob o aspecto geologico nas suas relações com as cordilheiras do novo continente.

Desejava Humboldt principalmente visitar a India. «Custar-me-ia (assim se expressava n'uma carta ao seu amigo o barão von Rennenkampf, que em nome do chanceller o convidára) custar-me-ia o perder a esperança de saudar as margens do Ganges, o clima das *Musaceas* e das palmeiras.» [1]

As grandes viagens de Humboldt, escrevera o destino que haveriam de ser contrariadas por obstaculos superiores á sua ener-

[1] Bruhns' *Alex. von Humboldt*, I, 426.

gica vontade. Quando a Humboldt já se afigurava infallivel a suspirada peregrinação, improvisamente suspendeu o governo moscovita os preparativos da empreza. No seguinte anno de 1812 tentou a Russia uma nova expedição, e da parte do imperador foi Humboldt para ella convidado. Deveriam os sabios viajantes proseguir por Kaschghar e Iarkend até á chapada do Thibet. Mas o imperio dos Romanovs, agora invadido pelo insaciavel conquistador, concentrava a sua attenção e os seus recursos no formidavel armamento, com que haveria de resistir ou frustrar a invasão. Segunda vez se esvaeceram as esperanças do naturalista prussiano.

Addiado, mas não inteiramente destruido o plano da viagem, cada vez mais fervoroso se consagrou Humboldt ao seu empenho. Como preparação indispensavel para a nova peregrinação deu-se por muito tempo a aprender a lingua persa e cultivou com affinco os estudos orientaes. Vivia então Humboldt em familiar intimidade litteraria com os

orientalistas mais illustres, Letronne, Freytag, Nerciat, Champolleon, Abel Rémusat, Klaproth, o sinologo eminente, e Sylvestre de Sacy, cujo nome se inscreve entre os mais benemeritos no que tem relação com a philologia do Oriente.

Applicou-se igualmente ao estudo das cadeias de montanhas asiaticas, principalmente do Himalaya, aproveitando os elementos, que lhe podiam ministrar os que as haviam mais ou menos imperfeitamente explorado. Por esta occasião escreveu Humboldt uma memoria «*Sur les montagnes de l'Inde*» e outra que em continuação da primeira tem por titulo especial: *Sur la limite inférieure des neiges perpetuelles dans les montagnes de l'Himalaya et les régions équatoriales.* Era para elle de vivo interesse o observar por seus proprios olhos a chapada da Asia Central, o berço provavel da humanidade.

Continuava Humboldt a sua residencia de Paris, sem que a paixão da sciencia e os trabalhos de investigação lhe tivessem o animo adormecido, e obliterado o patrio-

tismo de prussiano e de allemão. Surgira de suas humilhações a Prussia, até ali oppressa e deshonrada pelas duras condições do vencedor. Proseguia a campanha heroica e memoravel de 1813, em que a gloria napoleonica padecia ao Norte egual eclipse ao que já desde 1808 offuscava na Peninsula a estrella da sua fortuna. Interessava-se Humboldt vivamente nos successos da guerra, com que se emancipava finalmente a Allemanha de sua affrontosa servidão. Tinha Humboldt um sobrinho, o filho de Guilherme, entre aquellas briosas legiões de voluntarios juvenis e enthusiastas, que fizeram desfallecer em Leipzig os velhos granadeiros de Napoleão.

O seu cosmopolitismo scientifico, a sua feição proeminente de cidadão universal, permittiam-lhe o viver na metropole do imperio napoleonico, em quanto na Allemanha se jogava nas batalhas o destino das nações. Mas por eminente e despegado que seja de mesquinhas emulações e de preconceitos nacionaes, o espirito vidente dos ho-

mens do futuro, não se lhes apaga facilmente no sentimento a affeição da patria, nem se esquece inteiramente a religião das tradições. Quando ao terminar a guerra, os cosacos entrando em Paris, ameaçavam prophanar no selvatico delirio da victoria, a que era então a cidade santa da sciencia e da civilisação, interpunha Humboldt a sua valiosa intercessão para que os barbaros victoriosos não mettessem a sacco as enormes riquezas scientificas, accumuladas nos gabinetes e nos museus. Muitos annos depois o sabio Valenciennes escrevendo a Humboldt exclamava: «Vous, qui avez sauvé le muséum d'histoire naturelle de l'invasion des cosaques.» [1]

A 31 de março de 1814 entrava solemnemente em Paris o rei da Prussia, Frederico Guilherme III, á frente das suas tropas. A instancias do monarcha passou logo Alexandre de Humboldt a viver na sua convivencia familiar. Agora via de novo o

[1] Bruhns', *Alex. von Humb.* II, 74.

primogenito, que vinha no quartel general dos alliados, e chegára a Paris no caracter de ministro plenipotenciario.

Em junho de 1814 passaram a Londres o czar e o monarcha prussiano. Alexandre e Guilherme de Humboldt iam na comitiva do seu rei. Da sua presença na grande metropole britannica tomou Humboldt occasião para entrar em estreitas relações com os mais distinctos sabios inglezes. A primeira vez, que viajára em Inglaterra, com o seu amigo George Forster, não era ainda o seu nome conhecido e venerado como o de um luminar illustre da sciencia. Agora favorecia-lhe o accesso aos mais altos representantes do talento, nas sciencias, nas lettras, na politica, não tanto a sua dourada chave de camarista e a sua valia com o soberano, quanto principalmente a sua brilhante reputação, solidamente assegurada por tão conhecidas e notaveis publicações. E porque não desaproveitemos um exemplo de quanto são caprichosos e voluveis os contrastes da fortuna, cáe a proposito o re-

ferir um incidente curioso da sua primeira excursão á Gran-Bretanha em 1790. Estava então no apogêo da sua carreira scientifica o eminente Henry Cavendish, a quem as sciencias chimicas deveram alguns valiosos descobrimentos e a physica do globo uma das primeiras determinações da densidade terrestre. Era filho segundo do duque de Devonshire e não esquecia facilmente no cultivo da natureza a vaidade e sobranceria do seu berço nobiliario.

Alcançou Humboldt a permissão de trabalhar na copiosa bibliotheca do sabio aristocratico, sob a expressa condição de que, se o orgulhoso proprietario entrasse na livraria, o quasi ignoto viajante não ousaria d'elle approximar-se nem soltar a mais breve palavra ou saudação. Referindo ao cavalheiro Bunsen n'uma carta esta anecdota caracteristica, Humboldt escrevia com o malicioso orgulho habitual: «Mal poderia então Cavendish adivinhar, que em 1810... haveria de ser eu o seu immediato successor na academia das sciencias de Paris.»

Instituido em França novamente o governo dos Bourbons, fôra Guilherme de Humboldt nomeado representante diplomatico da Prussia na côrte das Tulherias.

Desagradou porém a eleição ao gabinete de Luiz XVIII, onde era o vulto principal o duque de Richelieu. O ministro prussiano, principe von Hardenberg, apertou com Alexandre para que se encarregasse da legação, como quem por sua longa residencia na capital da França, pela acceitação, em que era havido entre as pessoas principaes, além de suas provadas habilidades, vinha de molde para o encargo em tão grave conjunctura.

Recusou Humboldt a commissão, segundo era já seu habito inveterado. Guilherme, depois de ter sido membro da commissão territorial, celebrada em Frankfort, e de haver representado a Prussia por algum tempo na dieta da confederação, foi designado em 1817 para a missão diplomatica de Londres.

Em 1818 deixou Humboldt a cidade de Paris para voltar á Prussia. Pouco antes ti-

nha visto pela ultima vez a Aimé Bonpland, o seu infatigavel e affectuoso companheiro de viagem, o socio dos seus perigos e das suas glorias. Tão ligado esteve por alguns annos o destino d'este eximio naturalista ao de Alexandre de Humboldt, que parece bem digâmos de passagem o que succedeu ao botanico francez no restante de sua vida terminada em 1858 na America meridional.

Se depois da excursão aventurosa ao Novo Mundo os louros de Humboldt lhe foram espontaneamente decretados pela sciencia a seus cultores, tambem Aimé Bonpland ficou bem quinhoado na fama da expedição. A imperatriz Josephina, aquella mulher ao mesmo tempo profana e piedosa, ao mesmo tempo aristocratica e revolucionaria, a quem o sceptro de Napoleão expulsou do throno para enlaçar a sua dynastia com a familia dos Cesares, aquella mulher de delicada sensibilidade amava apaixonadamente as flores.

Bonpland, pela sua preeminencia entre os botanicos, alcançou as boas graças da desventurada Beauharnais. Napoleão nomeou-o

superintendente dos jardins de Navarre e Malmaison, onde existia já uma opulenta collecção de plantas exoticas. Pouco tempo durou ao botanico a fortuna da sua nova situação. Com a queda de Bonaparte deixou Bonpland a sua patria e elegeu por seu exilio voluntario aquella saudosa America, onde se haviam passado entre episodios de tristeza e de alegria, os annos da sua mocidade. Em 1818 estabeleceu-se em Buenos Ayres e foi nomeado professor de historia natural. Em 1820 chegava Bonpland ao Paraguay, proseguindo uma excursão botanica em diversas regiões da America do Sul. Dominava na antiga colonia dos jesuitas o torvo e sombrio doutor Francia, como omnipotente dictador. Tomou-se de receios infundados, presuppondo que a presença de Bonpland n'aquellas partes viria encaminhada a fins politicos, porque ácerca do territorio, em que pousava o desventurado naturalista, corria uma pendencia entre o Paraguay e a republica argentina. Manda saltear ao descuidoso viandante. Ferem-n'o, algemam-n'o,

arrastam-n'o os soldados á prisão, onde apenas lhe allivia o dictador a estreiteza do seu encerro, nomeando-o medico da guarnição e inspector das culturas na povoação de Santa Maria. Apenas chegaram á Europa novas do successo, foi Humboldt incansavel e diligente em livrar de seu duro captiveiro o antigo ajudador de suas emprezas scientificas. Empenhou-se por Bonpland o Instituto nacional. Interveio com bons officios Châteaubriand, que então geria a pasta dos negocios estrangeiros. Buscou Humboldt interessar em favor do seu amigo a George Canning, o notavel estadista britannico. Perseverou inflexivel o protervo dictador. Sómente passados largos annos, em 1830 se vio Bonpland restituido á liberdade. Humboldt alcançou do governo prussiano que lhe conferisse a insignia da aguia vermelha. Choveram-lhe diplomas honorificos dos mais celebres institutos scientificos. A *Academia imperial Leopoldina Carolina dos Curiosos da natureza* deu á publicação, que lhe deveria servir de orgão habitual, o titulo honroso

de *Bonplandia.* Continuou por largos annos ininterrupto o commercio epistolar entre Humboldt e o seu collaborador mais estimado. Em 1858 terminava Bonpland a sua carreira, aos 85 annos de sua edade, antecipando-se um anno apenas no tributo á natureza ao seu mais feliz e mais glorioso companheiro.

Em 1818 achamos Alexandre de Humboldt em Londres, onde seu irmão exercia desde alguns annos a missão de ministro plenipotenciario prussiano. A visita de Humboldt a Londres tinha por objecto passar algum tempo na intimidade da sua familia e preparar os materiaes de um *ensaio politico sobre as colonias americanas.* Apenas tivera tempo de delinear o novo escripto, quando foi chamado pelo rei da Prussia a Aquisgran (Aix-la-Chapelle), onde a côrte se achava n'aquella occasião. Ali permaneceu Humboldt até os fins de novembro, com seu irmão Guilherme, que viera assistir ás ultimas sessões do congresso, que na cidade imperial se celebrava.

VII

Viagem á Italia — Ascenção do Vesuvio — Domicilio em Berlin — Lições sobre a descripção physica do mundo — A familia Humboldt — Nomeação de conselheiro intimo effectivo.

De Aquisgran voltou Alexandre a Paris, residencia de sua predilecção e seus estudos. Ali volveu a atar o fio interrompido das suas tarefas scientificas. Foi então que professou a um auditorio da mais elegante e culta sociedade parisiense em casa da marqueza de Montauban, irmã do duque de Richelieu, umas lições sobre a descripção physica do mundo. Guilherme seguiu para Berlin, onde em agosto de 1819 entrou no ministerio com a pasta do interior. Pouco lhe durou o novo cargo para que o

rei o noméára. Á opposição, que lhe promoveu o principe de Wittgenstein e o chanceller Hardenberg deveu elle sair do ministerio com o grão-chanceller von Beyme. Entrando na vida privada, consagrou de novo os seus ocios aos prazeres do espirito e á cultura das lettras, em que sempre tanto se havia deliciado. A sua residencia de Berlin era o centro habitual do que havia de mais illustre na litteratura e nas sciencias. Ali concorria uma brilhante sociedade de principes, de altos funccionarios, dos mais distinctos sabios e escriptores, das mulheres mais celebradas pelo seu espirito, a senhora de Varnhagen, Bettina von Arnim, Carlota von Kalb, a condessa Schlabrendorf.

Até ao anno de 1822 viveu Alexandre em Paris, sempre desejado em Berlin pelo irmão e pelos seus confrades litterarios; sempre irresoluto em trocar a grande metropole da civilisação intellectual, pelo quieto remanso da sua patria.

Em 1822 o rei da Prussia devia ir ao congresso de Verona. Andavam os sobera-

nos da Europa septentrional em continuo movimento, avistando-se uns com os outros em conferencias particulares ou citando-se para congressos, onde haveriam de alvitrar o que se lhes affigurava mais excellente e efficaz para decepar de um golpe certeiro e decisivo a cabeça da revolução, que tanto os assombrava. Aquella era uma quadra climaterica para a evolução da liberdade. Na Italia e na Peninsula hispanica, agitavam-se os povos proclamando o governo democratico. Os *carbonarios* revolviam profundamente a sociedade italiana. A Hespanha restaurava a constituição de Cadix. Portugal respondia ao clamor da Europa neo-latina. Os monarchas tentavam apertar os vinculos da *santa alliança*. O congresso de Verona, como o de Aquisgran, o de Troppau, o de Laybach eram os cenaculos da reacção absolutista. Convidou o rei a Humboldt para que o seguisse na jornada á Italia, onde o monarcha prussiano levava o intento de visitar Roma, Napoles, Veneza. Era extranho e paradoxal que o homem li-

vre, o espirito independente, o sabio encanecido nas *idéas de 1789*, tomasse logar na sequela dos potentados, que iam, cavalleiros andantes da realeza tradicional, correr mundo e aventuras para vencer e castigar as insolencias e blasphemias do direito popular, que em seu conceito era uma heresia contra Deus, á magestade um desacato. Era porém Humboldt camarista, e sempre vinham por elle acolhidas e saudadas as occasiões de viajar. Da excursão a Napoles se aproveitou para visitar agora por tres vezes o Vesuvio. Serviram-lhe as novas ascensões para rectificar as medidas barometricas, que no anno de 1805 fizera com Leopoldo de Buch e Gay-Lussac, e para examinar de perto o estado da cratera depois da erupção, que pouco antes havia interrompido a diuturna somnolencia da montanha.

Após a viagem á Italia achamol-o de novo em Berlin em principios de 1823, onde vem dar maior realce e animação á elegante sociedade litteraria, que se reunia

com frequencia na residencia de Tegel, onde então Guilherme estanceava.

Alguns mezes depois já Alexandre de Humboldt voltava a Paris, sua verdadeira patria litteraria, aonde o estavam chamando a sua grande publicação, ainda não concluida, e os amigos e collaboradores de seus trabalhos scientificos.

O rei da Prussia manifestára por muitas vezes o desejo de que um tão grande ornamento da sua patria, como era Humboldt, viesse illustrar a corte, fixando n'ella o domicilio. O rei anciava ter a Alexandre por amigo, e como que por conselheiro litterario. Desejava honrar com a sua intimidade e benevolencia os subidos meritos, que haviam dado ao sabio uma reputação já universal. Convidou-o pois a vir a Berlin, e a assistir na capital. Mais por volver á convivencia de seu irmão, de quem tantos annos andára quasi sempre desviado, do que por vangloria de viver junto de principes, se resolveu Humboldt a deixar Paris, e no outomno de 1826 estava de volta ao monó-

tono Berlin. Em meiado de dezembro os seus negocios scientificos obrigam-no a regressar a França, para fazer transportar á Prussia os seus instrumentos e collecções, e pôr ordem nos trabalhos, em que andara empenhado na grande capital.

Em principios de 1827 estava Humboldt em Paris, quando recebeu a visita do barão de Bulow que ia para Londres com o caracter de ministro plenipotenciario prussiano. Havia aquelle diplomata desposado Gabriella, filha de Guilherme de Humboldt. Convidou o barão de Bulow a Alexandre para o acompanhar a Londres. N'esta capital recebeu Humboldt as mais distinctas provas do apreço, em que era tido e deveu a George Canning, que n'este tempo dirigia os negocios publicos, singulares demonstrações de affecto e veneração.

Pouco tempo se demorou em Londres, e voltou por Hamburgo á sua patria. Em Berlin entrou Humboldt no tracto e convivencia familiar do rei, que o honrava e distinguia como á maior illustração de sua

terra e seu reinado. Muitas vezes o acompanhava no retiro de Potsdam e o seguia em differentes excursões, principalmente ás aguas de Teplitz, em que o deliciava com a amenidade inexhaurivel e doutrina copiosa de sua conversação.

A extrema deferencia, com que Frederico Guilherme III honrava no seu benemerito camarista um contubernal e um amigo, deu motivo a que o mundo politico de Berlin augurasse a Humboldt uma valia insuperavel no animo do monarcha prussiano. Os liberaes, que viam com desprazer o influxo dos velhos reaccionarios, fidalgos ou *burocratas*, no governo da nação, fiavam que, entrando o eminente naturalista a ser o mais bemquisto e auctorisado conselheiro do soberano, viriam a enfrear-se finalmente as tendencias absolutistas, e as *idéas de 1789*, de que Humboldt tantas vezes exalçava a preeminencia, chegariam a padecer menos dura contradicção. Irritavam-se os cortezãos, presuppondo que teriam no sabio camarista um emulo perigoso, que os

lançaria ao mesmo passo na penumbra da sua auctoridade e da sua gloria. Mas Humboldt egualmente desmentiu em pontos de seu politico valimento as esperanças e os terrores. Conservou-se na côrte, festejado do seu rei, sempre temido dos poderosos, odiado dos mesquinhos, retribuindo-lhes em satyras e epigrammas a inveja ou a mordacidade; mas affastado sempre dos negocios, e com tal perseverança e bom conselho que eram apenas decorridos poucos mezes depois que assentára em Berlin sua morada, e já se ia divulgando na cidade que o novo camarista caira no desagrado do soberano. [1] Enxameavam na côrte os inimigos de Humboldt. O preceptor do principe real, o celebre Ancillon, era um dos mais acerbos no odio e na hostilidade. Ao naturalista chamava por apodo o *gato encyclopedico*.

Haviam-n'o alguns dos mais pertinazes no credo absolutista, por um revolucionario, que gosava do favor da côrte mal merecido. Adivinham-se facilmente as vilissi-

[1] Bruhns' *Alex. von Humboldt*, II, 126.

mas artes e meneios, de que a turba dos aulicos se haveria de valer para desluzir no conceito do monarcha o credito de Humboldt. É facil aquilatar a torrente de affrontosas exclamações, com que uma nobreza obscura e intolerante desaffogaria o seu despeito a cada novo testemunho da regia benevolencia em honra do seu glorioso camarista. A condessa de Goltz, segundo a narrativa de Varnhagen, soltava os diques á soberba aristocratica, chamando á familia Humboldt *gente aventureira e vagabunda* (hergelaufene Volk) que tomava o logar ás pessoas de qualidade, — bastardos plebeus, que ousavam intrometter-se na plana *des gens bien nés.* [1] Não foi nunca a vaidosa pompa das côrtes a mais pura e salutar athmosphera para os livres pensadores, para os homens, que mais se presam de estudiosos que de cortezãos e mais se pagam de inquirir os segredos da natureza que de amimar a paixões dos potentados. Os reis por

[1] Varnhagen, *Blatter*, IV; 188.

virtude de tradição immemorial elegem os seus aulicos, não pelo que tem de intelligentes, senão pelo que promettem de servís; não por terem a gloria indisputavel do seu vivo entendimento, senão por herdarem a vangloria miseravel de uma estirpe fossilisada. Querem-nos não para refulgirem com luz propria, senão para adornarem as paredes de suas recamaras como figuras mudas de velhas tapeçarias.

Para tal officio apenas se requer a cabeça erma de conceitos, o peito povoado de ouropéis; o joelho flexivel aos preitos e salemas, a abdicação da propria dignidade, a dissimulação das injurias e aggravos, a astucia em intrigar e mal-dizer. Ninguem, ao demorar-se na côrte, ainda alcançou tal immunidade que se lhe não atrevesse a intriga ou a calumnia. E para não sair pervertido d'aquella athmosphera, ou não cair toldado com os fumos da privança, era necessario ser Humboldt. As eminencias cortezãs encontraram-n'o tão inquebrantavel na hombridade como as alturas do Chim-

borazo o deixaram vencedor na robustez. E só ás grandes temperas, como aos privilegiados organismos, é licito conservar-se n'aquelles ares irrespiraveis e poder contar os perigos da ascensão. Os sabios são em toda a parte os mais faceis recrutas do servilismo aristocratico. A ninguem luzem com maior intensidade os canotilhos de uma farda ou as lantejoulas de uma venera. Parece que o proprio abuso da intelligencia os traz dementados para as coisas da vida social e que não ha creaturas mais vaidosas, mais pueris e mais pequenas do que os *grandes homens*, os que a fama apregoou por immortaes, os que á noite, como Laplace na vigilia da sciencia, avassallam os ceus com o poder supremo do seu genio, e amanhecem prostrados e reverentes beijando a fimbria do manto imperatorio. São raros os Aragos, os Hugos, os Quinets. Parece que a fortuna, a deusa das acerbas ironias, obriga os potentados do talento a expiarem cruelmente a sua preeminencia intellectual, dando-os por companheiros, na humilhação e no des-

douro, aos famulos e covilheiros nos paços da realeza.

Humboldt, porém, sabia conservar a nobre independencia na valia do seu rei. Melhor fôra que quem tinha de sua mão a chave da natureza despresasse por indigna a chave de cortezão. Mas o illustre naturalista honrou o officio, sem com elle se humilhar. Nunca a ductilidade aulica o induziu a mudar ou esconder o seu dictame. Á propria mesa dos principes viam-n'o os reaccionarios fidalgos de Berlin defender a politica moderna, elogiar Canning, o liberal, contra Villèle, o legitimista, e interessar-se vivamente pela nova constituição de Portugal, que os estadistas continentaes de 1827 haviam por uma temeraria concessão á democracia. [1] O seu dourado uniforme de camarista era no conceito de Humboldt, segundo o testemunho dos biographos, uma ridicula vestidura. [2] O novo cortezão como que se pejava de pertencer a uma côrte,

[1] Bruhns' *Alex. von Humboldt*, II, 129.
[2] Ibid.

que era, a seu aviso, a menos espirituosa, a mais rude, a mais grosseira de quantas vira em toda a Europa; a uma côrte que parecia timbrar na sua ignorancia e recusava, como se com isso deslustrara os herdados pergaminhos, no minimo ponto associar-se ás opiniões e aos costumes, que dominavam nos demais estados europeus.[1] Quando em 1829 o rei Frederico Guilherme, por uma nova demonstração do seu affecto ao sabio prussiano, lhe conferiu a invejada preeminencia de conselheiro intimo actual com o predicamento de *excellencia*, chanceava Humboldt d'esta sua bemaventurança official e pedia com instancia aos seus amigos que em suas cartas o não affrontassem com a que elle appellidava a *sórdida excellencia (die garstige Excellenz)* havendo a grande injuria que o julgassem mais honrado por tão esteril dignidade que pelo nome, que lográra sem favor das chancellarias. Tão alheio andava Humboldt de apetecer ou estimar estas alcunhas, porque tanto se rebaixam

[1] Bruhns', *Alex. von Humb.* II, 129.

os outros sabios, e em que tanto se compraz ainda em nossos dias a ala dos politicos e a turba dos cortezãos.

Todos os annos roubava Alexandre uma temporada para visitar os seus amigos de Paris, e não deixar prescrever os seus fóros de cidadão n'aquella capital, que era para elle mais que segunda patria na sciencia.

As rasões, que determinaram Humboldt a volver á terra do seu berço e a enlaçar as suas fainas de sabio com as pesadas obrigações de cortezão, tem sido pelos biographos variamente apreciadas.

Dizem alguns que o illustre prussiano, após tão larga ausencia, espontaneamente resolvera trocar pela quieta residencia de Berlin a que era n'aquelles tempos por titulos indisputaveis, a metropole da litteratura, da sciencia, da geral civilisação.

Allegam em favor do seu asserto que só na genial terra da Germania, seria possivel ao philosopho eminente da natureza compôr e delinear de tantos e tão custosos ma-

teriaes, quantos havia colligido em longas viagens e excursões, a soberba fabrica do *Kosmos*, o qual fôra desde os primeiros annos da sua vida intellectual a sua predilecta cogitação. Outros, — vão acaso mais conformes á verdade e ás proprias confissões do insigne naturalista — asseveram que ao eleger por morada permanente a côrte prussiana, outro móbil não tivera que a sua grata obediencia aos desejos do soberano e o desejo de viver junto a Guilherme, com quem o declinar dos annos o prendia em laços fraternaes, cada vez mais cerrados e extremosos. O proprio Humboldt, na sua autobiographia estampada no *Conversations-Lexikon* de Brockhaus, affirma expressamente que «o desejo do monarcha, de ter Humboldt na sua companhia e restituil-o de vez á sua patria» fôra a causa determinante da sua resolução. [1]

[1] «Der Wunsch des Monarchen, Humboldt in seiner Umgebung zu behalten und ihn fur das Vaterland wieder zu gewinen, wurde erst 1827 erfullt» *Conversations-Lexikon*, art. Humboldt, t. VIII, XI. edic. pag. 147. — N'uma carta de Humboldt a seu

Não foi porém, sem contrariar os habitos de sua vida litteraria e social, que Humboldt se resignou a trocar a esplendida metropole pela ainda quasi obscura capital. Era o sabio, no espirito, na lingua, nos costumes, na innata predilecção pela França e suas glorias, mais francez do que allemão. Paris era desde largos annos o theatro maravilhoso da sua energia scientifica. Ali floriam os varões mais eminentes nas varias especies do saber. Ali conviviam germanados em fructuosa intimidade os mais benemeritos cultores das sciencias e das lettras. Ali era o centro do moderno pensamento. D'ali se diffundiam e jorravam os raios da luz espiritual. Ali acudiam os pensadores e estudiosos de todas as nações, como que julgando incompletos seus estudos e frustrada a sua vocação, em quanto

irmão, datada de Moskou a 5 de novembro de 1829 escrevia elle: «Un des motifs les plus grands pour quitter Paris était de me rapprocher de toi... Je ne regretterai jámais d'être venu a Berlin... Rien ne nous séparera plus: je sais où est mon bonheur, il est près de toi.» Bruhns' *Alex. von Humboldt*, II, 184.

não tivessem visitado a cidade santa da nova religião intellectual. Trocar Paris pela modesta côrte de Frederico era deixar a sumptuosa terra das artes e das lettras, a patria da liberdade, a herdeira de Athenas e de Roma, pelo quasi ignoto burgo, onde apenas começava então de germinar a semente de uma nova e dominadora civilisação. Paris, a cathedra de Voltaire e d'Alembert, o fecundo nateiro da revolução, era para Humboldt um sólo abençoado. Queria-lhe com entranhavel affeição; deixal-o era um sacrificio doloroso, ao revez dos mais cultos espiritos germanicos, que mal podiam affazer-se á tumultuosa agitação da vida parisiense. Karl Ritter, o illustre geographo, alegrava-se, segundo a sua propria confissão, de voltar as costas áquelle irrequieto *labyrintho* e regressar em boa paz ao *bom velho Berlin.* [1]

A capital do Brandenburgo não podia va-

[1] *Karl Ritter, ein Lebensbild* von G. Kramer ; Halle 1864 — 70, II, 133 cit. em Bruhns' *Alex. von Humboldt*, II, 101.

ticinar n'aquelle tempo, ainda aos mais enthusiastas allemães, o esplendor e a pujança, a que haveria de chegar em pouco mais de tres decennios. Berlin era uma cidade pobre e desornada do luxo e magnificencia das grandes povoações. O apparecimento das primeiras vidraças de crystal de medianas dimensões em uma janella do palacio regio, foi um acontecimento, que segundo a narrativa de um biographo, excitou a admiração de toda a gente. [1]

Á triste e obscura condição da capital respondia cabalmente a situação politica do governo e do paiz. Ali dominava sem rival a reacção. Sentia-se Humboldt assoberbado por aquella athmosphera social, onde não rumorejava a mais frouxa viração de liberdade, nem fulgia o minimo vislumbre de grandeza espiritual. Não era aquelle certamente o logar mais propicio e mais azado a um livre pensador, a um espirito educado

[1] Alfred Dove, *Alex. von Humboldt auf der Hohe seiner Jahre*, em Bruhns' *Alex. von Humboldt*, II, 101–102.

nas *idéas de 89*, a quem os obsequios da fortuna agora improvisamente arremeçavam ao meio de uma côrte sombria e inaccessivel ás graças e aos encantos da culta e elegante sociedade.

Ali teria de viver n'um circulo de ministros obcecados e de cortezãos encanecidos no odio contra os principios liberaes. Ali teria de vêr a imprensa encadeada pela intolerancia da censura. E apesar de que Paris estava assistindo n'aquelle tempo á agonia dos Bourbons, que buscavam, exaggerando a reacção, affrontar e vencer a torrente democratica, que differença se não advertia sem embargo entre a vida social de Paris e a de Berlin! Para um espirito indómito, e malsoffrido de todas as pressões da auctoridade, para um homem educado no seio da revolução, a passagem de uma a outra capital era como se a uma ave longamente habituada a voejar na athmosphera das montanhas a condemnassem duramente á clausura solitaria da gaiola.

Não era largo o circulo, em que por

aquelles tempos se agitava em Berlin a intelligencia. A arte e a litteratura relegavam a sciencia para o segundo plano da scena intellectual. Schinkel na architectura, Rauch na estatuaria honravam seguramente a esthetica allemã. A litteratura e a philosophia, como duas manifestações espirituaes, alheias e sequestradas ao movimento politico do nosso seculo, repartiam entre si a invenção e o criticismo n'aquelle estreito mundo, profundamente separado da participação e da influencia popular. Os nomes de Holtei, de Chamisso, de Varnhagen, não podiam contrapesar na memoria de Humboldt as glorias representadas nos grandes vultos scientificos e litterarios, que faziam da França contemporanea a rainha da civilisação universal. O principe dos philosophos modernos, o auctor do *idealismo objectivo* adejava então, em pleno despotismo espiritual, nas alturas, onde o seguia mais com fanatico enthusiasmo do que por meditada comprehensão a turma dos ferventes adoradores. Humboldt, com a sua feição positiva e ex-

perimental, mal podia accommodar-se a uma philosophia, que antepunha á paciente investigação da natureza a vaidosa pretensão de construir o universo a puros golpes de valente dialectica. Humboldt era porém injusto e parcial envolvendo na mesma excommunhão a esplendida luz, que a espaços reverbera no systema hegeliano, e as caprichosas phantasias, de que o mestre havia entretecido a sua *Philosophia da natureza*. E era singular que, sem attentar no realismo philosophico e scientifico de Humboldt, o cenaculo hegeliano de Berlin saudasse o regresso do sabio á sua patria, como um auspicio feliz para a cultura da philosophia natural especulativa e transcendente, segundo a concebia e formulava o audacioso idealismo de Hegel e de Schelling. [1]

Não se podia todavia contestar que Berlin começava a annunciar por aquelles tem-

[1] Vej. em Bruhns' *Alex. von Humb.*, II, sob a transcripção de um artigo da *Berliner Conversationsblatt fur Poesie, Litteratur und Kritik*, que n'aquelle tempo era o orgão dos enthusiasmos hegelianos.

pos que poderia ser em poucos annos o centro da Germania intellectual. Mas esta frequente communicação dos sabios e do publico, esta salutar generalisação do espirito scientifico, esta vulgarisação da sciencia por todas as classes cultas da povoação, esta democracia espiritual, que supprimia nos mais altos dominios da intelligencia a antiga e perniciosa distincção entre os iniciados e os prophanos, entre os aristocratas do saber e a plebe extranha ou indifferente ás brilhantes conquistas da experiencia ou da rasão, este caracter popular, que distinguia em França e principalmente na sua capital o cultivo das sciencias physicas e naturaes, não existiam por então na soturna côrte dos Hohenzollerns. Não estava ainda remota aquella edade, em que o philosopho-guerreiro, circumdado do seu cortejo de scepticos e brilhantes espiritos francezes, pensava e escrevia segundo os modelos parisienses, e havendo por quasi barbaras a lingua e as tradições da sua patria, conferia a Paris e aos seus engenhos de eleição o

monopolio da gloria intellectual. Não eram ainda passados muitos annos desde que o conde de Hertzberg, ministro de Frederico II, saira a lume com as suas dissertações para impugnar cortezãmente as imputações de incultura ou de barbarie, com que o philosopho real de Sanssouci, condemnara severamente as condições intellectuaes da sua nação. [1] Não havia então, na phrase de Alfred Dove [2], uma athmosphera commum de scientifica illustração, como existia já para a arte e a litteratura. Em Paris a sciencia era ao contrario cidadã. Correntes de reciproca influencia se mantinham perpetuamente entre as academias, as escolas e os orgãos geraes da opinião. Os proprios circulos da mais elegante sociedade parisiense, onde as artes e as lettras grangeavam culta admiração, não andavam separados do mo-

[1] *Huit dissertations que M. le comte de Hertzberg, ministre d'état*, etc., *a lues dans les assemblées publiques de l'académie royale des sciences de Berlin.* Berlin 1787. Vej. principalmente pag. 34 e seguintes ácerca da preexcellencia da lingua allemã.

[2] Bruhns' *Alex. von Humb.* II, 109.

vimento scientifico, e os grandes nomes da sciencia eram ao mesmo tempo, no conceito popular, os mais gloriosos titulos da superioridade nacional.

Da ausencia de mystica união entre os grandes espiritos germanicos, d'esta solidão intellectual dos genios mais illustres, se queixava Goethe a Eckermann «Levamos, dizia o auctor do *Faust*, uma vida isolada e miseravel. Do que se chama povo propriamente é mui escassa a influencia, que recebemos. Os nossos talentos e engenhos vivem disseminados por toda a superficie da Allemanha: um em Viena, outro em Berlin, este em Kœnigsberg, aquelle em Bonn ou Düsseldorf, todos separados uns dos outros por cincoenta até cem milhas, de maneira que o tracto e o retorno pessoal de informações e pensamentos, é entre nós uma verdadeira raridade. O que seria se aqui vivessem homens como Humboldt... Imaginae agora uma cidade como Paris, onde estão congregadas n'um ambito restricto as cabeças mais eminentes de todo um reino, e

umas a outras se illuminam e se estimulam na diaria conversação, no combate das idéas, na porfia da sciencia; onde quanto em toda a terra ha de melhor nos reinos da natureza e nos dominios da arte está perennemente exposto á contemplação; uma cidade, onde cada passo n'uma ponte ou n'uma praça, rememora ao viajante um grande acontecimento, e onde ao canto de cada rua se está desenrollando uma pagina da historia.»

Estas preeminencias intellectuaes da metropole franceza tinham todavia o seu lastimavel contraposto. Á intensa luz accumulada na Athenas da moderna cultura e liberdade respondiam infelizmente as sombras adensadas nos campos e nas aldêas. Celebravam-se em Paris tantos e taes nomes gloriosos nas sciencias e nas artes, quaes eram os de Laplace, Cuvier, Arago, Thénard, Geoffroy St. Hilaire, Lamarck, de Candolle, Élie de Beaumont, Lamartine, Guizot, Chateaubriand, Letronne, Champollion, David, Gérard e muitos outros, que levanta-

ram o edificio grandioso da arte, da litteratura ou da sciencia em nossos dias. Mas por cada um d'aquelles aristocratas do talento quantos proletarios da instrucção, quantos parias da cultura, quantos entendimentos totalmente desallumiados da primeira educação! Não tinha n'aquelle tempo a Allemanha uma cidade, que lhe servisse de cabeça, onde estivesse concentrado o pensamento nacional, nem podia pôr em vaidoso parallelo os seus sabios dispersos e isolados com a turma radiante dos grandes pensadores de áquem do Rheno. Era, porém, mais culta que a franceza a plebe da Allemanha. Havia menos sóes e mais estrellas; menos semideuses da sciencia, e mais obreiros da instrucção; menos sabios empenhados em fabricar n'uma cidade monumental a gloria da nação, e mais pedagogos occupados em accender na povoação ignorada e sertaneja e no lar plebeu e desornado, com modesta, mas egual intensidade, a luz da commum illustração. A França, enfeixando em Paris toda a sciencia, era a ambiciosa oligarchia

dos talentos eminentes. A Allemanha, repartindo irmãmente pelo seu amplo territorio os seus engenhos mais fecundos e os seus mais diligentes educadores, fundava discretamente esta poderosa democracia intellectual, que devia meio seculo mais tarde erguer a velha raça de Teut no pedestal architectado com os despojos opimos da civilisação franceza, decaida no desastre de Sédan.

E de feito é um erro lastimavel o suppôr que um povo se engrandece, quando n'uma desmesurada capital, vê accumulados alguns privilegiados entendimentos, que revoam sobranceiros pelas ethereas regiões da arte ou da sciencia, em quanto nas campanhas e nos burgos mais humildes, uma numerosa multidão se afunde inconsciente até á mais baixa degradação da dignidade intellectual. O mundo latino, em todos os seus aspectos politicos, sociaes, litterarios, scientificos, moraes e economicos, governa-se ainda infelizmente pelas normas e dictados de uma antiga sociedade, em que a

desegualdade e o privilegio, na sua mais immoderada aspiração, constituiam o principio dominante da vida nacional. Á vaidade d'estas nações caducas, herdeiras da grandeza e dos vicios da Roma imperatoria, é necessaria uma côrte de talentos excepcionaes, embora a sua luz esteja em misero contraste com as trevas espessas da nação: um Camões n'uma povoação embrutecida pelo fanatismo clerical; um Cervantes brilhando como perola no muladar de um povo oppresso ao mesmo passo, pelo despotismo e pela inquisição. Porfiam as nações entre si a qual ha de inscrever mais nomes gloriosos no seu canon de illustres escriptores e erigir mais estatuas laureadas no pantheon das suas glorias litterarias. Basta-lhes que esteja refulgindo uma lampada gigantea na sala dos seus festins espirituaes, embora as demais quadras e recameras se escondam em sinistra escuridade. Os povos germanicos ao revez — fallamos dos genuinos e excluimos o britannico, n'este e n'outros pontos embuido nas tradições e precon-

ceitos neo-latinos, que lhe vieram por herança pelo seu costado de normando, — os povos germanicos tambem numeram os seus genios incomparaveis, o seu Goethe, o seu Schiller, o seu Klopstock, o seu Kant, o seu Hegel, o seu Gauss, o seu Humboldt. Mais se presam, porém, de que o maior genio da nação teutonica seja antes a somma enorme de todas as energias intellectuaes n'um grande povo, onde cada espirito é uma força e cada entendimento um obreiro infatigavel da geral civilisação. O que distingue principalmente as nações chegadas a um extremo grau de espontanea fecundidade mental, não é já a brilhante apparição de alguns genios singulares, que infinitamente se distancíam da media intellectual do seu paiz, senão a egual distribuição da intelligencia e do saber por todo o organismo nacional. Este é o caracter dos estados, aonde é lei suprema a egualdade e onde os influxos democraticos se manifestam com a mesma intensidade na condição politica e na sphera da educação. Esta é a indole da confederação Helve-

tica, e da União americana, duas admiraveis encarnações, uma da democracia tradicional, a outra da moderna democracia. Não registam com soberba os fastos publicos em um e outro povo nenhum d'estes nomes quasi divinos, que na sua augusta individualidade são por si sós uma civilisação, uma litteratura, uma sciencia; um Platão, um Kepler, um Newton, um Descartes, um Dante, um Camões, um Shakspeare. Accumulam-se á maravilha os thesouros do saber, e ninguem póde ao certo assegurar que talento pessoal deu á sciencia a sua ultima estructura, porque o grande pensador n'aquellas terras de egualdade afortunada chama-se legião. Ali do edificio da cultura, como das construcções cyclopicas, não se conhece o nome ao architecto. Sabe-se apenas que é o trabalho collectivo, que são as forças intellectuaes, applicadas em pontos innumeraveis, as que produzem a assombrosa resultante de uma estupenda civilisação. Não ha um nome, que notavelmente sobreleve na gloria individual aos

seus concidadãos, porque são copiosos os que lidam no mesmo campo da sciencia e da sua fructuosa cooperação nasce o progresso universal. As nações, onde a energia do pensamento se monopolisa n'alguns cerebros, anormaes e monstruosos pelas suas extraordinarias faculdades, são como as planicies aridas do Egypto, nas quaes a artificiosa constructura das pyramides giganteas surge dos plainos escalvados, onde mal desponta rara e emmurchecida a rasteira vegetação.

Apesar das modestas proporções da vida intellectual na côrte prussiana, tinham ali seu domicilio habitual, ou ali concorriam algumas vezes muitas das maiores capacidades scientificas e litterarias da Allemanha.

Ali viviam homens tão notaveis, como Schleiermacher, que furtando-se á tutella dos quatro grandes philosophos germanicos, tambem tivera a ambição de crear um systema philosophico; Neander, o mais illustre dos seus amigos e sectarios. A philologia,

que já n'aquelle tempo reconhecia a Allemanha por sua patria de adopção, numerava entre os seus mais benemeritos cultores a Guilherme de Humboldt, a Bopp, o fundador da linguistica moderna, a Bœckh, Becker, Lachmann, tão honrosamente conhecido pelas suas eruditas investigações sobre a *Iliada*, em seguimento á doutrina de Wolf contra a existencia de um Homero pessoal. Savigny realisava uma fecunda revolução nos estudos historicos do direito. Raumer, era já o profundo historiador dos Hohenstaufens; Ranke, o imparcial investigador da historia pontifical. Ritter e Berghaus representavam com merecida celebridade as sciencias geographicas. A medicina gloriava-se de ter no celebrado Hufeland um nome venerando pela virtude e pelo saber. Weiss, o continuador de Werner na fundação racional da mineralogia, Leopold von Buch, o maior geologo da sua epocha, Link, o curioso investigador da *Flora lusitana*, Ehrenberg, o indagador dos organismos microscopicos, appareciam na primeira plana

entre os cultores das sciencias naturaes. Henrique Rose e Mitscherlich devotavam a sua actividade aos progressos da chimica mineral. Começava a alvorecer o energico talento de Encke, o astronomo que ligou a sua memoria ao celebre cometa do seu nome, estudou mais profundamente o annel de Saturno, e determinou com maior exactidão a parallaxe solar. Gustavo Rose, Steiner, Dove, João Müller, Poggendorff e muitos outros sabios de menos relevante categoria, prenunciavam já n'aquelles tempos que Berlin seria em breves annos um notavel emporio intellectual. Apesar de tudo, a então pequena capital do Brandenburgo mal podia competir no commercio da sciencia com a magnifica Paris, onde a vida litteraria e scientifica, a favor de uma lingua universal e de centenarias tradições, andava representada por altissimos engenhos, que reuniam á gloria patria a consagração universal. A mudança de domicilio era pois nos primeiros dias desfavoravel a Humboldt.

«Deixava Humboldt (são estas as palavras de Alfred Dove, o historiador da sua vida politica e social) aquella metropole do mundo ricamente abastecida de quanto fazia a bem dos interesses scientificos do grande naturalista, e vinha trabalhar na mesquinha athmosphera de uma pobre cidade em paiz, que todos os seus recursos duramente adquiridos precisava applicar a urgentes necessidades materiaes. Trocava a livre condição de hospede geralmente venerado em meio de uma sociedade culta e anciosa de saber, pelo serviço pessoal de uma côrte estreita e apoucada, e por um mundo social sem idéa politica... Não podia elle então adivinhar, que esta nação germanica ia marchando já para um futuro, que aos mais radiosos e brilhantes haveria de offuscar; que a sua mesma cidade natalicia, antes que se houvessem cumprido inteiramente os destinos nacionaes, haveria de inaugurar uma epocha de scientifico luzimento, em quanto o mundo extranho, de que Humboldt se apartava com saudade, iria mais e

mais escondendo na penumbra o seu antigo esplendor.»[1]

Em Berlin tornou Humboldt a vêr a Augusto Guilherme von Schlegel, que depois de ser por muitos annos professor na recente universidade de Bonn, voltava á côrte e acrescentava a sua já incontestavel reputação, dando um curso sobre a theoria e a historia da arte, na presença de um publico numeroso e recrutado nas classes mais eminentes e letradas da povoação. Foi porventura o exemplo e o exito de Schlegel, que decidiram Humboldt a fazer, perante a academia das sciencias de Berlin, uma lição publica sobre o assumpto predilecto de seus estudos, a distribuição do calor nas regiões do nosso globo, e a professar depois as brilhantes prelecções, que deram origem ou serviram de cimentos á obra mais tarde publicada sob o titulo de *Kosmos*.

A 3 de novembro de 1827 abriu Humboldt o seu curso sobre a *descripção physica*

[1] Alfred Dove's *Alex. von Humb. auf der Hohe seiner Jahre* em Bruhns' *A. von Humb.* II, 117.

do mundo. Era tal a fama do professor e tão ávidos estavam todos de escutar o prussiano illustre, que mais vivera até ali para os extranhos que para os seus proprios naturaes, que de Berlin e seus contornos accorreram a ouvil-o todos os que se deleitavam na cultura da sciencia e os que, sendo n'ella hospedes, ardiam em desejos de assistir á eloquente exposição do insigne naturalista. O resultado respondeu ás esperanças do auditorio. Desde 3 de novembro de 1827 até 26 de abril de 1828, Alexandre de Humboldt explicou em sessenta e uma lições os principaes phenomenos da natureza physica, e vestiu de todos os primores de uma locução facil e imaginosa a descripção das scenas, de que fôra espectador durante as suas largas excursões.

Foram professadas estas primeiras lições em uma das salas da universidade de Berlin. Vieram de todos os pontos de Allemanha sabios e amigos das sciencias para ouvirem ao menos uma d'aquellas profundas prelecções. Tal era a fama, que logo desde

os principios do curso se fôra diffundindo por toda a parte, e tal o desejo de admirar de perto o espirito mais encyclopedico da raça germanica em nossos dias.

Arago, o amigo dedicado e affectuoso, escrevia de Paris a Humboldt: «Tive novas de que professas um curso de geographia physica aos estudantes de Berlin? Não intentas porventura publicar as tuas lições? Responde-me affirmativamente, e logo tomarei um mestre de allemão.» [1]

Era estreito o recinto, onde primeiro havia professado o seu gratuito magisterio, e ainda demasiado scientifica a fórma com que, sendo principalmente dirigida a escolares, havia traçado a exposição. Ia crescendo sempre o auditorio. Aos sabios, aos letrados, ás gentes das mais altas e illustradas classes de Berlin, juntavam-se agora sollicitos ouvintes de menos elevada hierarchia. Para vulgarisar a sciencia e a levar

[1] Carta de Arago a Humboldt, de Metz a 13 de dezembro de 1827 em Bruhns' *Alex. von Humb.*, II, 143.

ao conhecimento de um publico numeroso e mais prophano, decidiu-se Humboldt a abrir um novo curso no grande amphiteatro da academia de musica *(Singakademie)*, e a dar ás suas lições uma feição mais popular. Duraram as conferencias, que foram dezeseis, desde 6 de dezembro de 1827 até 27 de abril do seguinte anno. Notavam-se ali pessoas de todas as classes e condições. Comparecia o rei, a familia real, as mais elegantes damas da nobreza, os fidalgos, os cortezãos, os estadistas, os sabios, os artistas, os escriptores, os burguezes, os obreiros. A proposito do verdadeiro enthusiasmo, com que os homens, ainda os menos cultivados, iam saudar o mais profundo naturalista do seu tempo, o descobridor intellectual do mundo americano, escrevia Guilherme de Humboldt a Goethe: «Alexandre é effectivamente uma *potencia* e tem, pelas suas lições, conquistado um novo genero de fama».

Mas se os Goethes e Aragos, se os Bunsens e os Schlegels, os que o escutavam em

Berlin, e os que de longe o applaudiam, eram contestes em exalçar o merito e a novidade das lições, não era, da mesma opinião sua magestade o rei Frederico Guilherme, se houvermos de pôr inteira fé no testemunho de Varnhagen. O monarcha prussiano patenteára o seu juizo ácerca das lições, dizendo que não havia n'ellas connexão, senão apenas uma congerie immensa de factos inteiramente desligados. Ao que o biographo, que nos serve de guia n'este lance, observa com rasão que o soberano estava tão habilitado para entender e apreciar a travação e seguimento das idéas no espirito de Humboldt, como uma grande parte do auditorio. Sua magestade achava no seu direito divino a sciencia infusa e a capacidade omnisciente para reger o povo prussiano. Mas infelizmente a hereditaria sapiencia dos soberanos, que é bastante para dirimir em ultima instancia o destino das pobres e ignorantes multidões, não chega pelo commum a comprehender o mais facil problema ou a mais singella theoria.

Póde quasi aventurar-se que um congresso de monarchas, que em Laybach, ou em Troppau, tem poder para atear a guerra, ou suffocar a liberdade, ainda que sommara todas as regias intelligencias, não lograria demonstrar o theorema de Pythagoras ou expôr a extracção do oxygenio.

Deixou Humboldt outro genero de descontentes de mais escrupulosa consciencia ou de mais auctorisada reputação. Dos timoratos foi um dos principaes o general von Witzleben, que não poude menos de lastimar o effeito deleterio das lições, as quaes em seu parecer contrariavam as tradições religiosas, e eram fructo de um livre pensador. [1]

Outro mais glorioso e talvez mais offendido soltava suas queixas contra Humboldt, não por desaggravo da fé menospresada, senão em nome do desacatado racionalismo.

Havia Humboldt nas primeiras prelecções levantado a voz persuasiva contra a ousada e esteril pretenção de fundar uma sciencia

[1] Bruhns' *Alex. von Humboldt*, II, 147.

puramente racional da natureza e abundara em judiciosas allegações para provar que eram passados os tempos infecundos da contemplação especulativa do universo e chegada a epocha, em que nas sciencias cosmologicas e sociaes, teria o logar preeminente a investigação experimental. Transpareciam as allusões a esta nebulosa *philosophia da natureza*, que o talento egualmente phantasioso e dialectico de Hegel dera por complemento á *philosophia do espirito*, para firmar a identidade absoluta entre o ser e o pensar. Humboldt era maligno, sarcastico, inexoravel para com os seus contemporaneos, que tinham o infortunio de cair sob a sua litteraria jurisdicção. As suas fréchas mais hervadas e certeiras voavam de preferencia aos alvos mais subidos pelo nascimento ou pela gloria pessoal. A sua respiração intellectual mal podia accommodar-se ás eminentes regiões, onde se libram as aguias da pura philosophia, ou á crassa athmosphera onde vegetam contentes da sua magestosa nullidade, os reis e

os cortezãos. O epigramma saia-lhe acerado contra quanto ia de encontro ao seu *realismo* scientifico. Quando Hegel intentava fundir o *Kosmos* á imagem da sua phantasia, pela só energia do pensamento, Humboldt haveria de sorrir forçosamente da temeridade philosophica, porque soubera por experiencia, que ainda aberto, e folheado com diurna e nocturna mão o livro da natureza, nas paragens mais remotas e nas mais variadas condições, lidos seus caracteres e suas siglas por olhos tão perspicazes e videntes, como os de Kepler, ou de Newton, os de Galileu, ou de Vesalio, os de Linneo ou Lavoisier ainda ficava em grande parte indecifravel o assombroso enygma do mundo phenomenal.

As lições publicas de Berlin revelaram em Humboldt um novo merito, o de não imitar o orgulho scientifico, com que a maior parte dos sabios, collocados em degraus superiores da hierarchia social, desdenham por ouvinte o povo e julgam affrontar a magestade da sciencia, dando como

repasto a sua palavra a populares e rudes entendimentos. No parecer de Humboldt os sabios não deviam constituir, perante o movimento democratico dos nossos dias, uma sorte de casta sacerdotal, como a das antigas civilisações orientaes, feitorisando avaramente para si e seus adeptos os thesouros da sciencia, que Deus concede ao genio, com a condição de que os reparta com toda a humanidade e os faça aproveitar ao bem commum e ao melhoramento physico e moral da nossa especie. Alexandre de Humboldt deu o nobilissimo exemplo de que sendo por saber e hierarchia um dos mais eminentes cidadãos da sua patria, sendo fidalgo por sua estirpe, titular, camarista, conselheiro intimo, e quasi privado do monarcha, se não dedignava de evangelisar ao povo a religião augusta da sciencia, de que era pela palavra e pela acção o mais fervoroso confessor.

Terminadas que foram em abril de 1828 as lições do segundo curso, começaram de instar os amigos e ouvintes de Humboldt

para que elle corrigisse e desse á estampa as magnificas leituras que fizera, e do estreito circulo das pessoas, que o poderam escutar, diffundisse a todo o publico uma obra, que a todos interessava pela belleza da exposição, pela originalidade dos conceitcs, e pela mystica unidade, em que Humboldt enfeixara a infinita variedade dos phenomenos naturaes. Em toda a imprensa allemã se consagrou o desejo de que o sabio não deixasse dispersas e truncadas na memoria dos que o ouviram as folhas d'aquelle precioso livro oral. Cedendo á rogativa, quasi importunidade dos amigos, aos votos da opinião, ás instancias dos periodicos, deliberou imprimir as suas lições, coordenando-as em corpo de doutrina, correctas e acrescentadas, sob o titulo de *Kosmos*, que na sua classica singeleza e magestade exprimia n'um só vocabulo o pensamento philosophico do auctor.

Se bem se póde asseverar que a definitiva composição do *Kosmos* teve por causa occasional as lições sobre a descripção phy-

sica do mundo, é todavia incontestavel que era antigo no espirito de Humboldt o plano de escrever um livro monumental, em que syntheticamente dispozesse todos os resultados da sciencia e o estado dos conhecimentos humanos ácerca do systema da creação. Já em 1796 escrevia Humboldt a Pictet, de Genebra: «Je conçus l'idée d'une physique du monde.» Nos apontamentos ministrados por Humboldt para a sua biographia no *Conversations-Lexikon* de Brockhaus diz elle expressamente que «pouco depois da sua volta da America havia já na obra *Aspectos da natureza* buscado generalisar os resultados de um estudo retrospectivo das suas copiosas investigações experimentaes.» [1] Eram então ainda escassos os materiaes para levar a cabo a magnifica traça, que em rascunho fugitivo tinha desenhada.

Começaram então os estudos e trabalhos para dar ao *Kosmos* proporções menos contractas das que tiveram os dois cursos. Differentes causas conspiraram para que só

[1] *Conversations-Lexikon*, XI ediç. t. VIII, 151.

passados muitos annos viesse á luz o primeiro tomo d'esta celebrada composição.

Duravam ainda as lições publicas de 1827 quando o imperador da Russia, Nicolau, a quem não eram desconhecidos os planos da viagem asiatica, havia annos projectada por Humboldt, lhe commetteu encarregal-o de uma grande romagem scientifica no imperio moscovita a expensas do governo. Era o partido para tentar quem julgava incompleta a sua missão de viajante, em quanto se não houvesse entranhado no coração da Asia em busca de suas maravilhas naturaes. Não pôde todavia sem detença aprestar-se para a excursão, porque tinha empenhada a sua honra em proseguir as leituras populares. Concluido porém o novo curso, para logo deu de mão aos estudos e trabalhos, que para a feitura do seu *Kosmos* trazia já dispostos, e todos os seus cuidados foram desde então aperceber-se para a longa expedição, que devia emprehender em principios de 1829.

O resto do anno de 1828 não foi des-

aproveitado por Humboldt. Com os preparativos da viagem conciliou importantes observações ácerca do magnetismo terrestre, em continuação das que fizera nos primeiros annos d'este seculo. Para este fim levantou uma casa magnetica no jardim do conselheiro de estado Mendelsohn-Bartholdy, pae do celebre maestro. Ali, auxiliado por homens já notorios na sciencia, Dove, Encke, Magnus, Poggendorff, e outros mais, se deu com indefessa actividade a observar a declinação horaria e as epochas das perturbações extraordinarias do magnetismo terrestre, ligando as suas proprias observações com as que ao mesmo tempo eram dirigidas pelo geologo Reich nas minas de Freiberg, a mais de duzentos pés de profundidade e com as que se executavam em Nicolaiev, Kazan e Petersburgo.

N'aquelle mesmo anno se celebrou em Berlin a septima reunião annual dos *naturalistas e dos medicos, (Jahresversammlung der deutschen Naturforscher und Aerzte)* e Humboldt repartiu com Lichtenstein, o reitor

da universidade, a honra de presidir a este congresso. Abriu Humboldt as sessões da illustre congregação com um excellente discurso sobre o espirito e a utilidade d'estes concilios scientificos, destinados ao progresso das sciencias e á communicação immediata dos sabios entre si. Era de seu principio a reunião dos *investigadores da natureza* apenas consagrada á historia natural. Ao genio encyclopedico de Humboldt, á sua philosophia, (professava por dogma essencial a unidade da natureza, e as intimas relações entre as parcellas, de que se compõe o *grande todo)* repugnava que a taes assembléas annuaes se desse um cunho tão mesquinho e uma feição tão singular. Todas as sciencias se auxiliam e se encadeiam. Estas doutas reuniões deviam pois comprehender a escala inteira dos estudos naturaes. Pelo modelo dos congressos allemães, segundo Humboldt os reformou, se compozeram alguns annos depois os congressos scientificos, que na Italia e na Inglaterra vieram mais tarde a celebrar-se.

A *congregação annual dos medicos e naturalistas allemães* fôra instituida em 1822, por diligencias de Oken, cujo espirito ancioso de liberdade tinha por mais dilecta aspiração a unidade nacional, a conquista d'esta patria, d'este glorioso *Vaterland*, de cuja dilatada superficie deviam desapparecer na propicia conjunctura as fronteiras, que a tinham dividida em pequenos estados inimigos ou rivaes. O congresso era pois um instrumento de communicação entre uma grande parte dos pensadores germanicos de differente nacionalidade particular. Devia reunir-se annualmente n'uma cidade da Allemanha. D'esta vez vacillava-se na escolha entre Breslau e a côrte prussiana. Empenhou-se Humboldt por que se désse a preferencia á capital.

O conselheiro de estado, von Kamptz, eminente jurisconsulto, mas inveterado contradictor das idéas liberaes, dirigia então os negocios da instrucção publica. Repugnava a que em Berlin se congregasse a assembléa, receiando a presença de Oken, o seu dema-

gogico fundador. Venceu, porém, Humboldt no animo do rei.

A significação politica d'esta grande junta scientifica, transparecia facilmente ainda que velada nas modestas apparencias de um congresso, ostensivamente destinado á cultura da sciencia.

Humboldt, para quem o gracejo e o epigramma eram a fórma habitual do pensamento no seu commercio epistolar, escrevia ao eminente De Candolle: «Je ne vous parle pas des quatre cents amis naturalistes, qui m'arrivent d'Allemagne et de Scandinavie. C'est une irruption de savants, qui fait trembler.»

Ao physico Derichlet dizia n'uma carta: «Ne vous verrons-nous pas ici pendant *l'irruption des naturalistes*? Ou redoutez-vous le chaos de cette *foire littéraire*?»

E passando a estylo mais grave e já prophetico do que poderia ser um dia a patria allemã, dizia: «Elle (la foire littéraire) a cependant un côté sérieux, c'est une noble manifestation de l'unité scientifique de l'Al-

lemagne, c'est la nation divisée en croyance et en politique, qui se revèle à elle même dans la force de ses facultés intellectuelles.»

Esta Allemanha, unica pelo espirito, pela tradição, pelo idioma, dividida *na crença e na politica*, era já então o escandalo dos espiritos generosos e videntes, que estavam anciando pela patria commum. E Humboldt, cuja indole era tão cosmopolita no trato e na sciencia, mal haveria de levar que a sua nação, tão grande e tão chamada a altissimos destinos, estivesse jazendo enfraquecida pela absurda multidão das suas divisões, reliquias de um feudalismo esterilisador e persistente. A unidade nacional só podia n'aquelle tempo manifestar-se nas relações puramente intellectuaes, mas os congressos, em que o pensamento da Germania se concentrava n'um só fóco, eram um instrumento, senão efficaz, sequer preparatorio, para que um dia alvorecesse na Allemanha a unidade suspirada. Ainda outra circumstancia os fazia apreciaveis. Os meios de communicação não tinham n'aquella época a celeridade,

que os distingue em nossos dias. Era mais tardio e menos facil o commercio litterario. Congregar pois de quando em quando os sabios disseminados na vasta confederação, equivalia a estreitar os vinculos intellectuaes e como forçoso corollario, a tornar menos agrestes as emulações e as suspeitas entre os varios membros da grande familia nacional. Hoje os congressos, na Allemanha, e em toda a Europa, decairam profundamente da sua primordial significação. A imprensa, o vapor e o telegrapho, affrouxaram, senão inteiramente destruiram, a utilidade dos congressos scientificos, assim como a das exposições universaes.

Estas apparatosas congregações do pensamento ou dos productos, dos methodos scientificos ou dos processos industriaes, são hoje apenas magnificas e deslumbrantes solemnidades, sem nenhuma decisiva influencia no adiantamento da sciencia ou na perfeição do trabalho manual.

As escolas, as academias, os gabinetes, os observatorios, os museus, as viagens

scientificas, accumulam os factos da observação e da experiencia e facilitam as novas generalisações; assim como os grandes centros industriaes e mercantis, as officinas e as fabricas offerecem a mais fructuosa aprendizagem aos que desejam amestrar-se nos segredos industriaes. Depois a locomotiva e o jornal, — estes amplissimos canaes por onde se diffunde a toda a parte a riqueza e o pensamento, — não consentem que n'um ponto só do globo appareça uma idéa ou um producto, sem que d'elles participe em breve trecho a restante humanidade sedenta de aprender e trabalhar.

VIII

Viagem á Asia central. — Kazan. — Ekaterinenburg. — Os *Steppes*. — No centro da Asia. — O Ural. — Jornada a Astrachan. — O mar Caspio, — Regresso á patria. — Resultados scientificos da excursão,

Chegára a occasião de emprehender aquella desde longos annos anhelada expedição á Asia central. A empresa teve origem d'esta maneira. As minas do Ural ministravam uma abundante provisão de platina, que o governo moscovita desejavá utilisar n'uma larga applicação industrial. O conde Cancrin, ministro da fazenda do autocrata, consultou a Humboldt sobre se seria conveniente empregar o novo metal no fabríco da moeda, e sobre qual valor se lhe deveria, por lei, attribuir, comparativamente ao dos

metaes preciosos, a que estava limitada a circulação. Na carta do ministro, escripta a 15 de agosto de 1827, deixava o estadista escapar estas palavras: «O Ural seria digno de que o explorasse um grande naturalista.» Contestando ás interrogações do governo russo, e mostrando a inconveniencia de amoedar a platina, escrevia o sabio prussiano: «O Ural, e o Ararat, agora pertencente á Russia, o proprio lago Baikal estão-me a sorrir como imagens aprasiveis.»

D'ahi nasceu o convite expresso, com que o imperador Nicolau commetteu a Humboldt o fazer uma viagem scientifica á Russia oriental, provendo o governo moscovita a todos os custos da expedição. Acceitou Humboldt o offerecimento, aprazando para a primavera de 1829 o principio da jornada.

A 12 de abril d'aquelle anno partia Humboldt de Berlin, levando como seus ajudadores a Rose e Ehrenberg, que estavam em começo de sua illustre carreira scientifica, mas já denunciavam o seu energico vigor intellectual. Entre os tres exploradores fica-

ram os trabalhos de tal sorte repartidos, que a Humboldt pertenceriam as observações do magnetismo terrestre, os estudos astronomicos e geographicos e tudo quanto respeitava ao aspecto physico da Asia norte-occidental. A Gustavo Rose haveria de caber a chimica e a mineralogia, e além d'isso o apontar e colligir os materiaes para a narrativa da viagem, de que seria o historiador. A natureza organisada cairia por tarefa a Ehrenberg.

Nada minguava de quanto era mister para que fosse commoda, ou antes menos fadigosa a expedição a paragens tão remotas, de tamanha aridez e inclemencia, e tão feitas para volver em penoso sacrificio o largo jornadear. A munificencia de Nicolau acudia com discreta providencia a contrapesar e prevenir os descommodos da empresa. N'aquelle mesmo anno o despota illuminado subsidiava mais tres expedições, encaminhadas ao progresso da sciencia: a de Parrot ao Ararat, a de Kuppfer ao Caucaso e a Elbrus, e a de Hansteen, Due e Erman

para a determinação das linhas magneticas desde S. Petersburgo a Kamtschatka. Descontemos nos grandes crimes politicos do mais austero representante do velho e intolerante absolutismo, do cruentissimo oppressor da Polonia escravisada, o bem, que por sua generosa intervenção accresceu á sciencia universal e por forçoso corollario á futura condição da humanidade. Um despota, que favorece e promove o progresso da sciencia e com ella a maior diffusão da luz intellectual, está minando, sem o querer nem suspeitar, os frageis alicerces ao throno dos seus herdeiros.

A 21 de maio estavam em S. Petersburgo os viajantes. Ali foi Humboldt recebido na côrte com mostras singulares de grande apreço e distincção.

Bem quizera Humboldt, que para a jornada se apercebeu com previos estudos scientificos e litterarios ácerca da Asia central, commetter a empresa indo já industriado na lingua russiana, cujo conhecimento lhe haveria de fundir grande proveito em re-

giões, onde eram inintelligiveis os idiomas da Europa occidental. Intentou arcar com as linguagens slavonicas, e elle, que sabia todas as principaes fallas europeas, — teutonicas ou romanicas, — desanimou no empenho de entender a lingua, em que poetaram Puchkin e Lomonosov, e deixou os monumentos da sua prosa elegante o historiador Karamzin.

E todavia o idioma russo, se a memoria póde vencer as difficuldades de um rico vocabulario, quasi inteiramente desconforme ao neo-latino ou allemão, não offerece insuperaveis obstaculos a um estudioso já conhecedor das raizes e da syntaxe nas linguas indo-europeas.

A 20 de maio saiam de Petersburgo os viajantes. Demorou-se Humboldt quatro dias em Moskou, e ali viu o seu velho amigo Fischer, que ainda não ha muito, em edade provectissima, consagrava ainda a sua vida, ao cultivo das sciencias naturaes, e durante longos annos presidiu á sociedade imperial dos naturalistas n'aquella antiga metropole

da Russia. Redobraram ali as demonstrações de uma affectuosa hospitalidade, que ás vezes raiava em oppressão para a indole essencialmente liberrima de Humboldt.

O caustico epigramma solta-se picante nas epistolas do sabio, ao descrever a festa e gasalhado, com que o receberam os homens da policia, os generaes, os magistrados, os cosacos, e as guardas de honra.

De Moskou seguiu Humboldt por Vladimir e Muróm até Nichni-Novogorod. D'ali continuou pelo Volga até Kazan, fazendo uma breve digressão ás ruinas tataras de Bulgari. Endireitou depois até Ekaterinenburgo, na vertente asiatica do Ural. Aqui divagou Humboldt durante quasi um mez, proseguindo seus estudos na porção média e boreal da grande cordilheira, a qual por se estender na direcção do meridiano, lhe recordava uma similhante posição dos Andes, as mais guindadas serras da America do sul.

Por todas aquellas cercanias derramou com prodiga mão a natureza os thesouros

tão apetecidos e buscados mais por vaidade sumptuaria que por forçosa necessidade social. Ali visitou Humboldt as officinas imperiaes, onde se talham as gemmas preciosas, o topasio, o beryllo, a amethysta; ali viu as lavagens do oiro de Chabrowskoi, os jazigos de malachite de Zumechefskoi, as pedreiras de rhodonite (silicato de manganesio) e as fundições de ferro em Nichni-Issetsk.

Alongando para o norte a excursão visitou Humboldt Nichni-Tagilsk. No territorio circumvisinho as alluviões de platina de Sucho-Vissim e Rublovskoi traziam á memoria do viajante a região de Choco, na America do Sul, igualmente copiosa em jazigos d'aquelle precioso metal.

Dirigiu-se pelas povoações de Kuchva, Laja, Blagodad e Nichni-Turinsk a Bogoslovsk, celebrado pelos seus depositos auriferos. E d'ali retrocedendo por Verchoturie, Alopayersk, Mursinsk e Chaitansk, volveu a Ekaterinenburgo.

D'esta cidade continuou a 18 de julho a sua jornada por Tjumen para Tobolsk as-

sente nas margens do Irtysch, para entranhar-se na Siberia.

De Tobolsk as jornadas agora começavam agras e perigosas, porque era força atravessar os aridos steppes de Barabinski, afamados pela praga dos insectos e pela incommodidade e fadiga do caminho. O estoico valor e a resolução inquebrantavel, com que Humboldt se offerecia como victima ao culto da sciencia, não desmerecia no mais minimo o conceito, que n'estes pontos de heroica impavidez havia conquistado, cruzando as inhospitas e desertas regiões do Orenoco. Mas na expedição americana era Humboldt no vigor da juventude, agora ia raiando já nos sessenta annos. Então estimulava-o o fanatismo da sciencia, e não pouco tambem o fervor das aventuras. Agora, quando as cãs já attestavam os annos e os trabalhos, a inspiração, que o fortalecia e encaminhava nas estereis planicies siberianas, era a pura, desinteressada e espiritual religião da natureza e da sciencia. Mas se as conquistas da intelligencia só a custo de penosos sacrifi-

cios se podem alcançar, tambem as viagens de exploração nos paizes mais alpestres e furtados á humana domesticidade e convivencia, tem encantos ineffaveis para os homens, que sabem alliar ás austeras concepções do entendimento as suaves deleitações da imaginação. Chegando a Barnaul, na margem do Obi, dessendentou os olhos sequiosos de bellezas naturaes, nas scenas aprasiveis e romanticas do lago Kolyvan. Desceu ás minas riquissimas de prata de Schlangenberg e ás de Riddersk e Zyrianovskoi, na vertente sudoeste do Altai. D'ali encaminhou-se Humboldt á pequena fortaleza de Ust-Kamenoigorsk e a Buchtarminsk. Era chegado aos limites, que separam da Russia oriental os paizes tributarios do celeste imperio. Estava proximo da Dsungaria chineza. Apertava-o o desejo de pisar ao menos uma vez o territorio da Mongolia. Alcançou a permissão de trespassar a fronteira e visitou o posto mongolico de Baty ou Khoni-Mailakhu, ao levante do lago Dzaisan.

Achava-se então (era a 17 de agosto) quasi no centro da Asia, inteiramente separado dos ultimos vestigios da civilisação christã. Regressando á fortaleza moscovita, deparou-lhe a natureza no caminho novas e curiosas occasiões, em que fosse exercitando o seu espirito investigador. Nas margens do Irtysch, em cujas aguas ia navegando, levantam-se por espaço dilatado massas collossaes de granito stratiforme, em assentadas, umas d'ellas verticaes, as outras inclinadas em angulos quasi rectos. As observações n'aquella paragem colligidas, prestaram-lhe notavel confirmação á sua theoria sobre a elevação das rochas plutonicas. [1]

Deixando a fortaleza de Ust-Kamenoigorski, foi caminhando por suas jornadas no steppe de Ischim, onde vagueam hordas de kirghis. Passou por Semipalatinsk e Omsk, na linha dos cosacos de Ischim e de Tobol, dirigindo-se ao Altai meridional. Estanceou

[1] Sobre as observações de Humboldt ácerca das massas eruptivas de granito, veja em Bruhns' *Alex. von Humb.*, III, a apreciação dos seus trabalhos geologicos, por Julius Ewald, pag. 167.

em Miask, e visitou os seus depositos auriferos, onde se encontraram a pequena profundeza tres pedaços de oiro nativo de extraordinarias dimensões. D'ali irradiou em breves digressões pelos territorios comarcãos. No pendor do Ural, que demora ao meio-dia, proseguiu os seus estudos geologicos, admirou em Orsk a magnifica pedreira de jaspe verde e adiantou sua jornada por Guberlinsk a Orenburgo, cujo terreno é inferior ao nivel do Oceano. Por aquelle povoado passam caravanas de muitos mil camellos, e deparam-se ao viandante numerosos caminheiros, que vêem dos pontos mais remotos e das mais desconhecidas regiões. Ali encontrou Humboldt um peregrino de nação tedesco, de nome Von Gens, que frequentava aquellas paragens asiaticas, para colher informações sobre a sua ainda mal investigada geographia. Bom peculio de noticias curiosas havia já conseguido respigar em sua dilatada romagem scientifica.

D'elle colligiu Humboldt muitas preciosas descripções ácerca da Asia central, na

parte que por seus olhos lhe não fôra dado perscrutar. D'elle soube que existia, ao nordeste do lago Baikal, um vulcão extincto, que por ser tão sertanejo e affastado do littoral, era mais uma excepção além das já sabidas, á lei, geralmente observada de serem os vulcões pelo commum *parhalios* ou estarem quasi sempre junto ao mar.

D'este modo completou o que ácerca dos vulcões da China havia aproveitado nos escriptos de Abel Rémusat e de Klaproth e nas investigações do sinologo profundo, Stanislas Julien.

De Orenburgo levava-o a curiosidade scientifica a visitar as celebradas minas de sal gemma de Iletzkoi, no steppe da horda pequena dos kirghis, e o territorio onde tem sua principal estancia os cosacos de Uralsk. Após tão larga peregrinação, era-lhe grato o vêr gente e costumes de Allemanha n'aquelles sertões immensos do imperio moscovita. Por isso lhe foi aprazivel o passar pelas colonias allemãs estabelecidas na margem esquerda do rio Volga, no governo de

Saratov. Continuando suas jornadas houve vista do lago salgado de Elton no steppe dos kalmuckos. Proseguindo mais ávante entrou na famosa povoação, que tem nome de Sarepta, a qual se o não attraía pelo interesse de estudar a natureza physica, lhe contentava a curiosidade, não menos insaciavel, de observar e inquirir as diversas fórmas sociaes e os varios estylos de viver. Em Sarepta se fundára e florecia a celebrada colonia dos *irmãos moravios*, ou *Herrnhuts*, que sabem alliar o mysticismo religioso com a perseverança no trabalho, e são a mais notavel realisação do moderno socialismo. Continuou Humboldt a sua derrota, e chegou a Astrachan, assente ás ourellas do mar Caspio.

Era um dos principaes empenhos do naturalista viajante o explorar aquelle extenso lago, estudar chimicamente as suas aguas, proceder a observações barometricas, á sua confrontação com as de Orenburgo, de Sarepta e de Kazan, e reunir uma collecção de peixes, que podesse ministrar a Cuvier

e Valenciennes valioso material para a sua grande obra ichtyologica.

De Astrachan volveu Humboldt, atravessando o isthmo, que cerca de Tichinskaia separa o Volga e o Don e entranhando-se no paiz dos cosacos d'este rio, tocou em Tula e Voronetz, e entrou novamente em principios de novembro na cidade de Moskou. N'esta velha côrte dos tzares lhe fizeram honroso recebimento as pessoas principaes, esforçando-se cada um por acolher com mostras de respeito ao sabio illustre, que nos paços do seu rei era havido em tamanho apreço, e da parte do autocrata merecera já invejadas e raras distincções. A sociedade imperial dos naturalistas de Moskou celebrou com grande solemnidade e luzimento em honra do viajante uma sessão especial, a que assistiram, deslumbrantes de dourados uniformes e de insignias nobiliarias, os mais altos e condecorados generaes e funccionarios. «Até elles chegára o renome de Humboldt (refere em suas *Memorias* Alexandre Herzen, que n'aquella sasão

andava estudando na universidade de Moskou), a fama do conselheiro intimo de sua magestade o rei da Prussia, do sabio, a quem a munificencia do imperador havia conferido a estrella da ordem de Sant'Anna, e porfiaram em cairem humilhados perante o homem, que tinha subido ao Chimborazo e vivido em Sans Souci.»[1] Depois de descrever com humoristico sainete as mesuras, as salemas, as ceremonias, as saudações, com que n'esta especie de entrada triumphal a pragmatica moscovita festejou o recem-vindo, a quem nem faltou o cortejo de insuflados panegyricos em verso, accrescenta Alexandre Herzen: «Era o intento de Humboldt o discutir os seus estudos sobre a declinação da agulha magnetica, e communicar as suas observações meteorologicas aos sabios de Moskou, os quaes lhes dariam em retorno o fructo das suas proprias locubrações. Mas em logar d'isto o viajante prussiano teve de contemplar com affectada admiração uma trança dos augustissimos ca-

[1] Bruhns' *Alex. von Humb.*, I, 446.

bellos de Pedro o grande, que o reitor da universidade com muita reverencia lhe mostrou.»[1] É facil adivinhar que a indole humoristica de Humboldt haveria de alcançar pouco edificante consolação ao vêr a reliquia preciosa do famoso imperador. E mais lhe contentára certamente o praticar um bom espaço ácerca do progresso das sciencias com os sabios moscovitas do que render tardias homenagens aos pellos serenissimos do monarcha afortunado.

Desenlaçado a muito custo das cortezanias de Moskou poz-se a caminho para S. Petersburgo, aonde chegou a 13 de novembro. Aqui se repetiram com maior encarecimento as honrosas, mas importunas demonstrações com que a cesarea benevolencia o tinha da vez primeira acolhido e agasalhado.

Choviam sobre o illustre prussiano as graças imperiaes. Um dia era festejado como em familia nas recamaras da tzarina,—ineffavel beatitude, que muitos *grandes homens* do nosso tempo e da nossa sociedade te-

[1] Bruhns' *Alex. von Humb.*, I, 447.

riam preferido á gloria de haver escripto o *Kosmos*. Ao outro dia jantava como em mesa de egual e amigo seu com o amavel *tzarovitch,* que hoje senhorêa com melhor fortuna que a paterna os vastos dominios moscovitas. Quantos vãos estadistas nossos conterraneos, e digamol-o em verdade, quantos homens que presumem de sabios e philosophos, não teriam trocado o privilegio d'estes contubernios imperiaes pela immortalidade conquistada a poder de valiosos feitos scientificos. Aos banquetes magestaticos succediam novas e mais altas distincções, d'estas, com que os principes, não se sabe se com simpleza ou arrogancia, julgam retribuir e egualar os talentos, que não tem preço e os meritos, que excedem a craveira. Conferiu a Humboldt o imperador a ordem de Sant'Anna de primeira classe, ornada da corôa imperial, acompanhando-a de uma carta, em que eram mais apreciaveis as palavras, pelo que diziam de justissimo louvor do que pela mercê, que annunciavam. Uma pelissa de custosa zibelina, de

valor de cinco mil rublos e um magnifico vaso de malachite avaliado em quarenta mil, foram os presentes sumptuosos, com que o generoso Nicolau gratificou a Humboldt pela sua longa expedição.

Não seria temerario o apostar que o illustre viajante, a quem os regelos da Siberia haviam ensinado a estimar o agasalho das pellagens, em maior conta haveria a dadiva imperial do que a venera moscovita.

A 15 de dezembro saia Humboldt de Petersburgo. Em Dorpat avistou-se com Struve, o astronomo eminente, a cujo incitamento se deveu a fundação do novo observatorio de Lisboa. Em tão larga e aventurosa peregrinação, qual havia sido a viagem asiatica, em tão apartadas e extranhas regiões, discorrendo por steppes, vagando em caravanas, jornadeando em serranias do Ural e do Altai, entre cosacos e kirghis, em aridos caminhos ou em veredas penhascosas, nunca um só accidente lhe turbára a bonança da jornada. «Mas (são as proprias palavras do sabio humorista prussiano) estava

escripto infelizmente no calculo das probabilidades, que se não podem andar impunemente dezoito mil *verstes*, sem que uma vez ao menos se volque a viatura n'algum mau passo do caminho. O calculo das probabilidades tem como a Nemesis vindicado as suas immunidades.» [1] Não longe de Engelhardthof, a duas jornadas de Riga, succedeu o episodio, sem o qual no juizo de Humboldt, a theoria mathematica, fundada por Pascal e por Fermat e desenvolvida por Laplace e Poisson, ácerca do provavel e do possivel, teria practicamente demonstrado a sua vanidade como um puro devaneio de geometras. A carroagem de Humboldt tombou ao passar sobre uma ponte, que o aspero dezembro d'aquellas terras boreaes havia coberto de gello especular. A indole satyrica do prussiano jovial não consentiu que elle narrasse o acontecido sem desfechar um dos seus costumados epigrammas. «Co-

[1] Carta de Humboldt ao ministro, conde Cancrin, datada de Kœnigsberg a 24 de dezembro de 1829 em Bruhns' *Alex. von Humb.*, I, 449.

mo eram (escreve elle) dois sabios e um caçador mui instruido os que se haviam despenhado, não faltaram logo a ponto contradictorias theorias sobre a causa do phenomeno » [1]

A 28 de dezembro entrava Humboldt com os seus dois companheiros de viagem na cidade de Berlin. A expedição, que havia levado a cabo felizmente, se na duração e no espaço percorrido, não podia comparar-se com a famosa excursão americana, era porventura a mais larga, que até áquelle tempo se tinha effeituado nas pouco visitadas regiões da Asia russiana.

Segundo os calculos de Menschenin, (official do corpo imperial das minas, designado pelo governo russo para acompanhar a Humboldt na exploração) desde que saira de Petersburgo até que novamente houvera vista d'aquella capital, no decurso de vinte e cinco semanas, a contar de 20 de maio a 13

[1] Carta de Humboldt ao ministro, conde Cancrin, datada de Kœnigsberg a 24 de dezembro de 1829 em Bruhns' *Alex. von Humb.* I, 449.

de novembro do anno de 1829, percorrera o infatigavel explorador quatorze mil e quinhentos *verstes*, ou reduzindo a medidas decimaes esta unidade itineraria moscovita, mais de 15:000 kilometros. Tinha Humboldt passado por seiscentas e cincoenta e oito estações de posta e empregado no serviço de suas jornadas passante de doze mil cavallos. Foram mais de cincoenta as vezes, em que teve de atravessar os rios, que se lhe depararam no caminho. Segundo as suas proprias computações, estimou Humboldt que o trajecto total de sua viagem prefizera 2:500 milhas geographicas, discorridas entre gentes de raças diversissimas, de costumes discordantes, e de varias gradações na fé e na cultura. Não foi tão entrecortada de romanescas aventuras a viagem asiatica, nem de tão boa safra intellectual, como o fôra trinta annos antes a expedição americana. Eram então e agora differentes as condições do viajante e o theatro da sua campanha scientifica

Tocava já nos sessenta annos o peregrino;

a cabeça por fóra encanecida; por dentro desencalmada dos enthusiasmos juvenis. A natureza boreal, triste, opulenta de thesouros geologicos, avara de riquezas vegetaes. Sem embargo porém das circumstancias diversissimas, a mesma perseverança em caminhar, a mesma curiosidade em inquirir, o mesmo vigor e robustez para superar os trabalhos da jornada, nos steppes monótonos do Ural ou nos infindos páramos do Novo Continente. Segundo o testemunho do general russo, Helmersen, geologo eminente, que foi companheiro de Humboldt em parte da sua expedição, o sabio prussiano, apesar de ser já entrado em dias, nunca em tantos milhares de *verstes* montou a cavallo uma só vez. Quando o caminho por agro e pedregoso, tolhia o viajar em viatura, eil-o, ao naturalista, avançando a pé com passo tardio, mas seguro, trepando agora as penedias da montanha, e vencendo as fragosidades sem fadiga, como quem nos cerros e nas selvas e nas solidões americanas, e em edade florente e aventureira,

aprendera a marchar sem mais ajuda, que a fortaleza do seu animo, nem mais viatico do que exigia a temperança habitual.

De toda a parte, por onde levâva suas jornadas, saiam a acolhel-o e festejal-o os que tinham officios e dignidades, porque segundo o governo lhes ordenára deviam recebel-o com as honras attribuidas aos senadores e generaes. Ao passar nas povoações ou nos postos militares juntava-se para o vêr uma copiosa multidão, composta dos varios elementos sociaes, que vivem na Russia européa ou na Siberia, — soldados moscovitas, cosacos, kirghis, baschkires, tartaros, mongoles. As gentes do commum haviam-n'o por homem quasi sobrenatural. Um dia — era junto da fortaleza de Tamalyzkaya, — em quanto novos cavallos se atrelavam á carruagem de Humboldt, adianta-se da turba circumdante um rude baschkir, e com gestos vehementes e voz alevantada, dirige em seu turquesco dialecto um discurso ao viajante. Toavam as palavras do filho do deserto aos ouvidos do prussiano, como va-

sias de sentido. Estava ali presente o general Helmersen. Pergunta-lhe Humboldt pelo que dissera o baschkir. Chama-se um *drogman* para que interprete a barbara linguagem. Apura-se a final que ao baschkir em a noite precedente os kirghis da visinhança, — tiveram sempre fama de pouco escrupulosos do alheio, — lhe haviam roubado alguns cavallos. Teve nova o infeliz de que era chegado á fortaleza um *homem que sabia tudo*. Vinha pois obsecral-o vivamente a que lhe dissesse quaes haviam sido os abactores e o industriasse na maneira de recobrar os seus rocins. Ao ruido do incidente acode a policia pressurosa, — policia russa, copiada e encarecida muitas vezes em paizes de mais gabada liberdade e menos ciosa autocracia. Prende o pobre espoliado, que vinha consultar a nova Pythia, como se Delphos se transplantára para o meio dos steppes, vagueados por nómadas mongoles. Ria a bom rir o festivo naturalista, folgando com a novidade do episodio. Intercedeu em favor de quem lhe fazia a honra de o to-

mar por deparador infallivel do perdido. O conselheiro intimo do rei da Prussia, «com predicado de excellencia» (era esta a sua maior e mais poderosa recommendação aos olhos da gente official) se não descobriu o paradeiro dos cavallos, alcançou facilmente o perdão para o seu crendeiro interrogador.

A miseravel e oppressa condição das tribus numerosas, avassaladas á insaciavel ambição do moscovita, simulacro dos antigos imperios orientaes com a sua degradante servidão, despertáram em Humboldt, no decurso da viagem, commentarios, que não haveriam de ser gratos e aprazíveis ao despotismo do autocrata, se acaso o viajante os tivera publicado. «As idéas de 89» lembrar-lhe-iam com maior resplendor em meio d'aquella Russia, que em 1829 era o mais poderoso baluarte do velho absolutismo, e a mais impenitente contradictora da moderna fórma da humanidade. Dos escriptos ácerca da viagem americana não tinham sido a menor parte os referentes á condição politica e social das antigas colonias

hespanholas. O sabio illustre ali se consubstanciára a cada passo com o publicista liberal. «Compete (escrevera Humboldt no *Ensaio politico sobre a ilha de Cuba)* compete ao viajante, que viu de perto tudo quanto degrada e atormenta a natureza humana, levar os queixumes dos malaventurados aos ouvidos de quem tem por dever o mitigar-lhes o infortunio.» Humboldt é o primeiro espirito desasombrado e generoso, que n'este seculo sentiu em toda a sua indestructivel connexão os vinculos sympathicos da natureza e da humanidade.

Não é possivel a um alto engenho o separar a sciencia e o sentimento, a lei physica e a lei moral, a *harmonia,* que produz o Kosmos na sua eterna e inquebrantavel formosura e o *direito,* que regula a sociedade, na sua ideal e fecunda perfeição. A tendencia cada vez mais viva e manifesta de estreitar em laços intimos o homem e a natureza, — caracter fundamental da sciencia em nossos dias, — são já visiveis nas feições intellectuaes de Humboldt.

A natureza é o theatro, onde o espirito representa as scenas multiformes da sua actividade universal. Não é licito contemplar a belleza do scenario sem pensar instinctivamente no actor. D'aqui procede este continuo entresachar dos estudos physicos e dos estudos sociaes, com que n'este seculo se distinguem os mais insignes escriptores, e os mais arrojados philosophos da natureza, — os Darwins, os Huxleys, os Haeckels, os Quinets, os Lubbocks, os Rawlinsons, os Lyells e os Buchners, e em que lidaram na antiguidade muitos dos mais famosos pensadores.

A philosophia da historia era tão impor tante para Humboldt como a philosophia da natureza. Nas suas longas e variadas excursões fôra-lhe tão grato e consentaneo á largueza do entendimento o estudar as leis do magnetismo terrestre como interrogar as tradições e os costumes das raças e das nações.» A viagem (escrevia Humboldt a Guizot, com quem desde largos annos tinha já travado mutua correspondencia de

affecto e veneração [1]) a viagem que ha pouco terminei ao Altai, aos confins da Mongolia chineza e ás ribas do mar Caspio, e em que percorri mais de quatro mil e quinhentas leguas, deixou no meu espirito grandes recordações. São os povos, sobretudo esta massa enorme de nomadas, quem me inspira maior interesse do que os rios magestosos e os cimos nivosos das montanhas. Com essas tribus ascendemos no preterito aos tempos das grandes migrações. Um milhão e trezentos mil kirghis, que ainda n'este momento em que vos escrevo, andam vagueando nos seus carros, explicam o que no passado succedeu... Tudo isto sabemos pela historia. Mas eu tenho a mania de querer tudo observar com os meus olhos senís. [2]» Observar, sim, podia Humboldt o

[1] A amisade entre Humboldt e Guizot foi longa e ininterrupta. N'uma carta do sabio prussiano ao eminente historiador francez, escrevia Humboldt a 2 de novembro de 1832 com o seu amavel gracejo habitual: «N'oubliez pas entièrement une personne, qui vous est dévouée depuis *un temps antédiluvien.*»

[2] Carta de Humboldt a Guizot, 25 de fevereiro de 1830, em de La Roquette, *Correspondance*, II, 84.

mundo moral n'esta sua campanha scientifica até á fronteira da Mongolia. Mas o despotismo de Nicolau não veria com boa catadura que as oppressões e as miserias de seus milhões de servos na Russia europea e asiatica, viessem a lume recontadas por tão grave e auctorisado narrador. Viajava Humboldt, como principe, correndo largamente com os dispendios da jornada o despota imperial. Promettera ao conde Cancrin remetter ao silencio tudo quanto podesse revelar a condição politica e social da monarchia moscovita. [1]

Estas duras e suspicazes restricções impostas pela intolerancia do tzar e seus ministros á livre manifestação do pensamento, não eram certo aprazíveis ao espirito liber-

[1] Escrevendo ao ministro, conde Cancrin, de Ekatarinenburgo a 17 de julho de 1829, dizia Humboldt: «Fica entendido que nós ambos (elle e o seu companheiro Gustavo Rose) nos limitamos apenas á natureza morta e cortamos tudo quanto é concernente ás instituições humanas e ás relações sociaes das classes inferiores da povoação.» Bruhns' *Alex. von Humboldt*, I, 444.

rimo, indisciplinado, escrutador do satyrico philosopho. As honras, os affectos, as valias, com que o torvo Nicolau distinguira o naturalista, não lhe podiam apagar a reluctancia em ser amigo sincero do autocrata. Quando apoz o regresso da Siberia, Humboldt expoz em sessão publica á academia de S. Petersburgo os seus votos para que em todo o imperio se instituissem postos meteorologicos e magneticos, a gratidão official para com o munifico e dadivoso imperador, poz-lhe na bocca, não no sentimento, estas palavras, que na propria hyperbole e rhetorica insufflação traziam o sinete da sua duvidosa cordialidade: «O augusto soberano, que se dignou de me chamar a este paiz e sorrir aos meus trabalhos, apparece-me ao pensamento como um genio pacificador. Vivificando com o seu exemplo tudo quanto é verdadeiro, grande e generoso, desde a aurora do seu reinado se compraz em proteger o estudo das sciencias, que sustentam e fortificam a rasão, e o das artes e das lettras, que embellezam a vida

das nações. [1]» Ao discurso em francez, de que são parte estes encomios, chamava Humboldt mais tarde, escrevendo a Varnhagen: «uma parodia representada perante a côrte, uma obra forçada de duas noites, um ensaio de adular sem abjecção, e dizer não o que é, senão o que deveria ser.»

Fructos sasonados da expedição á Russia oriental foram os «*Fragmentos de geologia e climatologia asiatica*, publicados em dois tomos em Paris em 1831; e o livro, que em 1843 se imprimiu n'aquella cidade com o titulo de «*Asia Central*» e no mesmo anno Muhlmann trasladou para allemão e deu á luz em Berlin. A relação da viagem foi escripta por Gustavo Rose e saiu estampada nos annos de 1837 a 1842 sob o titulo de *Reise nach dem Ural, dem Altai und dem Kaspischen Meere* (viagem ao Ural, ao Altai, e ao mar Caspio).

Foram de summa importancia para a sciencia, principalmente para a geologia e para a physica do globo, os resultados obti-

[1] Bruhns' *Alex. von Humboldt*, II, 180, 181.

dos por Humboldt na sua excursão até ás fronteiras orientaes da Russia. A vulcanologia deveu-lhe em especial esclarecimentos preciosos. Na expedição americana haviam sido os vulcões um dos assumptos mais dilectos da sua observação e do seu estudo. Restava pôr em fecundo parallelo os phenomenos vulcanicos do Novo Mundo com os do velho continente, e inferir d'este confronto seguras conclusões ácerca do vulcanismo e dá sua mais racionavel theoria. No estudo dos vulcões da Asia central muito se valeu de varias indicações dos grandes orientalistas, com quem desde muito conservava commercio litterario. Os monumentos historicos escriptos em arabe, em zend e em chinez foram aproveitados para supprir, quanto ácerca da geographia do Oriente, tinham de incompletas as modernas relações. N'estes difficeis trabalhos lhe acudiram Klaproth, Stanislas Julien, que prestou ao naturalista numerosos apontamentos de orographia asiatica, segundo as fontes originaes, e Eugenio Burnouf, cujo profun-

dó saber na litteratura zend lhe foi egualmente de proveito inestimavel.

É todavia lastimoso que o geologo allemão, em vez de limitar-se nas questões orographicas e hypsometricas da Asia central, ao que presencialmente conhecera na sua expedição até o mar Caspio e á Dzungaria, se abalançasse a dirimir muitos pontos controversos no tocante á região comprehendida entre o Thian-Chan e o Himalaya, pondo fé exaggerada no valor e exacção das relações chinezas, que lhe eram ministradas pelos dois orientalistas Klaproth e Julien. Muitas das idéas professadas nos *Fragmentos de geologia e climatologia*, se viu depois serem intempestivas, e discordes dos factos, que a sciencia em annos subsequentes registrou. Na carta da Asia Central, que o eminente geographo redigiu e publicou, acham-se as verdades desluzidas e mescladas com erros consideraveis de orographia oriental. Os grandes levantamentos geodeticos e topographicos, que n'estes annos mais proximos de nós tem sido executados pelo estado

maior na Asia moscovita, os trabalhos emprehendidos para estudar e levar a cabo o caminho de ferro do Ural, e as successivas expedições, em que o poder dos russos tem ido dilatando mais e mais os seus dominios no Turkestan, até á ultima campanha contra Khiva, alargaram a sphera dos conhecimentos asiaticos, rectificaram as inexacções auctorisadas com o nome do sabio universal, sem todavia desmerecerem a valia da sua arrojada expedição, em tempos em que, como de presente, a navegação fluvial no Volga e no Kama até Perm e ao mar Caspio, não havia ainda como agora facilitado sequer medianamente a excursão até ás escarpas do Ural. [1]

Nas suas novas locubrações a proposito

[1] Sobre os meios de communicação agora subsistentes na Russia europea e na Siberia, e os que presentemente se estudam e construem veja *Die Verkersverhaltnisse am Ural und die Ural'sche Eisenbahn* (As relações commerciaes no Ural e o caminho de ferro uraliano) nas *Mittheilungen der kais. und kœnigl. geograph. Gesellschaft in Wien* (Transacções da sociedade imperial e real geographica de Viena) Tom. XVI, nona série. pag. 145 e segg.; Viena, 1874.

do vulcanismo, ratificou-se Humboldt mais e mais na opinião de que o intimo do nosso globo ainda ao presente, se encontra em estado de fusão e a este presupposto subordinou toda a sua doutrina geologica. E era este cabalmente o parecer incontroverso dos maiores astronomos, physicos e geologos, em quanto não surgiram os reparos e objecções, com que hoje, apoz os escriptos de de la Rive e de alguns outros naturalistas, está senão infirmada plenamente, ao menos um pouco abalada em seus cimentos a hypothese plausivel do calor central.

A orographia da Asia recebeu notaveis adiantamentos com os estudos consignados nos *Fragmentos Asiaticos*. Com maior exacção se distinguiram as grandes cordas de montanhas, que na Asia central dão á *plastica* da terra, ao seu relevo e feição physica, os seus caracteres differenciaes. As quatro grandes serranias ou systemas orographicos, o Altai, os Montes celestes, o Kuen-lun, e o Himalaya, deveram a Humboldt novas e mais correctas determinações.

Com a progressiva multiplicação das viagens scientificas, e das longinquas expedições, com o enthusiasmo, que as investigações e descobrimentos geographicos tem excitado em toda a Europa á excepção de Portugal, e poucas mais nações de infima cultura, decresceu em grande parte no que respeita especialmente á geographia, o valor dos estudos asiaticos de Humboldt. Os trabalhos de Hochstetter tem adiantado notavelmente o que nos tempos do naturalista prussiano n'este assumpto se conhecia. O doutor Gustavo Radde tem percorrido os steppes e os desertos; definido as differenças caracteristicas d'estas duas sortes de plainos orientaes, e retratado a physionomia botanica d'estas largas regiões. A fauna do immenso territorio banhado pelo Volga achou no russo Bogdanov um novo e curioso investigador. [1]

A viagem de Humboldt á Asia central

[1] Os escriptos zoologicos d'este sabio moscovita estão publicados nas «Memorias da sociedade de naturalistas da Universidade imperial de Kazan» (*Trudij Obchtchestva Vratchei g. Kazani za* 1871).

cerrou o cyclo das suas romarias scientificas. Entrava agora em annos, que mais quadram á quieta meditação no remanso do bufete do que á observação experimental nas aventuras do caminho. Gastara o vigor do seu estio e primavera em colher pelas mais apartadas regiões os materiaes, de que carecia para levar a effeito a traça do seu magestoso edificio intellectual. Era bem o luzirem-lhe agora dias de mais ocio e mais repouso, — descanço de entendimento sempre devorado pela sede de saber, ociosidade fructuosa de quem se aliviava das jornadas meditando e escrevendo sem cessar. A vida da natureza, que havia sido o enlevo do seu espirito, ia agora um pouco entrar na sombra, porque novos e estrondosos acontecimentos abriam na historia politica da Europa um capitulo, em que se lia por epigraphe *humilhação* aos potentados, e *liberdade* ás avassalladas multidões.

O vulcão de 89, sobre cujas agrestes cumiadas a sancta alliança desdobrára a sua tenda, havendo-o por extincto e julgando-se

a bom recado contra suas antigas erupções, expellia de si a lava torrentosa nos tres dias de julho memoraveis, em que os Bourbons, — a raça proscripta, a perpetua inimiga da civilisação e da liberdade, — soltava o adeus extremo á França e ao poder.

IX

A Revolução de julho — Missão diplomatica de Humboldt a Paris — A patria e a humanidade — Novos serviços diplomaticos — Trabalhos litterarios em Paris de Guilherme de Humboldt — Os dois *Dioscuros* da Alemanha — O *exame critico* — Ultimos tempos de Frederico Guilherme III.

A revolução de julho de 1830 é um dos maiores acontecimentos d'este seculo, porque é o segundo nascimento da idéa democratica. A reacção tinha de novo enthronisado o seu dominio desde os confins meridionaes da Europa até ás vastas regiões escravisadas pelo autocrata. Parecia que em 1815, com o regresso dos Bourbons á França conquistada e com a inquebrantavel energia da santa alliança, se tinham apagado as tradições e as memorias da epopéa liberal e o direito divino assegurára a sua restaura-

ção e a sua victoria contra o direito popular. O empenho dos torvos imperantes e dos estadistas reaccionarios cifrava-se em destruir os effeitos politicos e sociaes da revolução de 89, e restituir á Europa monarchica a fórma tradicional, que os exercitos gloriosos da republica haviam passageiramente anniquilado. Depois do fluxo revolucionario, que tinha arrastado em sua resaca tormentosa os sceptros e as corôas, seguia-se o refluxo do velho absolutismo, agora tanto mais sanhudo e intolerante quanto sentira mais fundamente cravadas em seu corpo as garras do abutre democratico. Nos successos do mundo moral como nos phenomenos da natureza physica, a lucta das especies e dos typos, que pleiteam rijamente o mesmo logar, e contendem por destruir-se mutuamente, é regida por leis ineluctaveis e identicas. Á acção, com que os organismos novos ou as novas instituições procuram desalojar as do passado, responde forçosamente a reacção das que defendem o posto immemorial. Com as idéas, — que são

a realidade historica, da que os factos dão apenas a vestidura material e transitoria, — acontece justamente o que se realisa n'um combate pertinaz, em que de dois valentes antagonistas forceja um por segurar a posição contra as temerosas investidas, se empenha o outro em rodobrar as incursões para ganhar em cada arremetida uma nova porção do terreno precioso. Assim a democracia apoz uma larga e sangrenta expugnação conseguira hastear a sua insignia nos proprios arraiaes da obstinada realeza. Mas a tradição envidára novos brios e alcançára repulsar por algum tempo as hostes do futuro. Seguira-se aquelle momento de assombro e anciedade, em que os soldados repellidos reformam as suas columnas, apostados a desfraldar novamente a sua bandeira nas alturas, ou a sellar com o sangue de um glorioso desbarato a grandeza do extremo sacrificio. A liberdade tinha levantado o seu clamor contra a santa alliança nos movimentos populares de 1820, em Napoles, no Piemonte, na Hespanha, em Portugal. Mas

a França era a representante e a herdeira da idéa revolucionaria. E a França tinha ficado silenciosa n'aquelle altivo côro democratico. No teclado politico da Europa, a terra classica da revolução dera sempre a nota fundamental. D'aquella vez a França, agrilhoada pelos Bourbons, mandára áquem dos Pyreneus os exercitos do duque de Angoulème a restituir em sua ferocidade a realeza de Fernando VII. A França, que, quando pensa pela sua generosa intelligencia, é o arauto da revolução, agora conduzida pela reacção bourboniana, vinha ser o algoz da liberdade.

As jornadas de julho de 1830 marcavam na historia da democracia europêa uma epocha assignalada. Os seus effeitos eram inestimaveis para a evolução liberal em toda a Europa. A segunda expulsão dos Bourbons continha em germen a futura transformação politica do mundo. O grande problema em França não era já instituir segunda vez a fórma republicana. Era antes de tudo supplantar a dynastia historicamente mais pos-

sante d'entre todas as dynastias européas, a inimiga jurada e capital da nova idéa, estes Bourbons infestos, cuja presença á frente de uma nação é, apesar de todas as simulações de brandura e liberdade, uma ameaça perpetua á moderna civilisação. Quebrar segunda vez a cadeia magica da legitimidade era pois em 1830 um acontecimento de inapreciaveis resultados. Embora viesse um rei advenidiço, um soberano ferido da lepra democratica, um Luiz Philippe de Orleans assentar-se no throno dos Bourbons e dos Valois, dos mais incansaveis architectos do velho absolutismo. Esse eleito da revolução significava a propria condemnação da realeza. Se era descendente de reis, não era tambem o successor de um regicida? Para punir os Bourbons, devia accrescentar-se á pena a humilhação. O executor do odio popular contra a raça condemnada era um Bourbon tambem, mas um Bourbon degenerado, quasi parricida, um Bourbon, sobre cuja cabeça juvenil havia espadanado o sangue de Luiz XVI, quando Philippe de Or-

leans, o deputado da Convenção, mandára com o seu voto á guilhotina o chefe da sua casa.

A revolução de 1830 era o prologo d'esta serie de desastres e de grandezas, que logicamente conduziram a França á republica temperada, fazendo-a conquistar a desejada instituição, não como nos tempos heroicos da infancia democratica, pela moeda facil da victoria, senão pelo custoso preço da derrota; não ao som dos hymnos festivaes e das gososas deleitações da vaidade nacional, senão ao grave psalmodear dos cantos lugubres, quando a França parecia conduzida entre alas de implacaveis inimigos ao sepulchro das suas glorias. Assim como a vida individual nasce com a dôr, a existencia social, nas suas profundas transformações, não tem o seu thalamo entre rosas, e o seu berço entre canticos divinos. Foi preciso expulsar os Bourbons, exilar os Orleans, depôr os Bonapartes, para chegar a vêr já proximas, porém ainda mal distinctas as suspiradas paisagens da terra da promis-

são. Mas de todas aquellas dynastias sómente se mostrava ainda temivel a que representava a chamada legitimidade. Luiz Philippe era ao mesmo passo, perante o direito divino um usurpador, um intruso perante a revolução. Napoleão I viera demasiado tarde para fundar uma nova dynastia e um novo direito hereditario. A revolução de julho proscrevendo os Bourbons tornava mais facil a empreza e a victoria aos futuros movimentos democraticos. Para derrocar os Orleans, bastaria o sopro de julho, repercutido em fevereiro de 48. Para desthronar os Bonapartes, seria sufficiente que a boa fortuna da França lhe fizesse perder no mesmo dia a gloria, que era o talisman do cesarismo, e os exercitos francezes, que até ali haviam sido synonymos da gloria. A França e a liberdade deveriam abençoar a Bismarck e aos allemães. Os desbaratos de Metz e de Sédan foram para os herdeiros de 89 o complemento dos seus grandes esforços patrioticos, foram uma verdadeira revolução, mas uma revolução, em que o sangue, o

lucto, a desolação e a ignominia, doutrinaram a França na longanimidade e na prudencia, e ensinaram á republica a temperança e a resignação.

A revolução de julho deu rebate em toda a Europa e agitou profundamente a democracia. A santa alliança estremeceu e oscillou. Nas côrtes do norte foi dolorosa a impressão. O direito divino padecera na queda dos Bourbons um desastre irremediavel. A Prussia era então, como já deixámos dito, um dos mais firmes esteios da reacção. O partido absolutista de Berlin, volvendo de seu primeiro assombro após os dias gloriosissimos de julho, sonhava, como sempre acontece a impenitentes reaccionarios, uma phantasiada serie de successos, que trouxessem felizmente a restauração da velha dynastia. Os mais intrataveis inimigos da revolução pendiam abertamente para que a Prussia entrasse com o autocrata n'uma cruzada de exterminio contra os sacrilegos prophanadores da realeza tradicional. O rei Frederico Guilherme III e os ministros de

maior auctoridade no governo, resistiam á impulsão da côrte e do partido militar. Parecia-lhes que a revolução de julho trazia já no proprio seio as causas da sua fráqueza democratica. Em seu juizo, a *quasi legitimidade* de Luiz Philippe podia bem substituir a *legitimidade perfeita* dos Bourbons. Haviam por melhor aproveital-a do que entrar com ella em perigosa competencia e oppugnação. Devia pois a Prussia reconhecer a nova dynastia. E ninguem se deparava mais a geito do que Humboldt para que fosse em Paris representar a cordial benevolencia dos Hohenzollerns e desfazer qualquer suspeita, que a opinião liberal tivesse em França contra a sinceridade dos affectos prussianos. A sua dupla qualidade de cortezão e de sabio universal, e o ser, ainda que, allemão de nascimento, havido por francez de segunda patria e adopção, apontavam a Humboldt como o mais opportuno mediador em tão difficil e embaraçosa conjunctura. Ao rei Luiz Philippe era particularmente acceito, como quem desde largos annos ti-

nha entrada em sua familiaridade e convivencia. Dos homens principaes da revolução era amigo, e em certa maneira afin nos principios de livre pensador. Ao rei da Prussia não podia ser suspeito, como seu camarista e seu privado. Era-lhe adversa a côrte e a nobreza, não só pelas crenças liberaes do grande sabio, senão principalmente pela sombra, em que deixava os cortezãos.

Tinha Humboldt chegado nos annos e nas idéas áquella completa madureza, em que o juizo se desprende de velhos preconceitos e de enthusiasmos juvenis. Tinha visto de perto a primeira, a grande revolução. Julgava a segunda com espirito desassombrado e scientifico. É digno de registrar-se o parecer do naturalista ácerca da recente metamorphose e as propheticas palavras, com que elle já desde 1830 estava balisando o caminho ás futuras revoluções. Escrevendo a um amigo de Berlin, dizia Humboldt: «Com os vossos concordam plenamente os meus desejos, porém são debeis as minhas

esperanças. Ha muitos annos que vejo alternarem-se em Paris os gerentes do poder e cairem pela propria incapacidade; apparecerem em seu logar novas promessas, que não se realisam e recomeçar de novo o mesmo processo de continua dissolução. Tenho conhecido a maior parte dos homens do meu tempo; tenho n'elles confiado... tenho visto não sairem melhores de que os seus antecessores, antes incorrerem muitas vezes em mais graves desatinos. Nenhum poder até agora tem cumprido perante o povo a sua palavra, nenhum tem sacrificado ao bem commum a sua ambição individual. Em quanto isto não succeder, não poderá manter-se em França nenhum governo duradouro. A nação mais uma vez foi enganada, e sel-o-ha ainda mais e mais. Um dia virá porém, em que ella chegue a punir o engano e a mentira, porque terá então chegado á maturidade e á energia.» [1]

Humboldt foi a Paris em fins de septem-

[1] Cartas a Varnhagen, pag. 9, citadas em Bruhns' *Alex. von Humboldt*, II, 121.

bro de 1830, levando da parte do rei da Prussia a missão especial de saudar a Luiz Philippe e de assegurar-lhe os benevolos sentimentos da nação, contra quem a França, pela cobiça nunca plenamente saciada da fronteira natural do Rheno, poderia acaso agora alimentar intenções de hostilidade. O barão de Werther exercia n'aquella occasião em Paris as funcções de embaixador. Continuou a desempenhal-as. A Humboldt pertenceu, sem caracter ostensivamente diplomatico, o officio de relatar com miudeza o que se ia passando na côrte novamente enthronisada, e buscar pelas suas relações particulares com a familia de Orleans e os homens de mais importancia e auctoridade, attrair á Prussia as sympathias da França liberal. Ninguem melhor que Humboldt poderia n'estes pontos corresponder aos desejos da sua côrte. A liberdade e a Allemanha lucravam egualmente em que o homem destinado a apreciar a politica franceza, após a revolução, tivesse o espirito por tal maneira desanuveado e eminente que em

Berlin se não accrescentassem ás invenciveis desconfianças de uma côrte reaccionaria os incentivos de uma erronea e apaixonada informação. Humboldt, no dizer do seu biographo, pensava em consonancia com os mais illuminados dos seus contemporaneos, que sómente da França poderiam á patria communicar-se os beneficos influxos da liberdade.

Posto que o grande naturalista não fosse um estadista ou um politico no sentido estreito e faccioso da palavra, como quem dos negocios e das intrigas partidarias andara sempre alheio e affastado, a sua universal sabedoria não podera nunca mutilar-se, furtando á sua actividade intellectual os grandes problemas sociaes. Nos seus escriptos revela-se a cada passo o philosopho politico, vinculando, como Aristoteles, a natureza moral e o mundo physico, e conglobando na sua unidade maravilhosa o *Kosmos* e a humanidade. Durante as suas longas residencias em Paris, antes da revolução de julho, vemol-o frequentar os circulos da mais

elegante sociedade parisiense, conviver com os politicos mais celebres e seguir com vivo interesse os episodios da vida parlamentar, nos dias da Restauração. [1] Póde assegurar-se que, depois de expulsos os Bourbons, a intervenção de Humboldt nas relações internacionaes das duas monarchias confinantes e hereditariamente inimigas ou suspeitas, desde os tempos de Frederico, surtiu os mais beneficos effeitos para a sua boa convivencia e para a conservação da paz na Europa. Quando a França e a Prussia tinham de approximar-se em qualquer occasião, era Humboldt o natural medianeiro, como quem era francez pelos costumes, e allemão quasi apenas pelo berço. Quando em 1836 os duques de Orleans e de Nemours visitaram solemnemente em Berlin o rei Frederico Guilherme, Humboldt representou a elegancia e o espirito francez no meio de uma côrte deselegante, sombria, desconfiada. [2] O casamento do herdeiro de

[1] Bruhns' *Alex. von Humboldt*, II, 195.
[2] Bruhns' *Alex. von Humboldt*, II, 201 - 202.

Luiz Philippe com a princeza Helena de Mecklemburgo foi gratissimo a Humboldt. Seguindo em parte as velhas e illusorias tradições, que fazem consistir no enlace das dynastias a fraternidade das nações, o sabio prussiano saudava no consorcio do Orleans um novo penhor da paz universal. Mas além do interesse politico, não era menos valiosa no animo de Humboldt a affeição, que sempre havia consagrado á princeza Helena. Em quanto a dormente revolução (o repouso das dynastias é a hibernação das revoluções) deixou a duqueza de Orleans pompear nas Tulherias, em St. Cloud e em Versalhes as graças naturaes do seu espirito foi Humboldt um dos mais dilectos contubernaes das suas familiares reuniões. Do muito que lhe queria o sabio prussiano dá testemunho uma carta por elle dirigida á senhora de Wolzogen, quando a princeza juvenil estava prestes a enlaçar-se com o duque de Orleans. [1] Era a duqueza uma das lei-

[1] A carta, datada de Potsdam a 6 de maio de 1837 e destinada a descrever a côrte de Luiz Phi-

toras enthusiastas do eximio naturalista. Depois da revolução de 1848, n'estes dias de assombro e de terror para todas as dynastias européas, a princeza Helena saudava a nova edição dos *Aspectos da Natureza* como «uma fonte consoladora para os animos fatigados pelas tribulações do infortunio e para os espiritos angustiados pelas vicessitudes da existencia.» [1]

Quando em 1840, durante uma das mais graves recrudescencias da eterna questão do Oriente, o equilibrio europeu esteve sériamente ameaçado pelo tractado das quatro potencias de 15 de julho d'aquelle anno, não foram dos menos meritorios os serviços prestados por Humboldt. A estreita amisade, que prendia o sabio prussiano ao notavel historiador, que então dirigia a politica franceza, não contribuiria em frouxa proporção para alhanar as asperesas diplomaticas. Eram

lippe, o estado dos negocios e da opinião em França, para instrucção da princeza Helena, vem transcripta em grande parte em Bruhns' *Alex. von Humb.*, II, 196, segg.

[1] Bruhns' *Alex. von Humb.* II, 208.

os tempos, em que a França ambiciosa soltava o clamor tão aprazivel á gloria ou á cobiça nacional: *ao Rheno, ao Rheno*, perpetua e affrontosa provocação, a que a Prussia mais tarde haveria de responder, impondo á nação insoffrida e invasora a dura expiação de se vêr oppressa e mutilada. Felizmente para a França a discrição de Luiz Philippe e a prudencia de Guizot, conseguiram addiar para mais longe o duello inevitavel entre os povos bellicosos, que representam as duas correntes principaes da civilisação christã.

Na sua duplicada condição de sabio e de enviado, não desaproveitava Humboldt uma só occasião de apertar os vinculos intellectuaes entre as duas nações, a que votava egual amor. A Encke, o celebrado astronomo, quando fraternalmente exprobrava ao naturalista que apresentasse com menos patriotica affeição as suas memorias ao Instituto de França, respondia Humboldt sisudamente: «O acatamento, que a Prussia merece aos extrangeiros no conceito scientifico, au-

gmenta entre as nações civilisadas a idéa do seu poder.»[1] Foi para congraçar os sabios francezes e allemães que Humboldt em 1832 fez eleger socio extrangeiro da academia das sciencias de Berlin a Victor Cousin, tão justamente apreciado pela sua vasta compreensão da vida intellectual de além do Rheno. Tornar a patria de Leibnitz e de Goethe sympathica á nação de Châteaubriand e d'Alembert, apagar quanto possivel as fronteiras, que separam as nações de egual cultura, conciliar as lastimosas rivalidades, que tornam entre si intolerantes e ciosas as nações, era o seu empenho de sabio, de publicista, de escriptor. E não se pense que o officioso diplomata sacrificava o egoismo prussiano á antiga predilecção do pensador quasi francez. A patria, — diga-se em verdade, ainda que se affigure extranho e quasi blasphemo paradoxo —, a patria é uma d'estas noções meio-abstractas e meio-convencionaes, que se infiltram pela

[1] Bruhns' *Alex. von Humb.* II, 207.
[2] Ibid.

educação e pelo habito antes no sentimento, que na rasão illuminada e insurgida contra o despotismo da tradição. Quando o espirito se acostumou a esvoaçar e discorrer pelo infinito do universo, a contemplar e entender a unidade maravilhosa da natureza, quando a terra inteira se affigura um ponto material, um atomo no espaço, um quasi nada, que bem podera supprimir-se sem que padecesse a menor quebra a harmonia universal, é preciso que a historia patriotica, esta dolosa conselheira das nações, esta incansavel perpetuadora dos grandes erros e dos sublimes desatinos, esteja ali a ponto para conter os vôos do pensador e trazel-o vencido e acorrentado até o clausurar n'esta nesga de terreno, que se apellida a patria, e desfraldar-lhe por cima da cabeça este farrapo vaidoso e cruentissimo, que se chama a bandeira da nação. Se a historia egoista e nacional podesse encontrar um dia um Omar, ou um Cisneros, que lhe extinguisse na pyra expiatoria os ultimos vestigios, e deslembradas as inve-

jas e as luctas do passado, a fraternidade universal achasse a terra harto dilatada para ser o indiviso solar da humanidade, n'esse dia a *patria* seria uma palavra sem sentido e a bandeira de cada povo uma odiosa recordação. Haveria n'esse instante uma só nação, — a humanidade; uma só patria, — o globo inteiro. Os grandes nomes e as grandes capitaes seriam gloria commum aos homens mais discordes na procedencia, e na communhão. Paris, não a cidade das Phrynés do Trianon, ou das Aspasias do *boulevard*, mas a metropole do espirito e do talento, não o harém de Luiz XIV, e o quartel-general de Bonaparte, mas a cathedra de Voltaire e o ninho da revolução, seria a terra neutra do allemão ou do latino, do slavo ou do helleno. Berlin, o centro hodierno da cultura, seria então para o genio europeu cosmopolita, não o arsenal das ambições conquistadoras, mas o fóco da luz intellectual, não a perpetua ameaça á alheia liberdade, mas o estimulo poderoso á geral civilisação. Schiller e Kant seriam havidos

por francezes, por germanicos Pascal e Bossuet. Só não teriam logar n'esta suspirada patria universal as espadas, embora heroicas, fratricidas, que a historia pendurou na portada das nações como a frenetica excitação ás cruentas represalias e aos ferozes exterminios. Só não teriam ingresso n'esta fraternal communidade as lyras, que entoaram como hymnos selvagens de sua victoria o canto funebre dos povos seus irmãos. Os Napoleões e os Carlos V não teriam que fazer, porque nada haveria que opprimir nem usurpar. O *Wacht am Rhein*, que idealisa na bocca do allemão o morticinio do francez, não viria prophanar e polluir a castidade intemerata dos affectos internacionaes. A *Marselheza* seria o grito varonil das livres povoações sem o horrisono clangor dos iroquezes, que estão já antes da victoria numerando os craneos dos vencidos. Cantaria a gloria civica da emancipação e liberdade sem a gloria terrivel das batalhas e dos heroes. Seria o cantico de todos sem o sangue de ninguem.

Estas sonhadas perspectivas debuxam para o sabio a patria verdadeira. Ter a mesma patria é para elle unicamente o commungar na mesma civilisação. Esta é a patria grande, generosa e intellectual. A outra, a patria encerrada em lindes e fronteiras, atalaiada por fortalezas ouriçadas de canhões, vigiada por centenares de mil baionetas, esta patria pequena, este idolo sequioso de sangue e de tropheus, esta vaidosa ostentação da humanidade ainda infantil, é a patria grosseira, egoista, material. Só na primeira podem caber os espiritos videntes, que transportados em idéa ao mundo do futuro, estão hoje descortinando em miseravel e estreita perspectiva as mesquinhas convenções, em que se estriba a politica europêa. Só na segunda sabem viver e prosperar os que chatinam baixamente com o perpetuo divorcio das nações, os parasitas da sociedade, os que governam, como grei obediente os povos do seu morgado, os que inventaram a gloria bellicosa para dissimular com um euphemismo enganador a rapi-

na e a usurpação, os que fomentam nas multidões ignaras e pueris a idéa funesta e anti-christã da hegemonia e da grandeza nacional, os que não tendo patria sua têem suas gages mais seguras em que existam muitas patrias para que haja muitas corôas, muitas listas civis, muitos valídos, muitos cortezãos, muitos exercitos, muitos embaixadores, e muitos generaes.

A patria n'esta accepção egoista e sensual, é para a humanidade como o berço para o homem; o attributo da infancia, da fraqueza, da inconsciencia e da tutela.

Segundo uma caracteristica expressão de Alfred Dove, seria n'este sentido o *nacional* o decair e apostatar de *humano.* [1] Enfreado pela educação, pelo habito, pelo receio de incorrer na tacha de hostil ou desleal á sua gente, o sabio retrae-se practicamente da sua amoravel utopia, e pois não é dado ao seu espirito o fazer da patria um dogma e um

[1] A. Dove, *Alex. von Humb., auf der Hohe seiner Jahre*, em Bruhns', *A. von Humb.* II, 207.

principio, contenta-se com fazer da nacionalidade um costume e um ponto de honra.

Humboldt não era já em 1830 o juvenil enthusiasta da republica universal, que parecia o forçoso corollario da grande revolução de 89, e o complemento natural da liberdade, entendida como generico principio, não como privilegio de um só povo. Entre o côsmopolitismo absoluto e a apertada concepção da patria historica, intercalava Humboldt, como se fosse a média harmonica, o sincero *internacionalismo*, que suppõe e reconhece as nacionalidades particulares e reduzindo-as á unidade superior, pela justiça e pelo direito, concilia em laços fraternaes as discordancias fomentadas pela ambição e pela historia. O ideal de Humboldt seriam pois, segundo o novissimo termo consagrado, os *Estados Unidos da Europa*, como os desejam ou phantasiam os mais claros entendimentos; os estados unidos pela democracia e liberdade, não pela força e poder das dynastias.

Por largo tempo se dilatou na capital de

França a primeira missão politica de Humboldt. A segunda enviatura decorreu desde agosto até dezembro de 1835. A ultima, durante o reinado de Frederico Guilherme III, veiu a cair no segundo semestre de 1838. Não cessaram com o advento do novo monarcha prussiano, os encargos diplomaticos de Humboldt. Voltou por muitas vezes a Paris nos annos, que medêam entre 1841 e a memoravel revolução, onde veiu a soçobrar o ephemero throno dos Orleans. Estas frequentes legações deveriam ser tanto mais apraziveis ao grande naturalista, quanto eram vehementes os seus affectos pela França e pouco firme a resignação de viver na solidão espiritual da côrte de Berlin. Elle proprio confessa que ao deixar a illustre metropole das lettras, lhe parecia a cidade de Frederico *intellectualmente deserta, pequena, illettrada, e por isso malevolente em summo grau* (intellectuell verodet, kleine, unliterarische, und dazu überhamische Stadt). Os habitos da vida berlinense contradiziam os costumes parisienses. Do jantar ás duas

horas, segundo as regras spartanas seguidas na côrte e na cidade, se queixava Humboldt amargamente, porque lhe roubava as mais fecundas horas de energia e de trabalho. [1]

Não se julgue que os negocios politicos divertiam em Paris o sabio prussiano de seus lavores habituaes, como indefesso operario da sciencia. De muitos homens sabemos nós que tendo alcançado renome por trabalhos scientificos ou litterarios, trocaram os seus laureis, duramente conquistados, pela vangloria do governo ou pela doirada servidão de famulos na côrte. Mas esses não eram espiritos superiores e convencidos de que o seu logar no pantheon da humanidade seria entre os grandes promotores da civilisação, e não entre os vulgares ambiciosos. A politica era para Humboldt um episodio: a sciencia a vida inteira. Em quanto se enredava no labyrintho diplomatico, ainda lhe sobravam largos ocios para seguir, com os grandes mestres seus amigos, a serie ininterrupta das suas investiga-

[1] La Roquette, *Correspondance*, II, 131.

ções encyclopedicas. Durante o dia trabalhava no gabinete, ou ia ouvir os cursos publicos de maior reputação. Escutava em suas cadeiras a Champollion e a Letronne, os philologos eminentes, a Cuvier, que professava a zoologia, a Arago, que naturalisava a astronomia nas sallas e nas recamaras. Á noite ia deliciar com a sua conversação, entre maliciosa e infantil, inexhaurivel de anecdotas e epigrammas, o serão familiar das Tulherias, ou alegrar com a sua dicacidade politica e a sua graça litteraria o circulo da amavel madame Récamier, e do orgulhoso Châteaubriand.

O grande astronomo Bessel assombrava-se de que Humboldt podesse proseguir harmonicamente tantas e tão varias direcções intellectuaes, quaes eram as que ao mesmo passo ia illustrando a sua intelligencia multiforme. «Não posso compreender, escrevia o astronomo a Humboldt em 1838, como vossa excellencia soube dispôr a sua vida em Paris, segundo a descreve a sua carta. Não chego a compreender esta incansavel

actividade, esta frescura e viço reflorente, com que o seu espirito abrange sempre novos e diversissimos assumptos. Creio e admiro a possibilidade, porém não a posso nem de longe imaginar, porque de mim sou incapaz de seguir mais do que uma serie de pensamentos em toda uma semana». Para dividir o tempo consagrado aos officios ou ás frivolidades da politica, e o que era aproveitado no cultivo da sciencia, usava Humboldt uma engenhosa traça, antes astucia de sabio e cortezão. Tinha em Paris dois domicilios, um para as visitações officiaes, o outro para a convivencia dos amigos e confrades no trabalho. Esta pequena Thebaida parisiense, furtada aos importunos, era a casa de Arago, no palacio do Instituto.

Um successo doloroso assignalou tristemente para Humboldt o anno de 1835. Foi a perda de seu irmão, a quem sempre consagrara a affeição mais extremada e a mais sincera admiração. Poucos annos Guilherme batalhára com a intensa magua da sua viuvez.

Humboldt descreve-o nos tempos derradeiros, como quem «vivia absorpto na sua dôr, procurando n'este abysmo o que só lhe torna a vida supportavel, — o occupar-se dos trabalhos da intelligencia, como quem se desempenha de um dever.» [1] Ao prantear aquelle, que era mais que seu conjuncto pelo sangue, porque era o complemento da sua vida intellectual e affectiva, Alexandre de Humboldt podia com verdade escrever a Letronne. «Perdi metade da minha existencia. Embrenhando-me nos meus estudos de physica geral, invocando as recordações da antiguidade, que deparou a meu pobre irmão as suas mais bellas e mais felizes inspirações, buscarei a paz e a bonança, que estou ainda longe de alcançar.»

A exemplar fraternidade, que mais vinculava pelo affecto que pelo berço os dois illustres escriptores, e a fama quasi egual d'estes dois nomes auctorisavam a expressão proverbial, com que eram onomastica-

[1] La Roquette, *Correspond.* II, 105.

mente designados, — os *Dioscuros* da Allemanha.[1]

Considerados no seu conjuncto intellectual, o Castor e o Pollux da Germania conglobavam a universalidade da sciencia. Eram como que dois soberanos alliados, que tinham repartidos entre si os amplos dominios do saber. Um, dedicado ao culto do Espirito, fazendo da philologia, da arte e da historia o seu thema de eleição, não esquece que a Natureza é o seu reflexo externo e a sua realisação objectiva. O outro, senhoreando o ambito vastissimo do universo, e fundando esta physica geral, esta sciencia da harmonica unidade, que tem no *Kosmos* o seu epilogo e monumento, não deslembra que a Natureza é inconcebivel e inerte sem o Espirito. As fronteiras naturaes entre as possessões dos dois irmãos eram a sciencia da linguagem e a historia da humanidade, como evolução das idéas durante o Tempo. Por elementos integrantes da anthropologia caiam naturalmente

[1] Klencke, *Alex. von Humboldt*, pag. 127.

na jurisdicção do eminente naturalista. Como revelações da intelligencia pertenciam egualmente á alçada do erudito e do philologo. Os aspectos, em que um e outro contemplavam a humanidade e a natureza, determinavam as differenças caracteristicas das suas feições intellectuaes. Guilherme era mais ideal e transcendente, Alexandre mais avesado á experiencia e inducção. «Em Guilherme (diz Alfred Dove) era mais productivo o entendimento, mais *receptivo* porém o de Alexandre; o primeiro mais grave e mais profundo; o segundo mais opulento e mais veloz na concepção. A Alexandre, para que podesse medir-se com o irmão na originalidade e importancia para a sciencia, faltava-lhe apenas a energia philosophica, ou, em outros termos,—uma vez que as mathematicas representam a philosophia da natureza,—bastava que o podessemos annumerar no quadro dos geometras creadores com o mesmo direito, com que pelas suas idéas philosophicas ácerca da arte, da historia e da linguagem, merece o primoge-

nito o nome de genio especulativo.»[1] Alexandre sagrou á memoria do irmão o mais significativo monumento, que a piedade fraternal podia solver de um sabio a outro sabio. A grande obra de Guilherme sobre a lingua Kawi, a sua mais rica e celebrada composição philologica, saiu á luz precedida de uma bella introducção, escripta por Humboldt. É egualmente da sua penna o prefacio, que antecede os *Sonetos* de seu irmão. A edição das *Obras completas* (Gesammelten Werke) de Guilherme foi publicada sob os piedosos auspicios de Alexandre.

A sciencia e a natureza eram para o antigo viajante o seu culto, a sua paixão, o seu amor. Já os annos lhe não consentiam remotas excursões de peregrino. Não descontinuava porém n'elle o fervor de promover as viagens scientificas e as largas investigações. Um dos assumptos de eleição sabemos que sempre havia sido para Humboldt o magnetismo terrestre. A instancias suas estava já na Russia naturalisado com

[1] Bruhns' *Alex. von Humboldt*, II, 217, 218.

fructos abundantes e preciosos este ramo de actividade scientifica. A Inglaterra, porém, como poderosa nação maritima, como a que tem alargado os seus dominios ás mais apartadas e distinctas regiões, era a que melhor quadrava á solução experimental dos complicados problemas, de que se tece a physica do globo. A Grã-Bretanha, a quem a sciencia tem devido grandes e valiosas acquisições, era então ainda remissa n'este genero de estudos. Determinou-se Humboldt em estimular os brios da sociedade real de Londres, em cujas *Transacções* se póde asseverar que está escripta desde os dias gloriosos de Isaac Newton, uma brilhante parte da historia da sciencia. Escreveu para este fim ao duque de Sussex, que então presidia á illustre corporação, uma carta notabilissima, empenhando-o a elle e aos seus confrades a que instituissem um systema de observações comparativas de magnetismo tellurico nas dilatadas possessões da Grã-Bretanha. [1] Dirigindo-se aos sa-

[1] Lettre de M. de Humboldt à S. A. R. le duc de

bios inglezes, a quem nunca o prenderam, como aos francezes e allemães, tão familiar sympathia e convivencia, Humboldt immolava ao interesse da sciencia as suas preoccupações anti-britannicas. «*Dies England ist ein greuliches Land*, esta Inglaterra é um paiz abominavel», escrevera Humboldt outr'ora a um amigo depois de uma excursão além do canal. Numerava em verdade entre os sabios inglezes alguns amigos, muitos admiradores. Era frequente o seu commercio epistolar com o celebrado Herschell, que amoravelmente o repreendia por antepôr a lingua franceza, *the language of vivacious talkers*, a falla dos *espirituosos palradores*, ao inglez, — a lingua dos homens practicos, ao allemão, — o idioma dos profundos pensadores e dos *massiços* entendimentos. [1]

Sussex sur les moyens propres à perfectionner la connaissance du magnetisme terrestre par l'établissement de stations magnétiques et d'observatoires correspondants.

[1] «There is only one thing I cannot so easily reconcile myself to in its perusal: that you should write in french in place of your own noble german... English is the language of busy practical

Mas Humboldt apesar de tudo percebia que o seu publico dilecto não era o de Londres ou Edimburgo. O mercantilismo inglez parecia-lhe adverso ás altas cogitações da philosophia da natureza ou da humanidade. Se os bretões são innegavelmente menos dados que os allemães á parte especulativa da sciencia, se os Darwins e os Buckles, pela originalidade e paradoxo, encontram os seus mais ardentes seguidores na Europa continental, se o mysticismo anglicano, e o industrialismo fundamente inoculado nas veias da nação, condemnam como heterodoxas ou desdenham por estereis as idéas mais audazes na esphera da especulação, Humboldt não poderia esquecer que justamente na Inglaterra, n'este paiz, onde ha apenas dois poderes incontrastaveis, o *Stock-*

men, dense, powerful and monosyllabic; german, of deep thinkers and massive intellects, binding the Protean forms of thought in the many-linked chain of expression; french, of vivacious talkers, whose words outrun their ideas by more volubility of organ and habit.» Carta de sir John Herschell a Humboldt em Bruhns' *Alex. von Humb.*, II, 232.

Exchange, e o egoismo tradicional, Newton o primeiro entre os philosophos naturaes, abrira com o seu livro dos *Principios* a era das grandes e modernas generalisações, em que o espirito se levanta á compreensão do Kosmos, como systema regido por uma lei.

A Inglaterra não quiz ficar alheia ao grande movimento scientifico no assumpto mais difficil da physica do globo. Ao generoso estimulo de Humboldt se deveram pois inicialmente os trabalhos, com que o illustre general Sabine tem engrandecido o proprio nome, e opulentado a physica experimental.

No empenho generoso do sabio prussiano teve origem a famosa expedição antarctica do capitão sir James Ross, da qual se derivaram tão valiosos resultados para illucidar a natureza do magnetismo terrestre. Fundou a Grã-Bretanha observatorios no cabo da Boa Esperança, em Santa Helena, em Ceilão, na Nova Hollanda, na ilha de França, e no Canadá, onde o de Toronto, agora um dos mais notaveis, foi pessoalmente organisado por Sabine.

A primeira, a mais ardente preoccupação scientifica de Humboldt fôra desde o seu vorecer intellectual, não o estudo parcial e desconnexo dos phenomenos individuaes, senão a constante aspiração a decifrar nos seus reconditos arcanos a harmonia de todo o Kosmos. A descripção physica da terra, contemplada em seus aspectos diversissimos, attraira sempre com singular encanto o seu espirito. Fôra esta curiosidade insaciavel de estudar ocularmente as feições da terra no seu menos investigado continente, quem o levára nos annos da adolescencia até ás regiões do Novo Mundo, e lhe conquistára a gloriosa paronomasia de seu ultimo descubridor e Colombo da sciencia. A geographia, tomada no mais alto significado, como perfeito conhecimento do nosso globo, não como esteril nomenclatura de provincias e de cidades, mas como consequente relação entre os agentes da natureza, os caracteres physicos da terra, e as fórmas e condições dos organismos, que a povoam, havia sido o alvo principal, a que sempre convertera os

seus estudos. Das obras originadas na viagem á America, não foram as menos apreciaveis certamente as que tinham enriquecido a geographia americana. Os livros, em que dera á luz os resultados da sua rapida excursão á Asia Central, em grande parte os tinha consagrado ao conhecimento geographico d'aquella mal explorada região. A *geographia comparada*, systematicamente instituida pelo insigne Carlos Ritter, podia affirmar-se que devera os seus primordios a Humboldt. O geographo eminente ao commemorar os serviços benemeritos prestados á sciencia pelo physico de Berlin, asseverava que a viagem americana assignalára uma nova epocha, um ponto *tropico (Wendepunkt)* na historia da sciencia e da civilisação. «Com Humboldt, dizia Ritter, se annunciára uma d'antes nem apenas rastreada connexão de causalidade dos phenomenos nos principios e nos fins da terra, considerada como um unico organismo *(Erdorganismus)*; com Humboldt se levantaram todos os ramos da sciencia e da especulação a

uma alta consciencia.»[1] Estas honrosas apreciações, que Humboldt appellidava os *mythos da amizade*, não desdiziam da exacção. Ritter e Humboldt eram os dois gloriosos fundadores da geographia comparada, venerando cada um d'elles á porfia o que podera ser seu emulo invejado.

Ao desvelo do grande naturalista pelos estudos geographicos e ao seu pendor innato para os trabalhos de erudição e philologia, se deveu uma das obras mais notaveis, o *Exame critico da historia da geographia do novo continente e dos progressos da astronomia nautica nos seculos XV e XVI*. Estampou-se em Paris em 1833.[2] Em francez

[1] Bruhns' *Alex. von Humb.*, II, 250.

[2] Na primeira parte do *Exame critico* investigou Humboldt as causas que prepararam e determinaram o descubrimento do Novo Mundo. Na segunda compendiou os factos, que teem mais estreita ligação com Christovão Colombo e Americo Vespucci. Na terceira intentava occupar-se das cartas do novo continente e investigar a epocha, em que o nome de America se introduziu e generalisou. Na quarta finalmente propunha-se a relatar os progressos da astronomia nautica e da cartographia nos seculos XV e XVI. Estas duas ultimas divisões da sua obra, que saiu impressa em cinco volumes,

a escreveu Humboldt, levado do seu natural affecto á linguagem, que lhe valera a amavel repreensão de sir John Herschell. Por este novo testemunho do engenho, da sciencia, da estreita conversação com a antiguidade, alcançou o naturalista o seu logar entre os primeiros historiadores criticos da Allemanha. O que na historia o interessa particularmente não é a successão dos factos politicos, é antes a genese das idéas, é o desenvolvimento progressivo e intellectual da humanidade. Ora de todos os grandes successos da historia moderna, o mais significativo e o mais esplendido é o descobrimento da America com todas as gradações e tentativas, que por um feliz engano, porém não por um mero impulso da for-

não chegaram jámais a realisar-se. Os pontos essenciaes da terceira divisão tratou depois Humboldt, posto que em mais resumida escala, na memoria que tem por titulo: «*Ueber die altesten Karten des neuen Continents und den Namen Amerika*» (sobre as mais antigas cartas do novo continente e o nome de America) impressa com a *Geschichte des Seefahrers Martin Behaimb*, Nuremberg 1853 (historia do navegador Martin Behaim) de Ghillany.

tuna, levaram os europeus ás plagas americanas.

O empenho de Humboldt é no seu principal escripto historico-philologico oppugnar esta desarrasoada convicção de que o descobrir-se o Novo Continente se deveu ao instincto cego, ou ao acaso inconsciente e demonstrar pela successão ininterrupta das idéas e dos estudos cosmographicos a these verdadeira de que a empreza de Colombo foi antes o producto do trabalho consciente e como que o glorioso coroamento de uma serie de tentames encaminhados durante muitos seculos a este supremo fim, — o dilatar o conhecimento do globo terrestre para além dos limites assignados em cada epocha ao mundo conhecido.

O exame das tradições, das idéas e dos factos levou naturalmente Humboldt a prender na antiguidade o fio das suas eruditas e engenhosas investigações. A maravilhosa cultura hellenica havia sempre enlevado o seu entendimento. Nenhum periodo brilhante e iniciador na historia da civilisação uni-

versal lhe inspirava mais sincero enthusiasmo. Ninguem venerava mais do que elle este espirito antigo *(antike Gheist)*, cujo reflexo, segundo a propria expressão do naturalista, está irradiando desde seculos sobre quanto ha de mais esplendido e sublime na humanidade.[1] Para illucidar e resolver os problemas envolvidos no grande feito historico, submettido ao seu exame, devia Humboldt forçosamente retroverter a serie das idéas cosmographicas desde a epocha do feliz descobrimento até á nebulosa geographia da edade média e buscar na antiguidade classica os principios, d'onde a grande, mas obscura elaboração intellectual nos tempos medievos, havia principalmente derivado a sua sciencia cosmologica. As necessidades do pensamento condiziam com as affeições philologicas de Humboldt. «O meu intento, diz o sabio historiador, foi demonstrar que os grandes descobrimentos do XV seculo foram um reflexo de antigos presentimentos.» No prefacio do *Exame critico* expõe d'esta

[1] Bruhns' *Alex. von Humb.*, II, 257.

maneira a sua idéa fundamental: «Empenhei-me principalmente em patentear esta continuidade de idéas, esta ligação de opiniões, que, atravez das trevas suppostas da meia-edade, prendem o fim do XV seculo aos tempos de Aristoteles, de Eratosthenes e de Strabão. Busquei provar que em todas as epochas da vida dos povos o que é tocante aos progressos da rasão tem as suas raizes nos seculos anteriores... Não está, a meu juizo, no destino da humanidade o padecer alternativas de luz e de trevas. Um principio conservador mantém o acto vital do desenvolvimento da rasão nos individuos ou nas grandes multidões.» [1] Nas investigações, a que naturalmente o induziu a largueza do seu plano encontrou o mais prestadio ajudador no illustre Boechk, de cujas prelecções na universidade de Berlin ácerca da antiguidade hellenica, fôra em 1833 e 1834 um dos mais diligentes frequentadores. Tambem Letronne, o egypto-

[1] *Examen critique*. Edit. Morgand. Tom. I, pag. XVII, XVIII.

logo afamado, lhe serviu de auxiliar em muitas das espinhosas desquisições.

O *Exame critico* foi um dos trabalhos mais dilectos, em que se empregou o talento encyclopedico de Humboldt. Encyclopedico dissemos, e antes deveramos chamar-lhe perfeito e acabado. O que vulgarmente appellidamos com este nome, é a condição essencial dos grandes entendimentos, que assignalam a espaços na historia da civilisação universal os mais famosos marcos milliarios. Os eminentes pensadores hão de ser forçosamente encyclopedicos. Assim eram nas antigas edades os philosophos. Taes foram egualmente Platão e Aristoteles, abrangendo na sua vasta intelligencia todas as sciencias do seu tempo. Taes foram os mais intensos luminares da meia edade, S. Thomás, Roger Bacon, Brunetto Latini, Vicente de Beauvais, Alberto Magno, philosophos, theologos, publicistas, sabedores universaes. Taes foram Newton e Galileu, Leibnitz e Kant, Voltaire e d'Alembert. A *idéa* é uma. É preciso que os olhos espirituaes a possam

divisar e perceber nos seus aspectos multiformes. Os espiritos curtos ou rasteiros, que tem n'um unico sentido o campo da visão, poderão ser inscriptos na historia da intelligencia, como proveitosos operarios, não alcançam porém ter cabimento no pantheon dos altissimos engenhos. Os obreiros parciaes, que pela divisão do trabalho scientifico, vivem perpetuamente acorrentados ao cepo de uma só investigação, são indubitavelmente meritorios. Mas estão para o sabio universal, como para o entendimento synthetico do engenheiro a apertada compreensão do trabalhador, que intervem perpetuamente na mesma phase do producto; como para o general, que relancêa a unidade das operações e do seu theatro, estão os soldados e os chefes secundarios, que executam machinalmente, e sem a consciencia da relação e finalidade, os varios recontros parciaes, de que depende a solução do grande problema militar.

Se exceptuamos a arte, onde o genio se chama imaginação, e não tem por objecto

a *idéa* cosmica, mas a creação phantastica de um mundo anti-real, o talento ou não existe, ou é universal forçosamente. A capacidade extraordinaria de cultivar e desenvolver um conceito particular, o do espaço e do tempo no geometra, o do direito no jurisconsulto, o do organismo no anatomico, o do movimento ou da *energia* no physico, é sempre uma preciosa faculdade; não é porém o genio, ou o talento sublimado ao ultimo fastigio. O genio é por si mesmo omnividente. O que aos engenhos vulgares ou concentrados n'um cantão restricto do saber parece multiplicidade inconciliavel, perante os privilegiados e perfeitos entendimentos, é unidade e harmonia. O espirito e a materia; a humanidade e a natureza; o Kosmos e a sociedade; o mundo, que talvez erradamente chamamos inorganico e o mundo biologico; a anthropologia e a sciencia social; a historia do homem e a historia do nosso globo; todos estes aspectos varios e apparentemente desconnexos da mesma noção ou idéa univer-

sal se compenetram, se entrasacham, se illuminam mutuamente, e, nos espiritos de receptividade illimitada, nos entendimentos encyclopedicos, chegam finalmente a congraçar-se na sua mystica união.

Um d'estes espiritos era Humboldt; espirito flexivel, e elastico em summo grau; paciente para as investigações experimentaes; arguto para as ideaes generalisações. O *universal*, o philosophico era o seu fito. O *individual* e o empirico, apenas apreciavel, como alicerce em que estribar as concepções syntheticas. [1] Uma intelligencia com taes e tão fecundos predicados mal poderia entender e practicar a historiographia, como a arte de tecer a esteril narração de successos parciaes, sem nenhuma ligação com os destinos da humanidade, e principalmente com a sequencia da sua evolução intellectual. [2] A historia entendida por este

[1] «Das Localindividuelle stetig gegen die Gesetze zuruecktritt, als deren Modification es erscheint.» Alfr. Dove em Bruhns' *Alex. von Humb.*, II, 251.

[2] «L'accumulation de faits isolés produirait une sécheresse qui fatigue, si l'on ne tendait pas, tout

modo, desprendida de toda a finalidade humana, limitada ao reconto dramatisado de regias biographias ou á microscopica investigação dos costumes locaes de uma nação pequena, e sem influxo no processo historico geral, se póde ser proveitosa, como simples monographia, e conquistar ao escriptor os loiros modestos e obscuros da paciencia infatigavel, mal poderia contentar os talentos superiores, avesados a revoar nas mais altas paragens da sciencia. Só os grandes acontecimentos, aquelles que pertencem não aos fastos de um só povo, mas aos annaes da humanidade, não os que alimentam a vaidade nacional, mas os que dilatam o horisonte commum da civilisação, possuiam o condão maravilhoso de attrair e enlevar o espirito de Humboldt. [1]

en fouillant dans les faits, à quelque vue générale sur les progrès de l'intelligence et la marche de la civilisation.» Humboldt. *Examen Critique de la géographie du nouveau Continent*, edit. Morgand, T. II, 30.

[1] «Doch waren es nur die grossen, auf die gesammte Menschheit bezueglichen Begebenheiten, und vor allen die geistigen Entwickelungen der Voelker,

Esta continua aspiração para o progresso humano tornava-lhe pesada, monotona, importuna a existencia da sua nação, condemnada, sob o obscuro governo de Frederico Guilherme III, á inercia e obscuridade. «Tudo aqui é desaprazivel, triste, caliginoso, escrevia Humboldt a um seu amigo. Quem me dera que a velhice me tornasse frio e insensivel aos mais altos interesses da vida nacional!» [1] As *oscillações pendulares*, como as appellida Humboldt, entre Potsdam e Berlin, no sequito do rei, continuavam a amargurar com a sua perpetua monotonia o animo do illustre naturalista. A abertura do caminho de ferro entre aquellas duas residencias, em 1839, é quasi praguejada por Humboldt como doloroso aggravamento á dourada galé, em que remava ao serviço do soberano. Apesar do affecto e gratidão, o espirito de Humboldt mal poderia achar-se bem avindo na sociedade intellectual do seu

welche ihn anzogen.» Oscar Peschel *Escriptos geographicos, ethnologicos, estatisticos e historicos* de Humboldt em Bruhns' *Alex. von Humb.* III, 221.

[1] Bruhns' *Alex. von Humb.*, II, 268.

monarcha. A real confiança e benevolencia não podiam minorar o sarcastico desdem, com que o insoffrido camarista apreciava *as prosaicas obrigações* do seu officio cortezão. Assombra-o a *torrente de principes*, que está na côrte sempre a trasbordar. Desafiam-lhe o epigramma inexoravel aquelles *elephantes da sociedade, que entrelaçam mutuamente as suas trombas.* [1] Dos ingratos deveres do seu mister o desenfadam as horas agradaveis, que póde passar em Sans-Souci com o principe real. «Esta parte da minha vida, dizia Humboldt n'uma carta ao astronomo Schumacher, é, como sabeis, a que mais me delicia espiritualmente.» [2]

O *pietismo* do monarcha tornava-se com o declinar dos annos mais sombrio e concentrado. Havia cordial intimidade entre o soberano e o camarista. Aos dois amigos interpunham-se porém, para os trazer divorciados em pontos fundamentaes, o estreito

[1] Carta de Humboldt a Boeckh em Bruhns', *Alex. von Humb.*, II, 268.
[2] Bruhns' *Alex. von Humb.*, II, 267.

fanatismo de Frederico, e o livre pensamento de Alexandre. Muitas vezes o sabio incansavel em promover a cultura das sciencias e da profunda erudição archeologica, valia-se, com estudados artificios, dos sentimentos religiosos do seu rei, para mais seguramente o incitar ao auxilio das emprezas litterarias. Assim para lhe tornar acceita a viagem de Lepsius ao Egypto, encarecia Humboldt os fructos copiosos, que as novas investigações do egyptologo haveriam de trazer á historia biblica. [1] Apesar da convivencia diuturna de Humboldt com o soberano e do grande acatamento em que era tido, a influencia directa do sabio universal no animo do seu regio companheiro era apenas limitada á que póde conquistar um grande espirito, inflammado nas mais generosas concepções da natureza e da liberdade, sobre um mediano entendimento, avassallado pelo intolerante mysticismo e pela entranhada convicção da monarchia absoluta.

[1] **Bruhns' *Alex. von Humb.*, II, 271.**

Não é pois para assombrar que o desenganado camarista, ao vêr no tumulo o seu antigo principe, depois de pagar em nome da gratidão o preito das suas lastimas, saudasse no successor, em nome da idéa patriotica, o fausto alvorecer de uma nova existencia nacional. [1] «Extranha ingratidão fôra certamente (escrevia Humboldt ao seu amigo e editor Casimiro Gide, de Paris) se eu não sentira no mais intimo a perda d'este rei, que possuia tão excellentes qualidades, que foi no throno um homem honrado, e que, enchendo-me de favorès e beneficios, me deixou a liberdade das minhas opiniões, e honrou a minha dedicação a alguns amigos meus, cujas idéas lhe podiam ser desagradaveis.» [2] O familiar do rei tinha por dever o lastimar-se de perder este *honnête homme sur le throne,* como Humboldt lhe chamava com panegyrico modesto, — o que apenas sem lisonja ou sem mentira lhe cabia

[1] Bruhns' *Alex. von Humb.*, II, 271.

[2] Carta (em francez) de Humboldt a Gide, em De la Roquette, *Corresp.*, II, avertiss.

na phrase voronil. O livre pensador, o sabio interessado por egual no esplendor da sua patria, e na victoria dos principios, esquecia facilmente o reinado obscuro, que trasmontava o seu occaso. Convertia as suas anhelantes aspirações para a nova realeza, que, pela enganosa miragem das esperanças, lhe apparecia no horisonte circumdada por um nimbo de gloria e liberdade.

X

Frederico Guilherme IV — O rei absoluto e o camarista liberal — Posição politica de Humboldt na côrte prussiana — Intimidade entre o sabio e o monarcha — Esforços infructiferos de Humboldt no animo do rei — O talento e as mercês dos reis — A ordem *pour le mérite* — Humboldt chanceller — Juizo de Humboldt sobre as distincções nobiliarias — Humboldt e os grandes talentos europeus.

O advento de Frederico Guilherme áquelle throno, onde a gloria se tinha consociado com o philosopho-guerreiro, e onde Humboldt sonhava haver tambem logar para a politica moderna, abria em seu conceito uma nova epocha de esplendor e de grandeza nacional. [1]

[1] «Es war vielmehr lediglich der Wunsch, die Interessen der Wissenschaft und des geistigen Lebens ueberhaupt besser gefoerdert zu sehen, und freilich auch an seinem Theile durch Rath und Weisung besser foerdern zu koennen, was ihn mit Sehnsucht nach dem Regierungsantritt eines Fuersten ausschauen liess, auf den nicht er allein, sondern

Frederico Guilherme, agora envolto na sua regia purpura, ainda não parecia desdizer da confiança, que inspirára aos mais crentes e desmaliciados patriotas. O seu largo entendimento, cultivado e enriquecido pelo ardente desejo de saber, reflectia em certa maneira a feição encyclopedica de Humboldt. [1] Entre os vinculos, que prendiam o novo rei ao velho cortezão tinha porventura o primeiro logar uma confraternidade litteraria, um como ser do *mesmo officio intellectual*, uma estreita communidade na scien-

ganz Deutschland, ja Europa mit den hoechstgespannten Erwartungen blickte, nicht anders als stuende dem preussischen Staate eine neue Epoche des Glanzes, wie vor 100 Jahren, bevor.» Bruhns', *Alex. von Humb.*, II, 269.

[1] Humboldt amargurava-se com esta inquieta e nunca dessedentada curiosidade scientifica e litteraria. A toda a hora o interrompiam em seus trabalhos as perguntas do rei ácerca dos mais inopinados pontos da sciencia e erudição. Muitas vezes, diz um dos seus biographos, era forçado a recorrer aos grandes sabios, seus amigos, para satisfazer ás questões do seu regio patrono. Assim consultava ao astronomo Encke sobre certas propriedades singulares dos numeros, a Dove a respeito dos phenomenos meteorologicos anormaes, ao erudito Boeckh sobre assumptos philologicos, a população de Athe-

cia e no fervor de a cultivar. Parecera até ali não haver contradicção entre o sentir do principe real e o do generoso defensor dos grandes principios, que mais importam á humanidade e á civilisação.

Quando, sob o reinado antecedente, se empenhára o camarista liberal em favor dos *demagogos*, perseguidos ou proscriptos como Gauss e os seus companheiros da universidade de Goettingen, encontrára no animo do principe a mais prestante cooperação. Enthronisado agora o amigo e o pupillo do grande naturalista, como que entre os dois se renovava a intima e fraternal amisade e convivencia de Frederico II e de Voltaire.[1] A má ventura (são palavras de Alfred Dove) consistia unicamente em que ao lado d'este Voltaire não houvesse d'aquella vez outro grande Frederico.[2]

E de feito Frederico Guilherme IV, —

nas e de Roma, as spheras crystallinas da antiga astronomia, a Curtius, o hellenista, sobre outras semelhantes miudezas philologicas.

[1] Bruhns' *Alex. von Humboldt*, II. 276.

[2] Bruhns' *Alex. von Humboldt*, II, 277.

(repetimos o conceito de um seu justo apreciador) [1] era, exceptuado unicamente o grande litterato-general, d'entre todos os monarchas prussianos o que a natureza mais favorecera com valiosos predicados intellectuaes. Mas para contrapesar estas vantagens era tambem aquelle em quem luzia em menor grau a vocação para o governo dos estados, e a quem estava reservado o mais lugubre destino como arbitro de uma nação. Se os talentos litterarios, o acume do entendimento, a anciedade de saber, bastassem para tornar perfeito um soberano ou um estadista, nenhum dos principes seus contemporaneos se lhe avantajara certamente. Na elegancia do fallar e na formosura do escrever affirmam que era tal a primazia, que sem adulação podera annumerar-se entre os grandes estylistas da Allemanha. [2] As qualidades do animo real não respon-

[1] Alfred Dove, em Bruhns', *Alex. von Humb.*, II, 277.

[2] «... sodass man ihn vielleicht unsern groessten Stilisten beizahlen darf.» Bruhns', *Alex. von Humb.*, II, 278.

diam infelizmente ás generosas feições do seu espirito. Predominava no seu caracter a inconstancia do pensamento, e a volubilidade na execução. A phantasia e o sentimento senhoreavam n'elle a rasão e a experiencia. Só conhecia a perseverança para contrariar a torrente das idéas sociaes.

Imbuido profundamente, como todos os monarchas, na crença hereditaria de que a regia potestade lhe vinha direitamente da divina vocação, participando da mystica piedade de seu pae, mal poderia acceitar sem reluctancia qualquer alteração na fórma governativa dos estados, que a Providencia o chamára a dirigir. Como todos os principes, conscientes ou vaidosos de sua effectiva ou presupposta superioridade, o novo rei da Prussia desejaria fazer o maior bem ao povo, que regia, mas com a inauferivel prerogativa de elle proprio avaliar, em seu real aviso e discrição, as necessidades populares e definir a seu arbitrio o em que deveria consistir a bemaventurança nacional. Os attributos de entendimento e de caracter, que

o tornavam estimavel como homem e sabedor, eram cabalmente o que na ausencia de uma tempera varonil e de um claro juizo de estadista, lhe tornavam mais espinhoso e mais esteril o reinado. Aos principes, quando presumem de maiores pelo engenho que pelo berço, nada lhes parece mais indigno do que ceder ou alhear um atomo sequer da herdada magestade. Pensam que se o nascimento os coroou como imperantes, o talento os confirmou em dictadores. Os soberanos de menos tomo e valia intellectual são mais accommodaticios e flexiveis, quando o interesse lhes pede condescendencias ou lhes intima um sacrificio a occasião. Contentam-se muitas vezes com a posse da realeza, e com o esplendor da auctoridade, trasladando facilmente a mãos alheias o exercicio do poder.

Frederico Guilherme IV, segundo a graphica expressão de um escriptor germanico, consubstanciára na sua alma a tradição da monarchia absoluta, affeiçoando-a pelos moldes da sua brilhante phantasia, e amacian-

do-lhe a asperesa e austeridade com os ornatos do romantismo e com uma sorte de esthetico scenario. [1] As theorias do moderno liberalismo excitavam-lhe a repugnancia ou o desdem. O rei tinha o defeito inseparavel dos frouxos caracteres e das compleições quasi feminis, o de exaggerar até ao absurdo os caprichos do seu animo para simular com elles a fortaleza inquebrantavel. Não acertando a ser energico, buscava ser ao menos obstinado. A Prussia pela sua eminente cultura intellectual mal podia continuar acorrentada ao throno de um dynasta como nos tempos, em que o amigo de Voltaire fizera da nação uma caserna, e da liberdade o arbitrario privilegio dos seus espirituosos contubernaes. Urgia a opinião porque se fizesse um codigo politico liberal e accommodado á idéa e á conjunctura. Mas a régia contumacia perseverou impenitente até á cruenta revolução de 1848.

E porque singular contradicção ou para-

[1] Alfred Dove, em Bruhns', *Alex. von Humb.*, II, 279.

doxo o homem, que tinha idealisado a liberdade, como a essencia moral dos povos cultos, podia viver em aprazivel intimidade com o monarcha, cioso de suas illimitadas regalias? Vinculava a estes dois homens tão discordes no sentir o affecto pessoal de longos annos cultivado, affecto de amigo para amigo, convivencia diuturna, quotidiano trato litterario; ao rei a veneração, diriamos orgulho em ter junto de si a gloria da Allemanha, ao sabio a gratidão por tantas finezas e primores, que por serem de monarcha absoluto não eximiriam do retorno o mais indomestico tribuno. Diz-se e é porventura verdadeiro, que os reis não sabem ser amigos, e que a fortuna, quando os privilegiou para o poder, logo lhes esteve opilando os corações para a amisade. Mais presam cortezanias do que extremos de amor desinteressado; mais se pagam de bufões agaloados que de intimos e discretos companheiros. O amigo para um rei é aquelle de quem lhe póde em lances apertados advir maior utilidade. Por isso tantas vezes a historia nos

ministra os exemplos de baixa aleivosia e de egoismo desnaturado, com que os reis, por segurar a propria corôa, e comprar com o sangue dos seus cumplices uma atroz popularidade, atiram das janellas dos seus paços a cabeça dos validos ás turbas irritadas. Segundo as mais insuspeitas testemunhas o rei Frederico Guilherme IV, por uma rarissima excepção, não sómente havia em profundo acatamento, senão tambem em amizade affectuosa o seu illustre companheiro. São copiosos os documentos para attestar quanto o rei se comprazia em despachar as petições, que tinham a Humboldt por valioso intercessor. A quantos encarcerados politicos não quebrou o monarcha os seus grilhões, só porque instava em favor d'elles o camarista liberal? [1] Por quantos sabios desprotegidos não repartiu regios favores? Quantas vezes o proprio Humboldt,

[1] Podeis (escrevia o rei a Humboldt noticiandolhe n'uma carta primorosa o livramento de um prisioneiro) podeis agora dormir tranquillamente, com o bello sentimento de mais uma acção caritativa e generosa.» Bruhns', *Alex. von Humb.*, II, 283.

mal-governando os seus haveres, com a desidia innata nos philosophos, não encontrou aberta a bolsa do imperante para o remediar nas estreitezas da fortuna, sem a usura cruel da humilhação e com as inestimaveis cresces da largueza delicada? «Ser-me-ia impossivel o dormir socegadamente (escrevia o rei a Humboldt, quando, n'uma apertada urgencia lhe acudia com mais de seis mil thalers) com o receio de que alguem se me houvesse antecipado.» [1]

Não podia ser mais intima e cordial a convivencia d'aquelles dois monarchas, um rei da Prussia e do acaso, o outro rei da sciencia e da rasão. Depois de passarem largas horas durante o dia em seus colloquios, ainda o monarcha habitualmente á noite visitava em seus aposentos de Potsdam ao velho Humboldt. Ia já caminho da alvorada, quando o soberano se despedia. O honrado Seifert, o antigo e devotado famulo de Humboldt, ia adiante allumiando, em quanto o sabio acompanhava o amavel hospede. Uma

[1] Bruhns', *Alex. von Humb.*, II, 282.

e muitas vezes paravam a conversar os dois amigos, como se Frederico Guilherme (são palavras de um biographo) não podera saciar-se de tão aprazivel dialogar.[1] Se acontecia estar enfermo o grande sabio, ia o soberano ser por horas dilatadas seu leitor.[2] As cartas numerosas, que dirigia ao seu dilecto camarista, revelavam na elegante cortezia e no verdadeiro sentimento, este primor desaffectado, com que elle se egualava ao seu amigo, ou antes o havia por superior na gloria e no talento.

Não resumbrava nos escriptos do monarcha absoluto ao pensador universal esta mesurada benevolencia, que nos limites de uma fingida intimidade deixa transparecer a cada instante a altiva preeminencia do reinante sobre o vassallo, a quem distingue, sem nunca se esquecer de o humilhar. D'esta proverbial sobranceria, com que os reis constitucionaes misturam quasi sempre a sua vaidade sobrehumana com as palavras de

[1] Bruhns', *Alex. von Humb.*, II, 282.
[2] Ibid.

bom termo e affeição, dirigidas aos seus compatriotas mais illustres, não havia um só vislumbre, d'onde nas cartas de Frederico fosse possivel inferir que era o correcto epistolographo um rei omnipotente, e sobre omnipotente vaidoso do seu direito e da sua grandeza intellectual. *Respeitabilissimo, venerando amigo* (Verehrtester Freund) eram os mais frequentes vocativos nos bilhetes e nas epistolas do rei.[1] O sabio retribuia affectuoso ao amigo e honrador; lastimava-se porém sinceramente de não poder applaudir o estadista e o soberano. Com elle convivia em intima conversação e frequencia. Com elle reciprocava as idéas e os affectos. Mas alcançar que por seu influxo generoso coasse um raio apenas da luz da liberdade nas trevas monarchicas do rei, transcendia o seu poder.

Estrellavam-se as mais engenhosas diligencias do camarista-democrata contra a impassivel resistencia do pupillo. As cartas, escriptas por Humboldt aos sabios mais dis-

[1] Bruhns', *Alex. von Humb.*, II, 282, 283.

tinctos, e aos mais desassombrados estadistas, com quem podia desafogar, contém mil encomios do soberano, e a duvida cada vez mais dolorosa de que elle adopte finalmente a politica discreta e liberal. «Prouvera a Deus (escrevia Humboldt a Bunsen, o philologo profundo, o prudente diplomata, o valido politico do rei) que o monarcha podesse achar instrumentos efficazes e concordes, e governar com um bem composto ministerio, que soubesse comprehendel-o, pôr em ordem os seus grandes pensamentos, e conhecer as exigencias do tempo, em que vivemos.» [1] Encarecendo á senhora de Wolzogen os extremos de amizade e confiança, com que Frederico Guilherme o penhorava, dizia com segura e talvez maliciosa prevenção. «Peço-vos que não tireis do que vos digo nenhuma estranha conclusão, nem me torneis no minimo ponto responsavel pelo que (na situação politica) vos possa magoar.» [2] Os queixumes e desesperanças vão

[1] Bruhns', *Alex. von Humb.*, II, 285.
[2] Ibid., 286.

crescendo mais e mais. Amargura-se com a perda do seu tempo e a esteril applicação das suas forças a um fim, que é impossivel alcançar.[1] A tal ponto chegaram exacerbadas as continuas desillusões, que no publico veiu a diffundir-se o rumor de que o illustre camarista se determinára em affastar-se de uma côrte, onde estavam cerrados os ouvidos aos conselhos da experiencia e da rasão.[2] Bessel, — o astronomo realista, o contraposto de Arago, intractavel republicano, — escrevia por aquelles tempos a Humboldt: «Correu voz de que vossa excellencia intenta sair da Prussia, com a firme resolução de expatriar-se. Por falsa tenho a nova. Ainda mesmo que vossa excellencia padeça na côrte duras contradicções, é tal a firmeza que faço na sua veneração pelo nosso rei e senhor, que este respeito lhe impedirá o exilar-se.» [3]

Tão ao revez dos obscuros cortezãos, que

[1] Bruhns' *Alex. von Humb.*, II, 286.
[2] Ibid., 287.
[3] Ibid., 287.

não ousam pestanejar perante seus autocratas, deixou Humboldt em muitas das suas cartas ao monarcha testemunhos e dictados de sua hombridade exemplar. Referindo-se a uma d'ellas, em que o sabio advogava com vehemencia os principios de liberdade e tolerancia religiosa e censurava por iniqua a desegualdade politica e civil dos judeus, escrevia Humboldt a um amigo: «Eis ahi estaes vendo que fallei com liberdade... Triste é, porém, que vivamos em tempos tão avessos, que se tenha por acto de coragem o escrever eu d'esta maneira.» [1]

No empenho de incutir, se era possivel, no contumaz espirito do seu coroado amigo uns arreboes sequer de sentimento liberal, não havia traça ou artificio, que Humboldt com discreta malicia não ideasse. Lia-lhe nos longos serões de Potsdam os artigos substanciaes e doutrinarios do *Jornal dos Debates*, de que para o intento se fizera subscriptor. Pensava em captivar o entendimento artistico do rei com a elegancia e

[1] Bruhns' *Alex. von Humb.*, II, 288, 289.

formosura do estylo, em que era primaz aquella folha. Nenhuma occasião esperdiçava, em que podesse indirectamente proseguir a sua infructuosa catechese. O rei, mais erudito que estadista, presava o sabio, e desdenhava o conselheiro. Humboldt asseverava n'uma carta que Frederico Guilherme sabia de cór todas as versões allemãs da *Antigone* e extranhava que ao mesmo passo désse a minima importancia aos negocios do *Landtag*, ou assembléa provincial do Rheno.[1] A situação politica da Prussia apparecia debuxada por Humboldt n'uma d'estas phrases conceituosas, que elle sabia admiravelmente cinzelar, e que eram duas vezes epigrammas na satyra e na concisão. «No throno a arte e a phantasia; em volta d'elle o fanatismo dos charlatães e a hypocrisia dos aulicos.»

Que podia Humboldt esperar de tal rei e de tal côrte? Nada. E porque extranha e singular inercia se ficava acorrentado á sua chave de camarista? Queixava-se e doía-se

[1] Bruhns' *Alex. von Humb.*, II, 302.

da vida que levava, em que tinha de comprar a preço de tempo irreparavel, esterilmente dispendido, a pesada valia do monarcha. Lamentava que enleado nas innumeraveis ninharias do seu cargo, só lhe restassem para os trabalhos litterarios algumas horas usurpadas ao somno e recreação. E comtudo Humboldt não póde acabar comsigo que se desenlace por uma vez dos seus grilhões dourados, e deixado o ergastulo da côrte, se volva contente á liberdade. «Perguntar-me-heis (escrevia Humboldt em 1846 a Gauss, o primeiro geometra germanico) porque rasão, sendo eu já de setenta e seis annos, me não resolvo a buscar outro destino? É complexo e inextricavel o problema da vida humana. Estão em frente de mim a tolher-me o passo delicados sentimentos, deveres antigos, esperanças vãs e illusorias.» Prendia-o ao rei a gratidão, á côrte o habito. A côrte e a sociedade, segundo a phrase de Varnhagen, eram para elle como que a velha salla do castello solarengo, onde alguem se acostumou de lon-

gos annos a passar as horas do serão e a beber a classica cerveja.» E tão irresistivel era n'elle a attracção, que o impellia á vida social e elegante, que vivamente se offendia se para algum sarau ou festa o não tivessem convidado. Aborrecia-lhe a côrte, e não podia desamparal-a. Era como que um necessario estimulante, cuja ausencia causaria um perigoso desequilibrio no seu organismo intellectual. Após um dia consagrado aos eruditos, mas importunos colloquios de um soberano com a terrivel douradura de sabio universal, após as mil futilidades habituaes, em que se evapora a vida cortezã, após as intrigas e as mesuras, que se estão multiplicando ao pé do throno, tornava Humboldt com energia e affecto recrescente ao culto da sciencia no seu bufete de trabalho, compensando com vigilias ou noites mal dormidas o ocio tumultuoso das horas devotadas á liturgia da côrte e do monarcha.

Eram debeis as esperanças de que o rei volvesse um dia da sua reluctancia pertinaz contra os principios politicos do seculo. Eram

esperanças loucas (*thoerichten Hoffnungen*, no dizer de Humboldt) mas eram emfim esperanças: Era phantastico, mudavel, romanesco o animo do rei. Quem ousaria predizer que a *phantasia no throno* e o *romantismo no poder* (eram expressivas metonymias, com que o insoffrido camarista designava o seu patrono) não mostrassem de improviso a face mais generosa e liberal? Quando toda a força nacional está concentrada no cerebro de um homem, que nasceu para reinar, ou em nome do seu direito imaginario, ou — o que é mais hypocrita e menos grandioso — em nome da união adulterina entre a credula democracia e a astuta realeza, o governo é um jogo de azar, onde o banqueiro é o caracter do monarcha, e os dados são apenas os seus caprichos e paixões. Na monarchia constitucional, ainda ao povo concede elle algum partido n'esta perigosa tavolagem. No regimen absoluto, é o acaso quem inspira unicamente os lances favoraveis á nação. Ora Frederico Guilherme IV, assim como no seu hellenismo

insaciavel se apaixonava um dia pelos trinta tyrannos athenienses e no outro por Thrasybulo, quem sabe se por um novo giro d'aquelle instavel *kaleidoscopio*, que na imaginação lhe volteava, não poderia uma noite adormecer monarcha intolerante e amanhecer convertido em complacente doutrinario? Não que de fóra lhe viesse o impulso do conselho ou da occasião. Ao historiador Frederico Raumer escrevia Humboldt: «Acaso acreditaes que possa alguem exercer valioso influxo n'um homem de humor tão irregular?» [1] A debil confiança nas virtudes governativas do monarcha não tolhia ao sabio o continuo panegyrico das suas eminentes qualidades. Mais cortezão do que philosopho, ou mais parcial pela amizade que severo por dever, porfiava Humboldt sempre em trasladar aos hombros dos ministros os peccados politicos do rei absoluto. Culpados eram elles em verdade no teor, que se estylava no governo. Mas nos reinados, em que do-

[1] Varnhagen, *Diario*, V, 246, cit.. em Bruhns', *Alex. von Humb.*, II, 305.

mina omnipotente o alvedrio do soberano, é minima, se a comparamos aos gravissimos erros do imperante, a responsabilidade moral dos conselheiros. Os ministros, por não pôrem a perigo a sua fortuna, compunham-se interesseiros ou hypocritas ao espelho mystico do rei. Humboldt asseteava com as frechas do sarcasmo o mundano fanatismo, com que o ministro von Thile, annunciava os saraus da sua casa, convidando piedosamente as suas visitas *para o jogo e a oração* (zu Gebet und Spiel).[1] Indignado em summo grau com o estado lastimoso da politica na côrte, escrevia o sabio a Varnhagen, seu mais seguro confidente, que «Deus escandalisado dos abusos do poder humano, se arrependeria de haver mandado ao mundo a instituição monarchica.» E chegado ao extremo da irritação e endurecendo com violencia o seu caracter humanissimo, accrescentava com maliciosa ingenuidade: «É singular, que se atire tão raras vezes con-

[1] Varnh., *Diario*, II, 255; III, 286, cit., em Bruhns'. *Alex. von Humb.*, II, 307.

tra os ministros e conselheiros de gabinete.»[1] Mais de uma vez, segundo o testemunho dos biographos, censurou rosto a rosto a alguns ministros. D'entre todos os que serviam no conselho, sómente contava por amigo o que presidia aos negocios estrangeiros. Era o barão von Bulow, que esposára uma das filhas de Guilherme de Humboldt. Accrescia ao parentesco a conformidade nas idéas. N'elle firmava a sua esperança o quasi desenganado naturalista. Havia-o em seu conceito por um dos mais sisudos e notaveis estadistas do seu tempo. Quando em 1845 uma rebelde enfermidade impediu a von Bulow de continuar mais

[1] «In hoechster Indignation ueber den Zustand der Staatsverhaeltnisse» schrieb er wol einmal ein «sinniges.» Citat fuer Varnhagen auf, wovon dem «Ingrimme Gottes ueber den Misbrauch menschlicher Macht» die Rede war und von der Reue, die er dereinst empfinden koennte, der Welt die monarchische Staatsform verliehen zu haben; aber mehr aus dem Herzen kam ihm gewiss die Trauer ueber die «unheimlichen.» Attentate sowie das naive Gestaendniss: «Sonderbar, dass man so selten auf die Minister schiesst und auf die Cabinetsraethe!» Cartas a Varnhagen, em Bruhns' *Alex. von Humboldt*, II, 307.

tempo no governo, apagaram-se no espirito de Humboldt as derradeiras illusões.

Mas em quanto o rei perseverava impenitente em seus principios e em divorcio permanente com os de Humboldt, redobravam as mostras de affecto e de primor, com que o soberano entendia galardoar o seu venerando camarista. Os reis (lancemos á conta da instituição monarchica estas anachronicas aberrações) têm um modo singular de exprimir publicamente a sua graciosa benevolencia aos serviços benemeritos ou aos talentos de eleição. Na antiguidade, quando um tyranno, como Dionysio, requestava por adorno da sua côrte a presença de Platão, convidava-o a ser seu conviva e seu *proxenos*, salvo o despedil-o a pouco trecho, quando se enojava de que a virtude e a sciencia fossem por largo tempo mudas reprehensoras de sua desregrada auctoridade. Os modernos imperantes têm mais facil e barato galardão. Se um homem se illustrou pelo talento, se escreveu o *Kosmos* ou a *Mecanica celeste*, o *Cinque maggio*, ou a *Notre*

Dame, seja embora um d'estes espiritos sublimes, que transcendem as raias da commum humanidade, eia! que se cheguem ao throno, onde impera um potentado em nome do berço e da fortuna; que abaixem respeitosos a cabeça, para que o monarcha, investido pelo seu cargo na suprema judicatura litteraria, como infallivel quilatador dos grandes genios, lhes administre o chrisma intellectual, e abrindo-lhes com a chave da prerogativa a porta da posteridade, lhes estampe o sello grande e escreva o *placet* real nos diplomas da sua gloria. Então os reis impõe aos heroes da intelligencia o supplicio affrontoso de uma alcunha, ou penduram ao peito do sabio e do poeta um farrapo variegado. A alcunha é um titulo. O farrapo é uma *ordem*. Os reis na sua infantil vaidade,— melhor disseramos senil,— pensam por ventura que o espirito plebeu e desornado, sem esta consagração official não lograria penetrar na opinião e governar pelas idéas o proprio mundo dos monarchas. É verdade que talvez no mesmo

dia, em que são coroados os novos Tassos no capitolio das mercês nobiliarias pela mão generosa do soberano, um mascate enriquecido sabe Deus com que industria condemnada, recebe jubiloso um nastro da mesma côr ou um cognome semelhante na mesma comedia aristocratica. Os reis — diga-se á puridade — não são muito escrupulosos em destrinçar a differença dos meritos alheios. A empreza de Colombo, ou a boa estrella de um chatim millionario, a sublime concepção de Isaac Newton ou a salema cortezã de um aulico sem nome, não teriam na tarifa dos galardões officiaes differença apreciavel n'uma remota casa decimal.

Tinha Humboldt vivido largamente em côrtes e com monarchas. Não assombra que sendo tão divulgada a sua fama, andasse já á porfia assignalado com o sinete gracioso dos soberanos. Caira-lhe no peito a saraivada grossa das gran-cruzes de todos os potentados e reizetes do mundo civilisado. Em 1844 recebia das mãos do rei da Prussia a condecoração da Aguia vermelha com

brilhantes, e em 1847 alcançava a suprema ordem cavalleiresca, a facha da Aguia negra, que na serie d'estas regias frioleiras, é no mundo reputada uma das mais nobres e apreciaveis distincções.

O rei Frederico Guilherme IV instituira em 1842 por sua propria inspiração a ordem «pour le mérite» destinada a condecorar os grandes próceres intellectuaes. D'esta singular cavallaria foi Humboldt nomeado chanceller. Era uma das mais altas dignidades. Não poude a nova instituição forrar-se inteiramente á satyra do illustre dignitario, que na substancia e na valia a egualava ás outras ordens. São notorios os epigrammas, com que elle, forçado em caso extremo a exornar-se com suas infinitas grão-cruzes e veneras, por ajustar-se ao estylo cortezão, se vingava d'aquelles ornatos infantis, chamando-lhes os seus *hieroglyphos*. A sua jovial e zombeteira mordacidade não perdoava aos homens, que se enfeitam com «botões de vidro, e com fitas e pennas de pavão.» A Berzelius, o chimico eminente,

o qual parecia ter posto maior fé nas regias distincções, que nos immortaes descobrimentos, e havia em grande apreço as suas numerosas medalhas e commendas, chamava Humboldt *uma via lactea de placares nos dois hemispherios* (une voie lactée de crachats aux deux hémisphères). Mas de tão futil frivolidade, como a de um diche de lantejoulas, era seu intento aproveitar quanto a vaidade em mina tão esteril podia ainda lavrar em beneficio da sciencia e em honra de seus cultores. Ria-se de tão grotescas velharias. Mas contava com as paixões dos homens, segundo os traz educados a tradição monarchica. «A estupidez das nossas ordens e a intelligencia (escrevia Humboldt a Jacobi, o fecundissimo geometra) são como quantidades incommensuraveis, ha entre ellas o que quer que seja de *incalculavel*, isto é, de *irracional.*»[1] Apesar porém d'esta justa e severa opinião, julgava Humboldt que as honras nobiliarias, uma vez que existiam e lhes davam certo preço as

[1] Bruhns' *Alex. von Humb.*, II, 329.

convenções e os costumes sociaes, poderiam utilisar-se como influxos na opinião e estimulo aos progressos da sciencia. Chamado em rasão de chanceller, a fazer de accordo com os ministros Eichhorn, Thile e Savigny a lista dos trinta cavalleiros, de que a ordem haveria de compôr-se, impendeu a Humboldt um encargo tão difficil, qual o de eleger os predestinados, quando forçosamente teriam de ser mais numerosos os excluidos d'aquella bemaventurança aristocratica. Aos mais illustres sabios, artistas, escriptores de toda a Europa, se conferiu, por diligencia do chanceller, a que muitos haviam por invejavel distincção. Alegrou-se por extremo de que o seu cooperador e amigo predilecto, Arago, o indomavel republicano, e Melloni, o physico original, outr'ora presidente de juntas revolucionarias, acceitassem a mercê de um rei absoluto, «como se fôra (palavras textuaes do grande astronomo) não uma ordem, mas uma vasta academia em toda a Europa.» Com outros mais agrestes democratas, e não menos benemeritos

engenhos se houve em rija contenda o chanceller, forcejando Humboldt por que não rejeitassem as insignias, e elles perseverando em manter o peito exempto de regios ouropeis. Uhland, o grande poeta germanico, empenhára-se Humboldt contra graves opposições em que saisse eleito cavalleiro, justamente por ser infesto á côrte e á reacção. Uhland, em obsequio aos seus principios democraticos, declinava peremptorio a graça do soberano. Aqui foram os artificios, as instancias, as malicias engenhosas do chanceller por se acaso lograva desarmar de suas rasões de politica e dignidade o cantor das balladas immortaes. Redobram as missivas, empenham-se os amigos e intercessores, com maior afan do que se fôra para alcançar a Uhland a graça, que engeitava. O grande lyrico, agradecendo a Humboldt com palavras de extremado affecto o primor e a mercê, permaneceu fiel á consciencia e ao dever. Não menos trabalhosa foi para Humboldt a campanha, que entre elle e Manzoni andou tra-

vada, quando o prodigioso auctor do *Conte di Carmagnola* foi nomeado cavalleiro. Vieram a partido que o poeta lombardo não devolvesse a insignia com a clausula porém de que lhe não imputariam a arrogancia e desprimor o não usal-a. Herschell, Macaulay, Faraday deram menos amarguras ao velho chanceller, quando se afadigou por inscrever estes nomes immortaes na lista da ordem, n'aquella *Tavola redonda* da gloria e do talento.

O fervor de Humboldt em honrar acima de tudo a intelligencia, transluz a cada passo nas grandes e nas minimas acções do seu viver. Elle proprio subsiste na côrte, e nas recamaras do rei, porque n'aquellas regiões se póde servir a sciencia e os seus adeptos. Ali póde proteger e confortar os sabios, que batalham com as estreitezas da penuria. Ali póde inclinar o poder absoluto a estipendiar as explorações e as viagens. Ali póde quebrar os ferros de Spandau aos encarcerados pelo crime inaudito de sentir e de pensar. D'ali póde terçar com os sobe-

ranos estrangeiros em favor das grandes emprezas scientificas ou dos benemeritos engenhos mal-avindos com a fortuna. Póde vencer no animo do rei que se realise a expedição de Lepsius ao Egypto; alcançar da corôa um auxilio pecuniario para Jacobi, o inventivo genio mathematico. Póde interessar efficazmente nos trabalhos astronomicos e geodeticos do celebre Schumacher ao rei dinamarquez Christiern VIII, que responde em termos graciosos de profunda veneração ao sabio prussiano: «Ancioso de merecer a vossa approvação em todo o tempo, senhor barão, desejo ser guiado pelas vossas luzes, e sentirei mui grande jubilo em que vos apraza o dirigir-me as vossas observações scientificas.» [1]

Se o homem, que festejára a grande revolução, se o cultor das *idéas de 89,* se o democrata cortezão *(Hofdemokrate),* como o appellida um seu biographo [2] permanece até

[1] Bruhns' *Alex. von Humb.*, II, 327.

[2] Alfred Dove em Bruhns' *Alex. von Humb.*, II, 341.

o fim na côrte de um dynasta jubilado no fanatismo da realeza, demos por justificada a generosa contradicção, porque o velho sabio está ali, não para comprar com mesuras e abjecções o proprio accrescentamento, senão para salvar do naufragio, em que se anegam todos os principios generosos, o mais alto de todos elles, a magestade da sciencia e a soberania da rasão.

XI

Humboldt e a humanidade. — A escravidão na America. — A fé nos destinos e nas leis da civilisação. — A revolução de 1848. — Humboldt e a democracia.

É condão inseparavel dos talentos verdadeiros e completos, qual era o luminoso espirito de Humboldt, o conglobarem ao mesmo passo na sua admiravel unidade o Bello, o Justo, o Verdadeiro, como a mystica trindade, em que apparece compendiado e resumido quanto ha de grande no Universo: o Bello na arte, de que Humboldt era obsequentissimo cultor: o Justo na humanidade, a cujos progressos devotára o empenho da sua alma e o esforço das suas dilatadas investigações: o Verdadeiro na sciencia, que

no Kosmos, encontra realisado o Bello, na eterna juventude da natureza, o Justo, nas proporções e na harmonia universal, o Verdadeiro na exacta correspondencia do mundo externo com os exemplares e os modelos do mundo subjectivo.

D'esta unidade intellectual, que constitue a feição mais perfeita e mais notavel no espirito de Humboldt, procede a clara intuição, com que elle sabe adivinhar os laços e as relações entre os assumptos da arte, as questões da natureza, e os problemas da humanidade. A cada instante nos escriptos do insigne pantologo, ou sabedor universal estamos vendo entretecidos, como em sociavel intimidade, o mundo moral e o mundo scientifico, refeitos n'aquellas paginas de fecunda e sã philosophia, os vinculos quebrados pela estreiteza dos espiritos vulgares.

Assim quando pinta e descreve a natureza, acodem-lhe felizes as applicações e os parallelos com a evolução historica e a presente condição das sociedades. A geographia physica e a distribuição dos organismos nas va-

rias regiões e altitudes do nosso globo, ministram-lhe a chave preciosa, com que, mais solidamente do que Vico, Herder ou Voltaire, devasse os penetraes á philosophia da historia. A climatologia e o exame dos productos naturaes levam o sabio naturalista á solução dos problemas economicos e estatisticos. Assim o precioso tratado ácerca da mais formosa e opulenta das Antilhas, arranca ao physico publicista as mais severas e eloquentes exprobrações contra a escravidão das raças africanas, contra esta infame deshonra da humanidade, contra este nefando sacrilegio da força e da avareza nos povos, que se dizem policiados e christãos.

A violencia põe-lhe em ondulação as cordas mais vibrantes do sentimento generoso e da eloquente execração. Comparando a colonisação dos portuguezes e hespanhoes na America meridional, e exprobrando aos imitadores de Cortez e de Pizarro, as cruentas infracções do direito e da justiça, é aos portuguezes, por mais caritativos e humanos, que elle confere a palma no certame.

A servidão encontrou n'elle desde os seus primeiros escriptos americanos um infatigavel impugnador. E até os annos mais provectos, em vez de afrouxar, reverdece mais insoffrida no seu animo a fé e a paixão da liberdade. «Sem duvida (escrevia Humboldt) ha familias de povos mais esclarecidas, mais civilisadas, mais capazes de cultura. Não as ha porém que sejam mais nobres do que as outras. Todas nasceram para a liberdade, que n'um estado social pouco adiantado, só pertence ao individuo; mas nos povos chamados a reger-se por verdadeiras instituições politicas, é o direito de toda a communidade.» [1]

Em 1856 um escriptor norte-americano, Thrasher, traduzia do castelhano para um editor de New-York, o *Ensaio politico* sobre a ilha de Cuba, supprimindo-lhe o capitulo VII, que se refere á escravidão. É facil adivinhar qual seria a indignação, com que o velho defensor da humanidade, veria assim truncado o seu escripto, na parte em que a mu-

[1] Humboldt, *Kosmos*, trad. franc., I, 430.

tilação mais lhe doia aos affectos generosos e aos principios elevados. Na obra ácerca da primeira das Antilhas, tinha o sabio em maior apreço as doutrinas sociaes do que as observações astronomicas, magneticas, estatisticas de que eram copiosas as suas valiosas monographias. Caía justamente a traducção americana na epocha tempestuosa, em que os partidarios da escravaria e os promotores da abolição andavam mais accesos e travados, cifrando na eleição do novo presidente da republica a esperança ou o desengano da victoria. Dos *esclavistas* era Buchanan o candidato; Frémont representava os abolicionistas. Apressou-se Humboldt a protestar energicamente na *Gazeta de Spener* contra a fraude politica do traductor americano. Logo se divulgou e reproduziu na America do Norte o artigo do illustre sabio prussiano. Frémont escrevia n'aquelles tempos a Humboldt: «Na historia da vossa vida e das vossas opiniões se nos deparam abundantes rasões para acreditar que na lucta, na qual estão empenhados os amigos do pro-

gresso liberal n'este paiz, teremos para nos assistir e ajudar a força do vosso nome.» [1] O candidato liberal decaiu na eleição. Buchanan, chamado á presidencia, representou na apparencia uma derrota ás idéas da civilisação christã. Humboldt, porém, não desmaiou. Este é o condão e o signal das profundas e enraizadas convicções, que, se vêm coroal-as a victoria, celebrem o seu triumpho em nome da humanidade, se as contraría o desbarato, se aprestem com mais ardor ás aventuras do combate. A mais tremenda guerra civil, de que ha memoria nos antigos e modernos fastos, resolveu, após alguns annos de porfias parlamentares, o problema, de que pendia a existencia e o vigor á democracia americana. A nação, que antes de todas fundára a liberdade politica e a soberania popular, finalmente reconheceu a liberdade civil, como um principio independente das raças e das côres, e a magestade humana, como um attributo essencial

[1] Bruhns', *Alex. von Humb.*, II, 295.

dos seres intelligentes. Humboldt não chegou a vêr o desenlace da lucta, em que lidára. Mas os talentos, que penetram com a sua visão espiritual atravez das nevoas do futuro, sabem com certeza que a idéa, como invencivel e necessaria, ha forçosamente de prevalecer e triumphar.

Tambem o grande espirito não alcançou na terra os tempos afortunados, em que veria a liberdade enlaçando-se com a ordem apagar da fronte aos povos cultos os ultimos estigmas da servidão politica. E todavia não o desalentaram nem os accidentes da fortuna, nem os erros populares, nem os delirios da monarchia. Sabia que as suas *idéas de 89* haviam de ser um dia o evangelho social, assim como com evidencia geometrica sabia de antemão que tal phenomeno astronomico, embora ainda remoto no porvir, infallivelmente ha de acontecer nas celestes regiões.

No meio do desregramento e corrupção dos nossos costumes politicos, no tempo em que estamos assistindo ás mais ignominiosas

apostasias, quando vemos a homens juvenis, apenas saidos das escolas, buscarem a politica, á maneira de trafico e mercancia, e defenderem, ao sabor de quem dá maior salario, os excessos demagogicos ou as orgias politicas da côrte, é grata consolação o contemplar estes espiritos generosos e altivos, que, já entrados na penumbra da posteridade, conservam inquebrantavel a sua fé, e entre as vergonhosas, mas passageiras devassidões do nosso tempo, são a eterna rasão da humanidade, com o enthusiasmo da adolescencia e a magestade da velhice. Vêde como Humboldt, sabendo que não será testemunha dos triumphos liberaes, os está saudando com esta elevação e desprendimento, com que os grandes corações se consubstanciam e quasi se anniquilam por um *Nirvâna* admiravel no todo impessoal da humanidade. Confirmam-n'o a Humboldt em sua fé as theorias philosophicas da historia em todas as edades, a certeza de que não deixará de effeituar-se a entrada triumphal de Nemesis, e a victoria do direito e da ver-

dade.»[1] Bem quizera Humboldt assistir a esta phase brilhantissima dos povos. «Je n'ignore pas que les principes survivront, mais moi je ne suis pas le principe» escreve o sabio a Varnhagen, accommodando ao egoismo jovial da sua decrepitude um dito gracioso de Benjamin Constant.[2]

Approxima-se o anno de 1848. Turbavam-se os horisontes em redor das realezas, cada vez mais adversas e alheias ao progresso das idéas e á marcha da humanidade. O vulcão de 89 fazia a terceira erupção e a democracia apresentava-se de novo a campear com os poderes tradicionaes. Quando a França, como o velho Og das lendas hebraicas, estremece no seu leito collossal, sente a Europa a commoção até aos seus limites derradeiros. A revolução de 1848 propagou-se rapidamente desde Paris, a capital da nova democracia, até ás regiões avassalladas pelas ultimas reliquias da santa

[1] Carta de Humboldt a Bunsen, citada em Bruhns', *Alex. von Humboldt*, II, 410.

[2] Bruhns', *Alex. von Humb.*, II, 411.

alliança. Á obstinação reaccionaria do mal-aventurado rei da Prussia viera succeder a tremenda explosão do sentimento popular. Chegaram finalmente aquelles dias tormentosos, que o espirito de Humboldt apprehendera nos seus frequentes desafogos contra a cegueira do monarcha. As jornadas de fevereiro tiveram a sua luctuosa repetição nas ruas de Berlin. Lastimou-se o animo generoso do grande naturalista com os cruentos episodios da insurreição. Não é porém menos seguro, que o venerando octogenario, ao saber que a França vindicava os seus fôros ultrajados, saudou com espontaneas sympathias o espirito d'aquelle povo, de quem por longos annos havia sido quasi conterraneo. [1] Poucos dias após a expulsão dos Orleans, remettia Humboldt a Varnhagen uma poesia de Freiligrath em honra da republica franceza.[2] Mas a profunda meditação ácerca dos successos contemporaneos e da historia geral da humanidade, não lhe

[1] Bruhns', *Alex. von Humb.*, II, 396.
[2] Ibid.

consentia ainda alentar esperanças duradouras na fórma essencial do governo democratico.

Segundo a sua desconsoladora theoria, de que as revoluções e os desenganos populares se haveriam de succeder em França longo tempo, como um fluxo e refluxo necessario, no animo de Humboldt estava já dando rebate o tôrvo presentimento de que as alleluias democraticas iriam bem depressa emmudecer e enluctar-se com as atrozes carnificinas da victoria napoleonica. «O povo francez será ainda novamente enganado,» prophetisára Humboldt após a revolução de julho. E cumpriu-se o vaticinio. «Mas a nação castigará o engano e a mentira,» accrescentára o grande espirito. E realisou-se a prophecia. O que Humboldt julgava ainda longinquo no futuro, uma revolução, que não viesse a terminar n'uma restauração monarchica, veiu finalmente a succeder, quando a França chegou á maturidade e á força popular. Aclimatou-se a democracia na sua fórma natural, que é a negação de todo o

poder hereditario e de todo o privilegio tradicional. A França, fundando a republica pela força do suffragio e pelo vigor da opinião, desaffrontou-se nobremente da macula infamante de oscillar no seu perpetuo movimento entre a anarchia e a dictadura, entre o delirio das barricadas e a servidão das Tulherias. A republica está solidamente constituida e a França que é a metropole da liberdade, ao cursar a orbita dos seus destinos levará comsigo as nações cultas, como o sol, que é o centro do systema planetario, arrasta o seu cortejo de planetas, na sua immensa e apenas suspeitada trajectoria.

A devoção pessoal pelo soberano incitava Humboldt a empenhar os seus esforços para conjurar o lance aventuroso, em que estava jogada a corôa de Frederico. Refere a tradição que nas primeiras horas do levantamento de Berlin, Humboldt obsecrára com vehementes rogativas o monarcha para que por voluntarias concessões quebrasse os impetos á crescente insurreição. A sua voz,

segundo era de augurar, bradou infructuosa ao animo do rei. Se n'aquelles dias sanguinosos (é conjectura de um biographo) o sabio prussiano tivera mostrado na politica tão genial instincto practico e tamanha vocação, qual era a alteza do seu engenho e a elevação dos seus principios, houvera sido Humboldt o homem popular levantado nos broqueis da multidão por salvador da causa publica. Em Paris o mavioso Lamartine, e o impavido Arago, a musa dos devaneios melancholicos, e o genio das severas investigações, desde o ethereo firmamento dos vates ou dos astronomos haviam baixado á scena da revolução. Sentavam-se agora triumphantes ao perigoso timão do estado, entre as procellas e os baixios da singradura popular, como para attestar que a nova democracia buscava os seus capitães e os seus guias não entre os aventureiros da espada ou da fortuna, senão entre os filhos predilectos da gloria e do talento. Assim tambem na Prussia os destinos da revolução cairiam nas mãos da mais gloriosa intelli-

gencia da Allemanha e do seu mais eminente e auctorisado cidadão.

Refere-se que a 18 de março de 1848, logo depois de começada a insurreição nas ruas de Berlin, alguns operarios, farejando aqui e acolá, onde a fortuna lhes deparasse as armas, que não tinham, irromperam no domicilio de Humboldt, em Oranienburgerstrasse. Increpados pelo sabio de que fossem perturbar a pacifica habitação de um inoffensivo homem de sciencia, perguntaram o nome do morador. Alexandre de Humboldt, responde o naturalista. Senão quando, tomados de profundo acatamento, se escusaram cortezmente, dizendo que não era seu proposito o causar-lhe desprazer, porque de fama o conheciam e o tinham por amigo e parcial. E logo se foram seu caminho, deixando á porta do seu grande concidadão uma guarda popular.[1] A tradição, se bem que não authentica, testifica todavia a opinião, em que andou sempre entre o povo de Berlin o liberal e generoso pensador.

[1] Bruhns', *Alex. von Humb.*, II, 397.

Mas Humboldt não era como o astronomo francez, um fogoso republicano, não suavemente illuminado pela placida luz da theoria, senão inflammado intensamente pelo fogo voraz da revolução. Arago, fiel aos principios da sciencia experimental, professava a doutrina democratica, mas desejava-a realisada pelos mais efficazes instrumentos, com que na esphera social ou na ordem scientifica a idéa se traslada e reproduz no mundo phenomenal. Humboldt mais theorico do que o seu confrade na sciencia e nos affectos, pedia á gradual e incruenta evolução todo o progresso da humanidade. N'este ponto a logica de Humboldt ficava escurecida pela brandura e lenidade da sua indole pacifica. Á dialectica da idéa é forçoso que responda a dialectica dos factos. A primeira é a sciencia. A segunda a revolução. De revolução e de sciencia, alternando-se perpetuamente como os fuzis de uma cadêa, se compõe o processo historico de toda a civilisação.

Assim como a sciencia cosmica, para com-

provar a theoria, carece de pôr em lucta as energias da materia, assim tambem a sciencia politica não alcança nunca transitar dos dominios philosophicos para a realidade social, senão convertendo em *força* a idéa, á maneira do calor, quando para effectuar a ascenção do embolo na machina, se transforma no seu equivalente de trabalho.

Triumphou em Berlin a revolução. Resignou-se o rei. Simulou achar-se convertido aos principios populares. A 31 de março as turbas victoriosas vieram desfilar por diante do palacio. Clamaram pelo rei. Appareceu á varanda a receber — com que forçada compuncção — as saudações d'aquelles, que nos dias antecedentes havia mandado dizimar com a *ultima rasão* do seu philosophico antecessor. Chamou o povo por Humboldt, como quem sabia ser elle em toda a côrte o unico fautor das idéas liberaes. Veiu á janella o velho camarista, e saudou silencioso a altiva plebe. No dia seguinte era conduzido em lugubre cortejo o espolio mortal dos que defendendo a liberdade tinham

perecido nas barricadas. D'entre a immensa multidão no prestito solemne, sobresaia a figura grave do grande naturalista. N'esta espontanea participação ás pompas funebres do povo, tributava Humboldt o seu preito ao holocausto generoso dos que succumbem em defensa de uma idéa. Não tinha porém pequena parte n'esta sua manifestação o empenho de salvar do ultimo naufragio a popularidade do soberano. Com a sua ironia habitual, muitas vezes se chamára a si proprio o *velho farrapo tricolor*, alludindo a que na côrte prussiana o criminavam por admirador impenitente da revolução de 89. Era agora ensejo para que o velho farrapo viesse fluctuar ao vento democratico, e abrigasse debaixo das suas dobras o throno periclitante de Frederico.

A revolução germanica de 1848 vinculava naturalmente, com o pensamento democratico, a predilecta aspiração de todos os patriotas allemães, a fundação da unidade nacional, a realisação politica d'este suspirado *Vaterland*, d'esta patria commum, que viria

conglobar n'uma poderosa confederação todos os estados particulares da grande familia teutonica, deixando livremente a cada um o thesouro das suas tradições e a energia da sua vida individual. A despeito dos esforços empenhados pelo parlamento de Francfort, apesar de concentrada por seus votos nas mãos do archiduque João de Austria, como *Reichsverweser*, ou vigario do imperio, a suprema administração do novo corpo germanico, não respondeu o exito da generosa empreza popular ás esperanças da revolução. O irreconciliavel dualismo da Prussia e da Austria, a funesta questão da hegemonia, inevitavel e forçosa na federação das monarchias e dos estados tradicionaes, ainda por esta vez deixou infructuosa a intentada unificação e ao cruento despertar dos sonhos democraticos se esvaeceu, como ephemera visão, a assembléa de Francfort e a grandiosa perspectiva de uma Allemanha unida, poderosa e liberal.

Era Humboldt um dos sectarios mais ferventes da unidade germanica, sob a fórma

federativa, a unica racional e exequivel na fusão de ciosas nacionalidades historicamente distinctas e rivaes. A sua idéa n'este ponto era (segundo elle escrevia a Bunsen, então embaixador prussiano em Londres) «uma efficaz unidade da nação nas suas relações externas e em todas as interiores instituições, que tivessem o caracter de geraes, e uma vida parcial firmada em grandes recordações.» [1] E é digno de reparo que um tão illuminado entendimento, um engenho de tão encyclopedica feição, o qual tinha meditado largamente sobre as leis da natureza e a historia da humanidade, nem ainda a este ponto dos modernos principios liberaes,— o organismo federal dos povos democraticos,— deixasse de prestar a auctoridade insuspeita do seu nome e a firmeza da sua opinião.

O que para muitos se affigura dissolução

[1] «Die wichtige Einheit der Nation nach aussen und in allen generellen innern Staatseinrichtungen errungen... ein auf grosse Erinnerungen gegrundetes partielles Leben.» Carta de Humboldt a Bunsen, cit. em Bruhns', *Alex. von Humb.*, II, 399.

e anarchia, era para o claro espirito de Humboldt o unico penhor de sincera união e liberdade. A historia da natureza congraçava-se felizmente com a historia da civilisação para demonstrar-lhe a these social. Na historia da natureza apparecia-lhe a cada passo desde os systemas estellares até aos mais indecisos organismos, exemplificada a perpetua conciliação do universal e do singular, do *tò pàn,* e do individuo, a acção invencivel das forças, que mantêm a unidade, e a independencia, que assegura a existencia particular; em toda a parte, no mundo planetario e nos páramos sideraes, nas arvores gigantes e nas algas mais humildes, a imperturbavel harmonia, que está enlaçando os elementos e os atomos, os celestes espheroides e as cellulas organicas, sem impedir a variedade cosmica e a vida individual. Na historia da civilisação desenrollava-se a Humboldt, como o seu ideal politico, esta grande republica americana, que sabia por discretas instituições alliar a verdadeira liberdade com a efficacia do poder, e a unidade politica de

uma forte nacionalidade com a plena florescencia da vida cantonal. A natureza, que é a mais perfeita realisação da Idéa, era uma sublime federação. Federação fosse tambem a mais perfeita fórma do mundo social.

É destino e lei da humanidade que as revoluções populares apenas iniciem o que só a espada tem a força de acabar. Não saiu da assembléa de Francfort com uma só bandeira e um só nome a nação de Arminius e de Teut. Mas após vinte annos de incertezas e de esperanças, sobre os tropheus de Sédan e de Paris, levantou-se a unidade e a força da Germania. Humboldt não chegou a vêr consagradas pelos factos as suas mais ardentes aspirações. Mas antegostou a victoria dos principios pela firme persuasão de que finalmente haveriam de triumphar. O grande pensador acreditava, com a evidencia de uma verdade mathematica, n'essa especie de rasão, que preside ao desenvolvimento historico da humanidade.» A curva ascendente do progresso tinha, no dizer de Humboldt, pequenas inflexões, e a seu parecer

era incommodo para o egoismo individual, o encontrar-se n'um d'estes pontos singulares.»[1] A este proposito escrevia o sabio prussiano a um amigo de Paris com ironia melancholica: «É necessario saber esperar, quando se tem apenas oitenta annos.»[2]

Nos primeiros tempos da revolução allemã, com o jubilo do triumpho popular vem mesclar-se no animo de Humboldt o receio de que a liberdade se deshonre com a anarchia. Affronta-o a demagogia, como o escandalisa a oppressão. No seu momentaneo desalento «tem fé (assim escreve Humboldt) em que os principios hão de sobreviver, sem exceptuar estes preconceitos antiquissimos, que se chamam a propriedade, a familia, e o casamento monogamico.»[3] Admira o vulto heroico de Arago sobresaindo ás borrascas da republica franceza e consola-se de que no

[1] «Die ansteigende Curve hat aber kleine Einbiegungen, und es ist gar unbequem, sich in solchem Theile des Niedergangs zu befinden.» Carta de Humboldt a Varnhagen, cit. em Bruhns', *Alex. von Humb*, II, 411.

[2] De la Roquette, *Correspond. Avertiss.*, VI.

[3] Ibid.

fastigio da suprema potestade o mais antigo e o mais illustre dos seus amigos conserve toda a grandeza e formosura do seu caracter.[1] Quando a sua querida França, realisando o severo vaticinio do pensador germanico, renova o antigo circulo das suas frequentes metamorphoses, e pela ponte da revolução passa da oligarchia corruptora dos Orléans á tyrannia militar dos Bonapartes, Humboldt sente exacerbar-se no seu animo o odio inveterado ao cesarismo vencedor.

Não menos lhe provoca a indignação a politica allemã depois de enfreado e vencido o movimento popular. Reprova com vehemencia que o furor reaccionario confunda na sua vindicta os bons e os maus fructos da revolução. Bem quizera vêr debellada a anarchia. Mas envergonhava-se de que restituida a paz, um poder sem previsão imprimisse ao corpo social uma vigorosa impulsão de retrocesso. Doia-se vendo perdida a conjunctura de que a Prussia, hasteando a bandeira liberal em frente da reaccionaria

[1] De la Roquette, *Correspond. Avertiss.*, VI.

casa de Austria, guiasse os povos e os governos allemães pelo influxo da sua opinião. [1] Empenhava no animo do rei os esforços, que podia, posto que desenganado do seu exito. Assim como nos ultimos annos de Frederico Guilherme III, no immediato successor punha Humboldt as suas esperanças mais ridentes, agora tambem era o principe real aquelle, de quem fiava a liberdade e a grandeza da Prussia e da Allemanha. Com o futuro fundador do novo imperio, continuava a conviver em estreita ligação.

O principe tinha um filho, que depois se havia de illustrar por notavel strategico nas campanhas contra a Austria e contra a França. Curtius, o hellenista celebrado era o seu mais eminente preceptor. Humboldt porém, ajudava com seus conselhos a mais fructuosa educação de um mancebo, a quem o berço e a fortuna haveriam de franquear estadio amplissimo para servir ao mesmo tempo a sua patria e a ambição da propria

[1] Carta de Humboldt a Bunsen, cit. em Bruhns', *Alex. von Humb.*, II, 402.

fama. O hellenismo parecia-lhe a Humboldt accommodado a levantar o espirito dos homens, porque é a expressão a mais perfeita da belleza e da liberdade. Era porém forçoso não limitar ao classico e ao esthetico a educação de quem no mundo practico havia de ser, como reinante, uma força e uma influencia social. Recommendava Humboldt em um escripto seu á princeza Augusta, que a exemplo do grande Frederico, o principe se industriasse nas sciencias do governo e da administração, e doutrinado pela economia politica se fosse de verdes annos embebendo nos principios racionaes, que ella ensina e divulga entre as nações.

E para que ao vasto espirito de Humboldt não faltasse um só assumpto, que elle não podesse lucidamente penetrar, até no ensino militar do joven educando foram discretos os conselhos e as suggestões. Os modelos de Frederico eram os que n'este ponto melhor toavam a Humboldt pela auctoridade do grande mestre na sciencia das operações e das batalhas. Insinuava que aos theore-

mas da strategia pura e abstracta se antepozesse a historia critica da guerra, á theoria que faz mover os exercitos ideaes, a descripção da propria machina no acto de trabalhar. A seu juizo (e opinava certamente como o mais illustre e practico soldado) a arte da guerra, nos seus mais altos e difficeis problemas, em dois pontos se librava, a sciencia do terreno, e a historia militar. E em verdade a strategia, como systema coordenado de principios geraes, não póde exactamente constituir-se pelo processo deductivo, antes como sciencia de inducção havemos de estribal-a nos factos experimentaes.

Assim em certa maneira contribuia Humboldt a preparar os esplendidos triumphos, que em poucos annos haveriam de attestar a gloria das armas prussianas, e consolidar como um facto irrevogavel a unidade e a grandeza da Allemanha.

XII

O *Kosmos* — Humboldt e a philosophia — Caracter do *Kosmos* — Ultimos tempos de Humboldt.

Tal foi nos seus tempos derradeiros a vida politica de Humboldt. Em tão generosos e tão nobres pensamentos dispendia os ocios, que lhe restavam de suas lidas fructuosas. Havia cursado sem repouso as varias direcções, em que póde exercitar-se a energia intellectual. Experimentára nos gabinetes physicos, dissecára nos theatros anatomicos, analysára nos laboratorios chimicos, trabalhára nos observatorios astronomicos, ajuntára copiosas collecções de plantas e de animaes em regiões até ali inexploradas, determinára as posições geographicas de innumeros logares no antigo e novo Mundo, observára nos

paizes intertropicaes muitos phenomenos celestes, creára com suas proprias investigações a geographia botanica, estudára nos mais remotos e diversos territorios a distribuição do calor e do magnetismo terrestre, lançando os fundamentos á physica do globo; alargára os dominios á hydrographia, no seu mais geral significado, dando-lhe o caracter de uma sciencia nova; accrescentára com preciosos documentos experimentaes a geologia, que apenas acabava de nascer, como systema; antecipára a instituição da geographia comparada. E ligando a natureza com a humanidade, as sciencias cosmicas ás sciencias sociaes, enriquecera de preciosos subsidios a ethnologia e a linguistica, a historia do pensamento, e a historia da civilisação; illucidára com estudos severos a estatistica das possessões hispanicas na America; dedicára á historia geographica do Novo Continente uma obra, que seria só por si um imperecivel testemunho da sua gloria; registára em um livro precioso as antiguidades, as migrações, a cultura, os monu-

mentos da gentilidade americana. E emprehendera e acabára toda esta immensa têa encyclopedica, soccorrendo-se á mais vasta e mais completa erudição e philologia, tão universal e assombrosa, que não ha exemplo de que jámais se tivesse manifestado reunida n'um só entendimento. Houvera parecido exuberante ainda aos engenhos mais sedentos de trabalho e de renome a ceifa litteraria, que fizera. A Humboldt porém faltava-lhe ainda, a seu aviso, a melhor parte de suas emprezas memoraveis. Havia decomposto, esparzido, truncado a natureza, tinha rôto, pela analyse e pelo estudo parcial, os mysticos liames do espirito e da materia. Era agora necessario refazer o mundo pela synthese. Tal um soberano conquistador depois de sujeitar a seu dominio as reliquias de antigos senhorios, funda um novo e mais possante imperio e reconstrue como legislador o que desmembrou como soldado. Tinha Humboldt repartido o mundo physico em provincias isoladas. Cumpria-lhe agora recompôr o grande *todo*, patentear o

universo em sua eterna harmonia e unidade, debuxando e colorindo para a intelligencia e a imaginação, para a sciencia e para a arte, para a realidade e a poesia, um painel maravilhoso, que fosse ao mesmo tempo a brilhante paizagem da natureza, e o transumpto fiel do saber contemporaneo. Esse esforço derradeiro de um engenho vigoroso e de uma creadora phantasia no *Kosmos* apparecia realisado. A téla do magnifico retabulo era o largo peculio experimental do ancião, o pincel o estylo imaginoso dos annos juvenís.

O *Kosmos* é de feito um livro egualmente admiravel como descripção da natureza e como escripto litterario. É ao mesmo passo uma formosa creação esthetica e uma exacta representação do mundo phenomenal. Só o podera traçar e embellecer quem tivesse em grau subido a vasta comprehensão do sabio omnisciente e a inventiva graciosa do artista consummado. Como obra de sciencia deveria o *Kosmos* trasladar para um quadro succinto, mas completo a encyclopedia do

seu tempo. Como livro de litteratura haveria de invocar a profunda erudição do sabedor universal, os primores de uma opulenta imaginação, e os segredos mais reconditos na arte de escrever. Seria para os sabios um immenso repositorio de factos solidamente averiguados, e de leis empiricamente deduzidas ácerca do mundo physico e das suas estreitas affinidades com o mundo intellectual. Para o vulgo dos ledores era uma deleitavel e mimosa composição, em que as asperezas da sciencia positiva appareciam amenisadas com os enfeites multicores do estylo e da poesia. Os sabios ao lêr o *Kosmos* podiam vêr em breve epilogo retratado o universo na sua augusta unidade e harmonia e os mais eruditos conhecedores em cada provincia da sciencia iriam aprender n'aquella selecta da natureza, senão os factos experimentaes, as engenhosas concepções da sua causalidade e ligação. Os leitores menos affeitos aos estudos scientificos seriam por Humboldt introduzidos a contemplar as scenas luminosas e ridentes,

ou sublimes e infinitas da natureza tellurica ou celeste, como os curiosos visitadores de uma vasta e preciosa galeria são amoravelmente encaminhados a admirar as obras primas por um guia ou *mystagógo* officioso, que lhes vae apontando em attractiva elocução as maravilhas da palheta e do cinzel e explanando a historia intellectual das venustas e originaes composições.

Ideára Humboldt aquella sua dilecta producção para contentar a dois instinctos ou vocações da sua privilegiada intelligencia. Quizera como artista buscar assumpto ao estro descriptivo, em que já provára a mão e o pincel no seu livro dos *Aspectos da natureza*, nas *Vistas dos monumentos e cordilheiras*, e em muitos passos memoraveis da relação de suas viagens. Não era porém apenas a animada e colorida hypotypose do universo, a que podia encher-lhe as medidas ao talento. Em Humboldt havia, como em Aristoteles, duas feições espirituaes, que parecendo entre si discordes e repulsivas, se congraçavam irmãmente como as duas

côres complementares de um perfeito entendimento: a inquirição dos phenomenos singulares, e a comprehensão das leis universaes. Ninguem era mais paciente e minucioso no exame e averiguação dos factos individuaes, quer fosse na investigação da natureza, quer na historia da humanidade. Com a mesma exacção escrupulosa o vemos observar as mais fugazes variações na distribuição do calor e na acção do magnetismo terrestre, descrever, em seus minimos accidentes, a fórma e o organismo de um calix ou de uma corolla, examinar e distinguir as rochas, os mineraes, os fosseis, a estructura e os productos dos vulcões. E com a mesma incansavel applicação, quasi de benedictino jubilado em proseguir fadigosas perquisições, e embrenhar-se em cartularios, o vemos em muitos dos seus tratados, principalmente no *Exame critico*, exceder os mais zelosos perscrutadores de successos e datas particulares. Quem era tão primaz em estudos parciaes, e em tantas e tão varias provincias do saber, bem podera

contentar-se com este officio de pasmosa erudição e de critica severa. Não o julga assim Humboldt. Aquelle trabalhar de tantos annos em tão apartadas regiões, na Europa, na America, na Asia, nos mares, nos desertos, nos rios colossaes do Novo mundo, nos picos da Cordilheira ou nas quebradas do Ural, nas florestas e nos *lhanos*, nas bibliothecas e nos archivos, aquelle compulsar phenomenos sem numero, aquelle versar milhares de livros em idiomas diversissimos e de assumptos discrepantes, é apenas lavrar os materiaes e polir e affeiçoar as pedras para a sumptuosa edificação, que desde os aureos annos têm na mente.

O caracter essencial do seu espirito era a intuitiva apprehensão da unidade na traça e legislação da natureza. Reduzir a apparente anarchia dos phenomenos á regrada ordenança de um *todo* harmonioso, governado por leis inviolaveis e perpetuas, era a mais grata aspiração do seu engenho. «A natureza (diz Humboldt), racionavelmente considerada, isto é submettida na sua totali-

dade ao lavor do pensamento, é a unidade na diversidade dos phenomenos, a harmonia entre as coisas creadas dissemelhantes pela fórma, pela propria constituição, pelas forças que as animam. É o *Todo* (tò pãn) penetrado pelo anhelito da vida. O resultado mais importante de um estudo racional da natureza, é o discernir a unidade e harmonia n'este conjuncto immenso de existencias e de forças, o abranger com o mesmo ardor o que se deve aos descobrimentos dos seculos preteritos e aos do tempo, em que vivemos.» [1]

Eis ahi em substancia bosquejado o assumpto e o proposito da obra monumental. O *Kosmos* tem por fim representar a evolução intellectual no estudo e comprehensão da natureza, e expôr e encadear quanto era já sabido ácerca dos phenomenos terrestres e astronomicos no tempo, em que o livro se compoz. É ao mesmo passo a chronica do universo, e os fastos do pensamento, em que elle se reflecte e se dese-

[1] *Cosmos*, trad. franc., I, pag. 3 e 4.

nha, com os traços vigorosos da philosophia e da sciencia, ou com os matizes irisados da imaginação e da poesia; descripção objectiva da natureza organisada e inorganica, e subjectiva reproducção do mundo material. Historia dos factos e historia das idéas. São duas series, que se entrelaçam mutuamente e reciprocamente se illuminam, a serie dos phenomenos, de que o espaço está urdindo a tela da natureza, e a serie das concepções, de que o tempo vae tecendo a civilisação da humanidade. Assim humanidade e natureza andam no *Kosmos* associadas como os dois factores ineluctaveis do todo universal. Assim, após um divorcio de tantos seculos, a natureza e o espirito apertam novamente, nas aras da sciencia, os vinculos do seu mystico noivado. «A sciencia (segundo Humboldt) só começa para o homem no momento, em que a intelligencia toma posse da materia e busca submetter a massa das experiencias a racionaes combinações. *A sciencia é o espirito applicado á natureza.* Mas o mundo

externo só existe para nós em quanto por meio da intuição, intimamente o reflectimos em nós proprios. Assim como o entendimento e as fórmas da linguagem, o pensamento e o signal, estão unidos por indissoluveis e secretas ligações, assim tambem o mundo externo se confunde, sem que d'isso tenhamos quasi a consciencia, com as nossas idéas e sentimentos.» [1]

Á semelhança de Bonaparte, de quem o poeta cantou:

> Ei si nomó: due secoli
> L'un contro l'altro armato,
> Sommessi à lui si volsero,
> Come aspettando il fato. [2]

teve Humboldt a singular preeminencia de pertencer a dois seculos, que na historia intellectual ficarão perpetuamente assignalados como os dois mais grandiosos marcos milliarios na estrada real da humanidade. A florescencia juvenil do seu talento coincide com este ponto, em que o seculo XVIII

[1] *Cosmos*, trad. franc., I, 76.
[2] Manzoni, *Il cinque maggio*, est. V.

se despede glorioso, legando ao seculo seguinte a herança da revolução. Revolução no pensamento philosophico, revolução no saber especulativo, revolução na sciencia experimental, revolução nas fórmas sociaes, revolução nas idéas, nos costumes, nas crenças, nas tradições. O XVIII seculo ao baixar á urna cineraria entrega ao movimento intellectual do seculo XIX, com pontos de interrogação, todo o seu cabedal de sentimentos e noções. Entrega-lhe Deus, a natureza, a humanidade. Entrega-lhe a anarchia, a duvida, a guerra, o desconforto, e pede-lhe a paz, a liberdade, a sciencia, a consolação.

Foi no ultimo decennio do seculo XVIII que Humboldt concebeu a idéa fundamental da sua obra. Era quando o grande naturalista andava n'aquella espiritual e culta sociedade de Jena e de Weimar. Ali reinavam os systemas idealistas e o pendor para as arrojadas generalisações. A impulsão para exalçar o espirito ás aereas paragens do universal é já predominante nos pensadores mais originaes d'aquella epocha. O mun-

do, a natureza, a humanidade são idéas, que subjugam e attraem os espiritos com a força irresistivel das sublimes abstracções. Kant, Schiller, Goethe, Herder, exprimem em fórmas philosophicas ou litterarias a fecunda tendencia dos espiritos para a unidade e a harmonia e inauguram a revolução nos dominios puramente intellectuaes. Montesquieu, Voltaire, Rousseau e d'Alembert, continuados na doutrina pelos tribunos das assembléas democraticas, imprimem na idéa da humanidade o prestigio e o cunho da revolução.

A aspiração poetica, vaga, indefinida para a unidade suprema e ideal do universo apparece já manifestada no monologo do *Faust*. O poeta-naturalista põe na bocca do sombrio personagem a duvida e a esperança de sentir e decifrar a sublime economia da natureza:

Wie alles sich zum Ganzen webt,
Eins in dem andern wirkt und lebt!
Wie Himmelskraefte auf und nieder steigen
Und sich die goldnen Eimer reichen!
Mit segenduftenden Schwingen

Vom Himmel durch die Erde dringen,
Harmonisch all das All durchklingen!
Welch Schauspiel! aber ach! ein Schauspiel nur!
Wo fass'ich dich, unendliche Natur?[1]

Comprehender a unidade da natureza, sem preterir os phenomenos particulares, era tambem o intento do escriptor ao delinear o plano do seu *Kosmos*. Saira Humboldt de um seculo, onde imperava a intuição especulativa, para outro seculo, em que era preeminente a energia experimental. Dos grandes philosophos e pensadores, que illuminavam a Allemanha da sua juventude, herdára o espirito da synthese ideal. Mas entrado n'outra era e em phase diversa do pensamento scientifico, o exemplo e o in-

[1] «Como tudo se entretece n'um todo universal! Como de um a outro ser se communica a vida e a influição! Como as forças do ceu estão subindo e baixando sem cessar, passando umas a outras as suas aureas taças! E com balsamicas e abençoadas vibrações vem desde o ceu a penetrar a terra e fazem harmonicamente resoar o todo universal. Que espectaculo! Mas, ah! apenas espectaculo! Onde poderei eu comprehender-te, ó infinita Natureza?» Faust, par. I, monolog., em Goethe's, *Saemmtliche Werke* (obras completas), Paris, 1836, II, pag. 153 e 154.

fluxo dos sabios, que forçavam a natureza a responder ás interrogações da experiencia, haver-lhe-iam moderado e reprimido os impetos da especulação idealista, se a feição peculiar do seu talento o não chamasse espontaneamente a uma discreta conciliação entre o arido empirismo das sciencias naturaes, e o perigoso racionalismo das transcendentes cogitações.

As doutrinas, em que no *Kosmos* está cifrada a unidade e a harmonia do universo, não são propriamente estas aventurosas antecipações, com que a rasão pura, pelo talisman de uma artificiosa dialectica, pretende a sós comsigo, e ausente do mundo objectivo, adivinhar pelos processos *à priori* os arcanos do universo, ou antes intimar a lei á natureza, sem a ouvir, nem compulsar, e fundir de um só jacto a creação nos moldes ambiciosos da phantasia philosophica. O espirito do *Kosmos* não é propriamente uma philosophia da natureza, como a subtil especulação, que sob o mesmo nome exercitou o engenho transcendente de Hegel e de

Schelling. É antes uma discreta e inductiva generalisação, como a tinha ensinado na renascença das sciencias o entendimento positivo de lord Bacon, e n'um livro precioso a explicára em nossos tempos sir John Herschell.[1] Guardada a distancia incommensuravel entre o genio creador e o talento de menos inventivos predicados, o *Kosmos* pertence ao mesmo cyclo, em que figura, como a biblia moderna da natureza, o escripto immortal de Isaac Newton, os *Principios mathematicos da philosophia natural*. O que La place havia feito para a mechanica dos ceus, na sua admiravel *Exposição do systema do mundo*,[2] veiu Humboldt estendel-o e completal-o, dilatando as fronteiras da sciencia «desde as mais longinquas nebuloses até á distribuição climaterica d'estes leves tecidos de materia vegetal, que variamente coloridos atapetam os rochedos.»[3] O *Kosmos* é o systema do universo, tal qual resulta cons-

[1] *Discurso sobre o estudo da philosophia natural.*

[2] Cosmos, trad. fr., I, 34.

[3] Cosmos, I, 65.

truido pelo espirito, não pela energia creadora do puro entendimento, mas firmado nos alicerces da experiencia pelo exame dos phenomenos e o emprego judicioso dos processos inductivos. É a historia da natureza, opposta ao romance da creação. São os proprios archivos do universo antepostos na fé e na auctoridade aos aereos devaneios da imaginação hegeliana.

É contra esta intoleravel tyrannia da rasão, que vaidosa e arrogante, pretende legislar absoluta sem alheio adjutorio, que Humboldt se levanta a protestar. A philosophia especulativa nas suas emprezas temerarias havia proclamado que bastava a rasão sem a experiencia para construir e explicar o mundo material. O espirito puro, librando-se nas suas azas dialecticas, podia seguro esvoaçar nas regiões da abstracção e fabricar a seu talante o universo. A esta pretenção racionalista responde Humboldt não instituindo uma nova philosophia, mas instaurando o que poderamos appellidar a *critica da natureza*. «Estão ainda bem distan-

tes para nós aquelles tempos (diz Humboldt) em que pelas operações do pensamento, será possivel reduzir á unidade de um principio racional, tudo quanto apercebemos por meio dos sentidos. Poder-se-ha porventura duvidar se no campo da philosophia da natureza tal victoria nos será dado conseguir... Mas presuppondo que na sua total comprehensão seja insoluvel o problema, uma solução parcial, a tendencia para *entender* o mundo, não deixará de ser o fim sublime e eterno da observação da natureza.» [1] Está pois remota a epocha, em que, a juizo do grande pensador, o espirito emancipado de todo o subsidio da experiencia, poderá elevar-se por si mesmo e imprimir á natureza uma segunda creação, a creação intellectual. Talvez esta apotheose da rasão será para todo o sempre uma soberba, mas vã aspiração da humana impaciencia. Não perde, porém, o espirito os seus fóros, a *idéa* a sua alta jurisdicção. A sciencia será nulla sem a *idéa* e sem o *espirito*. A physica do

[1] Cosmos, trad. fr., I, 74.

mundo *(physische Weltbeschreibung)* n'isto exactamente se distingue da vulgar cosmologia, em ser, não o catalogo dos factos, mas a totalidade dos phenomenos, penetrados pela energia vivificante de um principio, que as antigas philosophias symbolicamente representaram pelo *nous* de Anaxagoras, e a *alma do mundo*, de Platão. «O termo para o qual as sciencias devem directamente encaminhar-se, é o descobrimento das leis, do *principio de unidade*, que se revela na vida universal da natureza.» [1] Ahi temos pois claramente expressa e respeitada a forçosa intervenção do espirito e da idéa na construcção racional do universo. Não contestava Humboldt a preeminencia da rasão acima da experiencia applicada, sem liame intellectual, aos phenomenos singulares e isolados. Nega porém em nome da sciencia positiva as vaidosas pretenções hegelianas de que a philosophia da natureza possa estear-se unicamente nas previsões da rasão pura. O caracter logico do *Kosmos* é um empirismo ra-

[1] *Cosmos*, trad. fr., I, 43.

cional, em que os factos individuaes ministrados pela observação se affeiçoam e modelam n'um organismo racional pela força plastica do espirito. «Não é meu proposito (escreve Humboldt) n'este ensaio sobre a physica do mundo, o reduzir a totalidade dos phenomenos sensiveis, a um exiguo numero de principios abstractos, cifrando unicamente na rasão a sua base. A physica do mundo (segundo emprehendi explanal-a) não tem a ambição de se elevar ás perigosas abstracções de uma sciencia puramente racional da natureza... Alheio ás profundezas da philosophia puramente especulativa, o meu ensaio sobre o Kosmos é a contemplação do universo, *fundado n'um empirismo raciocinado.*» [1] No systema do profundo naturalista, o raio de luz intellectual não parte dos recessos intimos do espirito para illuminar o mundo externo, e desenhar pelo abuso da abstracção a imagem monstruosa do universo; antes vem do mundo phenomenal reflectir no entendimento a verdadeira effigie

[1] *Cosmos*, I, 36.

da natureza. O primeiro processo é o d'aquelles antigos poemas philosophicos, onde sob o titulo de *peri phuseôs*, cada sonhador aventuroso, nas idades infantis do pensamento hellenico, devaneava a seu sabor o mundo physico. É o caminho de Aristoteles nos tractados, em que o espirito, por uma visão introvertida, e dando as espaldas ao universo material, procura decifrar á sua maneira, a puros golpes de raciocinio metaphysico, o enygma da creação.[1] É o methodo observado por Hegel e por Schelling nas suas philosophias da natureza. O segundo processo é o de Copernico, de Kepler, de Newton, de Laplace, d'estes gloriosos fundadores da physica celeste, que em escriptos immortaes erigiram em seus

[1] Nos tractados *De Coelo*, *Naturales Auscultationes*, *De generatione et corruptione* e outros. Vej. no tractado *De Coelo*, liv. II cap. IV a subtil deducção da fórma spherica do universo, tomando por fundamento a premissa de que a sphera é o solido perfeito por excellencia; e no liv. II cap. XIV a serie de raciocinios tão artificiosos, como vãos, com que Aristoteles procura demonstrar a immobilidade da terra no centro do universo.

indestructiveis alicerces a verdadeira philosophia da natureza. É pela experiencia, vivificada pela analyse e a inducção, que Humboldt seguindo a trilha d'aquelles grandes mestres, criticando as series de phenomenos, percorrendo a gradação hierarchica das successivas generalisações, intenta firmar em solidos esteios a sciencia philosophica do Kosmos. «O ultimo fim das sciencias experimentaes é (diz Humboldt) remontar á existencia das leis, e generalisal-as progressivamente. Tudo o que ultrapassa aquelle termo, já não póde cair nos dominios da physica do mundo e pertence a outro genero de mais elevadas especulações.» [1]

O empirismo philosophico de Humboldt não condemna, com a estreita intolerancia dos sabios positivistas, o uso regrado e sobrio da rasão especulativa na construcção subjectiva do universo. Elle proprio confessa que a pura e ideal intuição da natureza pela philosophia transcendente, exalçaria a scien-

[1] Cosmos, I, 37.

cia do Kosmos á mais alta dignidade.[1] O empenho de reduzir no *Kosmos* á unidade racional a multidão innumeravel dos phenomenos não vae além das concepções empiricas, que tem por instrumentos essenciaes o encadeamento racional dos factos, a generalisação das observações particulares, o descobrimento das leis da natureza pelo trabalho perseverante da analyse e da inducção. No actual *momento* da evolução intellectual, accusa Humboldt de prematuras e inferteis as tentativas de fundar uma nova metaphysica da natureza. Parece-lhe que o espirito, á semelhança dos antigos navegadores em seus periplos, mal póde ainda perder vista do hospedeiro littoral, e, engolphando-se em mares tenebrosos e impervios, trocar pela certeza do naufragio a esperança de porto e salvamento. A philosophia da natureza, á feição de Hegel e de Schelling, affigura-se-

[1] «Des conceptions de l'univers, qui seraient uniquement fondées sur la raison, sur les principes de la philosophie spéculative, assigneraient sans doute á la science du Cosmos un but plus élevé.» *Cosmos*, I, 74.

lhe um lastimoso incitamento a que as intelligencias estudiosas, despregando os olhos do livro experimental, retrocedam com exaggerado symbolismo ás fórmas escholasticas da idade média. Os delirios philosophicos da Allemanha juvenil, durante alguns annos inebriada pelo nectar deleterio da philosophia transcendente, na expressão severa e pictoresca do physico prussiano, são as *breves saturnaes* de uma sciencia puramente ideal da natureza.[1]

O que Humboldt condemna é pois a orgia da rasão orgulhosa e desvairada, não o

[1] «Les systèmes de philosophie de la nature ont éloigné les esprits, dans notre patrie, pendant quelque temps, des graves études des sciences mathématiques et physiques. L'énivrement de prétendues conquêtes déjà faites, un langage nouveau bizarrement symbolique, une prédilection pour des formules de rationalisme scolastique plus étroites que jámais n'en connut le moyen âge, ont signalé, par l'abus des forces chez une jeunesse généreuse, les courtes saturnales d'une science purement idéale de la nature.» Cosmos, I, 75.— N'uma carta a Varnhagen chamava Humboldt ao predominio da philosophia transcendente o «baile de mascaras dos estolidos philosophos da natureza.» *(bal en masque der tolisten Naturphilosophen).* Bruhns', *A. von Humb.*, I, 2.

temperado festim do puro entendimento. Na sua philosophia, mais affin com a de Kant do que achegada ao idealismo transcendente dos seus illustres contemporaneos, o phenomeno antecede a idéa, a experiencia a intuição espiritual. Mas o facto só por si é a pedra truncada, solta, desligada, perdida nas ruinas de um grandioso monumento. Para haver sciencia é necessario unir os desconnexos materiaes, segundo a traça bosquejada pelo espirito, e debuxada nas *idéas*. Sómente d'este modo se põe de manifesto a absoluta identidade entre as leis da natureza e as leis do pensamento, e se levanta pela energia da rasão o edificio magnifico do Kosmos na sua duplice condição de *bello* e *verdadeiro*.

Castigando com acerbas ironias a philosophia da natureza, tal como a concebia o idealismo transcendente de Schelling, ou o idealismo absoluto de Hegel, o genio perspicaz e luminoso do naturalista não podia condemnar ao mesmo tempo toda a applicação da *idéa*, do principio intelligivel ao

descobrimento da essencia e das leis do universo. Humboldt ao revez venerava os nobilissimos esforços da rasão, quando não desdenhavam por indigna e trivial a experiencia. A sua voz eloquente reprova o empirismo irracional, que pronuncia o divorcio irrevogavel entre o espirito e a natureza.[1] «O abuso do pensamento (diz Humboldt), as erradas veredas, por onde se transvia, não poderiam canonisar uma opinião, que tenderia a deshonrar a intelligencia,— a de que o mundo das idéas é de sua propria condição um mundo de phantasmas e visões, e que os thesouros grangeados por observações laboriosas tem na philosophia uma potencia hostil, que as ameaça.» [2]

[1] «Que l'on oppose la nature au monde intellectuel, comme si ce dernier n'était pas compris dans le vaste sein de cette nature, ou bien que l'on l'oppose à l'art, défini comme une manifestation de la puissance intellectuelle de l'humanité, ces contrastes, reflétés dans les langues les plus cultivées, ne doivent pas pouer cela conduire à un divorce entre la nature et l'intelligence, *divorce, qui réduirait la physique du monde à n'être plus qu'un assemblage de spécialités empiriques.*» *Cosmos*, trad. fr., I, 76.

[2] *Cosmos*, I, 78.

Ao volver da sua expedição americana, achára os espiritos na Allemanha repartidos em duas facções intolerantes e accesas no combate. De um lado os estremes idealistas, tentando desentranhar do seio do *absoluto*, pelo conjuro e symbolismo da sua temeraria dialectica, a realidade infinita da natureza. Á outra parte os sectarios do empirismo, os exclusivos partidarios do processo experimental, acoimando por illusorias as illações da theoria, e substituindo cegamente á soberania do pensamento e da noção a tyrannia do scalpello e da retorta. Schiller, dirigindo-se uma vez aos philosophos transcendentes e aos investigadores da natureza, havia dito como em linguagem oracular: «Subsista entre vós a hostilidade. É cedo para a alliança. Quando estiverdes separados em vossas indagações, então será realisado o advento da verdade.» [1]

Era n'aquelles dias, em que Schelling ati-

[1] Feindschaft sei zwischen euch! Noch kommt das Bundniss zu fruehe.

Wenn ihr im Suchen euch trennt, wird erst die Wahrheit erkannt.

rava á geração, que ainda presenciára os trabalhos experimentaes de Priestley e Lavoisier, o aphorismo celebrado, que expedia á rasão pura o diploma da divindade: «Philosophar sobre a natureza, é *crear* a natureza.» Estreitado pela impenitencia dos seus contradictores, o illuminado professor de Jéna e Wurtzburgo, saudava no grande physico prussiano o efficaz pacificador das guerras encendidas entre a philosophia especulativa e a sciencia experimental. «Se um homem do vosso espirito (escrevia Schelling a Humboldt), d'esta plenitude e profundeza de saber, que, se é possivel, parece cifrar em si a totalidade da sciencia, se um homem cujo saber não está apenas limitado á edade contemporanea ou á que de perto a precedeu, antes conhece quanto ha de grande nos seculos passados e bebeu na antiguidade o genio, que a inspirou,—se uma intelligencia tão universal quizesse submetter á sua prova estas novas concepções (as idéas philosophicas de Schelling), qual não seria o influxo da decisão, e o proveito para

o espirito da humanidade!»[1] A este convite gracioso contestava Humboldt reconhecendo os meritos do pensador idealista: «Em meu conceito a revolução, que tendes operado nas sciencias da natureza, é uma das mais bellas epochas d'esta fogosa edade, em que vivemos... Apesar de que tenho sempre dirigido ao mundo externo os meus esforços, ninguem mais do que eu admira o que o homem cria e desentranha das profundezas intimas do espirito.»[2]

Não é menos expressivo o testemunho de Humboldt em favor do poderoso talento dialectico de Hegel, quando professa os principios capitaes da sua fecunda philosophia. Como o auctor do idealismo absoluto proclama Humboldt o lemma fundamental de que «o mundo objectivo por nós pensado, e em nós reflectido, está sujeito ás fórmas eternas e necessarias da nossa natureza intelle-

[1] *Aus Schelling's*. In Briefen (Vida de Schelling. Em cartas). Leipzig, 1870, II, 47-50. Carta de Schelling a Humboldt, de janeiro de 1805.

[2] Bruhns', *Alex. von Humb.*, I, 228–229.

ctual.»[1] Mas quando Hegel, despresando a experiencia, se adianta a fabricar sobre imaginarios alicerces o edificio inconsistente de um Kosmos romanesco e fabuloso, quando o mestre nos affirma que o *metal é a luz coagulada*, que o sol com os planetas e os satellites prefazem um syllogismo completo, que a noção perfeita do movimento é sómente realisada no mundo planetario, que se podem honrar as estrellas, pela sua magestosa serenidade, mas que ellas são inferiores em dignidade ao systema concreto do sol, quando Hegel, não podendo immoldurar a variedade infinita dos phenomenos individuaes no quadro estreito da sua dialectica, despresa a natureza, porque à priori não a sabe explicar,[2] então o philosopho ex-

[1] *Cosmos*, trad. fr., I, 75.—«A natureza, dizia Hegel, é a *idéa* sob a fórma de um *outro*; é a *idéa* reflectida fóra de si, determinada como *exterioridade*.» Willm *Hist. de la phil. allemande*, IV, 232.

[2] «Cette varieté de formes naturelles qu'on admire comme une richesse, n'est qu'impuissance, et c'est cette impuissance de la nature, qui empêche la philosophie de tout expliquer. C'est donc à tort qu'on exige d'elle de comprendre ce qui est étran-

perimental, apegando-se com fé inabalavel ao mundo dos phenomenos, contempla, sorrindo e lastimando, a ascensão do genio especulativo, que librado no seu ligeiro aerostato se perde sem norte e sem esteio nos caliginosos nevoeiros do delirio intellectual. A rasão humana é como o diamante. No estado crystallino vence com os seus gumes as grandes resistencias da materia. Se porém o experimentamos a incomportaveis temperaturas, subtilisa-se e esvaece-se n'um gaz. O homem aponta com a cabeça para o ceu, — a região symbolica do espirito, — mas firma os pés na terra, como se nas suas mais ethereas cogitações haja de sentir perpetuamente, por eterno *memento* da sua limitação, o contacto do mundo material.

Separada da idéa a natureza (disse Schelling) é sómente o cadaver da intelligencia, a intelligencia petrificada. Mas separemol-a egualmente da observação e da experiencia, e a natureza será apenas a imagem desfi-

ger à l'IDÉE.» Willm, *Hist. de la phil. allemand.* IV, 235.

gurada da intelligencia delirante, a grotesca anamorphose da morbida e excitada phantasia.

É conservando ao espirito a sua natural preexcellencia, mas venerando na sciencia experimental a diligente ancilla da rasão e da theoria, que Humboldt busca no *Kosmos* levantar-se á contemplação harmonica do mundo, e á noção altamente philosophica do *todo* universal. O maior e mais claro espirito de toda a antiguidade havia justamente ponderado que dos phenomenos se conclue não ser a natureza incoherente e descosida, á semelhança de uma tragedia miseravel.[1] Se pois a natureza, pelo estado imperfeito dos estudos, se não póde por emquanto reduzir á unidade metaphysica, é bem que ao menos a possamos comprehender como unidade esthetica. A primeira refere-se á essencia, á causalidade, á lei primordial. A segunda, mais modesta, é apenas concernente á ordenança, á belleza, á harmonia. Para a primeira o mundo phenome-

[1] Aristot. *Metaphys.*, XIII, 2, Edit. Did. II, 633.

nal é a *phúsis*[1] dos Jonios, que na sua infinita opposição e variedade se resolve n'um só principio universal. Para a segunda é o *Kosmos* dos pythagoricos, o *mundus*, o ornato, o bello inalteravel, em que a regrada contextura é determinada pela proporção e pelo numero.

O *Kosmos* de Humboldt é pois antes de tudo uma creação esthetica, uma obra principalmente litteraria. Como representação do mundo material, como *descripção physica do universo*, o seu valor, pela mobilidade essencial, pela indole progressiva das sciencias, era de necessidade transitorio. A unidade, predominante n'este escripto admiravel, é a unidade architectonica, semelhante á que preside á traça e construcção de um edificio monumental. Este caracter profundamente litterario assignala particularmente os dois primeiros tomos, que foram por assim dizer fundidos de um só golpe, em

[1] *Phúsis*, a *natureza*, do verbo *phuó*, identico ao sanscrito *bhú*, que exprime a essencia, a entidade, o *ser*. *Kosmos*, a ordem, a regularidade, o ornato, a belleza, a harmonia.

quanto os dois seguintes são apenas scientificas ampliações, commentarios experimentaes á pintura da natureza com ligeiro pincel bosquejada e colorida nos volumes antecedentes. É por isso que são estes os que andam mais deletreados e applaudidos entre o vulgo dos leitores. É n'elles que vivem estreitados por vinculos indissoluveis os *phenomenos* e as *idéas*, a materia e o espirito, a natureza e a humanidade, a historia da intelligencia e a historia da creação. É n'elles que ao ornato physico do mundo, ao *Kosmos* material, corresponde o estylo, que é o *kosmos* da idéa e da linguagem. É n'elles que a poesia apparece enlaçada no dizer com a austera exactidão dos quadros naturaes. É n'elles que a simpleza scientifica das descripções vem alternar discretamente com as pompas oratorias. «Porque assim é (diz Humboldt) a propria natureza. As estrellas refulgentes deliciam e encantam os espiritos, e comtudo os astros circulam na abobada celeste, descrevendo figuras mathematicas.» [1]

[1] «Dem Oratorischen muss das einfach und wis-

Entre os dois tomos, que podemos appellidar o *Kosmos* estylistico, a obra perfeita pela sua unidade litteraria, o primeiro é consagrado n'uma larga introducção a apreciar as varias gradações do praser espiritual, produzido pela contemplação da natureza e pela investigação das suas leis; a expôr o plano da obra, e discutir os principios capitaes da philosophia da natureza, segundo o *idealismo experimental*, professado pelo auctor. O livro é completado por um rapido, mas vivissimo bosquejo, em que apparece delineada a immensa paisagem do universo, sob o titulo de *Naturgemaelde*, ou pinturas da natureza. Ali, concentrando a luz intellectual nas grandes massas de phenomenos, o estro descriptivo do estylista desenrolla á nossa contemplação, como n'um cyclorama luminoso, o mundo das nebuloses, as estrellas multiplas, que demonstram

senschaftlich Beschreibende immerfort gemischt sein. So ist die Natur selbst. Die funkelnden Sterne erfreuen und begeistern, und doch kreist am Himmelsgewoelbe alles in mathematischen Figuren.» Humb., *Cartas a Varnhagen*, n.° 16.

nas mais longinquas regiões a persistencia da attracção universal; depois o systema solar com o seu cortejo de planetas, de cometas, de satellites; os aerolithos, as estrellas cadentes, a luz zodiacal, o movimento de translação do sol, a gravitação, a via lactea, a propagação da luz atravez dos espaços estellares. Ao breve, mas artistico desenho do firmamento, succede a descripção da terra, considerada quanto ás suas qualidades planetarias, á distribuição do calor, do magnetismo, da electricidade, á estructura geologica e aos phenomenos vulcanicos, á athmosphera, ás aguas e aos mares, á vida animal e vegetal, e á distribuição geographica dos seres organisados. O homem, e as suas distincções de raça e de familia, as linguagens e as suas relações e affinidades, apparecem como remate á brilhante descripção do universo. Segundo a predilecta concepção de Humboldt, a humanidade vem assim completar a natureza.

No primeiro volume fica debuxado o mundo objectivo. Agora propõe-se Humboldt no

segundo contemplar a imagem do Kosmos reflectida na superficie limpida do espirito. Ora o espirito da humanidade tem como que duas faces, em que póde espelhar-se a natureza, segundo leis diversas da optica intellectual. A primeira face é a imaginação. A segunda o raciocinio. Na primeira a natureza desenha-se com os seus contornos vagos e esbatidos, e aduna-se em mystica união com o sentimento. Na segunda tende a figurar-se, como em projecção exacta e geometrica, e a fundir-se logicamente com a rasão. Na primeira apparece como representação sentimental, ou como *arte*. Na segunda, como construcção ideal, ou *philosophia*. D'ahi provém que a historia da natureza subjectiva se reparte no *Kosmos* em duas series parallelas: a historia esthetica, e a historia racional.

Na historia do universo, copiado livremente na phantasia, desdobra Humboldt perante o seu leitor uma das télas mais formosas da sua galeria universal. É o resumo eloquente da litteratura da natureza nas gen-

tes aryanas e semiticas, — na antiguidade italo-grega, entre os povos de stirpe celtica e germanica, nos hindús, nos persas, nos arabes e nos hebreus. A poesia lyrica do velho testamento offerece ao profundo historiador da arte descriptiva os mais eloquentes e sublimes esbocetos do universo. O psalmo CIII [1] e principalmente o capitulo XXXVIII do livro de Job, attestam nos poetas de Israel um admiravel sentimento das formosuras e harmonias naturaes. Não esquece a Humboldt a influencia do christianismo, e a doce melancholia, que sob o seu influxo dá ás tintas e aos toques nos paineis da natureza um tom suave e mysterioso. N'esta serie de memoraveis escriptores resplandecem a espaços, marcando as mais gloriosas estações da moderna humanidade, os altissimos talentos, que foram em cada epocha a personificação do pensar contemporaneo. No alvorecer da christandade os padres da egreja,

[1] «On peut dire que le 103[e] psaume est à lui seul une esquisse du monde.» *Kosmos*, trad. fr., II, 51.

que trouxeram para a sagrada litteratura no estylo e na dicção as graças inimitaveis da musa gentilica. No apogêo da edade média o Dante, o maior entre os poetas christãos, o tôrvo ghibelino, cujo espirito era feito de selvaticas paixões e de affectuosos sentimentos, e a *Divina commedia*, onde o entrecho se compõe de tenebrosas e lobregas visões e de amoraveis e luminosas phantasias.[1] Já em plena renascença, o Camões, de quem Humboldt affirma, á fé de naturalista viajante, que «na parte descriptiva dos

[1] *Cosmos*, II. 57, 58. Humboldt cita do *Purgatorio*, I, 115 e segg. aquelles magnificos versos, em que o poeta descreve com o seu animado laconismo a plena claridade matinal, reflectindo-se nas ondulações do mar:

> L'alba vinceva l'ora mattutina
> Che fuggía 'nnanzi, sí che di lontano
> Conobbi il tremolar della marina.

Do canto V, 109-129 refere a tragica narração de Buonconte de Montefeltro, um dos chefes ghibelinos mortos na batalha de Campaldino, onde o proprio Dante pelejára com denodo. A descripção das chuvas e de como ellas engrossam as aguas torrentosas do Arno, que vão rollando o cadaver de Buonconte, merece na verdade o logar, que Humboldt lhe assignala na serie dos poemas descriptivos. Do *Purga-*

Luziadas, nunca o enthusiasmo do poeta, o encanto dos seus versos, e os accentos melodiosos da sua melancholia alteráram n'um só ponto a verdade dos phenomenos;»[1] a quem o illustre sabio prussiano tributa o maximo louvor, como a um grande pintor das scenas do Oceano,[2] e um inimitavel colorista de graciosas paizagens.[3] Não omitte Humboldt os dois maiores poetas inglezes, Milton e Shakspeare, o pintor mystico das scenas ultramundanas, e o phantasioso descriptor das grandezas e das miserias terrenaes.[4] Nos tempos mais proximos de nós, o mavioso Chateaubriand e o mais eminente

torio lembra ainda a descripção de uma floresta, XXVIII, 1-33. Os versos do *Paraiso*, XXX, 61-69, vem citados por Humboldt porventura com menor propriedade, porque a pintura, que n'elles se contêm, é a mystica allegoria da gloria celestial, alludindo ao rio do Apocalypse, cap. XXII. Em todo o caso trasladou o poeta para o Empyreo a paizagem natural dos rios e das margens.

[1] *Cosmos*, II, 64-65.

[2] «*Camoens* est, dans le sens propre du mot, un grand peintre maritime.» *Cosmos*, II, 65.

[3] «L'épisode de l'île enchantée offre... le plus gracieux de tous les paysages.» *Cosmos*, II, 67.

[4] *Cosmos*, II, 70, 71.

de todos os paizagistas pelo estylo, Bernardin de St. Pierre, em cujas paginas adoraveis de simplicidade e sentimento, no *Paulo e Virginia* sobre tudo, aprendera Humboldt, como no seu modelo predilecto, a sentir e a descrever a natureza tropical.[1]

Á descripção da paizagem pelos matizes da palavra, succedem os paineis da creação pelo encanto do pincel. Humboldt condensa em breve epilogo a historia da arte consagrada a imitar o magnifico scenario da natureza, d'esta arte, que segundo um moderno historiador da *plastica,* da pintura e da tectonica, «representa á contemplação uma determinada idéa poetica, uma propria consonancia do universo ou o caracter individual de uma região e nos faz adivinhar que um espirito supremo inspira a natureza inanimada.»[2] Discorre a largos vôos pela se-

[1] «*Paul et Virginie* m'a accompagné dans les contrées dont s'inspira Bernardin de Saint-Pierre; je l'ai relu pendant bien des années avec mon compagnon et mon ami M. Bonpland.» *Cosmos*, II, 75.

[2] Brunn, *Geschichte der griechischen Kuenstler*, (Historia dos artistas gregos) Stuttgart, 1857, II, 315.

rie dos pintores mais celebrados, que desde Polygnoto e os scenographos, no floreo amanhecer da arte grega, até os grandes mestres, Claudio Lorrain, Ruysdael, Cuyp, Hobbema, Everdigen, Poussin se empenharam em idealisar os quadros naturaes.[1]

A historia dos meios proprios para estimular o sentimento e o amor da natureza, (*Anregungsmittel zum Naturstudium*) encerra-se por uma bella e pictoresca desquisição ácerca dos jardins e das collecções de plantas exoticas, destinadas a reproduzir a physionomia da vegetação nos climas tropicaes, onde a vestidura esplendida da terra não é apenas a tunica delgada, que nas paragens europeas reveste pobremente a nudez dos recostos e dos valles.[2]

Á natureza reflectida no sentimento pela poesia e pela arte segue-se a natureza reflectida na rasão pela experiencia e pela idéa. Á intuição esthetica do universo a

[1] *Cosmos*, II, 85–107,

[2] *Cosmos*, II, 108–118.

concepção racional da creação. Por isso no grande livro de Humboldt á historia da imaginação succede o *desenvolvimento historico da idéa do* Kosmos. Até agora patenteára-se aos olhos do leitor a cultura espiritual, na mais ideal e mais brilhante das suas revelações, a arte e a poesia, desde os poemas primitivos da Grecia e do Hindostão, desde a *Iliada* e o *Ramayana* até ás maravilhosas epopéas, que resumiram na edade média e na renascença, o crer e o sentir das gentes contemporaneas,—a *Divina commedia*, e os *Luziadas*, o poema das luctas intestinas, e o epos das heroicas aventuras além dos antigos términos do mar. Vemos agora desfilar a humanidade n'este prestito solemne, que se chama a civilisação, nos seus dois aspectos principaes, as migrações e correntes ethnologicas, e as conquistas da rasão nas spheras da natureza material. A historia da contemplação physica do mundo é, no dizer de Humboldt, a historia da idéa da unidade applicada aos phenomenos e ás forças simultaneas do uni-

verso.[1] Deve pois compendiar a narração de tudo quanto poude contribuir para que a idéa em seus primordios ainda mal definida e nebulosa fosse ganhando em extensão e lucidez. É pois forçosamente a successão das acquisições intellectuaes, que formam a parte mais esplendida na antiga e na moderna civilisação. É a historia á feição da nova escola philosophica, á maneira de Buckle, e de Walter Bagehot,[2] n'esta sua fórma racional e fecundissima, em que os heroes da chronica dramatisada quasi desapparecem offuscados pela brilhante luz da humanidade e as grandes massas de successos materiaes são apenas a roupagem transitoria das idéas. A progressiva, porém lenta gradação da idéa do Kosmos na ordem chronologica abrange, segundo o plano vastissimo de Humboldt, o livre esforço da rasão, que se levanta á comprehensão das leis da natureza *(denkenden Betrachtung der Naturer-*

[1] *Cosmos*, II, 124.

[2] Na obra *Der Ursprung der Nationen* (a origem das nações).

scheinungen); os successos, que tem amplificado o campo da observação, e finalmente a invenção dos instrumentos, que facilitam a percepção sensivel, e são como novos orgãos destinados a interrogar o universo, no mundo microscopico, ou nos remotissimos espaços, que seriam impenetraveis á curiosidade nua dos sentidos.[1] Nas paginas admiraveis, que completam o segundo volume do *Kosmos* está pois summariada em breves rasgos, com o auxilio de uma prodigiosa erudição historica, philologica, e scientifica, a historia philosophica, n'um dos seus conceitos mais formosos, n'uma tão eminente elevação e com tão vivo e gracioso colorido, que nem Herder, nem Vico, nem Voltaire

[1] «Nous distinguons: 1.° le libre effort de la raison s'élevant à la connaissance des lois de la nature, c'est-à-dire l'observation raisonnée des phénomènes naturels; 2.° les événements qui ont subitement élargi le champ de l'observation; 3.° la découverte d'instruments propres à faciliter la perception sensible, c'est-à-dire la découverte d'organes nouveaux qui mettent l'homme en rapport direct avec les forces terrestres et avec les espaces éloignés, qui multiplient les formes de l'observation et la rendent plus pénétrante.» *Cosmos*, II, 125.

a saberiam com mais profundeza ou mais arte debuxar.

A grande bacia do Mediterraneo descripta nas suas feições hydrographicas e geologicas por quem era mestre, e quasi fundador da nova geographia, é a scena onde se passam os acontecimentos mais notaveis, que produziram a moderna civilisação. Põe Humboldt de manifesto a intima connexão entre os caracteres physicos de cada região e os destinos sociaes dos seus habitadores. A historia apparece firmada pelo grande pensador nos seus fundamentos naturaes, e mais uma vez se patentêa a unidade maravilhosa entre a humanidade e a natureza. Descreve Humboldt em rascunho abreviado a condição de cada povo d'entre os que demoravam antigamente ás orlas do Mediterraneo e a parte que tiveram no grangear e accrescer o peculio da cultura universal. Os egypcios, os tyrrhenios, os phenicios, os etruscos, os phrygios, os lycios, passam, depondo cada qual no thesouro commum da antiguidade o tributo da sua civilisação. Ama-

nhece depois o mundo hellenico, aquelle possante fóco intellectual, em que vem concentrar-se e reflectir-se os feixes luminosos de todas as civilisações antecedentes; prodigioso machinismo espiritual, onde a materia prima das antigas civilisações immobilisadas, se transmuda em novas e fecundas concepções. Segue-se agora o mundo alexandrino, e as expedições aventurosas do guerreiro macedonio. Resplandece logo após a dominação dos Lagides, e esta profunda elaboração em que o mundo grego se ermana e se confunde com o mundo oriental. Roma, ainda que menos original e fervorosa em dilatar os dominios da intelligencia, contribue pelas suas conquistas incessantes, pela extensão do seu imperio a alargar o horisonte das idéas, e põe o sello e o remate á antiga civilisação. Os arabes e a sua cultura scientifica vem mésclar á civilisação do Occidente alguns elementos valiosos, e representam o influxo das raças aramicas nos destinos intellectuaes das gentes aryanas. São como um affluente ao rio cau-

dal e magestoso das idéas através de toda a Europa.

Succedem á media edade os tres mais esplendidos successos na historia da christandade; a arrojada viagem de Vasco da Gama, a empreza temeraria de Colombo e a circumnavegação de Magalhães. Chega finalmente a realisar-se o pensamento, que durante os seculos medios agitára os espiritos, sedentos de ampliar o mundo conhecido. As celebradas peregrinações de Marco Polo, de Mandeville, de Rubruquis, de Nicolò de Conti ás terras mais longinquas do Oriente, as gloriosas tentativas do infante D. Henrique, conduzem por uma cadêa ininterrupta de idéas e de factos até ás heroicas navegações, que sob o Gama patentêam ao nascente as terras mysteriosas da antiga civilisação, ao levante ao mando de Colombo um novo mundo, e á voz de um portuguez, com a bandeira das Hespanhas, tomam posse moral do globo inteiro, e demonstram á evidencia a continuidade spherica da terra. É a época mais luminosa

d'entre quantas a historia ha registrado. É o espirito humano, que chegado á sua maioridade, em rasgos varonis se desafoga da tutella em que jazia, e se espande nas varias direcções da sua energia juvenil. É o tempo, em que Luthero queima publicamente em Wittemberg as bullas pontificias, e em que a intelligencia, proseguindo com fervor reduplicado a sua romaria para o futuro, desentranha dos escombros da antiguidade os torsos e os fragmentos, em que a arte hellenica deixára esculpido o eterno typo da belleza plastica. É o tempo de Miguel Angelo, de Leonardo da Vinci, do divino Raphael. É o tempo, em que Nicolau Copernico desvenda dos seus absurdos involtorios o verdadeiro systema planetario e restitue á rasão o mundo da natureza e da verdade em vez do mundo da superstição e da phantasia. [1] É a quadra maravilhosa, em que o

[1] «Où l'histoire des peuples peut-elle nous montrer une époque comparable à celle dans laquelle des événements aussi gros de conséquences que la découverte et la première colonisation de l'Amérique, la traversée aux Indes orientales par le cap

espirito desperta do seu lethargo, a consciencia quebra as suas prisões, a liberdade lança á gleba as suas sementes mais fecundas, a sciencia alonga em dilatados horisontes as suas miradas sofregas de luz e de infinito. É verdade que a este painel de alegrias e de triumphos se contrapõe o quadro de grandes atrocidades e miserias sociaes. «Os progressos da sciencia do mundo foram comprados, exclama Humboldt, a preço de todas as violencias e cruezas, que os agentes da conquista, apezar de se dizerem civilisadores, levaram de uns a outros confins do nosso globo.» É que sempre a humanidade, como a lua e alguns planetas em pontos singulares das suas orbitas, offerece uma porção da sua face radiante de esplendor e a outra assombreada de sinistra escuridade. E' como se a *idéa* para des-

de Bonne-Espérance, et le premier voyage de circumnavigation de Magellan, se trouvent réunis avec l'épanouissement de l'art, le triomphe de la liberté intellectuelle et religieuse et les progrés imprévus de la connaissance du ciel et de la terre?» *Cosmos*, II, 369.

entranhar-se da materia, carecesse perpetuamente da força e da revolução.

Aos portentosos acontecimentos sociaes, que improvisa ou lentamente dilataram os ambitos á noção do Kosmos, faz Humboldt succeder a concisa enumeração dos grandes descobrimentos scientificos. Aqui vem comparecer os nomes immortaes de Copernico, de Kepler, de Newton, de Galileu, os quatro evangelistas da moderna sciencia do universo. Termina Humboldt com o seculo XVIII a historia da experiencia e da razão que se empenham em decifrar a natureza. D'ahi por diante os factos, as idéas, os descobrimentos, as concepções diffundem-se e multiplicam-se n'uma tão portentosa variedade, que não é dado ao mais synthetico entendimento condensal-as n'um só quadro. Os restantes volumes do *Kosmos* tem por fim compendiar o estado da sciencia contemporanea na sua duplice comprehensão de conhecimento objectivo e de construcção ideal do universo.

Eis ahi representado em breves traços o

assumpto grandioso a que Humboldt consagrou os dois primeiros tomos do seu *Kosmos*, onde está rigorosamente observada, como n'uma verdadeira obra de arte, a unidade esthetica do espirito e da natureza. O *Kosmos* respondia cabalmente ás condições, em que, segundo o seu auctor, deveria ser delineado. «Um *livro da natureza*, (escrevia Humboldt a Varnhagem) deve determinar uma impressão como a da propria natureza, isto é, deve produzir ao mesmo tempo o prazer esthetico e o conhecimento racional, estimular no mesmo grau a phantasia e o entendimento, ser, n'uma palavra, uma composição artistica e uma obra de sciencia.» [1]

D'estes dois aspectos essenciaes, que mysticamente se encadeiam na obra do pantographo eminente, sobreleva a concepção es-

[1] «Ein Buch der Natur muss den Eindruck wie die Natur selbst hervorbringen, d. h. also doch aesthetischen Genuss und rationelle Erkenntniss zugleich hervorrufen, Phantasie und Verstand gleichermassen anregen, kurz ebenso wol ein Kunstwerk sein als ein wissenschaftliches.» Humb. Cartas a Varnhagen, n.° 16.

thetica ao valor encyclopedico do *Kosmos*, a fórma litteraria ao conteúdo scientifico. É como escripto de arte sobretudo que o livro será sempre citado com louvor, e lido com deleitação inexhaurivel. A parte dedicada aos phenomenos naturaes e á construcção ideal do universo, como essencialmente variavel com as conquistas experimentaes e o descobrimento de novas leis empiricas, já hoje destôa dos novissimos progressos da sciencia. O proprio Humboldt prophetisou ao seu escripto um ephemero valor e uma inevitavel decadencia. «Um livro da natureza, que em verdade haja assim de appellidar-se, sómente poderá apparecer quando as sciencias desde seu principio condemnadas a perpetua imperfeição, a custo de perseverança conseguirem engrandecer-se e elevar-se, de feição que as duas espheras, em que se reparte o Kosmos, o mundo exterior percebido pelos sentidos, e o mundo interno reflectido no pensamento, alcancem mais intensa claridade luminosa.» [1] É ainda escas-

[1] *Kosmos*, trad. fr., III, 7.

so e incompleto o thesouro da sciencia. O que julgamos conhecer é apenas um pobrissimo quinhão do que ainda nos reserva o seculo seguinte.[1] Não foi preciso esperar por elle. A investigação da natureza avançou com a mesma velocidade, que distingue em todas as suas innumeraveis relações a presente civilisação. Na segunda metade do XIX seculo inopinadas invenções vieram estender e aclarar o horisonte da sciencia e levantar o espirito a mais justa e brilhante concepção da unidade e harmonia do universo. Estabelecendo a distincção entre a parte uranologica e a tellurica do *Kosmos*, dissera Humboldt que a sciencia dos corpos sideraes e planetarios se avantajava por mais simples ás sciencias particulares do nosso globo, em cifrar quasi inteiramente o seu estudo nas categorias do *movimento* e da *quantidade*, em quanto que a physica

[1] «Il faut partir de ce principe, que ce que nous croyons savoir, d'après l'état actuel des sciences, n'est qu'une très pauvre partie de ce que nous tient en réserve le siécle, qui va venir.» *Cosmos*, IV, 507.

terrestre tinha para difficultar-lhe os problemas a assombrosa variação na *qualidade* e na *fórma* da materia.[1] Porém no proprio anno, em que Humboldt cerrava com os ultimos alentos a sua gloriosa faina scientifica, a analyse spectral, pondo a luz ao serviço da chimica moderna, como nos começos d'este seculo lhe dera a pilha um poderosissimo instrumento, erigia em seus primeiros alicerces a *chimica celeste* e demonstrava,—o que o lume da rasão podera já ter adivinhado, — que a materia cosmica na sua constituição e differença de elementos é egual ou similhante á que compõe o nosso planeta infinitesimo.

A theoria dynamica do calor, iniciada por Mayer e por Joule, operava na sciencia uma d'estas radicaes revoluções, que assignalam á especulação e á experiencia uma nova e fecundissima carreira. Desenvolvida e ampliada pelos trabalhos admiraveis de Rankine, de Hirn, de Helmholtz, de Clausius, de Thomson e de Tyndall, submettida

[1] *Cosmos*, I, 61.

ao mesmo tempo á verificação experimental e á fecundação do calculo, feita o ponto de intersecção nos estudos convergentes dos physicos e dos geometras, proclamava, como a lei fundamental do universo, o principio da *conservação da energia*. Assim a generalisação ascendia a um grau mais elevado na hierarchia das idéas, e enlaçando o mundo estellar e planetario com o mundo do calor, da luz, da electricidade, e cifrando na *energia* o attributo inseparavel da materia, subia mais alto do que Newton na explicação da natureza.

Um abysmo tenebroso havia sempre dos seres organisados separado a que chamavam materia bruta e inorganica. As leis da natureza physica paravam com a sua jurisdicção na portada inviolavel da natureza biologica. Ali regia soberanamente um codigo de obscuras e mysteriosas prescripções. Mas a doutrina da evolução, vagamente presentida por Humboldt como um luminoso principio de unidade no mundo organisado [1],

[1] «La doctrine féconde de l'évolution, nous fait

vem, com as engenhosas analogias e inducções de Darwin, de Haeckel, de Wallace, affeiçoar em novos moldes as sciencias biologicas, avincular ás fórmas primitivas da materia os phenomenos da vida e traçar a continuada successão das existencias desde a nebulose irreductivel até os mais complexos organismos das faunas e das floras actuaes. A synthese dos productos organicos, operada por Berthelot, principia a levantar nos seus mais recatados e ciosos penetraes o veu da natureza organisada e abre ás leis da chimica moderna o mundo, onde imperavam, escudados pela tradição, os mythos do vitalismo.

Uma sciencia quasi de hontem nascida e já adulta, a chronica do homem anterior aos mais antigos testemunhos escriptos ou tradicionaes, vem associar em mais estreitos vinculos as investigações da natureza e os

voir comment, dans les développements organiques, tout ce qui se forme est ébauché d'avance, comment les tissus des matières végétales et animales naissent uniformement de la multiplication et de la transformation des cellules.» *Cosmos*, I, 71.

estudos da humanidade, e dar á historia, como logica e necessaria introducção, a geologia.

Agora com maior intensão e claridade que na epocha de Humboldt, a riqueza dos phenomenos, e a largueza das concepções, permittem ao pensamento abranger e contemplar desde um pincaro mais alto, na sua unidade maravilhosa, a paizagem da natureza, e promettem realisar a lucida e sublime intuição, com que o espirito um dia chegará, não a identificar-se com a natureza, segundo a arrogante aspiração hegeliana, mas a comprehender que uma só materia e uma só energia, perpetuamente conservadas sem augmento nem diminuição, transformando-se em varios modos de *figura* e *movimento*, produzem a téla e o matiz do universo, assim como na pintura hellenica uma ou duas tintas, artisticamente combinadas pelo pincel dos Parrhasios e dos Zeuxis, offereciam á phantasia e á visão todos os encantos da fórma, da luz, do claro-escuro.

Apesar de que no *Kosmos* já não está representada fielmente a sciencia do nosso tempo, nem por isso como vasto repositorio scientifico, perderá nos tempos mais remotos o seu historico valor. Assim tambem as obras encyclopedicas de Aristoteles nos desenham ainda hoje cabalmente o estado da sciencia e dos espiritos na era memoravel, em que o mundo grego se expande e se converte no mundo alexandrino.

Assim tambem as encyclopedias, em que estava comprehendida a sciencia na edade média, o *Thesouro* de Brunetto Latini, o *Speculum naturale* de Vicente de Beauvais, a *Imago mundi* de Pedro de Ailly, não deixaram de ser valiosos monumentos do saber contemporaneo. E mais eram barbaras e descosidas composições, onde a luz da sciencia verdadeira mal conseguia transparecer no adensado nevoeiro de absurdos e ficções.

Com a empreza collossal do *Kosmos* terminam os trabalhos do grande naturalista prussiano. A sua missão intellectual estava

de todo preenchida. Ascendendo n'este livro ás maximas alturas, a que lhe era dado alevantar-se com o espirito para contemplar o infinito da natureza, já não poderia accommodar-se ás estreitezas da vida terrenal. Era chegado a extrema decrepitude. Não abdicára porém inteiramente o pensar e o escrever. A magnifica introducção ás obras completas de Arago é o documento irrefragavel de que o seu engenho triumphava da senil debilidade, conservando nos dias mais provectos a lucidez e a graça no dizer.

Os annos, os trabalhos, as vigilias haviam enfraquecido o vigor do incansavel obreiro intellectual. A enfermidade com assaltos repetidos vencera-lhe afinal a robustez. A 6 de maio de 1859 apagava-se para a sciencia, a civilisação, a humanidade o mais egregio de seus cultores no seculo actual. O dia, em que foi notoria a perda irreparavel, foi de lucto nacional para Berlin. Compungidos pela dôr, e dominados pelo affecto ao grande homem, empenharam-se os seus compatriotas em render-lhe com pompa mais que ré-

gia as derradeiras homenagens. Andaram á porfia a côrte, os grandes, os escolares, a burguezia, os operarios, a qual se extremaria nas publicas demonstrações á memoria do seu illustre concidadão. Parecia que todos disputavam por honra inestimavel, o ter o seu logar no immenso prestito. Associou-se á pompa funebre o principe regente com os membros da sua familia, como se perante as cinzas venerandas de um rei da intelligencia se egualassem, offuscadas e esquecidas, as purpuras brilhantes dos filhos da fortuna com a humilde vestimenta dos peões. Diffundiu-se a toda a Prussia a lastima do tristissimo successo, da Prussia á Allemanha, da Allemanha a toda a parte, onde chegou a moderna civilisação. O castello patrimonial de Tegel recebeu, para lhe dar a ultima jazida, as cinzas d'aquelle, que na sua estreita paizagem boreal havia, desde os annos infantis, aspirado vivamente a conhecer em dilatadas excursões o esplendido painel da natureza.

Assim passou á posteridade um dos no-

mes que mais tem abrilhantado os fastos da rasão e da sciencia. A gloria de Humboldt, solemnemente canonisada por todas as nações, não é apenas patrimonio da Allemanha, senão thesouro commum da humanidade. A natureza não tem patria, nem a sciencia tem solar. Assim tambem os altissimos engenhos, que personificam uma epocha, e resumem uma inteira civilisação, não pertencem apenas á terra do seu berço. Como seu proprio cidadão os podem reivindicar, os que acima dos interesses egoistas, que dissociam as nações, veneram a rasão cosmopolita, que tende a enfeixar pela idéa e pelo espirito em uma só familia a humanidade. Humboldt foi uma d'essas abençoadas intelligencias, que illuminam todo um seculo e desferem os seus vôos esquecendo as fronteiras dos estados. A vaidade e a lisonja tomaram por synonimos o seculo dos Medicis, de Augusto, de Pericles e as epochas brilhantes, em que mais primou a arte e a cultura. Com melhor fundamento poderão as futuras gerações appellidar o

tempo em que vivemos, o *seculo de Humboldt.* Porque o seu influxo poderosissimo abriu amplos caminhos á sciencia, traçou novo roteiro ao pensamento, prometteu ambitos interminaveis ao progresso, illuminou com fortissimos clarões a consciencia da humanidade, e conquistou para o grande pensador a admiração em toda a parte, onde fulge uma centelha de luz intellectual.

APPENDICE

O nome de Humboldt, que hoje é synonimo de sciencia universal, era nos fins do seculo passado, quando o temerario explorador do Novo Continente discorria pelos sertões americanos, um appellido obscuro e malsoante para os suspicazes defensores da monarchia absoluta em Portugal. N'aquelles tempos, em que as velhas realezas estremeciam ou baqueavam ás violentas impulsões revolucionarias, e em que o livre pensamento era quasi um signal de insurreição, o saber-se em Lisboa que um viajante

prussiano andava conquistando para a sciencia as virgens regiões da America do Sul, punha de sobreaviso o governo timorato do principe regente. O homem, que teria de ser no seculo XIX o brazão e a gloria do seu tempo, haviam-n'o em Portugal os dementados realistas como um subversivo missionario da revolução, o qual, sob color de investigar a natureza, iria desviar da absoluta submissão a seus soberanos os vassallos portuguezes existentes no Brasil. Como um triste e vergonhoso documento do que são as monarchias, quando intentam resistir á tormenta popular, e povoam de lugubres visões a sua attribulada phantasia, como *specimen* curioso do que é a sagacidade conservadora, em presença dos grandes e decretorios cataclysmos sociaes, transcrevemos n'este logar dois notaveis documentos, que no texto d'este livro se não podiam inserir. O primeiro é o aviso expedido pelo ministro da marinha, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, ao governador do Ceará, ácerca da viagem de Humboldt. O segundo é uma

carta do barão de Eschwege, geologo allemão, que por largos annos serviu em Portugal e no Brasil, em importantes commissões, como engenheiro. O primeiro patentêa a intolerancia de um governo, que temia a sombra da revolução nos proprios desertos americanos. O segundo testemunha, para honra da nação, que entre os estadistas portuguezes ao menos houve um, illuminado e benemerito, que se apressou a desviar da sua patria a macula infamante, com que a pretendiam deshonrar.

Aviso do ministro da marinha e dominios ultramarinos D. Rodrigo de Sousa Coutinho, de 2 de junho de 1800, ao governador da capitania do Ceará, Bernardo Manuel de Vasconcellos.

O principe regente nosso senhor manda participar a V. S.ª que na *Gazeta de Colonia* do 1.º de abril do presente anno se publicou que *um tal barão de Humboldt*, natural de Berlin, havia viajado pelo interior da America, tendo mandado algumas observações geographicas dos paizes, por onde tem discorrido, as quaes servirão para corrigir alguns defeitos dos mappas e cartas geographicas e topographicas, tendo feito uma collecção de mil e quinhentas plantas novas, determinando-se a dirigir a sua viagem pelas partes superiores da capitania do Maranhão afim de examinar regiões deser-

tas e desconhecidas até agora a todos os naturalistas. E porque em tão criticas circumstancias, e no estado actual das cousas se faz suspeita a viagem de um tal extrangeiro, que debaixo de especiosos pretextos talvez procura em conjuncturas tão melindrosas e arriscadas, surprehender e alentar com novas idéas e capciosos principios os animos dos povos seus fieis vassallos, existentes n'esses vastos dominios, além de que pelas leis de sua alteza real é prohibida a qualquer extrangeiro a entrada nos seus territorios, sem permissão especial de sua alteza real, ordena mui expressamente o mesmo augusto senhor, que V. S.ª faça examinar com a maior exacção e escrupulo se com effeito o dito barão de Humboldt ou outro qualquer viajante extrangeiro tem viajado ou actualmente viaja pelos territorios interiores d'essa capitania, pois seria summamente prejudicial aos interesses politicos da corôa de Portugal, se se verificassem semelhantes factos, e confia sua alteza real que V. S.ª pelo seu zelo e efficaz desvelo, empregará em um negocio de tanta importancia toda aquella dextreza e sagacidade, que é de esperar das luzes e circumspecção de V. S.ª pelo bem do real serviço, precavendo V. S.ª sendo assim, e atalhando a continuação de taes indagações, que pelas leis são vedadas não só a extrangeiros mas até áquelles portuguezes, que se fazem suspeitos, quando não são auctorisados por ordens regias ou com as devidas licenças dos governadores das respectivas capitanias, mandando-os capturar. E confia finalmente sua alteza real que V. S.ª procederá a este respeito com a mais cautelosa circumspecção, dando immediatamente parte a sua alteza real de tudo quanto achar aos ditos respeitos por esta secretaria de estado, para que o mesmo augusto senhor possa dar as ulteriores providencias, que exigirem factos de tal natureza. [1]

[1] Transcripta de Bruhns' *Alex. von Humb.*, I, appendice n.º 2, pag. 461.

Traducção de uma carta allemã, do barão de Eschwege a Humboldt, achada entre os papeis d'este

Lisboa 27 de março de 1848.

Ex.mo sr. conselheiro intimo

Ha dias compulsando eu os meus papeis brasilienses, achei entre elles um documento, cujo teor é talvez até hoje ignorado por V. Ex.ª E porque d'elle se poderiam ter seguido as mais desvantajosas consequencias para a viagem de V. Ex.ª no interior do continente americano, e por isso póde servir de appendice interessante á historia d'aquella exploração, tomo a liberdade de lh'o communicar.

Este documento no Brasil o alcancei do meu paternal amigo e protector, o conde da Barca, que ali falleceu sendo ministro, e a quem V. Ex.ª porventura conheceu sob o nome de Antonio de Araujo e Azevedo, durante a sua residencia de longos annos como enviado nas côrtes da Haya, de Paris, de Petersburgo, e se bem me recordo, de Berlin. Contou-me elle, que apenas tivera conhecimento da ordem expedida pelo ministerio d'aquelle tempo, escrevera ao principe regente, pedindo-lhe que não sómente de prompto a revogasse, para não attrair a reprehensão de toda a Europa, senão tambem que fizesse expedir as suas ordens para que V. Ex.ª fosse em tudo auxiliado, como effectivamente succedeu.

Se pois V. Ex.ª no alto Orenoco e nas fronteiras do Brasil, até onde chegou (se não me engano), não foi preso e remettido ao Ceará, onde se teria demorado um anno pelo menos, antes que viesse de Portugal resolução, devemol-o unicamente agradecer a esse homem, que tão vivamente se interessava pelas sciencias e tinha adquirido todas as obras de V. Ex.ª

Desejando que V. Ex.ª esteja de perfeita saude, tenho a honra de me assignar,

De V. Ex.ª

devotadissimo servidor

Barão de Eschwege. [1]

FIM.

[1] Bruhns', *Alex. von Humb.*, I, append. n.º 2, pag. 460.

ERROS MAIS NOTAVEIS

PAGINAS	LINHAS	ERROS	EMENDAS
43	1	sobrevieram	sobreviveram
91	11	*administratior*	*administration*
92	3	Selesia	Silesia
99	1	*ueeber*	*ueber*
118	9	demonstrado	demonstrada
126	21	proposto	preposto
144	24	anhelando-a	anhelando a
152	10	fuberdade	liberdade
373	1	da	a
407	3	vorecer	alvorecer
407	15	paranomasia	antonomasia
450	2	cavalleiresca	cavalheiresca

BIBLIOTHECA DE LIVROS UTEIS

OBRAS PUBLICADAS

I — **Hygiene da alma,** pelo barão de Feuchtersleben professor na faculdade de medicina de Vienna e antigo ministro da instrucção publica na Austria, traducção de Ramalho Ortigão, 1 vol., 2.ª edição, br. 400 réis.

II — **Moral para todos,** por Adam Franck, professor no collegio de França, traducção do dr. Candido de Figueiredo, 1 vol. br., 600 réis.

III e IV — **Historia da civilisação na Europa,** desde a quéda do imperio romano até á revolução franceza, por mr. Guizot, versão do Marquez de Souza Holstein, 2 vol. br. com estampas, 1$000 réis.

V — **Feira dos anexins da lingua portugueza,** obra posthuma de D. Francisco Manoel de Mello, agora dada á luz pela primeira vez. Edição dirigida e revista por Innocencio Francisco da Silva, 1 vol br. 500 réis.

VI — **Verdades economicas,** ou a riquesa ao alcance de todos, traducção de Miguel Augusto da Silva, contém os seguintes opusculos: — A sciencia do bom homem Ricardo por Franklin. — Conselhos para fazer fortuna por Franklin. — O que se vê e o que se não vê por Frederico Bastiat. — O que é a economia industrial por José Garnier. — Petição dos fabricantes de candeias, lampadas, candieiros etc. contra a concorrencia estrangeira, por Bastiat. — O testamento de Felix Ricardo por Marthon de la Cour. — O credito popular por Baudrillart, 1 vol. br. 500 réis.